

WMF

Kerstin Gier

Silber

O Primeiro livro dos sonhos





Silber





Kerstin Gier

Silber

O primeiro livro dos sonhos

Romance

Tradução de Carla Bessa



wmf martinsfontes

SÃO PAULO 2017





*Esta obra foi publicada originalmente em alemão com o título SILBER. DAS ERSTE BUCH
DER TRÄUME por S. Fischer Verlag GmbH, Frankfurt am Main, em 2013.*

*Copyright © 2013, S. Fischer Verlag GmbH
Copyright © 2017, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.*

*Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, armazenado
em sistemas eletrônicos recuperáveis nem transmitido por nenhuma forma ou meio eletrônico,
mecânico ou outros, sem a prévia autorização por escrito do editor.*

1ª edição 2017

Tradução
CARLA BESSA

Acompanhamento editorial

Fabiana Werneck Barcinski

Revisões gráficas

Beatriz Antunes

Ana Paula Luccisano

Paginação

Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gier, Kerstin

Silber [livro eletrônico] : o primeiro livro dos sonhos : romance / Kerstin Gier ; tradução
de Carla Bessa. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2017.

4,64 Mb ; ePUB

Título original: Silber : das erste Buch der Träume.

ISBN 978-85-469-0159-3

1. Ficção juvenil I. Título.

17-09209

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325.030 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br <http://www.wmfmartinsfontes.com.br>

Para F.

É sempre maravilhoso sonharmos juntos.







*What if you slept
And what if
In your sleep
You dreamed
And what if
In your dream
You went to heaven
And there plucked a strange and beautiful flower
And what if
When you awoke
You had that flower in your hand
Ah, what then?**

SAMUEL TAYLOR COLERIDGE

*Trad. livre: E se você dormisse/ E se em seu sono/ você sonhou/ E se no seu sonho/Você foi para o paraíso/ E lá arrancou uma estranha e bela flor/ E se quando você acordou/ Você tinha essa flor na sua mão/ Ah, o que então? [N. da E.]





O cachorro farejou minha mala. Para um cão detector de entorpecentes ele era um exemplar surpreendentemente fofo, devia ser um Hovawart¹. Estava prestes a lhe fazer um cafuné nas orelhas quando ele suspendeu os lábios soltando um “rrr-au” ameaçador. Depois, sentou-se e, enérgico, colocou o focinho na minha mala. O agente da alfândega parecia estar tão surpreso quanto eu, olhou duas vezes do cachorro para mim e de volta para o cachorro antes de pegar a mala e dizer:

– Bem, então vamos ver o que a nossa Âmbar rastreou por aqui.

Ah, fantástico! Não faz nem meia hora que pisei em solo britânico e já sou suspeita de contrabandear drogas. Os verdadeiros contrabandistas na fila atrás de mim devem estar felizes da vida, graças a minha presença podiam agora passar ilesos pelo cordão de isolamento com seus relógios suíços e seus entorpecentes sintéticos. Que agente de alfândega com um mínimo de sensatez pararia uma menina de quinze anos de rabo de cavalo louro em vez de, por exemplo, aquele tipo nervoso com feição de malandro ali atrás? Ou esse garoto de uma palidez suspeita e cabelo emaranhado que, no avião, já tinha apagado antes mesmo da decolagem. Não me admiraria se agora estivesse rindo de mim. As bolsas dele deviam estar abarrotadas de sedativos ilegais.

Mas decidi não deixar que estragassem o meu bom humor, afinal, uma vida nova e maravilhosa esperava por nós atrás do cordão de isolamento – o lar com que sempre havíamos sonhado.

Lancei um olhar tranquilizador para Mia, minha irmã menor, que já estava do outro lado do cordão andando de um lado para o outro, impaciente. Estava tudo bem. Não havia razão para ansiedade. Esse era apenas o último obstáculo entre nós e a esperada vida nova e maravilhosa. O voo transcorreu sem incidentes nem turbulências, ou seja: Mia não precisou vomitar e eu, excepcionalmente, não sentei ao lado de um homem obeso fedendo à cerveja que me roubou o encosto do braço. E apesar de papai, como era seu costume, ter comprado um bilhete dessas companhias baratas que aparentemente voam com pouco combustível, o avião não apresentou maiores dificuldades quando fomos obrigados a dar várias voltas sobre o aeroporto de Heathrow à espera da autorização para a aterrissagem. E ainda havia aquele garoto bonito de cabelos castanhos, sentado na fila a minha frente, do outro lado, que me chamou a atenção porque se virava toda hora para mim e sorria. Estava prestes a puxar conversa com ele, mas desisti porque ele estava folheando uma revista de futebol e movia os lábios enquanto lia. Esse mesmo garoto olhava agora com curiosidade para minha mala. Aliás, todos estavam olhando curiosos para minha mala.

Olhei para o agente da alfândega com os olhos arregalados e dei o meu sorriso mais simpático.

– Por favor... estamos com pressa, o voo já sofreu um atraso e esperamos uma eternidade pela entrega da bagagem. Nossa mãe está lá fora esperando por mim e minha irmãzinha. Juro que na minha mala só tem um monte de roupa suja e... – Naquele exato momento me lembrei do que mais estava na mala e me calei por um instante. – ...Em todo caso, não tenho drogas – acrescentei, humilde, e lancei um olhar recriminador para o

cachorro. Cão idiota!

Sem se deixar abalar, o agente da alfândega colocou minha mala sobre a mesa. Seu colega puxou o zíper e a abriu. Ficou imediatamente claro para todos os que estavam em volta o que havia sido farejado pelo cachorro. Pois, francamente, não era necessário um faro apurado de cão para descobrir aquilo.

– Pelos diabos, o que é...? – perguntou o agente da alfândega. Seu colega tapou o nariz e ele começou a tirar as roupas da mala com as pontas dos dedos. Para quem estava olhando devia parecer que minhas roupas estavam com um fedor repugnante.

– Queijo suíço de Entlebuch – esclareci, enquanto meu rosto provavelmente tomava uma cor parecida com a do sutiã vermelho que o homem tinha acabado de tirar da mala. – Dois quilos e meio de queijo suíço. – No entanto, eu tinha esquecido que ele fedia tanto assim. – O gosto é melhor do que o cheiro, sério!

Âmbar, o cachorro imbecil, se sacudiu todo. Ouvi as pessoas darem risinhos, os verdadeiros contrabandistas com certeza estavam se deliciando. O que o belo garoto de cabelos castanhos estava fazendo, eu não queria nem saber. Provavelmente, estava muito feliz de não ter pedido o número de meu celular.

– É isso que eu chamo de um esconderijo genial para drogas – disse alguém a nossas costas. Lancei um olhar para Mia do outro lado e dei um suspiro pesado. Mia também suspirou. Estávamos realmente com pressa.

Mas foi muito ingênuo de nossa parte pensar que era só o queijo o que nos separava de uma vida maravilhosa. Na verdade, o queijo só fazia durar mais o tempo no qual acreditávamos piamente ter uma vida maravilhosa a nossa espera.

Outras meninas provavelmente sonham com coisas diferentes, mas não havia nada que eu e Mia desejássemos mais do que um lar verdadeiro. Que durasse mais de um ano. E com um quarto para cada uma.

Essa era a nossa sexta mudança em oito anos e isso significava seis países diferentes em quatro continentes distintos, seis recomeços em uma nova escola, seis vezes encontrar novos amigos e dizer “adeus” outras seis. Éramos especialistas em fazer e desfazer malas, reduzíamos nossos bens privados a um mínimo possível e é fácil adivinhar por que nenhuma de nós tocava piano.

Mamãe era doutora em literatura (com dois doutorados) e era designada quase todo ano para uma cadeira de docente em uma universidade diferente. Até junho moramos em Pretória, antes disso em Utrecht, Berkeley, Hyderabad, Edinburgh e Munique. Nossos pais se separaram há sete anos. Papai é engenheiro e tem o espírito tão errante quanto mamãe, ou seja, troca de residência com a mesma frequência que ela. De modo que nem mesmo as férias nós passávamos num lugar fixo, mas sempre onde papai estivesse trabalhando. Agora ele trabalha em Zurique e é por isso que as férias desta vez foram fantásticas (com direito a diversos passeios pelas montanhas e uma visita à Reserva de Entlebuch), mas, infelizmente, nem todos os lugares nos quais ele já foi parar eram bonitos. Lottie disse certa vez que devíamos ser gratas por poder conhecer tantos lugares do mundo com nossos pais, mas francamente, quando se é obrigada a passar o verão no subúrbio de uma região industrial em Bratislava, a gratidão tem limite.

A partir do outono, no próximo trimestre, mamãe lecionaria no Magdalen College, em Oxford, realizando assim um de seus maiores desejos. Há anos que ela sonhava com uma cadeira em Oxford. E com a casinha estilo *cottage* do século XVIII situada um pouco fora da cidade, também um sonho nosso se realizaria. Teríamos finalmente uma residência fixa e um verdadeiro

lar. Nos prospectos da imobiliária, a casa parecia aconchegante, romântica e repleta de mistérios maravilhosamente assombrosos, do porão ao sótão. Tinha um grande jardim com velhas árvores e um celeiro, e dos quartos do sobrado a vista se estendia – ao menos no inverno – até o rio Tâmis. Lottie tecia planos de plantar uma horta, fazer geleia caseira e virar membro da união de agricultoras, Mia pretendia construir uma casa na árvore, comprar um barco a remo e amestrar uma coruja, e eu sonhava em achar uma velha caixa cheia de velhas cartas no sótão e desvendar os mistérios da casa. No mais, sonhávamos em pendurar um balanço nas árvores, de preferência um estrado de ferro enferrujado, sobre o qual se pudesse deitar e olhar para o céu. E pelo menos a cada dois dias organizaríamos um verdadeiro piquenique inglês e a casa exalaria o cheiro dos biscoitos caseiros da Lottie. E talvez de fondue de queijo, pois o nosso bom queijo de Entlebuch foi esfaçalhado diante dos nossos olhos pelos agentes da alfândega em pedaços tão minúsculos que não se poderia fazer outra coisa com ele.

Quando enfim chegamos ao pavilhão de desembarque (não infringia nenhuma lei trazer quilos e quilos de queijo para a Inglaterra para o próprio consumo, ainda que não servisse mais como presente para Lottie), mamãe precisou de menos de um minuto para dismantelar nossos sonhos de vida rural britânica como se fossem uma bolha de sabão.

– Houve uma pequena mudança de planos, fofuras – disse ela logo depois de nos dar as boas-vindas, e, apesar de seu sorriso radiante, a consciência pesada estava estampada em sua testa.

Um homem com um carrinho de bagagem vazio apareceu por trás dela e, mesmo sem olhar diretamente para ele, já sabia quem ele era: a mudança de planos em pessoa.

– Odeio mudança de planos – murmurou Mia.

Mamãe continuou forçando o sorriso.

– Essa aqui vocês vão amar – mentiu. – Bem-vindas a Londres, a cidade mais fascinante do mundo.

– Bem-vindas a casa – acrescentou o Sr. Mudança de Planos com uma voz calorosa e grave, colocando nossa bagagem sobre o carrinho.

Eu também odeio mudança de planos, odeio do fundo do coração.

1 . Hovawart é uma raça canina oriunda da Alemanha. [N. da T.]



Em nossa primeira noite em Londres, sonhei com a história de João e Maria, ou melhor, eu e Mia éramos João e Maria e mamãe havia nos abandonado na floresta. – É para o bem de vocês! – disse ela antes de desaparecer entre as árvores. O pobrezinho do João e eu erramos desamparados pela floresta até darmos com uma casa de chocolate assustadora. Por sorte acordei antes da bruxa malvada aparecer, mas só tive um minuto de alívio, pois entendi que o sonho não estava tão distante assim da realidade. A frase “É para o bem de vocês!” tinha sido dita por mamãe ontem umas dezessete vezes. Eu estava com tanta raiva dela que não conseguia parar de ranger os dentes.

Claro que eu sabia que pessoas acima dos quarenta também têm direito a uma vida amorosa, mas será que ela não podia esperar a gente crescer? Uns poucos anos a mais ou a menos não iriam fazer diferença. E já que ela queria tanto ficar com o Sr. Mudança de Planos, não seria suficiente um namoro de fim de semana? Precisava virar a nossa vida de ponta-cabeça? Não podia ao menos perguntar antes?

Na realidade, o Sr. Mudança de Planos se chamava Ernest Spencer. Ontem à noite, ele nos trouxe até aqui com seu carro e insistiu em conversas descontraídas a viagem inteira, sem parecer notar que eu e Mia estávamos mudas, lutando para conter as lágrimas de raiva e decepção. (Foi uma viagem

longuíssima do aeroporto até o centro da cidade.) Só quando Ernest tirou a bagagem e o saco com o queijo do porta-malas que Mia soltou a língua.

– Não, não – disse ela com o sorriso mais meloso do mundo, e devolveu o saco com o queijo para ele. – É para o senhor. Uma lembrança da Suíça.

Ernest trocou olhares satisfeitos com mamãe.

– Obrigado, é muita gentileza de vocês!

Eu e Mia trocamos risinhos maldosos – mas esse foi também o único momento legal da noite. Depois de ter beijado mamãe e repetido como estava ansioso pelo encontro da noite seguinte, Ernest voltou para sua casa com o queijo despedaçado e fedido. Estávamos convidadas para ir a sua casa no dia seguinte e conhecer seus filhos.

– Também mal podemos esperar! – disse mamãe.

Com certeza.

Desde a primeira vez que atravessou o batente da porta, achamos Ernest Spencer exatamente como seu nome superconservador sugeria. Até mesmo os presentes que ele nos dera revelavam o quanto estava levando a sério a relação com mamãe – em geral, os namorados dela não demonstravam o menor interesse em nos agradar, pelo contrário, eles sempre tentavam ignorar ao máximo a nossa existência. Mas Ernest não só trouxe flores para mamãe, como surpreendeu Lottie com seus bombons preferidos e trouxe para mim um livro sobre mensagens secretas, códigos e a chave para decifrá-los, que achei realmente interessante. Só não acertou com o presente de Mia; ele escolheu um livro chamado *Maureen, a detetive mirim*. Com quase treze anos, Mia estava um pouco grande para um livro daqueles. Mas só o fato de Ernest ter se informado sobre as nossas áreas de interesse já o tornava suspeito.

Em todo caso, mamãe estava caidinha por ele. Não faço ideia do porquê.

A aparência é que não podia ser, Ernest era completamente careca, tinha orelhas gigantescas e dentes brancos demais. Apesar de Lottie insistir que ele era um homem atraente, não dava para concordar com ela. Podia até ser que ele tivesse belos olhos, mas com aquelas orelhas, quem poderia reparar em seus olhos? No mais, ele era velhíssimo, tinha para lá de cinquenta. Sua esposa havia morrido mais de dez anos antes e ele vivia com seus dois filhos em Londres. A história era verdadeira, Mia (a detetive mirim) e eu logo verificamos tudo no Google. O Google conhecia Ernest Spencer, pois ele era um desses advogados famosos que posam para todas as câmeras, seja diante de um tribunal ou sobre o tapete vermelho de um baile de gala beneficente. E sua falecida esposa ocupava o lugar 201 (ou coisa parecida) na sucessão ao trono inglês e era por isso que ele frequentava os círculos mais altos da sociedade. Foi também graças a suas relações que mamãe conseguiu lecionar em Oxford.

De acordo com as teorias da probabilidade, os caminhos de mamãe e Ernest jamais teriam se cruzado. Mas o destino cruel e a área de competência de Ernest – direito econômico internacional – o haviam levado seis meses antes a Pretória, onde ele e mamãe se conheceram numa festa. E nós, imbecis, é que havíamos insistido para ela ir àquela festa e ver gente!

E agora nós é que pagamos o pato.

– Fique quietinha, meu anjo! – Lottie puxava a minha saia para lá e para cá, em vão. Continuava cinco dedos mais curta do que devia.

Lottie Wastlhuber veio para nossa casa há doze anos para trabalhar como *au pair* e acabou ficando. Para a nossa felicidade. De outra forma, teríamos nos alimentado exclusivamente de sanduíches, pois mamãe quase sempre esquecia da comida e odiava cozinhar. Sem Lottie, ninguém teria trançado nossos cabelos, festejado os aniversários de nossas bonecas ou feito bricolagem de natal conosco. Aliás, talvez nem tivéssemos uma árvore de

natal, pois mamãe não leva as tradições e costumes assim tão a sério. Além disso, é muito esquecida, no que corresponde plenamente ao clichê da professora universitária atarefada. Ela sempre esquece de tudo: de pegar Mia na aula de flauta, do nome da nossa cachorra ou de onde estacionou o carro. Sem Lottie estaríamos todas perdidas.

Mas Lottie também não é infalível. Todos os anos, ela comprou meu uniforme escolar um número abaixo do meu e, todos os anos, ela queria colocar a culpa em mim.

– Não entendo como uma pessoa pode crescer tanto em um único verão – reclamava ela, tentando fechar a jaqueta por cima do meu peito. – E ainda por cima... em cima! Você deve fazer isso de propósito!

– Ah, sim, claro!

Apesar do meu mau humor, tive que rir. Lottie bem que poderia se alegrar um pouco por mim. Para uma garota de dezesseis anos, o meu “em cima” ainda não causava grandes impressões, mas pelo menos não estava mais lisa feito uma tábua. Por isso mesmo é que não achei tão ruim ter de manter a jaqueta aberta. Em conjunto com a saia curta, dava um ar bem descontraído, parecia que eu queria mostrar o máximo do meu corpo.

– Liv está mais arrumada que eu – reclamou Mia, que já estava pronta. – Por que você não comprou meu uniforme um número menor também, Lottie? E por que os uniformes são sempre azul-marinho? E por que a escola se chama Frognal Academy se eles não têm nem um sapo no brasão? – Mal-humorada, passou a mão sobre o emblema bordado no bolso da blusa. – Estou ridícula. Aliás, tudo aqui é ridículo. – E foi girando devagar e apontando para os móveis estranhos a sua volta, dizendo em voz propositadamente alta: – Ridículo. Ridículo. Ridículo. Não é verdade, Livvy? A gente estava tão contente de ir para o *cottage* em Oxford. Em vez disso, viemos parar *aqui*...

“Aqui” era o apartamento onde Ernest nos deixara um dia antes, no terceiro andar de um prédio nobre, em alguma parte noroeste de Londres, com quatro quartos, chão de mármore brilhante e cheio de móveis e objetos que não nos pertenciam. (A maioria banhada a ouro, até mesmo as almofadas tinham fios de ouro.) De acordo com a plaquinha na porta ali viviam os Finchley, que, pelo jeito, colecionavam sapatilhas de porcelana. Elas estavam por toda parte.

Fiz que sim com a cabeça.

– Nem mesmo as nossas coisas prediletas estão aqui – eu disse quase gritando.

– Pssssiu – sussurrou Lottie, lançando um olhar preocupado sobre o ombro. – Vocês sabem muito bem que isso é provisório. E que o *cottage* era uma catástrofe. – Ela tinha desistido de puxar minha roupa para lá e para cá, não adiantava mesmo.

– É, isso é o que afirma o sr. Spencer – disse Mia.

(Nós devíamos chamá-lo pelo primeiro nome, mas sempre fingíamos esquecer.)

– A mãe de vocês viu a ratazana com os próprios olhos – disse Lottie. – Vocês querem mesmo morar numa casa com ratazanas?

– Sim – eu e Mia respondemos ao mesmo tempo.

Em primeiro lugar, ratazanas eram bem melhores do que a sua fama (todos sabemos disso no mínimo desde o filme *Ratatouille*) e, segundo, essa história de ratazana com certeza é tão inventada como todo o resto. Supostamente, o *cottage* dos nossos sonhos cheirava a mofo; a calefação não funcionava direito; havia ninhos de corvo nas lareiras; os vizinhos eram uma gentilha barulhenta e a paisagem em volta, triste e desolada. Além disso, o acesso por transporte público era ruim e a escola na qual estávamos

matriculadas tinha uma fama péssima. Por todas essas razões, mamãe teria sido obrigada a desfazer o contrato de aluguel de lá e alugar esse apartamento aqui – provisoriamente, claro. (Como todos os outros lugares onde moramos...)

É verdade que mamãe reconheceu que tudo foi feito pelas nossas costas, mas foi só porque ela não quis estragar as nossas férias com papai. No mais, disse que queria somente o melhor para nós, faria até baldeação todo dia até Oxford só para que nós pudéssemos ir a uma escola excelente, e – “francamente, minhas fofuras!” – não era bem mais legal morar em Londres do que lá longe no campo?

É claro que tudo isso não tinha nada a ver com o fato de que o sr. Ernest Eu-sei-bem-o-que-é-melhor-para-vocês Spencer, por uma coincidência, também morava nesse bairro e queria manter mamãe o mais perto possível. E a escola à qual iríamos também era, por uma enorme coincidência, a mesma dos filhos dele. Os filhos que nós também, por coincidência, conheceríamos hoje durante o jantar na casa de Ernest.

Estávamos à beira de uma catástrofe, não havia dúvidas. O fim de uma era.

– Estou me sentindo mal – eu disse.

– Vocês estão apenas nervosas. – Lottie acariciava as costas de Mia para acalmá-la e com a outra mão passava uma mecha do meu cabelo para trás da orelha. – Isso é completamente normal no primeiro dia em uma escola nova. Mas acreditem: vocês não têm motivo nenhum para se sentirem inferiores. Vocês são ambas muito, muito bonitas e, inteligentes como são, não precisam ter medo de não conseguir acompanhar a aula – ela sorriu para nós com amor. – Minhas lindas, inteligentes, louras criaturinhas etéreas. Minhas sílfides!

– Ah, sim, sílfides, lindas, inteligentes e louras com aparelho nos dentes

e óculos *geek* e nariz comprido demais – rosnou Mia, sem notar que os olhos castanhos e redondos de Lottie umedeceram-se de comoção. – E sem residência fixa!

“Em compensação, com uma mãe maluca, com a *au pair* com mais tempo de serviço do mundo e um monte de sonhos estilhaçados”, acrescentei em pensamento. Mas não pude fazer outra coisa que retribuir o sorriso de Lottie, era simplesmente muito fofa a maneira como ela nos olhava, cheia de orgulho e otimismo.

– Você só precisa usar o aparelho por mais seis meses. Isso você ainda aguenta, Mia-fofa.

Minha mãe havia entrado pelo cômodo ao lado. Como sempre, ela só tinha ouvido aquilo que queria ouvir.

– Mas que lindos uniformes!

Então, deu um sorriso ensolarado e começou a revirar uma caixa com a etiqueta “sapatos”.

É claro que os sapatos de mamãe vieram na mudança para essa toca chique enquanto meus livros mofavam numa caixa em um contêiner qualquer, juntamente com os meus diários e o violão.

Irritada, encarei as costas estreitas de mamãe. Podia entender muito bem por que o sr. Spencer tinha se apaixonado por ela. Para uma professora de literatura ela era realmente muito bonita: loura natural com pernas longas, olhos azuis e dentes fantásticos. Tinha quarenta e seis anos, mas só se notava sua idade na luz clara da manhã depois de ela ter bebido muito vinho tinto na véspera. Nos dias mais favoráveis, parecia com Gwyneth Paltrow. No entanto, seu novo corte de cabelo era horroroso, parece até que ela tinha ido ao mesmo cabeleireiro que Camila, duquesa da Cornualha.

Mamãe jogou os sapatos de que não precisava no tapete atrás de si.

Nossa cachorra, Butter – o nome completo é Princesa Buttercup, mais conhecida como Doutor Watson (Doutor Watson é do tempo em que não sabíamos que era uma fêmea) – abocanhou um tênis, o arrastou para sua caminha improvisada debaixo da mesa e deu início a uma mastigação prazerosa. Ninguém a impediu de fazer aquilo, afinal, para ela, a situação também não era fácil. Aposto que tinha sonhado com uma casa com jardim do mesmo jeito que nós. Mas também a ela ninguém perguntou nada, claro. Cachorros e crianças não tinham direitos nesta casa.

Um segundo tênis voou pelo ar e bateu na minha canela.

– Mãe! – eu disse irritada. – Há necessidade disso? Como se isso aqui já não estivesse a maior bagunça!

Mamãe fingiu que não me ouvia e continuou revirando a caixa de sapatos. Lottie me lançou um olhar de desaprovação. Eu a encarei, zangada. Era só o que faltava, eu não poder dizer mais nada.

– Achei! – mamãe havia finalmente encontrado os sapatos que tanto desejava, um par de *scarpins* pretos, e levantou os braços triunfante.

– Muito bem, o principal está resolvido! – disse Mia, venenosa.

Mamãe enfiou os pés nos sapatos e se virou para nós.

– Por mim, podemos ir – disse ela, contente.

Parecia não se importar com nossos olhares azedos.

Lottie nos abraçou.

– Vocês vão se sair bem, minhas fofuras. Afinal, não é o primeiro dia de escola de vocês.



Levantei o queixo e estiquei os ombros o melhor que pude dentro da jaqueta apertada. Lottie tinha razão – essa não era mesmo nossa primeira vez em uma escola nova, nós já tínhamos sobrevivido a coisa muito pior. Dessa vez pelo menos a gente sabia falar a língua do país, o que em Utrecht, por exemplo, não foi o caso. Embora mamãe insistia que quem sabe alemão também entende holandês. E com certeza não precisaríamos ter medo de encontrar uma centopeia gigante no banheiro, como em Hyderabad. (Ainda sonho às vezes com esse monstro – era maior que o meu antebraço, e o pior é que ela ficou me olhando com aqueles olhos horripilantes de centopeia!) Provavelmente aqui seria tudo tão limpo e esterilizado que seria possível até sentar no vaso sanitário sem problemas. A Frognal Academy para moças e rapazes era uma escola particular em Hampstead, um bairro nobre de Londres, o que significava que as crianças, ao entrarem de manhã, não eram revistadas por detectores de metal à procura de armas, como na penúltima escola em Berkeley, Califórnia. E certamente aqui havia crianças mais simpáticas do que essa garota ao meu lado que está me olhando o tempo todo como se eu cheirasse mal. (O que não era possível já que, por conta do queijo, eu tomei um banho quinze minutos mais longo que o normal.)

Eu só podia esperar que tivessem designado uma “madrinha” mais

simpática para a Mia.

– Liv é a abreviação de Livetta ou de Carlivonia?

Como é que é? Será que ela estava querendo gozar da minha cara? Ninguém no mundo se chama Livetta ou Carlivonia, não é mesmo? Por outro lado, ela se chamava Perséfone.

– Olívia – disse eu, irritada comigo mesma porque, diante do olhar crítico de Perséfone, desejei que Lottie tivesse comprado o uniforme no tamanho certo. E que eu tivesse colocado as lentes de contato em vez dos óculos *geek* que, somados à rigidez do rabo de cavalo, deviam dar um ar de seriedade em contraste com a saia curta e a jaqueta apertada demais. O que, de fato, funcionou.

A diretora designou Perséfone para ser minha madrinha porque, de acordo com o cronograma, nós duas assistiríamos praticamente as mesmas matérias. Há pouco, no escritório da diretora, ela tinha me dado um sorriso muito simpático, seus olhos até brilharam quando a diretora contou que eu tinha vivido em lugares como a África do Sul e a Holanda. Mas o brilho se dispersou assim que eu respondi negativamente a sua pergunta sobre se meus pais eram diplomatas ou proprietários de uma mina de diamantes. Desde então ela dispensou o sorriso e, em vez disso, torceu o nariz e assim ficou. Parecia um daqueles macaquinhos emburrados que roubavam o nosso café da manhã em Hyderabad quando não prestávamos atenção.

– Olívia? – repetiu ela. – Eu conheço pelo menos umas dez Olívias. A gata da minha amiga também se chama assim.

– Em compensação, você é a primeira Perséfone que eu conheço.

“Porque esse é um nome que não se dá nem a uma gata”, pensei.

Perséfone seguiu andando e jogou os cabelos para trás da nuca.

– Em nossa família, todos os nomes vêm da mitologia grega. Minha irmã

se chama Pandora e meu irmão, Príamo.

Coitados! Mas ainda assim muito melhor que Perséfone. E já que ela ficou me olhando de soslaio como se estivesse esperando uma resposta, eu disse rápido:

– E todos começam com P. Que prático!

– É. Combina com o nosso sobrenome: Porter-Peregrin.

Perséfone Porter-Peregrin (putz!) jogou novamente os cabelos para trás da nuca e abriu uma porta de vidro completamente coberta de cartazes e bilhetes.

O cartaz de um filme kitsch me chamou a atenção. *Baile de outono*, o filme se chamava, e embaixo do título, em letras douradas, um casal de fraque e vestido de tule rosa dançava num mar de folhas coloridas. A estreia do filme seria no dia 5 de outubro e havia ingressos disponíveis na secretaria. Eu adorava cinema – mas não costumava gastar minha mesada com filminhos bregas sobre romances de highschool. A gente sempre sabe depois de cinco minutos como o filme vai acabar.

Atrás da porta de vidro o sossego acabou. De repente, nos vimos cercadas por alunos correndo em todas as direções ao mesmo tempo. Na Frognal Academy as salas do fundamental e do ensino médio ficavam no mesmo prédio e automaticamente comecei a procurar a cabecinha loura clara de Mia. Era a primeira vez em anos que estudávamos na mesma escola e eu a convenci a mencionar, de vez em quando, que sua irmã mais velha fazia kung fu, para o caso de alguém vir com gracinhas.

Mas eu não via Mia em lugar nenhum. E só com muito sacrifício é que conseguia acompanhar Perséfone no meio do alvoroço. A parte pessoal da nossa conversa tinha acabado, tudo indicava que ela não estava com a menor vontade de ter de lidar mais do que o estritamente necessário com alguém

que tem o mesmo nome que a gata de sua amiga e cujos pais não eram nem diplomatas nem donos de uma mina de diamantes.

– Cantina Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Como uma guia turística mal-humorada, apontava aqui e ali para alguma coisa e lançava sobre os ombros palavras-chave numa ladainha, sem se preocupar se eu as ouvia ou não.

– Cafeteria Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio no primeiro andar. Banheiros. Sala de computação: lilás. Ciências: verde.

Mais uma porta de vidro cheia de cartazes. E mais uma vez o *Baile de outono* se destacava pelo acentuado mau gosto. Desta vez eu parei para olhar o cartaz com mais atenção. É, parecia mesmo ser um filme péssimo. A garota da foto lançava um olhar lânguido para o cara com quem dançava, ele, por sua vez, olhava para ela um tanto azedo como se estivesse com inveja porque ela podia portar um diadema e ele só uma cruel risca lateral no cabelo.

Mas talvez eu estivesse julgando mal e o filme não fosse aquele típico lixo escolar com a *cheerleader* loura e fofoqueira e a pobre belíssima de coração de ouro excluída; talvez “Baile de outono” fosse até um filme de suspense e espionagem, e o vestido de tule rosa, o sorriso lânguido e a tiara idiota, somente um disfarce para surrupiar do muchacho com risca lateral a chave de um cofre abarrotado de documentos sigilosos com os quais a garota salvaria o mundo. Ou o cara era um serial killer atrás de garotas do highschool...

– Pode esquecer! – Perséfone pelo jeito percebeu que eu não continuava saltitando atrás dela e voltou. – O baile é para alunos do curso profissionalizante. Alunos das séries mais baixas só entram com convite.

Demorou alguns segundos até eu entender o que ela estava querendo me dizer (foi um longo caminho de volta do serial killer), e foi o tempo exato que

Perséfone precisou para puxar um batom da bolsa e abri-lo.

Meu Deus, como fui burra. “Baile de outono” não era um filme, mas a mais vil realidade. Tive que dar um risinho.

Perto de nós alguns meninos começaram a jogar bola. Com uma toranja.

– Esse é um baile tradicional em memória do ano de fundação da escola. Todos terão que comparecer em trajes vitorianos. Obviamente, eu irei. – Perséfone contornou os lábios com o batom. Eu estava a ponto de admirá-la porque ela sabia fazer aquilo sem espelho, mas então vi que se tratava de um batom transparente com o qual ela poderia se borrar toda até o nariz. – Com um amigo da minha irmã. Ela faz parte do comitê organizador do baile. Ei, vocês aí, idiotas, parem com isso! – A toranja passou raspando pela cabeça de Perséfone. Uma pena, na verdade. – Mas há uma festa de natal para todas as séries – continuou Perséfone, benevolente. – Aí você pode ir com a sua irmãzi... – Nesse momento, ela parou de falar, ou melhor, parou de respirar. Ficou estatelada feito um mico estarrecido com o batom na mão.

Virei para checar a razão da parada respiratória de Perséfone. Até onde pude ver não havia aterrissado nenhuma nave espacial. Em compensação, apareceu um grupo de alunos mais velhos que se destacava da massa. Eram quatro garotos e quase todo mundo naquele corredor parecia olhar fixamente para eles. Talvez por virem tão descontraídos, imersos numa conversa, mas apesar disso, manterem o passo uniforme, como no compasso de uma música que só eles ouviam. Só faltava mesmo a câmera lenta e a máquina de fumaça soprando seus cabelos. Eles vinham bem em nossa direção e eu tentava descobrir qual deles teria transformado Perséfone em uma estátua de sal. Pelo que eu pude ver assim às pressas, cada um deles era um candidato adequado, contanto que ela gostasse de garotos grandes, louros e esportistas. (O que não era o meu caso – eu tinha uma queda por garotos de cabelos escuros, pensativos, que liam poesia e tocavam saxofone, e que gostavam de filmes de

Sherlock Holmes. Infelizmente, não havia encontrado muitos deles até agora. Bem, na verdade eu não tinha encontrado nenhum. Mas em algum lugar do mundo eles deveriam existir!) O garoto que mais chamava atenção por sua beleza era o segundo da esquerda para a direita, com cachinhos dourados emoldurando um rosto liso de anjo. Mesmo de perto, a sua pele parecia de porcelana, sem nem um poro, de uma perfeição quase artificial. Ao lado dele, os outros tinham uma aparência até bem normal.

Perséfone tossiu baixinho.

– Ei, Japskrch!

Não obtive resposta, os garotos estavam entretidos demais na conversa para que pudessem nos dar a honra de um olhar sequer. E provavelmente nenhum deles se chamava Japskrch.

A toranja passou voando de novo e teria acertado em cheio o nariz da estátua de sal Perséfone se eu não tivesse corrido para pegá-la. Para ser sincera, foi mais um reflexo do que uma ação consciente e, por azar, um dos garotos do clube dos preferidos das loiras geladas (o que estava bem à esquerda) teve a mesma ideia, ou melhor, o mesmo reflexo, o que nos levou a trombar ombro com ombro em pleno salto. Mas a toranja foi parar na minha mão.

O garoto olhou para mim.

– Nada mau – admitiu, puxando a manga da camisa que tinha escorregado para cima. Mas não rápido o suficiente. Eu já havia lido as palavras tatuadas no lado de dentro de seu pulso: *numen noctis*.

Ele sorriu para mim.

– Basquete ou handebol?

– Nem um nem outro. Só estava com fome.

– Sei. – Ele riu e eu já estava a ponto de redefinir qual era meu tipo

preferido de garotos (pálidos, grandes e tatuados, de cabelo louro desalinhado e olhos acinzentados), quando ele acrescentou: – Você é a menina do queijo do aeroporto, não é? Qual era mesmo o tipo?

Essa não.

– Queijo de Entlebuch – eu disse, mantendo o ar de dignidade e dei um passo para trás. Tão bonito assim também não era. O nariz era comprido demais, tinha olheiras profundas debaixo dos olhos e o cabelo nunca devia ter visto um pente. Eu o reconheci, era o garoto que havia adormecido tão rapidamente no avião. Agora, porém, parecia muito desperto. E se divertindo horrores.

– É isso aí, queijo de Entlebuch – repetiu ele com um risinho malicioso.

Olhei para o outro lado com ares de desinteresse.

O anjo-com-pele-de-porcelana já tinha seguido caminho, mas um de seus amiguinhos louros parou ao lado de Perséfone. Tive a impressão de que o conhecia, mas precisei olhar bem para ele por uns cinco segundos no mínimo para entender por quê. Então, quase soltei um grito. Incrível! Diante de mim estava: Ken! A versão viva e em tamanho natural do boneco da Barbie que Mia tinha ganhado de presente da nossa tia-avó Gertrude. Ken Barba Mágica, para ser mais exata. (Os presentes da tia-avó Gertrude sempre nos faziam rir. Para mim, ela deu um kit de pérolas de engomar.)

Perséfone, ao que parecia, tinha despertado de seu estardalhaço, ao menos a ponto de voltar a respirar e revirar os olhos. Suas bochechas estavam exageradamente vermelhas, mas eu não pude decifrar se de raiva ou falta de oxigênio. Os garotos que jogavam com a toranja sabiamente desapareceram.

– Uma amiga nova, Afrodite? – perguntou Ken Barba Mágica apontando para mim.

As bochechas de Perséfone ganharam uma tonalidade ainda um pouco

mais escura.

– Ah, oi Jasper! Não tinha te visto – disse ela, e sua voz voltou a soar quase normal (ou seja, insuportavelmente arrogante), só um pouco mais estridente que antes. – Não, não, pelo amor de Deus! A sra. Cook pediu para eu ficar de olho nela. Aluna nova. Lívia não sei de quê. Os pais dela são missionários ou coisa parecida.

Ou coisa parecida. Lancei um olhar incrédulo para ela através dos meus óculos de filha de missionário. Será que essa era a única alternativa a proprietários de mina de diamante e diplomatas que passava pela cabeça dela?

Alisando a barbicha do queixo, Ken Barba Mágica me checou da cabeça aos pés. Eu precisava sem falta mostrar ele para a Mia, a semelhança era impressionante. *(Ken tem um encontro marcado com a Barbie. A barba por fazer o incomoda. Ajude o Ken a fazer a barba!)*

– Como você se chama? – perguntou ele.

– Você bem que ouviu: Lívia não sei de quê – respondi. *(Barbie está estranhando um pouco o comportamento de Ken. Ele costuma se comportar melhor e não olha desse jeito assanhado. E por isso mesmo ela nem sonha em dizer seu verdadeiro nome para ele.)*

Alisou a barbicha de novo.

– Se os seus pais são missionários, você certamente ainda é...

– Temos que ir embora – interrompeu o garoto do avião, puxando-o com força pelo braço. – Vamos, Jasper.

– Perguntar não ofende! – Pelo jeito, Ken Barba Mágica estava com dificuldades de se desvencilhar do meu olhar. – Por sinal, belas pernas. Para uma filha de missionário.

Cheguei a abrir a boca para responder (como se ele conhecesse alguma

filha de missionário, o abusado!), mas antes mesmo que eu pudesse dizer algo, Perséfone enfiou as garras na minha manga.

– Nós também temos que ir. Temos química com a sra. Roberts e eu não quero chegar atrasada logo no primeiro dia.

Tropecei quando ela me puxou, mas estava grata por sair dali, pois não me vinha nenhuma resposta à altura.

Tittle-Tattle

★ B L O G ★



Aqui no Tittle-Tattle Blog, o blog das fofocas da Frognal Academy, você saberá das intrigas mais recentes, dos melhores boatos e dos atuais escândalos da nossa escola.

SOBRE MIM:

Meu nome é Secrecy – estou no meio de vocês e conheço todos os segredos.

ATUALIZAÇÕES

ATIVIDADE

3 de setembro

As aulas começaram – assim, desejo de coração a todos os meus fiéis leitores que sejam bem-vindos! E para os que acabam de chegar: nem tentem descobrir quem eu sou. Até hoje ninguém conseguiu.

Vocês viram o Hazel-rolô-compressor-Pritchard? Está irreconhecível, não é mesmo? São treze quilos e meio a menos de banha! A mãe dele o enviou para um spa

na Escócia, onde ela gastou 600 libras esterlinas por dia para ele se alimentar exclusivamente de iogurte desnatado, vitamina de aipo e água. Isso, no entanto, não é da conta de ninguém, a versão oficial é que Hazel, por causa de uma alergia, precisou se adaptar a uma nova alimentação e nem percebeu que foi ficando cada vez mais magro... Seja como for, ele já não merece mais o apelido de rolo compressor. Mas Hazel-magro-sem querer-Pritchard é só um pouco esquisito – vocês não acham?

Mais uma vez tem início a novela anual da Frognal Academy: quem irá com quem ao Baile de Outono e por quê? Uma vez que o comitê organizador aboliu a eleição do rei e da rainha do baile (alguém entendeu a justificativa? O que tem uma eleição dessas a ver com bullying e discriminação?), eu decidi prosseguir com essa bela tradição e propor uma eleição interna aqui. Podem enviar suas sugestões por e-mail para Secrecy: buzz@yahoo.com.

A pergunta que não quer calar é: quem irá fisgar Arthur Hamilton? Para os novatos: Arthur é o garoto mais bonito da escola, ou melhor, de todo o Ocidente. E depois da saída de Colin Davison, ele é também o novo capitão do nosso time de basquete. Arthur é

oficialmente namorado de Anabel Scott, que terminou a escola no ano passado e está estudando na Suíça, mas – os meninos façam o favor de pular esta parte, isso é só para as meninas! – informalmente ele está de novo livre, e não digo isso só porque, por convicção, não acredito em vida longa de relacionamentos a distância. Está bem, no Facebook o status do relacionamento deles continua inalterado, mas, vamos ser sinceros: algum de vocês os viu juntos desde o baile de formatura? E por que será que Anabel está sempre com aquela cara de quem vai cair em prantos a qualquer instante?

Estão surpresos? Eu, em todo caso, não me admiro. Todo mundo parece já ter percebido que, desde a morte trágica de Tom Holland, o ex-namorado de Anabel, ela e Arthur não são mais aquele casal perfeito e radiante que, só de ver, deixava a gente pálida de inveja. Para os novatos: vocês perderam mesmo muita coisa; o pobre Tom faleceu no ano passado depois de um acidente de carro. Aliás, “ex” coisa nenhuma! Eu já tinha mencionado aqui que entre ele e Anabel a chama continuava acesa, o que todos entenderam, com exceção, talvez, de Arthur. Mas depois do dramático ataque de choro de Anabel no enterro de Tom, Arthur também deve ter percebido

algo. (Aliás, não foi Arthur que consolou Anabel, mas sim Henry Harper – só para refrescar a memória e deixar vocês ainda um pouco mais confusos. ☺)

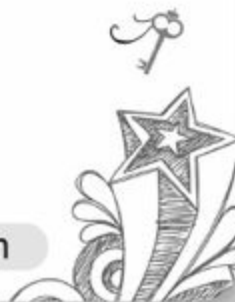
Então, o que vocês acham: Quem será a nova namorada de Arthur? Aceitamos apostas aqui.

A gente se vê!

Secrecy



Tittletattleblog.wordpress.com





– Minha madrinha se chama Daisy Down Steward! – disse Mia, e a cada consoante voavam farelos de sua boca. – Sua paixão é o Taylor Lautner. Ela falou o dia inteiro só dele.

Ah, essa eu ganhava de longe!

– Minha madrinha se chama Perséfone Porter-Peregrin. E ela não falou *mais nada* comigo depois de ter me arrastado para a primeira aula. O que, na verdade, não foi tão ruim, o hobby dela parece que é torcer o nariz.

– Que nomes estranhos, parecem com os dos cavalos de corrida – disse Lottie.

Mas não comentou mais sobre o Taylor Lautner, ela própria tinha pendurado um cartaz dele na parte de dentro de seu armário embutido. Aparentemente, por achar os lobos tão fofinhos.

Apesar das cortinas escocesas quadriculadas adornadas com fios dourados e das sapatilhas de porcelana onipresentes, a cozinha daquele apartamento de estranhos era bastante aconchegante. Uma chuva de verão tamborilava na janela e um cheiro reconfortante de baunilha e chocolate pairava no ar. Lottie havia feito nossos biscoitos preferidos: *Vanillekipferl*, aqueles biscoitinhos alemães de Natal, feitos a partir de uma receita da avó dela. Acompanhados de chocolate quente com chantili e chocolate granulado

caseiro por cima. Ela também nos deu toalhas para enrolar nossos cabelos molhados da chuva. Essa quantidade de zelo, gordura e açúcar realmente melhorou os nossos ânimos por algum tempo. Lottie parecia estar com mais pena de nós do que queria demonstrar. É que normalmente era contra os seus princípios servir confeitos de Natal antes da hora e ela era muito rígida no que diz respeito a tradições natalinas. Ai de nós se entoássemos baixinho “Noite feliz” em junho – para Lottie, isso não era brincadeira. Parece que dava azar.

Durante um bom tempo, foi divertido nos empanturrar de biscoitos e comentar corridas de cavalo imaginárias:

– Perséfone Porter-Peregrin lidera no interior da pista, esse ano ela conseguiu ganhar quase todos os páreos aqui no Circuito de corridas de Ascot, também acaba de deixar seu rival, o *Vanillekipferl*, para trás, mas o que é isso? O número cinco, Daisy Down, toma a dianteira, o suspense aumenta, está emparelhando com Perséfone na reta de chegada e... é isso aí! Incrível! O azarão Daisy Down ganha por uma cabeça de vantagem!

– Ao contrário do pão de mel e do *spekulatius*, uma bolacha de amêndoa e canela, o *vanillekipferl* não é necessariamente um confeito de Natal – murmurou Lottie em alemão mais para si mesma que para nós.

Na época, papai tinha feito questão de contratar uma *au pair* alemã para que a gente aprendesse a falar melhor a sua língua materna. Quando ele falava alemão, nós tendíamos a não responder ou responder em inglês (ou melhor, eu tendia, porque Mia na época não sabia falar nada além de “dadadá”), e isso não fazia jus ao que ele esperava de uma educação bilíngue. Como Lottie de início não sabia bem inglês, nos esforçávamos para falar alemão com ela e papai ficou satisfeito. Até ele perceber que estávamos pegando o sotaque suíço de Lottie, e concluiu que seu plano não havia dado tão certo.

– Ou seja, podemos comê-los hoje porque são consumidos o ano inteiro.
– Lottie ainda estava com medo que o Menino Jesus levasse os *Kipferls* a mal. – Mas só em ocasiões especiais, bem entendido.

– Nós somos as ocasiões especiais – assegurou Mia. – Deploráveis filhas de pais divorciados, sem lar e sem esperança, completamente desorientadas nesse mundo grande e hostil.

Infelizmente, isso não era um exagero: só encontramos o caminho de casa graças à ajuda de transeuntes gentis e de um motorista de ônibus simpático. Como não havíamos marcado o número do prédio do nosso lar provisório – e como os prédios aqui são todos iguais – ainda estaríamos perambulando lá fora embaixo de uma chuva torrencial como João e Maria na floresta, se Buttercup não estivesse na janela latindo feito louca. Agora, o sábio animalzinho estava deitado a meu lado no banco da cozinha com a cabeça em meu colo e esperava que um *Vanillekipferl* encontrasse milagrosamente o caminho até o seu focinho.

– Realmente não é fácil para vocês – disse Lottie com um profundo suspiro, o que me fez ficar com a consciência pesada.

Para aliviar um pouco o coração de Lottie, poderíamos ter contado que a escola na verdade não foi tão ruim assim, ao contrário. Aqui, o primeiro dia de aula transcorreu bem melhor do que, por exemplo, em Berkeley, onde uma gangue de meninas ameaçou enfiar minha cabeça na privada. (No primeiro dia, só ameaçaram, no quinto, cumpriram a ameaça. Aliás, foi nesse mesmo dia que eu me inscrevi na aula de kung fu.) O dia de hoje estava longe de ser como aquele e outros memoráveis primeiros dias de aula. Tirando Perséfone e Ken Barba Mágica, ninguém na Frognaal Academy me pareceu desagradável e os professores também pareceram bons. Acho que consegui acompanhar bem as matérias, a professora de francês elogiou a minha pronúncia, as salas de aula eram bem claras e confortáveis, e até

mesmo a comida era boa. No lugar da Perséfone, a menina que havia sentado ao meu lado na aula de francês me acompanhou no almoço e me apresentou a seus amigos. E foi por meio deles que eu descobri que a gente devia evitar o purê de ervilhas e que no Baile de Outono, depois da parte oficial mais rígida, haveria a apresentação de uma banda da qual eu infelizmente nunca ouvi falar, e que só isso já fazia do baile uma ocasião muito bacana. Para um primeiro dia de aula, as coisas tinham corrido muito bem. Para Mia foi até melhor.

Sim, a gente devia ter contado tudo isso para a Lottie, mas fazia tão bem curtir a sua piedade e os seus cuidados, até porque o dia ainda não havia terminado. O pior ainda estava por vir: o jantar na casa de Ernest, lá conheceríamos sua filha e seu filho. Eram gêmeos de dezessete anos de idade e, se for verdade o que Ernest disse, verdadeiros exemplos de talento e virtude. Eu já os detestava.

Lottie também parecia estar com a cabeça no evento.

– Separei a saia de veludo vermelho e a blusa branca para você vestir hoje à noite, Mia. E para você, Liv, eu passei o vestido azul estilo “chá das cinco” de sua mãe.

– Por que não visto logo o longo com *strass*? – debochei.

– É, e com luvas de glacê – completou Mia. – Ah, é só um jantar chato numa segunda-feira ordinária. Vou de calça jeans.

– Isso está fora de cogitação! – disse Lottie. – Vocês irão mostrar o que têm de melhor.

– Com o vestido azul estilo chá das cinco da mamãe? E você, vai vestir o que, Lottie, o seu *dirndl* de baile? – eu e Mia rimos.

Lottie fez uma expressão de superioridade, ela não aceitava que se fizesse brincadeiras com o tema *dirndl*, menos ainda que com as tradições

natalinas.

– Eu bem que o vestiria, sim, pois o *dirndl* fica bem em qualquer ocasião. Mas vou ficar aqui com Buttercup.

– Como é? Você vai nos deixar ir sozinhas? – exclamou Mia.

Lottie não disse nada.

– Ah, estou entendendo, sr. Spencer não convidou você – concluí com uma sensação muito ruim no estômago.

Mia arregalou os olhos, indignada.

– Esse idio...

Lottie logo começou a defender o Ernest:

– Seria completamente descabido. Afinal, não se leva a *au pair* a uma reunião assim... de família.

– Você faz parte da família! – Mia esfarelou um *Vanillekipferl* e Buttercup ergueu a cabeça, esperançosa. – Que palhaço ridículo e arrogante!

– Não, de jeito nenhum. – respondeu Lottie. – O comportamento do sr. Spencer comigo é absolutamente impecável. Ele é um homem muito simpático e direito, e acho que os sentimentos dele em relação à mãe de vocês são verdadeiros e sinceros. Ele se esforçou muito para encontrar uma solução, depois de constatarem que o *cottage* estava naquele estado inabitável. Sem a sua ajuda, não teríamos conseguido esse apartamento e vocês jamais teriam sido aceitas na Frognal Academy; parece que eles têm uma longa lista de espera lá. Então, está na hora de vocês começarem a gostar dele. – Ela nos olhou com um olhar severo. – E irão se vestir decentemente hoje à noite.

O problema era que o olhar da Lottie era tão severo quanto o da Buttercup era perigoso. Isso por causa daqueles olhos castanhos e doces de cachorro fofo que as duas tinham. Naquela hora, eu senti que gostava tanto dela que podia explodir de afeição.

– Está bem – eu disse. – Se você me emprestar o seu *dirndl*.

Mia gargalhou.

– É, ele fica bem em qualquer ocasião!

– Não é o meu *dirndl* que fica bem, mas um *dirndl*. – Lottie lançou aquele olhar de superioridade, jogou os cachos castanhos para trás da nuca (Buttercup tinha uns muito parecidos), e prosseguiu em alemão: – Não quero desiludi-la, meu anjo, mas para o meu *dirndl*, você ainda não tem “recheio” o suficiente, estamos entendidas?

“Ter recheio” era certamente o contrário de “lisa feito uma tábua”.

Eu quis rir, mas não sei por que só saiu um estrebucho estranho.

– Gosto tanto de você, Lottie – eu disse, muito mais séria do que pretendia.



Eu tinha imaginado que a casa de Ernest Spencer seria muito maior e mais pomposa, e fiquei quase decepcionada quando o táxi parou diante de um prédio de tijolinhos relativamente modesto na Redington Road. Uma construção tradicional, janelas brancas com pinázio, vários ornamentos góticos, sacadas, tudo encoberto por muros e cercas altas, como a maioria das construções por aqui. Tinha parado de chover e o sol de fim de tarde banhava tudo com uma luz dourada.

– Que bonito – sussurrou Mia, surpresa, ao acompanharmos mamãe pelo caminho de pedras até a porta de entrada, passando por pés de hortênsia em flor e arbustos de buxo em forma de bola.

– Você também – sussurrei de volta.

E era verdade: Mia estava linda com seu gracioso penteado de trancinhas do qual Lottie não abriu mão para compensar a calça jeans que mamãe nos permitiu usar (para grande surpresa de Lottie). Isso provavelmente porque queria vestir ela mesma o vestido estilo “chá das cinco” que tinha acabado de ser passado.

Mamãe tocou a campainha e nós ouvimos um harmonioso toque triplo que ecoou por toda a casa.

– Sejam amáveis, por favor! E tentem comportar-se.

– Quer dizer que não podemos jogar comida pelos cantos, arrotar alto e contar piadas indecentes como de costume? – Soprei uma mecha de cabelo do rosto. Lottie teria trançado o meu cabelo também, mas eu tive a prudência de ficar tanto tempo na banheira, que não houve tempo para isso. – Francamente, mamãe, se alguém aqui precisa se comportar, é você!

– Isso mesmo! *Nós* temos modos impecáveis. Boa noite, meu senhor. – Mia fez uma reverência coquete diante da imponente estátua ao lado da porta, um misto de águia (da cabeça ao peito) e leão (o resto), um tanto gordo. – Se me permite, meu nome é Mia Silber, essa é minha irmã, Olívia Silber e essa aqui com a testa enrugada é minha malvada mãe, professora doutora Ann Mathews. Se me permite perguntar: com quem tenho a honra de falar?

– Este é Freddy, o feroz, também conhecido como Freddy Balofó. – A porta tinha sido aberta em silêncio e diante de nós estava um garoto grande, um pouco mais velho que eu, de camiseta de manga comprida preta e jeans. Respirei aliviada. Que bom que nossa malvada mãe vestiu o estapafúrdio vestido estilo “chá das cinco” ela mesma, eu teria me sentido terrivelmente ridícula com ele.

– Foi um presente de casamento dos meus avós aos meus pais – disse o garoto tocando o bico de Freddy, o feroz. – Há anos que papai quer bani-lo para o canto mais escondido do jardim, mas ele pesa perto de uma tonelada.

– Olá, Grayson! – Mamãe deu dois beijinhos no garoto e, apontando para nós:

– Essas são as minhas duas fofuras, Mia e Liv.

Eu e Mia odiávamos ser chamadas de “fofuras”, era como se, assim, mamãe imediatamente direcionasse a atenção de todos para as nossas bochechas gordas demais (o que possivelmente era verdade).

Grayson sorriu para nós.

– Oi. Prazer em conhecer vocês.

– Aposto que sim – murmurei.

– Você está com marca de batom na bochecha – disse Mia.

Mamãe suspirou e Grayson olhou meio aparvoado. Não pude deixar de reconhecer que, tirando os cabelos, ele parecia muito com o pai. Os mesmos ombros largos, a mesma postura autoconfiante, o mesmo sorriso descompromissado de político. Deve ser por isso que seu rosto me pareceu familiar. No entanto, ele não tinha as orelhas gigantescas do Ernest, mas isso ainda podia aparecer. Uma vez eu li que as orelhas e o nariz são as únicas partes do corpo que crescem até a idade mais avançada.

Mamãe passou com pisadas decididas por Grayson, como se conhecesse muito bem a casa, e não nos restou outra opção que segui-la. No corredor, ficamos paradas sem saber para onde ir, pois mamãe havia desaparecido.

Grayson fechou a porta, esfregando a bochecha com as costas da mão. E na verdade Mia tinha inventado aquela história de batom.

– Nós também nos alegramos muito de poder estar aqui! – disse Mia, depois de ficarmos nos olhando constrangidos durante alguns segundos. – Há alguma coisa boa para comer?

– Acho que sim – respondeu Grayson, voltado a sorrir. Eu não tinha a menor ideia de como ele fazia aquilo. De todo jeito, não consegui sorrir de volta. CDF ridículo. – Sra. Dimbleby fez codorna assada.

– Ah, perfeito! Sra. Dimbleby? – repeti. – Suponho que seja a cozinheira? Então o sr. Dimbleby deve ser o jardineiro.

– Cozinheira e governanta. – Embora continuasse sorrindo, notei, pela maneira como me olhava (uma sobrancelha levemente erguida), que Grayson bem que tinha registrado meu subtexto irônico. Por sinal, ele não tinha

herdado os olhos azuis de Ernest, os seus eram castanho-claros, o que fazia um contraste interessante com o cabelo louro. – Que eu saiba, sr. Dimbleby vende apólices de seguro. Papai faz a jardinagem sozinho, diz que isso o relaxa. – A sobrançelha se ergueu mais um pouco. – Mas, pelo que ouvi dizer, são *vocês* que têm uma *au pair*, é verdade?

– Bem... – Porcaria. Por sorte, fomos interrompidos por Ernest, em cujos braços mamãe se agarrava como se fossem um bote salva-vidas. Como sempre, ele nos olhava com aquela expressão radiante, como se jamais tivesse visto algo mais agradável.

– Ótimo, Grayson já pegou os casacos de vocês! Bem-vindas à casa da família Spencer. Vamos entrando, Florence já está à espera com o aperitivo.

Tanto Grayson quanto Mia e eu evitamos explicar que não havíamos trazido casacos (também, como poderíamos, se as nossas roupas de outono e inverno ainda estavam armazenadas em alguma caixa da mudança?). Mamãe nos lançou um último olhar ameaçador antes que pudéssemos segui-los em silêncio através de uma porta dupla à sala de estar e jantar. Era um cômodo bonito com chão de tábua corrida, janelas panorâmicas, uma lareira, sofás brancos guarnecidos com almofadas, um piano e uma mesa de jantar grande com uma vista maravilhosa para o jardim. Dava uma impressão de abundância, mas não de ostentação, e era incrivelmente... *aconchegante*. Jamais teria achado que Ernest era capaz de possuir sofás tão sem estilo, um tanto desgastados, com bordas esfarrapadas e almofadas coloridas que não combinavam. Tinha até uma almofada laranja em forma de gato que se esticou assim que passamos por ela.

– Esse é Spot, o nosso gato.

Uma garota tinha passado por nós em silêncio e colocou um prato sobre a mesa. Era, sem sombra de dúvidas, a irmã gêmea de Grayson, tinha os mesmos olhos castanho-claros.

– E vocês devem ser Liv e Mia. Ann já falou tanto de vocês. Que penteado fofo, o seu. – Sorrir parecia ser tão fácil para ela como para o irmão, sendo que nela o sorriso era ainda mais amável por causa das covinhas que combinavam com o nariz arrebitado e a pele macia e cheia de sardas. – Meu nome é Florence. É um prazer enorme conhecer vocês.

Ela era pequena e delicada, mas tinha uma medida exuberante de busto, o rosto emoldurado por cachinhos castanho-claros brilhantes que se enroscavam até os ombros. Eu e Mia não tirávamos os olhos dela. Era absolutamente deslumbrante.

– Que vestido bonito, Ann – disse ela à mamãe, a voz doce feito mel. – Você fica magnífica de azul.

De repente eu não só me senti muito bronca, magricela e nariguda, mas também terrivelmente imatura. Mamãe tinha razão: nós não tínhamos modos. Havíamos esbanjado olhares ranhetas e palavras torpes (e queijo suíço) só para puni-la. Feito pirralhas birrentas que se lançam ao chão no supermercado. Florence e Grayson, ao contrário, não se comprometiam, comportavam-se como adultos. Eles não deixavam que reparassem em nada no seu comportamento, sorriam, não poupavam elogios e conversavam com educação. Talvez até se alegrassem de verdade por seu pai e mamãe terem se conhecido. Mas talvez só fizessem média. Em todo caso, eles eram muito superiores a nós.

Envergonhada, decidi me comportar daquele momento em diante do mesmo jeito polido e bem-educado. O que, no entanto, acabou sendo mais difícil do que parecia.

– Como entrada temos algo bem leve. – Quando todos haviam tomado seus lugares, Florence lançou um sorriso caloroso para Mia e para mim do outro lado da mesa. – Porque sra. Dimpleby comprou codornas demais. Espero que gostem delas acompanhadas de purê de aipo.

Nossa! Já começou bem... aipo. Que enjoo.

– Parece... interessante – tentei dizer o mais polida e adulta possível. “Interessante” condizia com quase tudo.

– Infelizmente eu sou vegetariana – afirmou Mia, como sempre, mais esperta que eu. – Além disso, tenho uma alergia boba a aipo.

“E está empanturrada de biscoitos de Natal”, acrescentei em pensamento.

– Ah, então vou fazer um sanduíche para você, se quiser. – Florence sorria tão radiante que chegava a doer a vista. – Vocês estão morando no apartamento dos Finchley, não é mesmo? A sra. Finchley ainda coleciona aquelas bonequinhas de porcelana fabulosas?

Pensei se poderia dizer mais uma vez “sim, muito interessante” sem chamar atenção, mas aí Mia já havia respondido no meu lugar:

– Oh, não! Agora ela coleciona umas coisas bem horríveis e kitsch. Umas bailarinas com cara de debiloides.

Para não rir, baixei o olhar rapidamente para o prato de entrada. Que diabo de coisa era aquela? O trapo fino e vermelho eu consegui identificar como sendo carne, mas, pelo amor de Deus, o que era aquele montinho pegajoso e encaroçado que vinha de acompanhamento?

Sentado a meu lado, Grayson parece ter lido os meus pensamentos.

– Chutneys são a especialidade da sra. Dimbleby – disse ele baixinho. – Esse aí é de tomates verdes.

– Ah, é... interessante. – Enfiei um garfo cheio na boca e quase cuspi tudo de novo. Por um instante, quase esqueci minhas boas intenções. – São passas isso aí dentro? – perguntei, desconfiada.

Grayson não respondeu. Ele tinha tirado o iPhone do bolso da calça e estava olhando para o display por debaixo da mesa. Por pura curiosidade, eu

teria olhado também, mas estava ocupada demais em fazer “descer” o chutney. Além das passas, tinha resquícios de cebola, alho, curry, gengibre e... sim! Sem dúvida alguma! Canela. E mais uma coisa que dava a sensação de botões de calça podres entre os dentes. Sra. Dimbleby deve ter jogado naquela comida aleatoriamente tudo que tinha à mão e precisava ser gasto. Se essa era a especialidade dela, então eu não queria nem provar as comidas que ela não preparava tão bem.

Bebi um gole de suco de laranja para ajudar a engolir aquilo e Mia sorriu para mim, maliciosa.

– Mas a família Finchley não está voltando na semana que vem da África do Sul, papai? – perguntou Florence.

– Sim, é verdade. A partir de primeiro de outubro eles vão precisar do apartamento novamente. – Ernest lançou um olhar rápido para mamãe e respirou fundo. – Era sobre isso mesmo que nós queríamos conversar com vocês hoje à noite.

O display do iPhone de Grayson tremulou. Ao perceber meus olhares curiosos, ele enfiou a mão mais para baixo da mesa, como se tivesse medo que eu lesse o que estava escrito. No entanto, os torpedos dele não me interessavam. Muito mais instigante para mim era a tatuagem na parte de dentro do seu pulso, letras pretas semicobertas pela bainha da sua camiseta.

– Você faz parte do *boygroup* de louros da escola – sussurrei. – É por isso que eu tive a impressão de já conhecer você.

– Oi????

– A gente já se conhece. Eu vi você e seus amigos lá na escola hoje.

– Ah, é mesmo? Não me lembro.

Claro que não. Ele não tinha nem olhado para mim.

– Não tem a menor importância. Bonita, a tatuagem. – *Sub um...*, o

resto, eu não consegui ler.

– Hein? – Ele tinha acompanhado meu olhar. – Ah, isso! Isso não é uma tatuagem. É hidrocor. É... são anotações para a aula de latim.

Ah, sei.

– Interessante – disse eu. – Deixe-me ver!

Mas Grayson nem sonhava em me deixar ver. Puxou a manga da camiseta por cima das “anotações” e se concentrou mais uma vez no seu iPhone.

Aquilo era *realmente* muito interessante. Distraída, enfiei mais uma colher de chutney na boca. Foi um erro crasso, a segunda colherada foi mais terrível que a primeira. Mas pelo menos eu pude identificar os botões podres como sendo nozes.

– Bem, é o seguinte... – Ernest fez uma cara solene, segurando a mão de mamãe, que sorria sem graça para o belo buquê de hortênsias no centro da mesa. Não havia dúvidas, a coisa estava ficando séria.

– Ann... a mãe de vocês... ou seja... – Ernest pigarreou e retomou do começo. Dessa vez, sem gaguejar, mas em compensação, parecia que estava discursando diante do Comitê Econômico do Tribunal Europeu. – Ann e eu decidimos interpretar a calamidade com o *cottage* como um aceno do destino para consolidar nosso relacionamento e, de certa forma, desonerar o problema com a situação imobiliária nos... congregando.

Após esse prenúncio, reinou silêncio por cinco segundos. Então, tive um ataque de tosse terrível porque, ao inspirar, uma uva-passa foi parar na minha traqueia. Demorou um bom tempo até eu conseguir resolv..., desculpem, *desonerar* o problema. Meus olhos lacrimejavam, mas pude ver com clareza que Florence, sentada a minha frente, não estava mais sorrindo. Até mesmo o sol tinha parado de brilhar através da janela e havia se posto por detrás do

telhado do prédio vizinho. Grayson, no entanto, continuava a mexer no seu celular por debaixo da mesa. Estava provavelmente pesquisando a palavra “desonerar” no Google. E olha que o significado era óbvio.

– Lottie diz que se for para usar palavras difíceis, então pelo menos de forma correta – disse Mia.

– Bem, e o que significa isso exatamente, papai? – a voz de Florence não estava mais doce feito mel. Estava mais para chutney. – Que vocês estão procurando um apartamento para uma *vida em comum*? Para já? Mas vocês se conhecem há somente meio ano...

– De certa forma..., na verdade, não. – Ernest continuava sorrindo, mas estava com minúsculas gotas de suor sobre a careca. – Após refletirmos profundamente... na nossa idade, o tempo é algo precioso... – Sacudiu a cabeça. Aparentemente, sua própria gagueira o irritava bastante. – A casa é grande o suficiente para todos nós – disse finalmente, decidido.

– E vocês cresceram aqui – disse mamãe. Os cantos da sua boca tremiam um pouco. – Nós não queremos impor uma mudança a vocês no ano de formatura.

Claro que não, mudanças não eram nada boas para o equilíbrio mental dos adolescentes. É o que se via em nós. Mia fez um ruído estranho, parecido com o que Buttercup faz quando pisamos em sua pata.

– Nós vamos mudar para *esta* casa aqui? – perguntou ela em voz baixa.
– E morar todos juntos?

Ernest e mamãe, ainda de mãos dadas, entreolharam-se rapidamente.

– Sim – disse Ernest com a voz firme.

Mamãe fez que sim com a cabeça.

Então eu havia entendido bem.

– Mas isso é absurdo. – Florence empurrou o prato para longe de si. – A

casa mal dá para nós, onde é que vamos abrigar mais três pessoas?

“Quatro!” “eu quis dizer”. Ela tinha esquecido de Lottie. Mas só saiu um ruído arranhado, alguma coisa ainda estava presa na minha garganta.

– A casa é enorme, Florence – disse Ernest. – Tem seis quartos. Arrumando um pouco, tudo se ajusta. Pensei que Grayson poderia ficar com o quarto embaixo do telhado, você volta para o seu antigo quarto, então Mia e Liv podem...

– O quê? – A voz de Florence não estava mais longe de se transformar num guincho. – Os cômodos sob o telhado são *meus*! Eu certamente não irei abdicar deles e dividir o banheiro com Grayson. Grayson! Fale alguma coisa, você também!

Grayson fez uma cara perplexa. Ele não tinha tirado os olhos do iPhone. Não é qualquer um que consegue manter essa calma enquanto o mundo desmorona a sua volta. Devia ter nervos de aço!

– Bem... é... – disse ele. – Por que é que Florence não pode ficar no quarto embaixo do telhado? Temos quartos suficientes no primeiro andar.

– Grayson, você por acaso *ouviu* do que se trata? – Florence olhava para ele estarrecida, sem entender. – Elas querem *se mudar para cá* no mês que vem! Diga para elas que nós não temos espaço! O quarto embaixo do telhado é da vovó, meu antigo quarto é o escritório de papai, o outro quarto é o de hóspedes e no armário embutido do seu quarto eu coloquei todas as minhas roupas de inverno...

– Flô, minha querida, agora ouça bem... – As gotas de suor na testa de Ernest pareciam maiores. – Eu entendo que você tem o seu espaço limitado, mas...

– Mas o quê? – Florence bufava. Apesar de todo o alvoroço, eu não podia deixar de lhe ser grata por ter parado de se comportar como uma

adulta bem-educada. Ela era muito mais simpática com essa voz histérica e os olhos faiscando de raiva. Eu e Mia olhávamos de Ernest para ela e de volta para Ernest, como numa partida de tênis. Mamãe, tensa, pregou os olhos novamente no buquê de flores e Grayson olhava hipnotizado para o seu iPhone. Devia estar pesquisando “família *patchwork*” e “primeiros socorros”.

– Não seria para sempre – disse Ernest. – Veja, a essas alturas no ano que vem vocês estarão saindo de casa para estudar em outro lugar, aí passarão no máximo as férias de verão em casa e...

Florence o interrompeu:

– E para não ficar sozinho, você providenciou uma mulher e duas filhas de reserva? Não dá para esperar até a gente sair de casa?

É, ou alguns aninhos a mais.

Então, a voz de Ernest também ficou mais fria.

– Eu entendo que você precise se acostumar com essa nova situação primeiro, como todos nós aqui. Mas eu já tomei a minha decisão. – Alisou a testa com as costas da mão. – Nós só vamos ter que reordenar o espaço um pouco. Se Grayson aceitar o quarto embaixo do telhado...

– ... que é da vovó! – Florence gritava tão alto que o gato ruivo saltou alguns metros para longe do sofá. Ele era bem gordo. – Você já colocou a vovó a par dos seus planos? Claro que não! Que prático que ela está do outro lado do mundo em viagem num cruzeiro e não fica sabendo de nada.

– Florence...

– Onde é que ela vai dormir quando vier nos visitar?

– Não se faça de boba! A avó de vocês mora a menos de vinte minutos daqui e não precisa de nenhum quarto aqui, ela pode muito bem voltar para a casa dela depois de nos visitar... Mas, se você quiser, você pode ficar com o quarto embaixo do telhado, aí Grayson fica no antigo quarto dele, Mia fica

com o quarto do canto e eu cederia o escritório para Liv. – Ernest sorriu para mamãe. – De todo jeito, estou trabalhando demais, vou evitar fazê-lo em casa futuramente.

Mamãe sorriu de volta, hesitante.

– Esperem aí, se Liv e Mia vão ficar no primeiro andar, para quem é o meu quarto embaixo do telhado? – Florence perfurou mamãe com o olhar. – Para você por acaso?

– Não! – disse mamãe, assustada. – Eu não preciso de espaço, sinceramente, em se tratando disso, sou bastante modesta, só tenho umas caixas de livros. Não, o pai de vocês pensou que os cômodos lá em cima seriam adequados para a Lottie.

Foi aí que Florence destrambelhou de vez.

– A *au pair*? – exclamou com voz estridente, gesticulando tanto com o dedo em riste que quase espetou a testa de Mia. – Elas estão grandes demais para ter uma babá... É para isso que eu tenho que abrir mão do meu sótão e dividir um banheiro com três pessoas? É o cúmulo!

– Lottie é muito mais que uma *au pair*, ela assume quase todas as tarefas da casa, faz as compras e cozinha – disse Ernest. – E como... um fator emocional fundamental nesta constelação, ela é imprescindível no momento.

– O que isso significa?

– Significa que nós precisamos dela – eu disse, baixinho.

– Naturalmente, não é para sempre – mamãe se apressou em dizer. – Você tem toda razão, Florence. Mia e Liv são mesmo muito grandes para ter uma *au pair*. Talvez Lottie fique por mais um ano, talvez só meio ano... – Nisso, ela viu que o lábio inferior de Mia começou a tremer e acrescentou: – Vamos ver quanto tempo ainda iremos precisar dela.

Peguei a mão de Mia por debaixo da mesa e a apertei com força. Não

chore – supliquei em silêncio. Eu estava com medo que, se Mia começasse a chorar, eu acabasse chorando junto.

– E o que será da sra. Dimbleby?

– Sra. Dimbleby quer reduzir o trabalho há anos – disse Ernest. – Ela ficará contente quando precisar vir só duas ou três vezes por semana.

– Grayson! Você ouviu isso? – exclamou Florence.

Grayson ergueu a cabeça. Por incrível que pareça, ele ainda estava ocupado com o seu iPhone.

– Claro – disse ele.

Mas pelo que parecia Florence não acreditou nele. Gritando, resumiu os resultados daquela noite para ele:

– Papai quer não somente que Ann e suas filhas venham morar aqui em casa e que nós dividamos todos os nossos cômodos *e um banheiro a quatro* – nessa parte, a sua voz estava tão alta que eu pensei que as vidraças das janelas fossem começar a tremer –, ele também quer demitir a sra. Dimbleby e em seu lugar contratar a babá de Ann! Que ficará com os meus cômodos sob o telhado.

– Oh! – disse Grayson. – Que chato! Vamos ter que passar pelo quarto dela para ir à despensa jogar sinuca.

Florence suspirou.

– Me diga uma coisa, você entendeu mesmo o que o papai acabou de falar? Em três semanas elas vão se mudar para cá...

– Em duas semanas para ser mais exato. Eu até tirei um dia livre – arrematou Ernest. – E antes disso, ainda teremos que fazer vários serviços de pintura.

– Vão se mudar para cá com tudo o que têm e mais a babá!

– E o cachorro – acrescentou Mia.

– E o cachorro – repetiu Florence.

Agora parecia que ela estava perdendo as forças, já não gritava, a palavra “cachorro” foi quase um sussurro. E como se estivesse só esperando a deixa, o gato ruivo se estirou diante da mesa do jantar e soltou um miado alto. Parece que a gritaria de Florence o atraiu mais do que o espantou.

Ernest sorriu. Um sorriso um pouco abatido, é verdade, mas era um sorriso.

– Bem. Então, estamos conversados. Agora podemos ir pegar as codornas na cozinha, não é mesmo, Spot? Você me ajuda, Ann?

Mamãe levantou tão bruscamente que quase arrastou a toalha da mesa.

– Com todo prazer – disse ela.

O gato os seguiu a caminho da cozinha.



Grayson, Florence, Mia e eu ficamos na sala de jantar em silêncio. Acho que deve ser assim que a gente se sente quando é soterrada por uma avalanche. Eu já calculava que mamãe e Ernest estivessem planejando morar juntos, mas também fiquei surpresa que quisessem fazer isso tão rápido. Eles deviam estar muito convictos de sua relação.

O celular de Grayson vibrou, quebrando o silêncio.

– Eu sabia! – disse Florence, amarga. – A propósito, muito obrigada pelo seu apoio, Grayson.

– Desculpe – Grayson olhava fixamente para o display de seu celular. – Mas a coisa já está mesmo decidida, não está? E não foi você mesma que disse ainda ontem que estava tão feliz por papai?

– Sim, e estou mesmo. Mas ninguém podia imaginar que eles queriam morar juntos imediatamente. Eles mal se conhecem! Ela é *americana*. Bem poderia ser uma trapaceira atrás de um casamento ou uma psicopata ou...

– Ou sofrer da síndrome de acumulação compulsiva, ser cleptomaníaca, republicana, Testemunha de Jeová... – sugeriu.

– Não tem graça – disse Florence.

– Você tem alguma coisa contra as Testemunhas de Jeová? – perguntou

Mia, dissimulada.

Grayson empurrou sua cadeira para trás e se levantou, sem tirar o olho do celular. Ficou claro que ele não ouviu nem uma palavra.

– Vou lá para fora acertar um negócio. Diga a papai que eu já volto. E vou querer três codornas, no mínimo. Estou morrendo de fome.

– Mas você é... – Florence olhou para ele, indignada. – Será que você consegue captar alguma coisa?

Eu pigarreei e disse:

– Preciso ir ao banheiro. Onde é quê...?

– Bem, como isso aqui será a sua casa em breve, é melhor você aprender a encontrar o banheiro sozinha – disse Florence, insinuante.

– É verdade – respondi.

Também não podia ser tão difícil. Segui Grayson pelo corredor.

– Agora me conte, o seu pai é um terrorista procurado internacionalmente ou um assassino em série? – ouvi Mia perguntar com a voz melosa.

O que Florence respondeu, eu não ouvi.

A primeira porta que abri levava a uma despensa, mas a segunda, logo ao lado da escada, era a do banheiro de hóspedes. Procurei o interruptor.

– Logo hoje! Não, poxa!

Pela janela entreaberta, ouvi a voz de Grayson. Pelo jeito, ele estava telefonando com o celular em frente da casa. Deixei a luz apagada e me aproximei da janela para ouvir melhor o que estava dizendo.

– Sim, eu sei que hoje é lua nova, mas não dá para a gente adiar isso para amanhã à noite? Isso aqui está um inferno, não sei nem se vou conseguir dormir hoje à noite... é, sei que não dá para adiar a lua nova por minha

causa... não, claro que não é isso o que eu quero. OK, então, por mim tudo bem. Diga ao Arthur que eu vou tentar... Espero que eu encontre... isso só pode ter sido ideia sua, não foi? Eu sabia... Não, conto amanhã. Se eu não voltar lá pra dentro, minha irmã me mata... sim, sim, obrigado por sentir pena de mim. Até daqui a pouco.

Ah. Interessante. No escuro, sentei sobre a tampa do vaso e esqueci completamente por que estava ali. Contrariando todo e qualquer impulso sensato, eu sentia uma cosquinha boa subindo por meu corpo. O que será que desviou tanto a atenção de Grayson hoje à noite de nossa tragédia familiar tão especial? Que tipo de coisas só se podia fazer durante a lua nova? E o que significavam essas palavras em latim no seu pulso? Estava na cara: meu futuro irmão enteado tinha um segredo – e eu *amava* segredos.

Voltei para a mesa com um bom humor descomunal, pouco antes de Grayson. E antes que a Testemunha de Jeová e o assassino em série servissem as codornas em perfeita harmonia.

O resto da noite transcorreu praticamente sem dramas. Pelo menos até o momento em que eu derrubei minha taça com tanta força, que a minha blusa ficou encharcada de suco de laranja, desde a gola até a barra. Como Ernest tinha acabado de encher a taça e ainda completado com pedras de gelo, comecei a bater os dentes na mesma hora.

– Já estava esperando por isso a noite inteira! – disse mamãe com a sua voz de eu-também-sei-ser-engraçada. – Virar taças é uma das especialidades das minhas fofuras.

– Mãe! Eu tinha sete anos da última vez que isso me aconteceu! Ei, o que é isso? – Um gelo começou a derreter dentro do meu sutiã. (Se eu tivesse dado ouvidos à Lottie e fechado os últimos dois botões da blusa, isso não teria acontecido.) Fisguei o gelo rapidamente e o coloquei sobre o prato, sem me importar se isso era polido ou não. A julgar pelos olhares de Florence e

Grayson, não era polido.

– Isso mesmo – disse Mia. – Se for especialidade de alguém, então é minha.

– Coca-Cola sobre o meu teclado – mamãe se lembrou. – E suco de groselha na toalha de mesa branquinha. Várias vitaminas, de preferência em cima dos tapetes.

Não tive coragem de torcer a blusa, teria encharcado o tapete persa que parecia custar caro.

Ernest olhou para mim com pena.

– Florence, seja gentil e vá pegar uma das suas blusas para a Liv, assim ela não pode ir para casa. Percebe-se que está com frio.

– Ah, estou entendendo! – Florence cruzou os braços. – Primeiro, tenho que ceder meus quartos e agora, minhas roupas, é isso?

Era preciso reconhecer que, só o fato de ter ficado sentada conosco à mesa já a enaltecia; ela bem poderia ter deixado a sala de jantar batendo portas e se jogado na cama chorando depois do grande drama. Em todo caso, é o que eu teria feito em seu lugar. Ela, porém, permaneceu beliscando a sua codorna tranquilamente e até participou da conversa à mesa, ainda que monossilábica. Mas talvez estivesse só com medo de deixar o seu papai sozinho com minha mãe. Ernest e mamãe, por sua vez, fizeram como se as suas lembranças daquela última hora tivessem sido completamente apagadas. Conversaram sobre todo tipo de coisa, só não falaram das mudanças iminentes. E eu mantive sobretudo a manga da camisa de Grayson na minha mira, na esperança de que ela se enrolasse e desvendasse as palavras secretas. Mas, apesar de Grayson ter devorado nada menos que quatro das pobres miniaves, o que não era possível sem um trabalho manual brutal (Mia estremecia a cada estalada dos ossos – acho que estava realmente prestes a se

tornar vegetariana), o pulso permaneceu encoberto.

– Florence! – disse Ernest, repreendendo-a.

– Papai! – Florence devolveu no mesmo tom.

– Tudo bem – eu disse. – Isso seca. *Lá para depois de amanhã.*

– Que absurdo! Você está completamente encharcada. – Ernest enrugou a testa. – Florence vai subir agora e pegar um agasalho para você.

– Isso nem passa pela cabeça da Florence – disse Florence e olhou firme para ele.

– *Florence Cecília Elizabeth Spencer!*

– Você vai fazer o quê, papai? Vai me mandar para cama sem sobremesa?

– Tudo bem! – Grayson colocou a coxa de codorna que estava roendo no prato e se levantou. – Vou pegar um dos meus pulôveres para ela.

– Nossa! Um cavalheiro! – disse Florence.

– Não há necessidade – eu disse, batendo com os dentes, mas Grayson já tinha saído.

– Ele é tão carente de harmonia e tão avesso a conflitos – disse Florence sem se dirigir a ninguém em especial.

– Que nomes bonitos. – Mia olhou encantada para Florence. – Você tem muita sorte, sabia? A mamãe escolheu os nossos segundos nomes a partir dos nomes de suas duas tias preferidas: Gertrude e Virgínia.

Por uma fração de segundo o semblante de Florence se iluminou.

– Os nomes das tias foram inspirados em Gertrude Stein e Virginia Wolf – disse mamãe. – Duas escritoras extraordinárias.

– Com nomes horríveis – acrescentou Mia.

Mamãe suspirou.

– Acho que vamos indo. Foi uma noite maravilha... – ela se interrompeu e pigarreou. Deve ter parecido um exagero até para ela mesma. – Obrigada pela deliciosa comida, Ernest.

– Sim, muito obrigada – disse Mia. – Agora a gente vai saber valorizar ainda mais as artes culinárias de Lottie.

Eu poderia jurar que vi os lábios do Ernest estremecer quando se ergueu e deu a mão à mamãe.

– Sra. Dimbleby preparou uma sobremesa, mas eu entendo se vocês preferirem ir embora... Ficou muito tarde e as crianças têm escola amanhã. Vou chamar um táxi para vocês. Chega em dois minutos.

– Aqui. – Grayson havia voltado. – Está lavadinho. – Ele me deu um agasalho cinza com capuz e, enquanto Ernest ligava para chamar um táxi, troquei de roupa no banheiro de hóspedes. Estava realmente cheirando a sabão em pó, mas também a codorna frita. Muito gostoso, aliás.

Quando saí do banheiro, estavam todos de pé no corredor esperando por mim. Só Florence é que havia sumido. Provavelmente, já estava fazendo as malas.

Grayson deu um sorriso cansado para mim.

– Fica superbem em você, tem no máximo uns seis números a mais.

– Eu gosto de *oversize* – eu disse, amarfanhando minha blusa nas mãos. – Obrigada. Eu o devolvo então... qualquer hora dessas.

Ele suspirou.

– Pelo jeito, vamos nos ver com frequência nos próximos tempos.

– É, não vai ter como evitar. – Ops, espero que não tenha soado como uma expectativa ansiosa. Dei uma última olhada no seu pulso, mas infelizmente a gravura secreta continuava encoberta pela manga.



Desta vez mamãe não abandonou João e Maria, Mia e eu respectivamente, na floresta, mas no corredor da casa de Ernest, antes de sumir por uma porta dizendo “é para o bem de vocês”.

– Está ouvindo? – perguntou Mia. – Tem umas codornas cacarejando em algum lugar por aqui.

– É verdade!

– A porta da despensa abriu rangendo e de lá saiu... Lottie! Carregando um machado.

– Vou precisar de uma mãozinha. Alguém tem que esticar os pescoços delas para que eu possa abatê-las.

– Se você não fizer isso direito, babá, o meu pai vai demitir você e recontratar sra. Dimbleby. – Florence, muito graciosa de tutu preto cintilante, atravessou o corredor com patins de gelo. Na frente do guarda-roupa, fez uma pirueta e sorriu para nós carinhosamente. – Vocês devem estar procurando a casa de chocolate, não é mesmo? A bruxa ficará muito feliz em conhecer vocês. Grayson, você explica o caminho para elas?

Grayson, que estava encostado na parede ao lado do guarda-roupa, ergueu os olhos do iPhone por um instante e apontou para a porta atrás da qual mamãe havia desaparecido. A maçaneta tinha a forma de um

vanillekipferl gigante.

– Por aqui, fofuras – disse o *Vanillekipferl*, e Mia o seguiu imediatamente.

– É uma cilada, sua boba! – eu quis gritar, mas algo estava entalado na minha garganta, e antes que eu pudesse detê-la, Mia segurou o *Vanillekipferl*, uma garra surgiu do nada, a agarrou pelo colarinho e ela desapareceu.

– E de repente só sobrou uma pequena codorna para dividir o banheiro comigo – disse Florence rindo. – Seja uma boa menina, Liv, e siga sua irmã.

– Não, não faça isso! – sussurrou Lottie atrás de mim. – Ainda é setembro, está muito cedo para confeitos de Natal. – E apontou com o machado para uma porta pintada de verde ao lado da despensa. – Ali atrás você estará em segurança.

– Não se atreva! – berrou Florence, e veio em minha direção com os patins de gelo.

Corri para a porta verde, abri, me esgueirei por ela e a fechei um milésimo de segundo antes de Florence trombar com a porta do outro lado. Foi só então que entendi que era tudo um sonho, aliás, um sonho bem ridículo. (E ainda por cima muito fácil de interpretar, com exceção da coisa com os patins. O que é que meu subconsciente queria me dizer com aquilo?) Apesar de tudo, meu coração ainda batia um pouco agitado.

Hesitante, olhei em volta. Fui parar em outro corredor, um infinitamente longo, com inúmeras portas à direita e à esquerda. A porta pela qual entrei era coberta por uma camada grossa de tinta verde, ornamentos de metal escuros e antigos, uma abertura para cartas do mesmo material e uma bela maçaneta de latão em forma de uma lagartixa retorcida. Decidi voltar, pois agora que eu sabia estar só sonhando, não tinha mais medo de Florence.

Estava morrendo de vontade de mostrar para ela como eu era boa em kung fu. No sonho, melhor ainda do que na realidade. Mas no exato momento em que pressionei a lagartixa, notei uma movimentação a meu lado pelo canto do olho. Uma porta tinha sido aberta e alguém saía para o corredor. Era Grayson. Embora ele estivesse somente a alguns metros de distância, parecia não ter notado minha presença. Fechou a porta com cuidado e murmurou algo incompreensível para si mesmo. Depois, respirou fundo, abriu novamente a porta e desapareceu mais uma vez. Larguei a maçaneta para observar melhor a porta de Grayson. Era igualzinha à porta de entrada da casa dos Spencer, inclusive a escada na frente e a estátua massiva, metade águia, metade leão. Quando me aproximei, a estátua começou a pestanejar, ergueu uma das patas de leão e disse com uma voz inesperadamente estridente:

– Aqui só entra quem disser meu nome três vezes de trás para a frente.

Ah, uma charada! Eu amava charadas. No entanto, elas bem que podiam ser um pouco mais difíceis.

– Mas você é Freddy, o feroz – disse eu.

A estátua abaixou o bico majestosamente.

– Somente Freddy, por obséquio.

– Ah, mas é fácil demais – disse eu decepcionada e um pouco constrangida pela falta de criatividade de meu sonho. – Ydderf, Ydderf, Ydderf.

– Correto! – gritou Freddy. – Pode entrar.

– Pois bem. – Empurrei a porta. Quando atravessei o limiar, não me encontrava, como era de se esperar, no corredor da casa dos Spencer, mas sobre um gramado. Embora fosse noite e estivesse bastante escuro, pude avistar árvores e pedras sobre a terra. Alguns passos a minha frente, Grayson

esquadrinhava o caminho com uma lanterna.

Essa virada de acontecimentos no sonho era definitivamente mais instigante que a versão João e Maria de antes.

– Isso aqui é um *cemitério*? – perguntei.

Num sobressalto, Grayson iluminou meu rosto com a lanterna e deu um pequeno grito de susto.

Eu sorri.

– Pelo amor de Deus, o que é que você está fazendo aqui? – Com a mão que estava livre, esfregou a testa. – Por favor, vá embora.

– Sim, é um cemitério – respondi a mim mesma. Ao longe, pude avistar as silhuetas de várias cruzes, colunas e estátuas. Aliás, meu poder de visão era sensacional e aumentava a cada segundo. – Nós estamos no cemitério Highgate, não estamos?

Grayson me ignorou e direcionou o raio de luz da lanterna sobre um túmulo no chão.

– Que legal! Eu só conheço o Highgate de fotos, mas sempre quis visitar esse cemitério – eu disse. – Ainda que não necessariamente à noite.

Grayson estrebuchou, mal-humorado.

– Eu, com certeza, também não. Isso aqui não passa de mais um local de encontro completamente idiota – ele disse, mais para si mesmo do que para mim. – Como se a coisa toda já não fosse sinistra o suficiente. Além disso, aqui não se vê um palmo diante do nariz!

– Eu vejo. – Precisava me controlar para não sair pulando de entusiasmo. – Eu enxergo no escuro como um gato. E ainda que seja só no sonho, é maravilhoso! Normalmente, sem óculos ou lentes de contato, sou ceguinha feito um tatu. Aliás, o que é que nós estamos procurando?

– Nós não estamos procurando nada. – Grayson parecia muito irritado.

Iluminava com a lanterna os epitáfios das lápides e dos túmulos que estavam no caminho. Pareciam antiquíssimos, muitos estavam rachados ou tomados pela hera, outros eram velados por estátuas de anjos cobertas de musgo. Fios de neblina deslizavam sobre o chão dando autenticidade à cena, e as folhas das árvores farfalhavam ao vento. Certamente haveria também ratazanas. E aranhas.

– *Eu* estou procurando o túmulo de Christina Rossetti.

– Uma amiga sua?

Grayson estrebuchou, mas pelo menos respondeu desta vez. Soou resignado, como se tivesse se conformado com a minha presença.

– Christina Rossetti foi uma poetisa vitoriana. Você nunca precisou analisar um de seus poemas na aula de inglês? *Where sunless rivers weep their waves into the deep**... blá-blá-blá, alguma coisa com estrelas, sombras e rouxinol.

– *She sleeps a charmed sleep. Awake her not**. – Um vulto se desprende da sombra de um salgueiro-chorão e veio declamando em nossa direção. Era o garoto de quem ganhei o páreo ao pegar a toranja, o tipo de cabelos emaranhados do avião. Legal ele aparecer nesse sonho também, eu praticamente já havia me esquecido dele. – *Led by a single star, she came from very far to seek where shadows are her pleasant lot***.

Ah, nada mau. Garotos que sabem recitar poemas. Então ao menos no sonho eles existiam.

– Henry! – aliviado, Grayson saudou o recém-chegado.

– Por onde é que você andou, cara? O túmulo da Rossetti é ali atrás. – Henry apontou para um ponto atrás de si. – Eu não disse que era para você se orientar por aquele anjo sinistro de capuz?

– São todos sinistros no escuro.

Grayson e o recém-chegado executaram uma espécie de ritual-de-boas-vindas-de-jardim-de-infância, um misto de *high five*, dedos cruzados e aperto de mão. Que fofos!

– Ainda bem que você apareceu, senão eu ia ficar uma eternidade rodando por aqui.

– É, era o que eu estava pensando. Jasper também não achou o lugar ainda, Arthur está atrás dele. Quem é essa aí que você trouxe? – Os olhos de Henry pareciam não funcionar tão bem quanto os meus no escuro, ele não me reconheceu de imediato. Mas então soltou um suspiro. – Por que é que estou sonhando com a menina do queijo? Agora há pouco já dei com o Plum, o meu gato que morreu atropelado quando eu tinha doze anos. Passou rosnando pelas minhas pernas.

– Ah, que fofinho! – eu disse.

– Que fofo nada! Estava do mesmo jeito como quando o vi pela última vez: ensanguentado e com as tripas para fora... – Henry estremeceu. – Comparando com ele, você é realmente uma visão muito agradável. Mas ainda assim... vá embora, eu não tenho a menor ideia do que você veio fazer aqui. Desapareça! – ele fez um gesto com as mãos, como se quisesse espantar um inseto incômodo. – Eu já disse: desapareça, menina do queijo! Fora!

Não mexi um dedo e ele ficou irritado.

– Por que é que ela não some?

– Deve ser porque eu não atendo pelo nome de menina do queijo, seu idiota – eu disse.

Grayson pigarreou.

– Acho que ela... é... ela veio parar aqui comigo, Henry. – A julgar pelo tom, isso parecia deixá-lo constrangido.

– Você conhece a minha menina do queijo? – perguntou Henry,

admirado.

– É, parece que sim. – Grayson esfregou novamente a testa com as costas da mão. – Pelo que eu fiquei sabendo hoje à noite, ela será minha nova irmãzinha menor.

– Putz! – Henry fez uma cara de chocado. – Você está querendo dizer....

Grayson fez que sim com a cabeça.

– Eu disse para vocês que a situação lá em casa estava um inferno. Foi um jantar fantástico. Florence teve um chilique quando papai nos informou que a professora, suas duas filhas, a *au pair* e o cachorro basset mudariam para nossa casa. Em duas semanas.

– Buttercup não é basset – eu disse, indignada. – No máximo, um décimo dela é basset.

Os dois não me deram a menor atenção.

– Oh, eu sinto muito mesmo. Ainda por cima isso! – Henry, condoído, tinha colocado um braço em volta dos ombros de Grayson. Seguiram lado a lado pela trilha de onde Henry tinha vindo, um caminho de pedras coberto de plantas. Segui apressada atrás deles.

– Então seu pai está levando isso a sério mesmo. Não me admira que você sonhe com ela. – Henry se virou para mim. – Apesar de que podia ser pior. Ela até que é bem fofa, você não acha?

Grayson virou a cabeça em minha direção.

– E continua nos seguindo.

– É. Parece que, sozinha, ela fica um pouco assustada – eu disse. – Além disso, gostaria realmente de saber o que vocês estão pretendendo.

– Você precisa mandá-la embora – disse Henry a Grayson. – Seja enérgico! Deu certo comigo e Plum agora há pouco. Ele se transformou em espirais de nuvens de fumaças. Você também poderia transformá-la numa

lápide ou numa árvore, mas, por ora, seria suficiente mandar embora.

– OK. – Grayson olhou em volta. – Você não tem medo? – sussurrou ele.

– Tenho, sim – respondeu Henry, sério. – Mas tenho um medo muito maior do que pode acontecer se *não* fizermos isso aqui...

– É um pesadelo – disse Grayson, e Henry fez que sim com a cabeça.

– Bem, não é preciso exagerar, meninos – eu disse. – Vocês estão só dando uma voltinha tranquila à noite num cemitério famoso e eu estou junto. Tem gente que acharia um sonho desses muito legal.

Grayson suspirou.

– Você continua aí!

– Mande-a embora de vez – disse Henry. – É só se concentrar e pedir que ela desapareça.

– Está bem.

Grayson olhou firme nos meus olhos. E como era só um sonho, olhei também com a mesma intensidade para ele. Durante o jantar, não tive coragem de encará-lo assim tão descaradamente, além do mais, eu estava mais de olho no seu pulso. Agora, porém, tinha que admitir que meu futuro irmão enteado era realmente muito bonito, apesar da semelhança com Ernest e Florence. Tudo o que era redondo e suave em Florence, nele, era duro e anguloso, principalmente o queixo. O mais bonito nele eram os olhos, que, à meia-luz, tinham cor de caramelo. Então, seu olhar ficou um pouco embaçado e desceu dos meus olhos para os meus lábios.

Ah! Que lindo sonho! Lindo mesmo. Tomara que Lottie não apareça agora com o machado.

Henry pigarreou.

– Grayson?

– Hum? – Seria um leve rubor o que se via na bochecha de Grayson? Ele

sacudiu a cabeça. – Por favor, Liv, vá embora.

– Só depois que você me disser o que está escrito no seu pulso – eu disse, tentando esconder meu próprio embaraço. – *Sub um...* e o que mais?

– O quê?

– *Sub umbra floreo* – Henry respondeu no lugar de Grayson.

– Você tem que ser mais enérgico, Grayson, tem que querer de verdade.

– Pois eu quero! – assegurou Grayson. – Mas ela é... assim...

– Sei o que você quer dizer – disse Henry. E parou. – Por acaso é o seu moletom que ela está usando?

Acanhada, baixei o olhar. Estava realmente com o agasalho de Grayson. Por cima da camisola. Senti tanto frio na hora de dormir que me levantei de novo para vesti-lo. Além da camisola e do pulôver, estava somente com meias macias de bolinhas cinzas. Era uma característica típica dos meus sonhos: eu nunca estava com a roupa combinando.

Grayson suspirou.

– É, provavelmente esse é o meu agasalho – admitiu. – Meu Deus, odeio o meu subconsciente, por que é que ele faz esse tipo de coisa?

– Ah, pare com isso, podia ser um vexame muito, muito maior. Lembra do pobre Jasper com a sra. Beckett de biquini? E agora ande logo, Jasper e Arthur já devem estar esperando. Quer dizer, isso se Jasper conseguiu chegar até aqui.

– Espero que não – murmurou Grayson. – Aí teríamos talvez mais um prazo até a próxima lua nova...

– *Sub umbra floreo* quer dizer o quê? Sob a terra das flores? – perguntei.

Henry riu baixinho.

– Só tive meio ano de latim – eu disse, um pouco ofendida. – E já faz uma eternidade, não me lembro de quase nada.

– Nota-se – disse Henry.

Grayson balançou a cabeça, aborrecido.

– Agora chega, mesmo! Vá embora, Liv! – disse ele acentuando as palavras com firmeza. – Suma daqui!

Henry olhou para mim, curioso. Devia estar esperando que eu me transformasse em nuvens de fumaça.

– Está bem – respondi, já que nada do gênero aconteceu e o rosto de Grayson tomou uma expressão de desespero. – Se vocês não querem minha companhia, então eu vou embora. Divirtam-se!

Girei sobre os calcanhares e voltei pela trilha de pedrinhas. Dei uma olhada por cima do ombro e vi que Grayson e Henry continuaram me olhando por alguns segundos antes de seguirem na direção contrária. Mal tinham acabado de fazer aquilo, dei uns passos para o lado e me escondi atrás de um tronco grosso de árvore. Será que eles acreditaram mesmo que iam se livrar de mim assim tão facilmente? Claro que não, muito menos agora que o sonho começou a ficar interessante de verdade.

* Trad. livre: “Onde os rios sem sol derramam suas ondas no profundo...” [N. da E.]

* Trad. livre: “Ela dorme um sono encantado. Não a acorde”. [N. da E.]

** Trad. livre: “Conduzida por uma única estrela, de muito longe ela veio para procurar onde estão as sombras, seu aprazível destino”. [N. da E.]



Era divertido! Era tão divertido! No rastro de Grayson e Henry, eu me sentia como a Mulher-Gato. Ou como o James Bond. Ou uma mistura dos dois. O mais legal era a minha visão superapurada. Não havia qualquer poste de luz em toda a área ao redor, nem mesmo a lua brilhava no céu, e mesmo assim eu podia ver tudo com muita clareza, desviar de galhos pendurados e de pedras soltas no caminho. Com as meias macias nos pés, eu caminhava tão silenciosamente que podia ficar a poucos metros dos dois, sempre de olho no próximo esconderijo. Eu só me espantava por ainda não ter acordado. É comum eu despertar quando percebo que estou sonhando, principalmente quando se trata de um sonho tão divertido como esse.

– Aí estão vocês! – O feixe de luz da lanterna de Grayson caiu sobre mais duas pessoas que eu supunha serem Arthur e Jasper. Com um rolamento cinematográfico de judô, escondi-me atrás de uma lápide, para o caso de eles também terem visão de gato. Ergui a cabeça com tanta cautela que mal consegui espiar por cima dos túmulos. Como disse, era divertido.

– Vocês não vão acreditar, mas Jasper estava em frente do portão e não conseguia entrar. – Se não me engano, a voz era de Arthur.

– Estava trancado. – A voz levemente chorosa era de Ken Barba Mágica que, para minha alegria, usava um pijama de flanela quadriculado. Pelo

menos eu não era a única que estava vestida de forma inadequada. O outro garoto, Arthur, eu também já tinha visto de manhã na escola: era aquele com os cachos louros que parecia um anjo. De uma beleza fora do comum.

– Eu queria pular o muro, mas tinha um vigia com um cachorro... e arame farpado...

– Isso é um sonho, Jasper! – disse Henry, impaciente. – Você não precisa entrar pelo portão de entrada. E também não precisa ter medo de vigias, pois, enquanto estiver sozinho, tudo o que vê são somente criações do seu imaginário. Quantas vezes ainda vou ter de explicar isso a você? – Henry olhou em volta e eu abaixei a cabeça rapidamente. – Espero que o seu vigia não nos incomode. Agora mesmo, tivemos que... é... eliminar alguns obstáculos.

Estava falando de mim. Que atrevimento!

– Não se preocupe, nós já cuidamos do vigia e do cachorro – falou Arthur.

– É, aquilo foi legal – disse Jasper. – Arthur fez aparecer uma bola de fogo do nada...

– A gente devia se apressar – Henry o interrompeu. – Já perdemos tempo demais e Jasper vai acabar acordando antes de conseguirmos nossa resposta.

– Não, dessa vez, não – Jasper falou com uma voz orgulhosa. – Tomei um remédio para enxaqueca da minha mãe. Ela sempre dorme dois dias seguidos com ele.

– Mesmo assim, vamos começar – disse Grayson. – Eu não tenho certeza se fechei a porta do quarto direito e, lá pelas três da madrugada, Spot sempre arranha o tapete feito louco para sair... Vocês viram aquilo? – ele apontou para um ponto na neblina. – O que foi aquilo?

– Foi só o vento – falou Henry. Uma rajada de vento tinha realmente balançado os galhos das árvores, mas, por um instante, tive a impressão de ver um vulto esvoaçando no resvalar da neblina.

– Eu pensei que... – Grayson encarava a escuridão.

– Aqui tem lugar suficiente. – Arthur tinha dado uns passos à frente, alcançado a sombra de um velho cedro. Os outros o seguiram. De repente, o clima ficou pesado.

Ansiosa, eu mordia meu lábio inferior. O que iria acontecer agora? Eu torcia para que esse sonho não tivesse esqueletos ou cadáveres apodrecidos, eles sempre me aterrorizavam nos filmes. Por outro lado, estávamos num cemitério e não se podia esperar outra coisa. Por um instante, me perguntei se esse sonho não estava descambando um pouco para os clichês, mas, no fundo, não importava, o principal era que continuasse instigante. (De preferência sem aranhas.)

– Cinco romperam o lacre, cinco prestaram o juramento e cinco irão abrir o portal como está nos escritos. Como é noite de lua nova, viemos aqui para renovar solenemente nosso juramento. – Arthur pegou um graveto e rabiscou alguma coisa no chão, enquanto caminhava em volta a passos largos. No lugar onde a ponta do graveto tocava o chão, a grama pegava fogo.

Fiquei impressionada.

Os outros garotos se posicionaram em volta do fogo. Arthur, com uma voz melodiosa, entoou uma espécie de lamento de que eu, atrás da lápide, só conseguia entender partes porque as chamas estalavam muito alto. – ... *custos opacum*... sabemos que atiçamos tua ira... tens razão de duvidar de nós... juramos que Anabel está arrependida do que fez... está sofrendo... faremos tudo para cumprir nossos juramentos... não a castigue mais...

– E a nós também não – disse Jasper. – Não podemos evitar... – Calou-

se quando notou os olhares irritados dos outros.

– Venha, fale conosco... – continuou Arthur, e as chamas aumentaram.
– ...*foedus sanguinis... interlunium...* Tu que tens mil nomes e que habita a noite... nós precisamos... – O resto se perdeu no crepitar do fogo.

Do que será que precisavam? Quem era Anabel e do que ela se arrependia? E qual juramento queriam cumprir? Eu estava morrendo de curiosidade, mas não tive coragem de me aproximar mais, com medo de que me descobrissem. Até porque Henry estava olhando exatamente na minha direção. As chamas se espelhavam nos seus olhos, o que tornava a cena especialmente assombrosa. Não, me aproximar mais era impossível. A não ser que eu fosse realmente uma gata... Mas, espere aí! Esse era o meu sonho, afinal de contas. Eu poderia ser tudo o que quisesse, até mesmo uma gata. Já tinha me transformado num animal várias vezes num sonho. (Ainda que nem sempre voluntariamente. Até hoje estremeço ao lembrar do sonho em que me transformei num camundongo e Lottie me perseguia com a vassoura.)

– *Custos opacum...* nós te imploramos humildemente, revelas quem deverá ocupar este lugar vazio... *non est aliquid absoconditum...* por favor...

Cerrei os olhos e pensei com toda a força que podia na corujinha que eu, aos nove anos de idade, pude pegar nas mãos num parque na Alemanha. Corujas podiam enxergar à noite ainda melhor do que gatos e podiam voar em absoluto silêncio. Quando reabri os olhos, estava em alturas vertiginosas, vários metros acima da terra, e minhas garras seguravam um galho de cedro.

Que sonho incrível! Tinha pulado a parte em que aprendo a voar e pousei direto num lugar perfeito, no observatório ideal. Meu olhar deslizou pelo meu bico e foi até o chão. Os quatro garotos estavam exatamente embaixo de mim e eu agora podia ver também o que Arthur tinha desenhado: uma grande estrela de cinco pontas, um pentagrama dentro de um círculo.

Em alguns pontos, o fogo da grama ainda ardia a meio metro de altura, mas o resto já estava apagando.

– Nós nos reunimos nesta noite de lua nova, oh, Senhor das Sombras e das Trevas, para que o senhor nos aponte o nome daquela que tornará nosso círculo completo novamente e assim possamos cumprir nossa parte no pacto – exclamou Arthur.

Oh, Senhor das Sombras e das Trevas – nossa! Agora a coisa parecia ainda mais ameaçadora e menos ridícula. Mas eu devia era agradecer por ele estar falando a minha língua e não latim, assim pelo menos podia entendê-lo. Estava curiosíssima para ver se o *Senhor das Sombras e das Trevas* apareceria mesmo.

A princípio, só as chamas é que aumentaram, então a terra no centro do pentagrama se abriu e algo irrompeu do solo com um estrondo. OK, agora a coisa estava ficando assombrada *de verdade*. Meu cedro estremeceu. De tanto medo de que uma criatura do tipo zumbi surgisse se arrastando da terra (o Senhor das Sombras e das Trevas com certeza não era um fofinho!), fechei os olhos num reflexo e abracei um galho. Nisso, esqueci completamente que era uma coruja e não tinha braços. Um erro crasso. Quando voltei a abrir os olhos, não tinha mais nem garras nem penas, mas estava muito mal acocorada na ramagem do cedro com o meu corpo humano, de camisola, pulôver, meia de bolinhas e a certeza de que meu peso era demais para a finura dos galhos. Eles cederam sob o peso do meu corpo fazendo um estardalhaço e, apesar de ter agarrado tudo que estava ao alcance das minhas mãos pelo caminho, desabei feito um rochedo no meio do pentagrama e bem em cima da coisa que havia irrompido do solo. Que, aliás, não era um zumbi, mas simplesmente um paralelepípedo do tamanho de uma mesa de cozinha, bem polido.

Segundo as leis das ciências naturais que conheço, eu teria que ter

quebrado todos os ossos ao bater na pedra, mas, por sorte, as leis pareciam não imperar nesse sonho. Uns poucos espinhos do cedro chuviscaram sobre minha cabeça, uma pinha caiu bem no meu colo, mas fora isso não me aconteceu nada.

Pude me levantar sem sentir dor e ver os rostos completamente consternados dos quatro garotos a minha volta, que me fitavam com os olhos arregalados.

A situação era um tanto embaraçosa, até meio humilhante. Eu não estava mais me sentindo como a Mulher-Gato. Era uma terrível virada naquele sonho. Fechei os olhos bem rápido e torci para que pudesse simplesmente me transformar mais uma vez e sair voando. Infelizmente, não consegui me concentrar numa coruja – também pudera, com eles olhando para mim daquele jeito. Frustrada, sacudi as agulhas de cedro do meu agasalho e puxei a camisola por cima dos joelhos.

Os quatro garotos continuavam com cara de assustados, Henry e Grayson talvez um pouco menos que os outros dois.

– Ainda há pouco eu era uma coruja. Sério! – garanti a eles.

Jasper Barba Mágica estendeu a mão e tocou rapidamente no meu braço.

– Não... não entendo – disse ele. – O que significa isso? Pensei que ele fosse nos dizer um nome e não jogar logo uma menina inteira sobre o altar...

– Quem é você? – perguntou Arthur que, de perto e nessa luz, parecia mais do que nunca um anjo vivo. Um anjo soturno.

Uma rajada súbita farfalhou as folhas das árvores à nossa volta e soprou os cachinhos louros do rosto de Arthur.

– Diga o seu nome, ou... *abeas in malam crucem!*

Ou... o quê? *Desapareça numa má cruz?* Ah, era uma pena eu ter estudado latim por tão pouco tempo. Foi burrice minha acreditar que jamais

iria precisar daquilo. Estava tentada a responder do mesmo jeito melodioso (e ainda me gabar com o único ditado em latim que eu conhecia), algo como: “Eu, oh, indigno, sou a prima do Senhor das Sombras e das Trevas, e *in dubio pro reo*” mas, infelizmente, Grayson e Henry sabiam quem eu era de verdade.

E até Jasper parecia se lembrar de mim. Ele apontou para minhas pernas.

– Mas essa é a filha de missionário que estava com a irmã menor de Pandora Porter-Peregrin na escola hoje! – disse ele, agitado. – Você não a reconhece, Henry? É só imaginá-la com uns óculos pretos grossos e um rabo de cavalo...

Henry não disse nada. Grayson suspirou. O vento sacudiu os galhos do cedro e fez chover mais espinhos e pinhas sobre mim. Um relâmpago rasgou o céu no horizonte e, num piscar de olhos, tive a impressão de vislumbrar um vulto na neblina.

– Você está querendo dizer que essa garota existe de verdade? – perguntou Arthur. – E que frequenta a nossa escola? Você tem certeza?

– Tenho – afirmou Jasper, determinado. – É uma aluna nova. É engraçado porque, quando ouvi que era uma filha de missionário, pensei logo que ainda devia ser virgem. Não é mesmo, Henry? Você também falou com ela. Você não está reconhecendo a garota?

Henry continuou calado. Ele e Grayson entreolharam-se como se estivessem conversando em silêncio. Um relâmpago cortou o céu de novo.

– Então é um sinal – disse Arthur. – Poderia ser *ela* a predestinada! Alguém sabe como ela se chama?

Ouviu-se o estrondo de um trovão distante.

– A predestinada – repeti colocando o máximo possível de desprezo na

voz. – Muito original, mesmo! Se bem que tenho que admitir que essa coisa com a pedra é realmente... aliás, quem é que a arrancou do chão? – Deslizei do paralelepípedo de granito porque tive a impressão de que Jasper estava olhando por debaixo da minha camisola. No mais, parecia que todos eles estavam se aproximando demais de mim. As chamas estremeceram e iluminaram os rostos deles por baixo com uma luz laranja, lançando sombras dançantes sobre suas faces.

Mais um relâmpago. E mais um trovão, desta vez, mais próximo.

– O nome a gente descobre com facilidade amanhã. A irmãzinha de Pandora vai ficar superfeliz se eu perguntar isso para ela. – Jasper riu, satisfeito consigo mesmo. – Ela quase desmaia de alegria só de me ver.

Grayson murmurou algo, mas tão baixinho que se perdeu sob os risos, o farfalhar das folhas e o estalar das chamas.

Nisso, Arthur ergueu seu cajado, solene.

– Nós entendemos, Senhor da Noite. Agradecemos pela resposta. E não iremos decepcioná-lo mais uma vez.

– Desculpe, Arthur, mas ela certamente não é a... é... – disse Grayson levantando um pouco a voz. Esfregou a testa, e agora eu já o conhecia o suficiente para saber que sempre fazia esse gesto quando estava embaraçado. – A culpa de ela estar aqui é toda minha. O nome dela é Liv e ela é a filha da namorada do meu pai. E aparentemente... – ele fez uma pausa e me lançou um olhar irritado. – Aparentemente eu não consigo parar de pensar nela. Sinto muito se estraguei nosso ritual.

Arthur ficou calado. Abaixou o cajado, estendeu a mão e deixou uma mecha do meu cabelo deslizar entre os seus dedos. Num reflexo, recuei.

– De verdade? – perguntou Jasper. – A namorada do seu pai é missionária?

Grayson suspirou novamente.

Henry olhou para mim, pensativo. – É uma coincidência realmente estranha ela cair exatamente no centro do círculo durante o ritual, Grayson – ele disse baixinho, e nisso, mais um relâmpago clareou o céu.

– Desculpem – disse Grayson dando de ombros, chateado. – Talvez fosse melhor começarmos do zero novamente.

– Você não tem do que se desculpar. – Arthur esfregou a minha mecha entre os dedos. Em outra situação, eu teria batido na sua mão, mas por alguma razão misteriosa, não conseguia me mexer. Era evidente que eu tinha perdido o controle do sonho. E sentia com clareza que poderia virar um pesadelo a qualquer momento. E aquilo não me agradou.

– Não creio em coincidências – disse Arthur.

– Eu também não. Não mais, desde... – a satisfação consigo próprio havia sumido do rosto de Jasper. Agora parecia assustado. – ... desde aquilo que vocês já sabem que aconteceu – acrescentou baixinho. – Se você a conhece bem, Grayson, tanto melhor. Assim a coisa fica mais fácil para nós...

E mais um trovão. Para mim bastava. Tinha que fazer alguma coisa antes que essas brincadeirinhas místicas de cemitério virassem definitivamente um pesadelo e meu primo, o Senhor das Sombras e das Trevas, brotasse da neblina e me abatesse com o machado de Lottie.

– Tire as patas de cima de mim, Gandalf – eu disse com firmeza, e tirei meu cabelo dos dedos de Arthur com um tranco. – É tudo muito interessante, mas tenho que ir. Não posso permanecer ao ar livre durante uma tempestade. – Era para soar leviano, mas não funcionou. Infelizmente. Até o limitado do Jasper deve ter notado que eu estava com medo.

Só então é que notei como eram grandes. Todos mediam mais que um metro e oitenta e cinco e pareciam crescer a cada segundo.

Um relâmpago iluminou o cemitério com um clarão. Engoli em seco. As chamas que envolviam o pentagrama cintilaram ainda mais alto e, olhando pelo canto do olho, parecia que braços e pernas estavam crescendo no meio da neblina...

– Estou avisando: eu sei kung fu – Minhas palavras foram acompanhadas de um trovão violento, a terra tremeu outra vez, perdi o equilíbrio e caí. – Ai – gritei, esfregando os quadris. Minha visão de gato tinha acabado abruptamente. Eu tinha caído sobre um piso de mármore duro. Em algum ponto a minha esquerda vi algo pequeno e disforme iluminado por uma luz difusa. Tateei até o objeto e o segurei diante dos olhos. Era uma das bailarinas de porcelana sorridentes e debiloides da sra. Finchley. Eu a tinha varrido para debaixo da minha cama e assim não precisaria olhar para ela o tempo todo. Mas, naquele momento, fiquei extremamente feliz em vê-la.

Eu tinha acordado.

Graças a Deus.



– Guarde o iPad da Lottie, Liv – disse mamãe. – Você sabe muito bem que eu não admito isso à mesa.

– Tenho que pesquisar uma coisa para a escola. Se eu tivesse um smartphone como todo mundo, já teria resolvido isso há muito tempo. – Para nossa desgraça, Mia e eu possuíamos trambolhos primitivos de chip pré-pago, só para casos de emergência, aparelhos usados do meu pai. Inúteis e ridículos.

Digitei “*sub umbra floreo*” no campo de pesquisa.

– Latim? – perguntou mamãe. Parece que ela sabia ler de cabeça para baixo melhor do que eu imaginava. – Para que matéria você precisa disso?

– É... para... – O motor de busca disparou um monte de resultados. Passei meu dedo sobre eles. *Sub umbra floreo*: floresço nas sombras. O enunciado estava inscrito no brasão de Belize. Ah! – Geografia – disse. – Onde é que fica mesmo Belize?

– Na América Central. Ao lado da Guatemala. Antigamente se chamava Honduras Britânicas. – Às vezes mamãe era mais rápida que o iPad e no mínimo tão eficiente quanto a Wikipédia.

– Ah! – Eu me perguntava de onde é que meu subconsciente conhecia o brasão de Belize. Eu tinha praticamente certeza de que ouvia o nome desse

país pela primeira vez. Como é que eu podia sonhar com ele? É estranha a quantidade de coisas que podemos perceber e memorizar no subconsciente.

O estranho era que ainda me lembrava de quase todos os detalhes de meu sonho. Quando criança eu já sonhava muito (e também caía com frequência da cama, houve uma época em que até fui sonâmbula. Lottie gostava de contar que eu, aos cinco anos de idade, me postei uma noite em frente a sua cama e pedi um suco de laranja em espanhol), mas normalmente as lembranças dos sonhos esvaneciam-se bem mais rápido do que eu queria, às vezes até segundos depois de despertar, não importava o quão instigante ou importante ou engraçado o sonho tivesse sido. Por isso, houve uma época na qual me habituei a anotar logo os sonhos mais interessantes. Para isso, mantinha sempre um caderno e uma caneta sobre a mesinha de cabeceira. (Tinha de esconder o caderno durante o dia em um lugar seguro, ninguém jamais poderia ler o que eu escrevia.) Mas no caso desse sonho, não foi necessário anotar.

No mais, eu não tinha sido acordada de noite por uma tempestade de verdade, mas pelo barulho que a coleta de lixo fazia lá fora na rua, as pancadas dos latões vazios e contêineres. Meu coração ainda estava saindo pela boca quando levantei com esforço, tentando organizar os pensamentos. O sonho, por mais que fosse louco, pareceu tão real que a primeira coisa que fiz foi acender a luminária da cabeceira e olhar discretamente para verificar se as solas das meias tinham restos da terra do cemitério, se havia resina colando as palmas de minhas mãos ou espinhos de cedro presos no meu cabelo. O que, naturalmente, não era o caso.

Naquele momento tive que rir de mim mesma. Pelo menos não podia reclamar de falta de fantasia.

– Você poderia me dar mais uma torrada? – perguntou Mia, enquanto eu digitava o nome “Christina Rossetti” na caixa de pesquisa, a mulher cujo

túmulo Grayson tinha procurado no meu sonho. E embora eu tenha escrito errado, havia inúmeros resultados.

– Essa será a sua quinta torrada – disse mamãe a Mia. E, se dirigindo a mim: – Você não ouviu? Não quero o iPad à mesa. Guarde isso.

Mas não dava para guardar porque o display acabava de revelar coisas impressionantes: Christina Rossetti era de fato uma poetisa vitoriana que faleceu em 1894. Encontra-se enterrada em Londres, no cemitério Highgate.

Agora a coisa estava ficando mesmo um pouco assombrosa.

Fechei a capa do iPad e o afastei de mim.

– Você preferiria que eu fosse anoréxica? – perguntou Mia. – Meninas da minha idade correm um grande risco, principalmente as que vivem em constelações familiares instáveis.

Mamãe lhe passou a cesta de pão.

Pensando bem, tão assombrosa a coisa também não era. Ignorei meu arrepio e abri de novo a capa do iPad. Com certeza, havia uma explicação lógica para tudo aquilo. Afinal, minha mãe era professora de literatura, era muito provável que eu já tivesse ouvido o nome de Christina Rossetti, até porque, ela era contemporânea de Emily Dickinson, de cujas poesias mamãe e eu gostávamos muito. Em algum canto do meu subconsciente deve ter sido armazenada a informação sobre o lugar onde Christina Rossetti estava enterrada. E na noite passada essa informação escapou para o meu sonho. Simples assim!

Por outro lado, eu não conseguia me lembrar das palavras exatas da poesia que Grayson e Henry recitaram no meu sonho, mas sei que era rimada e soava muito verdadeira. E boa. Se meu subconsciente escreveu aquilo, eu devia ser um gênio.

– Mãe, você conhece Christina Rossetti? – perguntei.

– Claro. Tenho uma edição ilustrada belíssima do livro *Goblin Market* numa das caixas de mudança.

– Por acaso você leu as poesias dela para mim quando eu era criança?

– É possível. – Mamãe tirou o iPad da minha mão e fechou a capa. – Mas na verdade você só gostava de poesias com final feliz. As da Christina Rossetti são melancólicas.

– Como o clima aqui em casa. – Mia olhou para a porta da cozinha pela qual Lottie havia acabado de passar. Lottie sempre se trancava no banheiro por quinze minutos depois da segunda xícara de café – todas as manhãs, sem exceção. – Você por acaso já falou para a Lottie que você e sr. Spencer vão pôr ela para fora em breve, ou somos nós que teremos que fazer isso?

– Ninguém vai pôr Lottie para fora – disse mamãe. – A etapa como *au pair* nesta família chegou ao fim e Lottie já sabe disso há muito tempo. Afinal, vocês não são mais crianças, ainda que sejam tão imaturas. Ontem à noite eu me envergonhei muito do comportamento de vocês...

– Idem. – Mia passou uma colherada cheia de geleia na sua torrada e tentava manobrar aquela pilha toda até sua boca evitando que o pão se partisse ao meio.

– Para onde é que a Lottie vai quando não estiver mais com a gente? – perguntei. Por um momento, esqueci Christina Rossetti e meu sonho tumultuado. – Ela não estudou nada. Se você e papai não a tivessem convencido a ficar com a gente depois do ano como *au pair*, ela teria estudado e seguido uma carreira. Foi por nós que abdicou de tudo, e agora que está velha, tem que ouvir que não precisamos mais dela. É jogo sujo.

Mamãe deu uma risada.

– Meu Deus do céu, Liv, não seja tão dramática! Primeiro, foi uma decisão voluntária de Lottie na época e, na minha opinião, não foi das piores:

ela conheceu muito do mundo, aprendeu línguas estrangeiras e, valha-me Deus, não ganhou nada mal durante todos esses anos. Toda a pensão alimentícia do pai de vocês foi para o salário dela. E segundo, ela acabou de fazer trinta e um anos, se isso é velha, o que é que eu sou, por favor?

– Anciã – disse Mia com a boca cheia.

Mamãe suspirou.

– O que disse Lottie sobre a demissão iminente?

– Deve ter chorado. – Mia parecia que iria, ela mesma, cair no choro. – Pobre da nossa velha Lottie.

– Que absurdo! – falou mamãe. – É claro que Lottie sentirá a nossa falta, mas ela também está ansiosa por novos desafios.

– Oh, sim, claro. – Será que mamãe achava que nós éramos bobas?

– Além do mais, tudo isso ainda tem tempo – disse mamãe. – Seja como for, ela fica conosco até a Páscoa, talvez até o fim do ano. Veremos. Em todo caso, ela terá tempo suficiente para pensar o que quer fazer depois.

– Buttercup ficará certamente anoréxica – disse Mia. – Vocês se lembram de quando Lottie teve que ir para a Alemanha porque a avó dela morreu? Butter ficou sete dias sem comer nada.

Olhei para a porta, mas os quinze minutos de Lottie ainda não haviam passado. – Com certeza está tentando ser valente, a pobre Lottie. Isso vai partir seu coração.

– Será que vocês não estão atribuindo uma importância exagerada a vocês mesmas? – disse mamãe. – Não podem imaginar que alguém possa viver muito bem sem vocês?

– É, aposto que *você* sonha com isso desde que conheceu o sr. Spencer – disse Mia.

Mamãe revirou os olhos.

– Sério, minhas fofuras, deixem de ser egoístas. Lottie poderia enfim conhecer um homem, construir um lar e ter seus próprios filhos.

Mia e eu nos entreolhamos. Provavelmente estávamos pensando a mesma coisa.

– Boa ideia! – disse Mia com os olhos brilhando. – Se quisermos que Lottie seja feliz, basta arrumar um marido para ela.

Mamãe riu.

– Então, boa sorte! – disse ela.



Meu armário na escola tinha o número 0013 e, com isso, encontrava-se numa área privilegiada no começo do corredor. No entanto, eu suspeitava de que ele só estava livre porque ninguém tinha querido o número 13. Que bom que não sou supersticiosa. Eu não acreditava em números de azar e muito menos em horóscopo ou que um trevo de quatro folhas desse sorte. Por mim, podia até mesmo um bando de gatos pretos atravessar a rua da esquerda para a direita ou vice-versa ou espelhos se quebrarem numa sexta-feira 13. (Lottie, que não perdia uma ocasião de bater na madeira três vezes, dizia que minha desconfiança diante do transcendental estava ligada a meu signo, pessoas de libra com ascendente em áries seriam os maiores céticos. Querem sempre saber a razão de tudo e exigem provas, motivo pelo qual eu, ainda criança, não acreditava na existência do Papai Noel nem de fadas.)

Meu armário era incrivelmente espaçoso, eu o enchi com uns 50 quilos de livros, cadernos e arquivos, mais a bolsa de ginástica, e ainda teria lugar suficiente para uma cesta de piquenique e uma raquete de tênis. Não que eu precisasse de uma. Nesse trimestre, por falta de melhores alternativas, escolhi atletismo. Na verdade, queria ter experimentado um esporte tradicional do país, mas a oferta na Frogmal Academy infelizmente não era tão britânica quanto levava a crer o brasão no portão da escola. Para o meu ano escolar,

não havia curso de remo nem hóquei, críquete ou polo. Uma decepção!

Quando fechei a porta do armário, quase deixei cair meu material de inglês de tanto susto. Dei de cara com Ken Barba Mágica, sorrindo abertamente para mim com seus dentes muito brancos. De imediato me vieram todos os detalhes do sonho louco, inclusive Ken Barba Mágica de pijama de flanela quadriculado.

– Oi, Liz – disse ele, e estendeu a mão para mim. Eu estava tão assustada que até aceitei o aperto de mão. – Nós já tivemos o prazer de nos conhecer ontem, mas esqueci completamente de me apresentar. Eu sou Jasper. Jasper Grant. – Como não respondi nada, ele riu. – É isso mesmo. O Jasper Grant. – Por mais incrível que pareça, ele estava rindo do mesmo jeito que riu no sonho: uma risada de quem está muito satisfeito consigo mesmo.

Retirei minha mão e tentei ocultar o nervosismo.

– Mas espero que você não acredite em tudo que Afrodite Porter-Peregrin conta sobre mim – acrescentou. – O fato é que Madison não terminou comigo, eu terminei com ela.

Oi? Por fim, reagi.

– Ah, que alívio – disse eu, sarcástica. – Eu bem que suspeitava.

– Bem, você sabe como são essas coisas. Para uma menina é sempre uma vergonha ser descartada. – O olhar de Jasper deslizou por meu corpo e parou em minhas pernas. – Mas acho que ninguém ainda descartou você, não é mesmo, Liz? – disse ele num tom bajulador. – Imagino que seja bem bonita sem os óculos... não é, Henry? – E acenou por cima de meus ombros. – Veja só quem está aqui! – E a última frase soou triunfante. – A pequena Liz.

Eu me virei devagar. Henry estava atrás de mim, no meio do tumulto, mais pálido e desganhado do que nunca.

Henry. No meu sonho ele também tinha esse nome. O estranho era: eu

podia jurar que o nome não tinha sido citado durante nosso encontro com Perséfone e a toranja. Como era possível eu ter batizado o garoto no sonho com o nome tão certo de Henry?

E por que é que eu estava com a pele arrepiada?

– *Jasper* – disse Henry, dilatando as letras.

Por outro lado, talvez Grayson tenha pronunciado o nome durante algum telefonema que eu ouvi, e além disso, Henry era um nome comum e ele tinha cara de Henry.

– O que foi? – Jasper sorriu para Henry. – Não se pode mais retomar um contato? – Colocou a mão sobre meu ombro. – Liz está impressionada que Jasper Grant lembre de seu nome, não é verdade?

– É, principalmente porque é o nome errado – disse, me libertando de seus braços. – Meu nome é Olívia.

– Também é lindo! Um nome muito fofo para uma menina fofa – disse Jasper, absolutamente seguro de si. Acho que até o verdadeiro Ken Barba Mágica devia ter um cérebro maior dentro de seu crânio de plástico. – Mas acho que você devia usar o cabelo solto. Tenho certeza de que ficaria muito melhor, principalmente quando está assim emaranhado. Não concorda, Henry?

Pelo jeito, Henry preferia ficar calado. Abriu o armário de número 0015, mas continuava me observando de longe com a mesma expressão pensativa que tinha no sonho.

Sacudi a cabeça, tentando me conter.

Consultoria de estilo com Ken Barba Mágica e olhares indecorosos de um desganhado – havia maneiras melhores de se começar o dia. Com meus livros apertados contra o peito, escapuli por entre Jasper e Henry.

– Espere aí! – Jasper gritou atrás de mim, mas fingi que não o ouvi.

Precisava sumir dali, senão não conseguiria parar nunca de pensar naquele maldito sonho!

No entanto, não foi tão fácil. Naquele dia, tudo, mas tudo mesmo parecia querer com toda força que eu lembrasse do sonho. Na aula de inglês trabalhamos poesias da época vitoriana e a cada um de nós foi atribuído um escritor cuja vida e obra teríamos que apresentar à turma no decorrer das próximas semanas. O susto ao constatar que Christina Rossetti também estava na lista (estaria me perseguindo?) foi tão grande que esqueci completamente de me inscrever para pegar Arthur Conan Doyle e por pouco não fiquei com Emily Brontë. Por sorte, o garoto que tinha se decidido por Elizabeth Barrett Browning lembrou no último minuto que poesia era coisa de menina. Fiquei muito aliviada de poder trocar com ele, pois já tinha levado uma nota ruim no ano passado em Pretória por não ter interpretado o romance *O morro dos ventos uivantes* de acordo com a perspectiva da professora. (Eu me recusei a justificar o comportamento de Heathcliff por causa de sua infância difícil. David Copperfield de Charles Dickens também teve uma infância difícil, e se tornou uma boa pessoa.)

A terceira aula, que era de música, bem que poderia ter me distraído, mas a professora se chamava sra. Beckett e eu tinha certeza de que seu nome também tinha sido citado em meu sonho. Além disso, o tema “cantos gregorianos” me fazia pensar inevitavelmente na ladainha de Arthur. *Custos opacum...* apareça e se dirija a nós. O sonho não me largava, não saía de minha cabeça, como uma ideia fixa.

A aula seguinte era de francês e Perséfone Nariz-Arrebitado sentou-se a meu lado.

– Oi, Liv! Espero que você não tenha nada contra eu ter trocado de lugar com Julie. Afinal, sou a sua madrinha e tenho que tomar conta de você. – Ela ignorou minha expressão de espanto e sorriu aquele sorriso melado. –

Excelente performance, Liv, há um dia na escola e já no Tittle-Tattle Blog.

– No quê?

– Aliás, os óculos ficam muito bem em você, já queria ter dito isso ontem. Tem algo assim... é... retrô.

Burguesinha idiota. Eu mesma já sabia que aquele trambolho preto de aros grossos tinha sido uma má compra, só os comprei porque, como eram enormes, davam a impressão de reduzir sensivelmente o meu nariz. O que, pensando bem, não devia ter sido o argumento central para a compra. Mas eles agora eram meus e eu tinha que fazer o melhor da situação.

– Obrigada. Emma Watson tem o mesmo modelo – disse.

– Ah, é? Eu não sabia que Emma Watson usava óculos.

E não usava mesmo, mas quem ia confirmar?

Perséfone se curvou um pouco mais para perto de mim e sussurrou:

– É verdade que sua mãe vai se casar com o pai dos gêmeos Florence e Grayson Spencer?

Ai, meu Deus! Eu nem tinha pensado nisso ainda. Ninguém falou em casamento até agora. Mas, do jeito que as coisas andavam, isso não estava completamente fora de cogitação.

– Bem, eles são... um casal – disse tensa.

– Que loucura! – disse Perséfone ainda mais animada. – O blog está muitíssimo bem informado mais uma vez. Ah! Ser a futura irmã menor de Grayson Spencer deve ter lá as suas vantagens, com certeza – falou, tocando levemente minha mão. – É claro que ele não pode levar você ao Baile de Outono, mas ele e Florence certamente tentarão colocar você na mira de algum amigo. A questão é: de quem?

– O que é um tittle-tattle blog? – O nome soava meio indecente. E por que Grayson não podia ir comigo ao baile? Teoricamente, claro.

– Para o Jasper, você é jovem demais. Você só tem quinze anos, não é mesmo? E provavelmente não é bonita o suficiente. E para Arthur, bem, quem é bonita o suficiente para Arthur?

Perséfone suspirou profundamente e fiquei com a impressão de que ela não estava mais falando comigo, mas pensando alto. Sem respirar e sem dar a mínima para minha cara de perturbada.

– Sobra só Henry Harper, mas será que conseguem convencê-lo a ir a um baile? Por mais que eu me esforce, não consigo imaginá-lo de fraque. Ano passado ele não apareceu e também não foi ao Baile de Encerramento. Naturalmente eu fiquei sabendo do boato de que ele e Anabel Scott... mas, ah!, por favor! Ninguém acredita nisso, o blog pode dizer o que quiser e bem entender.

Ai, meu Deus, o que é que ela tinha? E será que era contagioso? Recuei um pouco, instintivamente, mas Perséfone avançou de imediato em minha direção.

– Por outro lado, Secrecy teve um bom faro até agora. Ela também sabia que Madison e Jasper tinham terminado, até mesmo antes deles próprios.

Sra. Lawrence, a professora de francês, entrou na sala de aula e pediu silêncio, mas infelizmente Perséfone não deu a mínima.

– Se Florence cuidar de seu caso, pode ter certeza de que você terá que ir ao baile com o irmão espinhento da Emily Clarks – Perséfone continuou seu raciocínio. – Melhor ir com Sam, o espinhento, do que não ir. Eu fui ao baile no ano passado com Ben Ryan e isso não me incomodou nada. Estou saturada de esperar que Jasper se lembre de meu nome ou que simplesmente note que existo. Como garota, quero dizer. Este ano vou com Gabriel, ele está devendo um favor a Pandora e também é da equipe de basquete. E acredite que vou cuidar para que seja a noite mais linda de sua vida. Porque no vestiário os meninos não têm segredos uns para os outros. Gabriel vai falar

tão bem de mim diante do Jasper que ele vai ficar pálido de inveja e nunca mais vai me chamar de Afrodite...

– Eu disse, *un peu de silence, s’il vous plaît*, e isso também vale para você, Perséfone! – Sra. Lawrence tinha se postado a nossa frente, a testa enrugada, e dava a impressão de estar muito irritada. Ainda assim, nunca foi tão bom ver uma professora.

– *Pardon, Madame*. Liv é nova e tem tantas perguntas – disse Perséfone, desculpando-se com o olhar. – Psiu, Liv! – sibilou tão alto quanto como se estivesse no palco. – Depois a gente continua essa conversa. – Curvou-se então para pegar seus livros e me deixou olhando para o relógio, exausta.

Uau! Foram no mínimo trinta e sete nomes e a mesma quantidade de fatos em dois minutos. Eu não entendi nem uma palavra daquilo tudo. Só uma coisa era certa: eu não iria a nenhum lugar com o irmão espinhento de Emily.

Tittle-Tattle

★ B L O G ★



Aqui no Tittle-Tattle Blog, o blog das fofocas da Frognal Academy, você saberá das intrigas mais recentes, dos melhores boatos e dos atuais escândalos da nossa escola.

SOBRE MIM:

Meu nome é Secrecy – estou no meio de vocês e conheço todos os segredos.

ATUALIZAÇÕES

ATIVIDADE

4 de setembro

Bom dia, meus queridos!

Para acordar: vai aí uma foto que acabei de tirar perto dos armários da escola. Voilà: eis a nova proprietária do armário 0013.

Então, o que vocês acham da recém-chegada à Frognal Academy, Liv Silber, segundo ano do ensino médio? O pai dela é um renomado astrofísico alemão e

a mãe, professora universitária de literatura em Oxford, que irá casar em breve com o pai de Grayson e Florence Spencer. A mudança para a mesma casa está prevista para outubro. Mia, a irmã menor de Liv, está no oitavo ano do fundamental e tem a mesma cor fascinante de cabelo. Louro irisado, é como chamam essa cor, exatamente a mesma cor das mechas que a nossa Hazel-ex-Rolo-Compressor-Pritchard mandou fazer no salão por noventa libras esterlinas, só que as das irmãs Silber são naturais e gratuitas. Invejável, não é mesmo, Hazel? Já ouvi umas fofocas sobre os óculos das duas, mas eu os acho bem estilosos. Pois é, Grayson, em breve você terá três irmãs. Parabéns! Que bom que Emily não é do tipo ciumenta...

Semana que vem começa também mais uma temporada de basquete, uma boa ocasião para ver de perto Arthur e cia. Depois que a Frognal Academy se superou nos jogos da última temporada surpreendendo ao ganhar o troféu, espero arquibancadas lotadas nesta temporada com todos torcendo por nossos meninos. Esses uniformes esgarçados são, do ponto de vista estético, realmente o fim da picada (até mesmo os uniformes com camiseta polo tem mais *sex-appeal*). Mas, pessoalmente, estou ansiosa pela imagem suada de nossos quatro

mosqueteiros, Arthur Hamilton, Henry Harper,
Grayson Spencer e o rei-da-cesta-de-três-pontos,
Jasper Grant.

A todos, um bom dia escolar. Ah, sim! Se querem que
o dia seja *realmente* bom, então não se aproximem do
sr. Daniels hoje. Ontem à noite ele mandou para
dentro meio quilo de cebola no seu sanduíche no
bar turco.

A gente se vê!

Secrecy



Tittletattleblog.wordpress.com





A biblioteca da Frognal Academy tinha 14 estações de trabalho equipadas com computadores e acesso à internet, e todas estavam livres. Provavelmente porque qualquer aluno, além de mim, possuía *smartphone* ou *tablet* e podia atualizar seu status no Facebook a cada cinco minutos. E até na hora do almoço o movimento ali era pequeno, além da bibliotecária só havia um menino mais novo sentado no canto, lendo. Escolhi um monitor bem no fundo, um que não se via da porta, para o caso de Perséfone ter a ideia de vir me procurar. Ao que parece, ela havia decidido ser minha amiga daqui para a frente. Não tinha nada a ver com uma simpatia repentina, mas com minha relação com a família Spencer, que, pelo jeito, compensava a falta de minas de diamante e pais diplomatas. Era muito mais agradável quando ela me ignorava. E, principalmente, mais tranquilo. Ela me seguia até mesmo no banheiro e falava sem parar. Sob o pretexto de ir procurar minha irmã, escapei. Eu preferia não almoçar a passar mais um minuto que fosse na companhia de Perséfone.

Além do que, me restavam 45 minutos para valiosas pesquisas. Primeiro, queria checar se Perséfone realmente havia lido as informações sobre nossa futura ligação familiar num blog. E, de fato – os termos “Grayson Spencer”, “Liv Silber” e “Frognal Academy” levaram direto a um site chamado Tittle-

Tattle Blog – o blog da Frognal Academy, escrito por uma tal de Secrecy. O último comentário tinha a data de hoje, oito e meia da manhã. Prendi o fôlego ao ver a manchete: uma foto minha, abrindo o armário na escola.

Putz!

Às pressas, li o que estava embaixo, duas vezes, para me assegurar de que não tinha lido errado. Respirei fundo. Louro irisado! Essa Secrecy (ou será *esse* Secrecy?) estava perfeitamente informada – só a história com papai é que não batia, ele não era nem famoso nem astrofísico; como engenheiro, era responsável pelo desenvolvimento de automóveis híbridos. Mas o resto estava certo – e era assustador! Ela ou ele tinha me espionado perto dos armários para me fotografar. *Estou no meio de vocês e conheço todos os segredos...*

Fui descendo com o cursor para os posts mais antigos. Estilo redacional e o conteúdo lembravam um pouco as revistas ilustradas que eu adorava folhear na sala de espera do dentista, só que aqui não se falava de atores famosos ou da aristocracia europeia, mas dos alunos e professores da Frognal Academy e seus familiares. Pelo jeito, Secrecy conhecia de fato todos os segredos, e quanto mais maliciosos, melhor. Ela desvendava casos secretos ou revelava a homossexualidade dos outros antes que as próprias pessoas pudessem fazê-lo, e sabia quem estava se separando de quem e por quê. Seus artigos eram impiedosos e cruéis. E, de certa forma, *bem* divertidos.

Era um milagre que, ao que parece, ninguém ainda tivesse descoberto quem ela era – o certo era que metade das pessoas citadas em seu blog deveria nutrir um desejo forte de assassiná-la. E a outra metade desejava (no mínimo) arrancar-lhe os cabelos um por um. Mas a tirar pelos comentários, tinha também um monte de fãs.

“Nem tentem descobrir quem eu sou. Até hoje ninguém conseguiu.” Para mim isso parecia um desafio pessoal. Eu não conseguia resistir a enigmas e mistérios. Em todo caso, atrás de Secrecy estava alguém próximo a Florence

e Grayson, pois só eles é que sabiam dos planos de Ernest e mamãe. E mesmo assim, só desde ontem à noite. Ou teria Secrecy ouvido acidentalmente uma conversa? Será que tinha informantes secretos? Ou sabia como grampear telefones? Saberia acessar e-mails de contas privadas?

Alguém pôs a mão sobre meu ombro e dei um pulo. Estava tão compenetrada que nem dei atenção à movimentação em volta, ainda que a tenha notado pelo canto do olho.

Para meu descanso, não era Perséfone que tinha descoberto meu paradeiro, mas Grayson. E graças a Secrecy, eu agora sabia que ele era um extraordinário jogador de basquete, redator-chefe adjunto da revista escolar *reflexx* e que tinha quebrado o coração de uma menina chamada Maisie Brown no ano passado porque foi ao Baile de Outono com Emily Clark, a melhor amiga de Florence, em vez de ir com ela. (Ah! Com certeza essa deve ser a Emily do irmão espinhento; aos poucos, tudo estava se encaixando.)

– Oi – ele sussurrou.

– Oi – sussurrei de volta.

Então notei que não estava sozinho. Um pouco mais adiante, atrás dele, o limitado do Jasper tinha se sentado na quina de uma mesa, a seu lado estava Henry, encostado em uma estante de braços cruzados.

Por um segundo, senti-me transportada para meu sonho e me vi desabar novamente do cedro, direto aos pés deles. *Ainda há pouco eu era uma coruja, sério!*

Por sorte, meu braço estava sobre o bloco de anotações; assim, Grayson não pôde ler o que eu tinha escrito, mas em compensação, ele já tinha lançado um olhar para o monitor.

– Não gostou da sua foto tirada pelo paparazzo? – perguntou ele, ainda sussurrando. – Você até que teve sorte, ela uma vez me fotografou com um

pedaço de gelo no nariz.

Dei risada. Precisava sem falta procurar aquela foto mais tarde. Jasper e Henry nos observavam descaradamente, mas pelo menos não podiam nos ouvir enquanto estivéssemos sussurrando. Fechei o bloco de anotações e apoiei os cotovelos em cima dele.

– Como é que você sabe que Secrecy é “ela”? – perguntei.

Grayson deu de ombros.

– Ora, um garoto não poderia descrever com tantos detalhes rendas e babados de vestidos de baile.

– A não ser que faça isso de propósito para que pensem que ele é uma menina.

– Nisso eu ainda não tinha pensado. – Ele coçou o nariz e eu vi que as palavras haviam desaparecido de seu pulso. Aparentemente, era mesmo canetinha. – O que é que você está fazendo aqui?

– Estou me escondendo de Perséfone Porter-Peregrin, minha mais recente melhor amiga. E você?

– Nós, hã.... A propósito: esses aqui são os *meus* melhores amigos. Jasper e Henry, você já conhece, eu acho. – Ele suspirou. – E esse é Arthur.

De fato. Arthur surgiu de trás de Jasper e Henry.

– Pode falar alto, Grayson – disse ele. – A boa srta. Cooper está no almoço e deixou a biblioteca em muito boas mãos. – Sorrindo, veio em nossa direção.

Henry e Jasper abandonaram seus postos de observação e também se aproximaram.

– Oi. Você deve ser a nova irmã menor de Grayson. Liv, certo?

Fiz que sim com a cabeça. Meu Deus, ele realmente era o garoto mais bonito desse hemisfério, nesse ponto Secrecy tinha razão. Aqueles cachinhos

dourados de anjo! Qualquer um pareceria uma menina com esse cabelo, mas nele era perfeito. À luz do dia ele também não tinha nada de noturno, pelo contrário. Minha memória de curto prazo juntou as informações lidas pouco antes no Tittle-Tattle Blog e formou um prontuário que, na minha imaginação, fixei ao lado da sua cabeça:

Arthur Hamilton, 18 anos. Capitão da equipe de basquete. Num relacionamento a distância com Anabel Scott. Matérias preferidas: educação física e matemática. Cor preferida: azul. Uma advertência por briga no último inverno. Pai: gerente de uma grande agência de publicidade inglesa. Possui um cinema privado em casa.

– E aí, está gostando da Frogna?

– Parece muito... interessante – disse.

– Ela acaba de descobrir o Tittle-Tattle Blog – disse Grayson.

Arthur riu.

– É, “interessante” é a palavra certa. – Ele e Henry se entreolharam rapidamente. Henry tinha voltado a se encostar na parede, de braços cruzados. Parecia ser sua posição preferida. Salvei um monte de informações sobre ele também:

Henry Harper, dezessete anos. Lateral na equipe de basquete Frogna Flames. Filho do terceiro casamento de uma celebridade do campo dos negócios londrinos. Terá que dividir sua herança com um bando de irmãos e meios-irmãos. Mas isso se sobrar alguma coisa, pois o pai se apaixonou novamente no último inverno, a saber: por uma modelo de lingerie búlgara/garota de programa e pretende fazer dela a esposa número quatro. Excelentes notas.

Aspirante a uma bolsa na Universidade de St. Andrews. Atualmente solteiro. Lindos olhos cinza, que encaram de um jeito estranho.

Desviei rapidamente o olhar e fingi que estava procurando algo na mochila. Quando Henry me olhava, eu sempre tinha a impressão de que ele podia ler meus pensamentos.

– Você gosta de basquete, Liv? – perguntou Arthur. – Vamos fazer uma festinha de inauguração da temporada no sábado à noite, lá em casa; seria bacana se Grayson trouxesse você. Aí já poderá conhecer umas pessoas. A gente tem também uma piscininha, então leve um biquíni se quiser nadar.

Pestanejei, desconfiada. Será que ele estava falando sério? Ele tinha acabado de me conhecer!

– E aí, você vem?

Por outro lado, por que é que as pessoas não podem ser simpáticas simplesmente? Além do mais, eu estava louca para ver o cinema privado.

– Se Grayson me levar, será um prazer – disse.

– A gente precisa primeiro perguntar a sua mãe – interveio Grayson. E, direcionando-se aos amigos, continuou: – Ela é muito rígida com as saídas noturnas de Liv.

Como é que é? Mamãe não era nada rígida, pelo contrário. Ela vivia me contando tudo que já tinha feito na minha idade. Até em Pretória, que não é mesmo um lugar dos mais seguros, eu podia ficar na rua no fim de semana pelo tempo que quisesse. Para sorte dela, eu nunca quis ficar na rua muito tempo.

– É... claro – eu disse, lançando um olhar incrédulo para Grayson. Por que ele disse aquilo? – Minha mãe é extremamente... rígida.

– Mas isso eu acho muito bom – disse Jasper. – Para as meninas.

Antes que alguém pudesse descobrir o que ele queria dizer com aquilo, o sinal tocou indicando a retomada das aulas.

– É só uma festinha inocente – disse Arthur enquanto eu juntava minhas coisas para me levantar. – Com certeza sua mãe não vai se opor.

Não, pelo contrário, ela vai ficar entusiasmada de eu ter me enturmado tão rápido. E ainda por cima, com a galera mais popular da escola. Enfim, algo diferente e muito melhor do que ter a cabeça enfiada numa privada.

– Além disso, você estaria em companhia de seu novo irmão mais velho, tão responsável, que tomará conta de você – disse Henry.

– Eu sei tomar conta de mim mesma muito bem – retruquei.

– Claro! – disse Jasper, reprimindo um riso. – Você luta kung fu.

Eu já tinha me virado para ir embora, mas parei no meio do movimento.

– *Como é que é?*

Jasper soltou o riso.

– Por que é que vocês estão olhando com essa cara? Foi ela mesma que disse no cemitério, vocês não lembram? Ou será que isso também é um lance igual ao vigia?

Os outros olharam para ele com uma cara bem estranha, a exceção de Henry, que olhava para mim. Com muito mais interesse do que eu esperava.

Fiz um esforço para parecer neutra, mas temia que não estivesse funcionando. O meu corpo inteiro estava com a pele arrepiada. Não era possível... não podia ser.

– Em que cemitério? – perguntei com bastante atraso.

– Ah, não ligue para mim – disse Jasper, contente. – Eu só falo bobagens.

– De fato! – disse Grayson com um sorriso amarelo. Arthur revirou os

olhos e riu. Só Henry conseguiu se conter.

OK. Calma! Eu podia pensar sobre tudo isso mais tarde. Primeiro eu precisava sair dali.

– Eu tenho que ir. – Ignorei o olhar penetrante de Henry, apertei as coisas debaixo do braço e fui andando em direção à porta. – Tenho duas aulas seguidas de espanhol.

– *Que te diviertas* – disse Arthur a minhas costas.

– Até mais tarde – murmurou Grayson.

A última coisa que ouvi antes de fechar a porta da biblioteca para voltar a respirar foi a voz de Henry dizendo:

– Jas, você devia parar de tomar os remédios da sua mãe!



Mais calma, voltei a analisar os fatos. Tive um sonho confuso que se passou no cemitério Highgate e tratava de uma espécie de invocação de espíritos, durante o qual eu, infelizmente, caí sobre um altar bem no meio de um pentagrama em chamas. Até aí, tudo louco. Mas nada extraordinário. Só que Jasper se recordava de algo que eu tinha dito nesse sonho. *Isso* era extraordinário. Não, era até mesmo impossível. Jasper *não podia* ter sonhado a mesma coisa que eu.

Mas então, como é que ele sabia o que eu havia dito em meu próprio sonho?

O que Sherlock Holmes costumava mesmo dizer? Quando se exclui o impossível, o que sobra tem que ser necessariamente a verdade, ainda que soe muito improvável. Mas, o que sobra quando *não* se pode excluir o impossível?

E também não foi só esse comentário que me deixou com a pulga atrás da orelha. Pela manhã, já havia sentido algo estranho no papo de Jasper sobre meu cabelo e a coisa com o nome de Henry. E o que foi aquilo da Christina Rossetti e a tatuagem do Grayson? Seriam somente coincidências estranhas e obra de meu subconsciente genial? Muito improvável.

Não. Era óbvio: alguma coisa estava errada com esse sonho. Eu não só

tinha sonhado muito claramente como também com coisas que não tinha como saber, com lugares nos quais nunca havia estado. E o pior era que não tinha sonhado sozinha. E é aí que a coisa complica: embora o interesse dos amigos de Grayson e o convite de Arthur tivessem me deixado orgulhosa, eu não acreditava mais em simpatia gratuita. Eles queriam algo de mim – e não tinha nada a ver com meu charme, mas com aquele sonho.

Mas, como disse, era impossível. O que quer que eu pensasse, no fim, o raciocínio sempre deparava com a palavra “impossível”, como com um muro intransponível. Doze horas mais tarde, eu ainda não tinha uma explicação satisfatória, mas, em compensação, dores de cabeça terríveis.

Estava sentada há horas na cama com medo de adormecer. Tinha escamoteado o iPad de Lottie, mas a onisciente internet não me deu respostas. Sonhos eram tão individuais quanto pensamentos. Ou, como dizia, segundo a internet, Carl Gustav Jung, “o” especialista no tema sonho e interpretação de sonhos, eles eram produtos imparciais da alma inconsciente destituídos do arbítrio da consciência. Jung faz referência também aos chamados sonhos arquetípicos, que são gerados por um inconsciente coletivo e representam revelações de nossa linhagem ancestral e da história da humanidade. A palavra “coletivo” de início me deixou esperançosa, mas ao continuar a leitura tive infelizmente de constatar que meu sonho com o cemitério só com muita boa vontade se enquadrava na categoria de sonhos arquetípicos. Até porque não havia arquétipos: não aconteceu nenhum encontro com um velho, nem queda em buraco, nem água corrente... E quanto a mensagens de uma ancestral sabedoria da humanidade, no caso desse sonho, era alarme falso.

Quanto mais tarde ficava, mais eu pulava de um site a outro, sem plano. O motor de busca expeliu um poema de Rainer Maria Rilke:

Falam que a vida é um sonho, mas não; Ou não somente sonho.
Sonhar faz parte da vida, Estranho e confuso, onde nunca
sabermos O quanto de verdade e aparência ambos juntos
confluem.

Sim, é exatamente o que penso, Rilke nomeou o que eu estava sentindo, principalmente na passagem “estranho e confuso”. Bocejei. Eu estava simplesmente apagando e a bateria do iPad também. Desligou depois de me guiar para o site de uma marcenaria, quando estava à procura dos termos “porta” e “sonhos”. “Se você não se dá por satisfeito com mercadorias de lojas de construção, nós fabricamos a porta dos seus sonhos.”

Puxei meus joelhos até o queixo e os envolvi com os braços. Será que eu estava perdendo o juízo? Isso seria ao menos uma explicação lógica para o caso. E como estava ansiosa por uma explicação lógica.

E por dormir. Assim que tiver refletido mais um pouco sobre...

Devo ter adormecido sentada, pois, ao ir com Mia até a parada do ônibus no dia seguinte, não me lembrava mais de ter desenvolvido nenhum raciocínio claro. Também mal me lembrava de meus sonhos, só de coisas soltas sem nenhuma ligação uma com a outra, algo com um bonde e ursos. Pouco antes de acordar, sonhei com uma visita à casa de tia Gertrude, em Boston, onde a gente tinha que tomar sopa de peixe e Emma Watson também estava lá, usando meus óculos. E como se não bastasse a estranheza, minha porta verde do último sonho – aquela com a maçaneta em forma de lagartixa – se encontrava no meio do papel de parede azul e dourado da sala de tia Gertrude, que parecia muito chateada com aquilo. Ela repetiu várias vezes que a porta não combinava com a sua concepção de tons e que eu devia comer logo as lulas, afinal, não podiam ter morrido à toa. Então, acordei.

– Este é um caso realmente extraordinário. – Mia andava ao meu lado,

saltando sobre as frestas do piso. Estava visivelmente bem-humorada. E, ao contrário de mim, tinha dormido bem. – Mas essa Secrecy não vai ficar anônima por muito tempo, pois agora a detetive Mia Silber assumiu o caso. – A descoberta do Tittle-Tattle Blog ontem deixou Mia ainda mais agitada do que eu. Ela adorava enigmas tanto quanto eu, e Secrecy era de fato um grande desafio para nossa curiosidade natural.

Um ônibus vermelho de dois andares freou uns poucos metros adiante e Mia começou a correr enquanto eu ainda checava o número.

– Não era para a gente esperar pelo 603?

– Não, o 210 pega o mesmo caminho – afirmou Mia, já com um pé no ônibus.

– Você tem certeza?

– Setenta por cento de certeza – disse Mia, despreocupada. – Ande logo! Desta vez, quero sentar em cima.

Entrei no ônibus suspirando atrás de Mia e subi as escadas. Ela se esgueirou feito uma enguia por trás de um homem de chapéu para segurar dois lugares bem na frente para nós.

– Se a gente estiver no ônibus errado, eu mato você – disse.

– Um pouco mais de confiança na detetive Mia Silber, por favor. – Mia esticou as pernas, satisfeita. – Até o Natal, eu desvendo o caso – garantiu ela, solene. – Você pode ser minha assistente. E minha isca, claro.

– Não sei, não, detetive Mia Silber, Secrecy parece ser muito experiente.

– Eu também sou.

O ônibus começou a andar e a vista ali da frente era realmente extraordinária. A gente tinha a impressão de flutuar sobre o asfalto.

– Pelo menos até agora ninguém conseguiu detê-la.

– Bem, mas infalível Secrecy também não é – retrucou Mia. – Com a

profissão de papai, por exemplo, ela pisou na bola.

– É, isso eu também achei estranho. Será que tem um astrofísico famoso com nosso nome?

– Não! – Mia deu um risinho venenoso, checando o resto do ônibus. Então se abaixou e sussurrou: – Essa história de astrofísico foi invenção minha. Eu contei para Daisy que o serviço secreto chinês estava interessado no trabalho de papai. Achei que parecia mais interessante do que a verdade.

Fui obrigada a rir.

– Ah! Então Daisy Down talvez seja Secrecy!

– Não, boba, ela entrou na Frogna! no último ano e o blog já existe há três anos. Mas garanto que saiu espalhando. Contou para alguém que, por sua vez, contou para Secrecy. Ah! Mal posso esperar para abrir a caixa de mudança com meu equipamento de detetive. Pense bem como a caneta com a minicâmera nos será útil...

Minha irmã menor estava realmente gostando da situação. Bem, o que importava era que uma de nós estivesse feliz. Eu ainda estava só confusa. Por um lado, estava aliviada porque não havia acontecido nada de especial durante a noite, por outro – para minha surpresa – estava até um pouco frustrada. Pois embora não estivesse achando aquilo nem um pouco menos misterioso à luz do dia, e por mais que a história fosse assombrosa, quem sabe no sonho eu não tivesse conseguido respostas a minhas muitas perguntas.



Depois da aula, enquanto esperava por Mia no portão da escola, observei os alunos que passavam por mim com seus uniformes azul-escuros. Será que Secrecy estaria entre eles tirando fotos sem ninguém saber? Por via das dúvidas, encostei-me a uma das pilastras do muro em uma pose interessante, com um leve sorriso. Não havia nada pior do que ser fotografada com a boca aberta ou uma cara enfezada, pior só se estivesse babando.

Corrigi a posição dos óculos. O dia tinha sido agradável e sem grandes acontecimentos, sem encontros turbulentos com pessoas com as quais se havia sonhado, sem novos comentários no Tittle-Tattle Blog, sem tempo para pensar em coisas que não podiam ser. Nem mesmo Perséfone pôde me encher muito; nas quartas-feiras só assistíamos a duas aulas juntas. A partir de agora a quarta-feira se tornaria meu dia da semana predileto.

De meu posto de observação vi Arthur e Jasper saírem da escola, seguidos por Henry, que, acompanhado de Florence e outra garota, parecia compenetrado em uma conversa.

Apesar de ter olhado rapidamente em minha direção, Henry pareceu não ter me visto no tumulto. Um minuto depois, quando a quantidade de crianças começou a diminuir e só um ou outro estudante esporádico ainda atravessava o portão, Grayson apareceu. Passou por mim de cabeça baixa

empurrando sua bicicleta e estremeceu quando eu disse oi.

– Ah... você – revidou, sem muito entusiasmo.

Sua reação me magoou um pouco.

– É, eu. Tenho certeza que vai ser ótimo dividirmos um banheiro muito em breve. – Troquei a perna de apoio. Que bom que eu tinha me decidido por essa posição casual, mas confortável.

Grayson tinha parado e esquadrinhou o espaço a sua volta. Minuciosamente demais.

– A área está limpa, o pessoal do serviço secreto chinês está de folga hoje – eu disse depois de uns vinte segundos. Aí Grayson parou de olhar em volta.

– Liv, é... você não está por acaso com o agasalho que eu emprestei para você aí, está? Eu o queria de volta.

– Mas claro. – Aquilo me perturbou um pouco. Será que ele não tinha mais nada para vestir? – É... não, *por acaso* não estou com ele aqui. Mas a gente se vê no sábado na festa do Arthur, aí o devolvo para você, lavado e passado.

Grayson checkou a área novamente.

– É, falando sobre sábado à noite – ele disse – eu preferiria... sabe?.... que você dissesse simplesmente que sua mãe proibiu você de ir à festa de Arthur.

Nesse momento fiquei ainda mais magoada.

– Mas por que eu faria isso?

– Porque... porque eu... – Então Grayson, embaraçado, fez aquele gesto de esfregar a testa que já me era familiar, como se esperasse que eu fosse terminar a frase por ele. Mas eu não queria facilitar as coisas para ele. Fiz uma cara triste.

– Você não quer que eu vá?

Ele fez que sim com a cabeça.

Ah, que adorável!

– Bem, então não há o que fazer – eu disse, dando de ombros. – É só que... mamãe tinha ficado tão contente por você e seus amigos serem gentis comigo. E, de fato, mamãe tinha dito exatamente o que eu esperava: “Ah, que gentileza de Grayson e seus amigos! É claro que você vai. Estou tão feliz que você tenha se enturmado tão rápido!”

Grayson soltou um estrebuchinho estranho.

– Nós não somos assim tão gentis, sabe? É melhor você manter distância de nós. – Ele se sentou sobre a bicicleta.

– Está bem, passo o recado para mamãe – respondi, e acrescentei, maliciosa: – mas quem sabe você mesmo não explique as razões para ela?

A ideia parece não ter agradado muito a Grayson. Ele não parecia nada feliz.

– Não esqueça do agasalho – disse, saindo de bicicleta. – Eu o queria de volta amanhã. E não precisa lavar.

– OK – falei irritada.

– O que foi isso? – Mia surgiu de repente pela brecha no muro feito um daqueles palhacinhos de mola numa caixa. Ficamos olhando Grayson se afastar. – Primeiro ele dá uma de gentil e depois não quer levar você a essa festa? Eu, em seu lugar, agora mesmo que não deixaria de ir.

– Com certeza! – aprovei. – Que cara... – Eu não achava a palavra.

– Idiota – disse Mia, seca, e me deu o braço. Fomos andando de braços dados até a parada do ônibus.

– Como foi seu dia? – perguntei.

– Bastante bom, na verdade. Apesar de essas meninas me irritarem bastante. Não, sério, se eu virar uma dessas bonecas que desistem de seu

cérebro por um cara e encham os cadernos de coraçõezinhos, gostaria que me matassem a tiro.

– Pode deixar, vou lembrar disso.

– Sério! Dou graças a Deus por nós sermos imunes a garotos, Livvy.

– Talvez não exatamente imunes, mas difíceis de impressionar – reconheci. Era o jeito. Quem muda de casa todo ano não pode se apaixonar tão fácil, senão fica com o coração partido na despedida. Quem é que gostaria disso? – Mas talvez mamãe tenha razão e quando o homem certo chegar...

– Ele que espere até eu terminar meus estudos!

Dei um soquinho no braço dela.

– Aposto que tia Gertrude sempre falava isso – sugeri, tentando assustá-la. – E olha só o que aconteceu com ela.

– E daí? Eu certamente não vou ficar sentada fazendo crochê numa casa assombrada com meus quatro gatos. Em vez disso, vou viajar o mundo inteiro como detetive, desvendando os casos mais interessantes.

– Talvez você possa começar me explicando por que Grayson quer o seu agasalho de volta sem falta. – Eu ainda estava magoada.

– Talvez o agasalho dê sorte – refletiu Mia. – Ou então, ele escondeu uma carta de amor nele. Ou é simplesmente um idiota.

– É o que eu temo. – E por isso mesmo iria ficar com o agasalho por mais um tempo, de pura crueldade.

Foi só à noite, quando deslizei para dentro da camisola e vi o agasalho de Grayson sobre o forro dourado do parapeito da janela diante da cama, que me veio a ideia de que podia haver alguma razão especial por trás de tudo aquilo. Que Grayson poderia ter um motivo para exigir de volta sua peça de roupa. Peguei o agasalho nas mãos e enfiei o nariz nele. Tinha tudo para ser um agasalho preferido, era de um algodão pesado e supermacio, felpudo na

parte interna. E continuava cheirando a Grayson, ou melhor, ao sabão em pó de Grayson.

Os bolsos estavam vazios e, por via das dúvidas, apalpei também as bainhas. Nada.

Talvez... a ideia era louca, mas anteontem à noite, fui para a cama vestida com o agasalho e encontrei o seu dono legítimo no sonho. Será que era por isso que Grayson agora o queria de volta? Haveria uma ligação entre o agasalho e o sonho? Não importava que isso soasse estranho, hoje à noite eu o vestiria novamente. Só para ver o que ia acontecer.

Ou se algo de fato aconteceria.



A porta verde brilhava em meio a um conjunto de casas cinza e sujas numa rua deserta. Eu não tinha a menor ideia do que tinha sonhado até o momento, mas quando avistei a porta, estava sentada sobre uma bicicleta, puxando um carrinho de reboque completamente carregado. Numa subida.

A porta! Da última vez, ela havia me levado ao cemitério do sonho.

Mamãe me ultrapassou. Também estava de bicicleta com reboque.

– Não se faça de cansada! – gritou em minha direção.

– O que a gente está fazendo aqui? – perguntei.

– Mudança – respondeu mamãe sobre os ombros. – Como sempre.

– Entendo. – Freei e desci da bicicleta para olhar melhor a porta verde.

Sim, era sem dúvida a mesma porta da última vez, a mesma que apareceu na sala de jantar da tia Gertrude. Logo a situação ficou clara: se eu quisesse entender o que estava por trás desses sonhos enigmáticos, teria que abrir a porta. E entrar.

Se tivesse coragem suficiente.

– Nada de descanso, minha fofurinha – exclamou mamãe. – Temos que seguir em frente! Seguir sempre em frente.

– Não conte comigo hoje – disse. Quando girei a maçaneta em forma de

lagartixa, percebi que ela estava quente. Respirei fundo e atravessei o batente.

– Olivia Gertrude Silber! Volte imediatamente! – ouvi ainda minha mãe chamar, antes de bater a porta na cara dela. Como da última vez, eu me encontrava num corredor que parecia se estender por uma eternidade. Fascinada, examinei as inúmeras portas. Pareciam janelas em um calendário do Advento, cada uma de um tamanho, forma e cor. Havia portas de quarto simples, pintadas de branco, portas de entrada modernas e algumas que pareciam portas de elevador, sem nenhum fru-fru. Outras bem poderiam ser portas de loja ou suntuosos portais de castelos. A porta vermelha brilhante em frente à minha parecia ser nova, em todo caso, não me lembrava de tê-la visto durante a última visita. Era uma porta muito escandalosa, inconfundível, com sua maçaneta dourada pomposa em forma de coroa. A porta do Grayson, que tinha estado ao lado da minha, eu só vim a descobrir após caminhar mais um pedaço pelo corredor. Aparentemente, as portas aqui não ficavam no mesmo lugar, mas brincavam de uma espécie de batatinha-frita-um-dois-três. Ao lado da porta de Grayson, descobri uma porta cinza-clara com janelas de vidro onde se via, numa escrita ornamentada, as palavras: ANTIQUÁRIO AO LUAR DO MATHEUS – LIVROS PARA TODA A VIDA. HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO: DA MEIA-NOITE AO NASCER DO DIA. Era tentador. Por um instante pensei em empurrar a maçaneta para dar uma olhada no interior do antiquário, mas me lembrei da razão por que estava ali e continuei até a porta de Grayson. Ela continuava do mesmo jeito que estive no meu último sonho, uma cópia fiel da porta de entrada da casa dos Spencer. Freddy, o feroz, esticou as asas e falou com uma vozinha aguda:

– Aqui só entra quem disser meu nome três vezes de trás para a frente.

– Ydderf, Ydderf, Ydderf – falei. Então, Freddy recolheu suas asas e enrolou o rabo de leão em volta dos pés.

– Que a entrada lhe seja concedida – sussurrou solene.

Hesitei. Não sei por que, mas tinha a sensação de que devia me preparar melhor para o que estava por vir. O que quer que fosse. Talvez eu devesse imaginar o machado de Lottie do último sonho. Ou pelo menos sonhar que tinha uma faca afiada no bolso. Ou pendurar alho em volta do pescoço, ou...

– Está esperando o quê? – perguntou Freddy, o feroz.

– Já estou indo! – Se a coisa ficasse muito perigosa, eu poderia simplesmente acordar. Funcionou da última vez também. (E, desta vez, acolchoei o chão ao lado de minha cama com travesseiros, por via das dúvidas.) Respirei fundo e atravessei o limiar da porta. Ao invés da escuridão e da tranquilidade assombrosa de um cemitério, deparei com uma luz forte, gritos de várias vozes e ruídos metálicos de chocalho. Pisei em falso, perdi o equilíbrio e agarrei a primeira coisa que estava a meu alcance. O ombro de uma menina ruiva.

– Cuidado! – ela disse, e não me deu mais atenção. Em vez disso, curvou-se e gritou: – Foi falta, juiz! Você é cego ou o quê?

Eu tinha recuperado o equilíbrio e dei uma olhada em volta. Ah! um galpão de ginástica. Eu estava na escada que levava à arquibancada lotada. Na quadra, a minha frente, rolava um jogo de basquete, e não foi difícil adivinhar que os meninos de uniforme preto e vermelho eram da equipe da Frognal Flames. Nesse instante, Arthur tinha acabado de pegar uma bola jogada por Grayson e a passou para Henry que driblou com elegância o adversário, jogando a bola para Jasper, que, exatamente embaixo da cesta, deu um salto e, deslizando, enterrou a bola com firmeza na cesta. O público delirou. Segundo o placar, o Frognal Flames estava com 18 pontos de vantagem. Tudo indicava que seria uma vitória arrasadora. Dois torcedores chegaram voluntariamente para o lado para eu sentar na primeira fila, bem atrás do banco dos jogadores reservas. Se me virasse, podia ver a porta de Grayson no fim da escada. Mas, além de mim, parecia que ninguém ligava para o fato de

que havia uma porta de casa no meio da parede do galpão. Por mim também ninguém se interessava, como se fosse a coisa mais normal do mundo ir de camisola e descalça a um jogo de basquete. Não sei direito o que eu estava esperando, mas me senti bastante aliviada. De qualquer maneira, isso aqui era mais agradável do que um cemitério assombrado à noite com evocação de espíritos. Quase relaxada, acompanhei o jogo. Primeiro, parecia que a equipe adversária não tinha a menor chance contra a Frognal Flames, cujo desempenho era grandioso, mas então Grayson começou a dar passes errados e a perder a bola, e os adversários recuperaram a diferença. Eu não entendia muito de basquete, mas pelo que pude avaliar, Grayson de repente começou a jogar muito mal. Errou a cesta, não passava mais a bola para os colegas do time e cometia uma falta desnecessária atrás de outra. O público o vaiava. Alguém gritou:

– Spencer, sua besta, vá pra casa! – e lançou uma lata de Coca-Cola na quadra. Grayson estava com uma cara bem infeliz, e continuou perdendo sistematicamente todos os lances. Os torcedores do time adversário se esgoelavam:

– O camisa 5 é o nosso herói!

Estava difícil de assistir. Mas quando o placar marcou 63 a 61 para os adversários, o técnico da Frognal Flames pediu tempo e trocou Grayson por outro jogador. Quando Grayson saiu mancando da quadra com os ombros curvados, o técnico o recebeu com uma expressão glacial no rosto. No tumulto, não pude entender o que ele disse a Grayson, mas o desprezo estava estampado em sua testa. Ele parecia estar à beira das lágrimas e pretendia visivelmente se desculpar, mas o técnico já tinha virado as costas para urrar suas estratégias quadra adentro, ignorando Grayson.

Sem Grayson a coisa começou a correr melhor de novo, mas, pelo jeito, o time não conseguiu retomar a liderança. Com uma expressão de vergonha

infinita no rosto, Grayson desabou sobre o banco de reservas e os outros jogadores se afastaram, como se ele tivesse uma doença contagiosa.

Grayson enterrou a cabeça na toalha.

Embora fosse apenas um sonho, senti uma piedade sincera por ele. Eu me abaixei e bati sobre seus ombros.

– Ei, é só um jogo! – tentei consolá-lo.

Ele levantou a cabeça bem devagar e se virou para mim.

– Não é só um jogo – disse ele. – É “o” jogo. E arruinei tudo!

– Bem... – Infelizmente, era verdade. Ele arruinou tudo.

– Mas, mesmo assim, é só um jogo entre duas equipes de colégio.

– No qual fracassei. – Seu olhar escalou as arquibancadas. – E claro que você ainda precisava presenciar tudo. E Emily! Ela nem olha para mim de tanta vergonha.

– É uma ridícula! – retruquei espontaneamente, seguindo seu olhar. – Quem é ela? A de cabelo escuro com o agasalho azul ao lado de Florence? – Hesitei por um instante. – E por acaso é o *Henry* aquele que vem ali descendo as escadas? Espere aí! – Virei novamente para a quadra onde Henry acabava de passar a bola para Jasper. Olhei de novo para a escada. Não, não era engano, aquele ali acenando para mim era, sem dúvida, Henry. – Grayson? É possível que o Henry tenha um irmão gêmeo?

Mas Grayson tinha enterrado outra vez a cabeça na toalha e não me ouvia mais. Ou pelo menos fazia como se não ouvisse.

Olhei de lá para cá, do Henry de uniforme de basquete para o Henry de calça jeans e camiseta que vinha direto em minha direção, então dei de ombros. Era só um sonho, não se podia levar tudo a sério.

– Desculpem, vocês podiam chegar um pouquinho para lá? Obrigado. – Henry se espremeu na segunda fila e sentou bem atrás de mim.

– Oi, menina do queijo. O jogo está bom?

– Depende da perspectiva. Vocês estão perdendo – eu disse, como se fosse muito normal haver duas da mesma pessoa. – E pare de me chamar de menina do queijo!

Henry observou seu alter ego fazendo um arremesso de três pontos na cesta e assobiou por entre os dentes, motivando-o.

– Eu não jogo nada mal! – Ele se curvou tanto para a frente que sua cabeça estava quase na mesma altura que a minha. Tentei não ficar nervosa com aquilo. Era um bom exercício, um treino para a realidade.

– OK, menina do queijo. Então vou dizer “Liv” a partir de agora. – era a voz de Henry, juntinho a meu ouvido, muito baixa e grave. – Suponho que foi Grayson que fracassou, não foi?

A cabeça de Grayson surgiu por detrás da toalha. Devia ter ouvidos de lobo.

– Eu sou um fracasso *total* – confirmou. Ele não parecia dar a mínima para o fato de haver dois Henrys. – Decepçãoi o técnico, o time e você... e Emily e Florence e meu pai e... ouça o que eles estão gritando!

Os torcedores adversários continuavam bradando seu nome.

– Grayson Spencer, apagou a flama, nossos pêsames por telegrama! – E:
– O fogo da flama foi apagado, a culpa é do Spencer fracassado!

Grayson empalideceu.

– É realmente muito cruel – eu disse.

Henry fez que sim com a cabeça.

– Que rimas pobres! Idiotas.

Isso não consolou Grayson, que se escondeu de novo sob a toalha. Eu desconfiava de que estivesse chorando escondido lá embaixo.

– Ele sonha isso toda hora – disse Henry com pena.
– O quê? Que chora embaixo de uma toalha?
– Que fracassa totalmente no basquete e nós perdemos por sua culpa e todo mundo vira as costas para ele.

– Já aconteceu isso alguma vez? Quero dizer, na vida real?

Henry sacudiu a cabeça.

– Jamais! Grayson aparece em todos os jogos na melhor forma. Mesmo com uma contusão no ombro na última temporada, continuou jogando e fez oito pontos. Mas, o que é que você está fazendo aqui? – A pergunta veio tão inesperada que nem pude pensar direito para responder.

– Queria ver o jogo, só isso.

Ele me examinou com o olhar, o que me deixou um pouco embaraçada. Então, abriu um sorriso.

– Descalça e de camisola? E não é o agasalho de Grayson, esse que está vestindo? Eu disse para ele pegá-lo de volta. Um pouco grande para você, eu acho.

– E você, em compensação, está duplicado. Um pouco redundante, eu acho – retruquei, imitando seu tom irônico. Mas no fundo aquilo me chateou. Eu devia ter vestido outra coisa mesmo. A camisola era velha e feia, e com o agasalho de Grayson por cima, eu devia estar parecendo uma louca fugida do manicômio. Ainda dava para mudar a situação; afinal era um sonho. Cerrei os olhos por um instante e, quando os abri, estava com minha calça jeans preferida, tênis e uma camiseta vermelha com a inscrição “Sou protegida por três ninjas invisíveis”. No mais, tinha passado um pouco de rímel e brilho nos lábios.

Funcionou!

– Você é boa mesmo nisso – disse Henry, levantando. – Ou sou eu que

sou. Depende. – Ele me observou com a cabeça inclinada. – Vamos dar um passeio?

– Mas não podemos deixar o pobre do Grayson sozinho. – Principalmente agora que os torcedores da Frogmal Flames tinham se juntado ao coro de humilhações dos adversários (“É ruim, é pior, é Spencer”, urravam, e: “Quem no Spencer apostou, se ferrou!”) Na última fila de cima, havia uma senhora de cabelo branco cacheado com um tailleur Chanel que gritava com raiva, o guarda-chuva em riste: “Grayson Ernest Theodor Spencer, estou muito decepcionada com você!”

Henry pulou o banco a meu lado e sacudiu Grayson pelos ombros.

– Ei, Grayson! Controle-se. É só um maldito pesadelo.

Grayson puxou a toalha para baixo.

– Agora você disse tudo – murmurou.

– Não, sério, cara. Você está sonhando. Ou você acha mesmo que Tyler Smith, do time idiota dos Hampstead Hornets, teria conseguido fazer uma cesta tão espetacular? Olhe direito!

– Bem – disse Grayson, inseguro. – Às vezes a pessoa se supera no jogo...

– Mas Tyler Smith? Nem em 100 anos. – Henry levantou-se. – Faça o favor de sonhar outra coisa. Uma coisa bonita! Mas espere até a gente passar pela porta, OK?

Grayson olhou para nós, indeciso.

– Isso aqui é um sonho?

– Claro que é um sonho! – eu disse. – De outro modo, você acha que poderia haver dois Henrys?

– É verdade – reconheceu Grayson. – É estranho.

– Vamos! – Henry pegou minha mão. – Temos que ir, Liv.

– Grayson poderia vir com a gente. – Meu coração começou a bater um pouco mais rápido e eu não sabia por quê.

– De jeito nenhum. – Grayson balançou a cabeça. – Não vou dar para trás agora! Jamais deixaria o time na mão! Isso seria covardia e falta de honra.

– Mas, Grayson, tudo isso aqui não está acontecendo de verdade. – Tive que gritar essa última frase por cima dos ombros porque Henry me puxava pelas escadas e o barulho na quadra era insuportável.

– O Grayson se vira – assegurou Henry.

– Mas... a impressão é de que vão linchá-lo em breve! – Tínhamos alcançado a porta de Grayson e eu me virei mais uma vez. – Ouça!

– Eu não sou surdo.

– O impostor vamos queimar, agora mesmo, sem mais tardar! – gritava a massa.

Henry abriu a porta e me empurrou sobre o batente para o corredor do outro lado. Decidido, bateu a porta atrás de si e a gritaria e o barulho da quadra cessaram na hora.

– Você é um amigo – disse eu, repreendendo-o.

– E você continua aí.

– Eu não sabia se ele estava dizendo aquilo para mim ou para Freddy, o feroz, que abriu as asas e sacudiu as penas.

– Aqui só entra quem disser meu nome três vezes de trás para frente.

– Sim, senhor, da próxima vez, gorducho – disse Henry. Pelo jeito, ele tinha esquecido de largar minha mão e eu decidi não lembrá-lo. Ainda não. Estava sendo bem agradável.

Disfarçadamente, observei Henry pelo canto do olho. A iluminação no corredor lembrava a luz de uma noite de verão no momento em que o sol se punha por trás do horizonte, quando não está nem claro nem escuro. Aqui

não havia janela nem luminária, por isso não dava para entender de onde vinha a luz.

Em todo caso, fazia Henry ficar muito bonito. E a mim também, espero, porque ele também me submeteu a uma profunda inspeção.

– Você continua aí – repetiu ele.

– Isso é bom ou ruim? E será que não devíamos voltar e ajudar o pobrezinho do Grayson?

– Não se preocupe com o Grayson. Ele está bem. Amanhã de manhã nem vai saber mais o que sonhou.

– E nós?

– É o que estou tentando descobrir. – Ele sorriu para mim. – Vamos dar uma caminhada?

– A gente já está fazendo isso há muito tempo. – Realmente, era o que estávamos fazendo. Seguimos caminhando corredor abaixo, um ao lado do outro. De mãos dadas. Uma experiência inteiramente nova para mim, tanto no sonho como na realidade. Por mim, a coisa podia durar ainda um bom tempo.

– Só espero que Lottie não apareça agora com o machado – murmurei.

– O quê?

– Ah, nada. – Só então percebi que o corredor se ramificava em várias galerias com outros corredores cheios de portas e infinitamente longos. Já devíamos ter passado há muito tempo pela minha porta, mas ao que tudo indicava, ela trocou de lugar de novo. – Se antes estávamos no sonho de Grayson, no sonho de quem estamos agora?

– Pergunta interessante – disse Henry, e pensei que ficaria sem resposta. Mas, então, ele acrescentou: – Só há duas possibilidades: ou o sonho é meu, e nesse caso, estou sonhando com você. Ou... – Ele se calou novamente.

– Ou o sonho é meu e estou sonhando com você. – Aliás, um sonho muito, muito bacana. Sorri para ele. – Sabe de uma coisa? Eu nunca andei de mãos dadas com um garoto.

Ele parou e levantou as sobrancelhas, incrédulo.

– Não mesmo?

– Não. – A voz dele soou tão espantada que acrescentei rápido: – Mas claro que já beijei. Várias vezes. – Em todo caso, em sonho. Uma vez, e me envergonho disso até hoje, até beijei Justin Bieber. Por outro lado, eu podia contar nos dedos de uma mão as experiências que tive na vida real. Em dois dedos, para ser mais exata.

– Ah, bom, assim eu fico mais tranquilo – disse Henry, irônico. Mas fiquei com a impressão de que apertou ainda mais minha mão e seguimos caminhando. – Isso tudo é bem diferente de um sonho normal – eu disse. – É como da outra vez no cemitério. Eu sei o tempo todo que se trata de um sonho. É por isso que me atrevo a dizer coisas que não diria.

– Isso se chama sonho lúcido. Quando temos consciência de que estamos sonhando...

– Eu sei, li na internet. Mas lá não estava escrito que outras pessoas podem sonhar o mesmo sonho ao mesmo tempo.

– Não, você não vai achar nada sobre isso na internet.

– Mas então, onde? E o que isso tudo tem a ver com o agasalho de Grayson e com essas portas? Você também tem uma?

– Claro. – O malvado só respondeu à minha última pergunta.

Demos uns passos em silêncio.

– Mostro minha porta para você se você me mostrar a sua – disse ele enfim.

– Acho que aquela ali bem poderia ser a de minha mãe. – Apontei para

uma porta de loja cinza-claro que eu já tinha notado antes.

– Antiquário ao Luar de Matheus? Essa eu estou vendo pela primeira vez hoje. É bonita.

– É a porta de minha mãe, com certeza. Está até com o nome dela. Desde o divórcio, ela voltou a usar o sobrenome Matheus. E um sebo de livros combina totalmente com ela. Mas se eu entrasse agora por essa porta, não iria cair em um antiquário, não é? Mas sim no sonho que minha mãe está sonhando neste exato momento.

– Se você conseguisse passar pela porta...

Estremeci.

– Com certeza ela deve sonhar a noite inteira com Ernest, ai! Por favor, me ajude a não entrar ali sem querer jamais.

Enquanto ainda falava, entendi o absurdo do que estava dizendo, mas Henry apenas riu.

– É, há sonhos de que a gente não quer mesmo participar. Os de Jasper, por exemplo, nos sonhos dele as pessoas quase sempre estão nuas... – De repente, ele parou. – A propósito, essa aqui é a minha porta.

– Engraçado. Logo em frente à minha – disse eu. – Antes havia uma vermelha aí.

– É, elas trocam de lugar o tempo todo. Ainda não desvendi o sistema por trás disso.

A porta de Henry, como a minha, tinha um quê de porta antiga, mas era mais alta e mais larga, pintada com verniz náutico preto. Tinha um ferrolho clássico em forma de uma cabeça de leão e, na viga em cima da porta, estavam gravadas as palavras “*dream on*”*, o que me fez sorrir. O estranho era que em vez de uma fechadura, havia logo três, uma em cima da outra.

Henry estava observando a minha porta.

– Parece a entrada para um pequeno apartamento em Cotswolds – disse ele. – Com exceção da lagartixa. Ela tem algum significado mais profundo?

– Como é que vou saber? – E dei de ombros. – Por que você tem tantas fechaduras?

Ele não respondeu de imediato.

– É que não gosto de receber visitas inesperadas – disse então.

Tentei refletir sobre tudo aquilo, mas estava difícil focar minha atenção num ponto. Provavelmente porque Henry continuava segurando minha mão.

– Se essas são as entradas para nossos sonhos, por que estamos aqui fora? – perguntei. – E o que está acontecendo neste momento lá dentro, sem nós?

– Não tenho a menor ideia. Suponho que não aconteça nada sem a gente. Mas nunca se sabe com certeza. É igual à luz na geladeira...

O ruído de uma porta se fechando nos fez estremecer. Ou melhor, nos afastou um do outro. Mas não havia ninguém à vista. O corredor estava vazio.

– É melhor a gente ir para casa agora e... bem... dormir mais um pouco. – Henry deu um sorrisinho malicioso. Ele tinha largado minha mão e tirou três chaves do bolso da calça.

– Por que você está sussurrando? Não tem ninguém aqui. – Olhei novamente para a direção de onde o ruído tinha vindo.

– Nunca se sabe.

Henry girou uma chave após a outra nas fechaduras, e toda vez que a lingueta recuava, ouvia-se um clique metálico alto.

– Durma bem, Liv. Foi legal dividir o sonho com você.

– Também achei. – Suspirando, voltei para minha maçaneta em forma de lagartixa. Pena que já tinha acabado. Eu ainda tinha tantas perguntas. Além do mais... – Obrigada pelas mãos dadas.

Henry já estava com um pé do outro lado quando se virou novamente para mim.

– O prazer foi meu. Ah, aliás, Liv...

– Sim?

– Eu, no seu lugar, não iria à festa de Arthur.

– Oh. – Tentei esconder que aquilo me magoou. Primeiro, Grayson, e agora, Henry.

– A não ser que você goste de coisas perigosas com finais imprevistos – disse ele, piscando um olho.

Eu me senti um pouco pega em flagrante.

– Não, sério, se você for esperta, mantenha distância de nós. Aí teremos que achar outra pessoa para ocupar o lugar de Anabel.

– Que lugar? – perguntei, mas a porta preta já havia batido atrás dele e o ouvi fechando os cadeados por dentro. Três vezes.

“Se você for esperta...” Bem, burra eu não era. E por isso, sabia que pessoas que dizem frases do tipo “mantenha distância de nós” têm algo a esconder. Mas isso já havia ficado claro antes. Havia mais de um segredo a desvendar. E fazia parte da natureza dos segredos eles serem um pouco perigosos.

Talvez tenha sido por isso que fiquei com a impressão de que esfriou de repente. A luz começou a se turvar e as sombras no corredor aumentaram. Fui tomada pela sensação ruim de não estar só. Escapuli rápido pela porta verde e deixei que ela batesse atrás de mim. Menos de um segundo depois bateram na madeira do outro lado, bem baixinho e suavemente, quase só roçaram. Algo me dizia que era melhor não olhar do que se tratava.

– Aí está você enfim, Livvy – disse alguém atrás de mim, e quando me virei, vi Mia, Lottie e mamãe sentadas na mesa da cozinha muito iluminada

dos Finchley, jogando baralho.

– Vocês ouviram? – perguntei.

– O quê?

– Ah, esse barulho estranho na... – interrompi a frase, pois quando me virei novamente, a porta havia desaparecido. Em seu lugar estava a janela da cozinha, emoldurada pela cortina de estampa escocesa quadriculada mais feia do mundo.

Em algum lugar, um despertador tocou.

* Termo semelhante à expressão coloquial "vai sonhando". [N. da E.]



– É trabalho da escola? – perguntou Lottie, apontando para meu caderno.

– É – menti, esperando que ela não lesse o que eu havia escrito.

HORÁRIO: 2h

AGASALHO DE GRAYSON: sim

LEMBRANÇA DO SONHO: sim

LEMBRANÇA DA PORTA VERDE NO SONHO: sim

DESCRIÇÃO DETALHADA DO SONHO:

Uma inundação. Lottie, Mia, mamãe e eu atravessamos uma cidade desconhecida numa jangada. Buttercup vem nadando a nosso lado.

Vejo a porta verde numa das casas inundadas. Sei que a porta é importante, mas não tenho a menor vontade de ir nadando até lá. A água parece fria. Certamente há crocodilos.

– Num sábado, antes mesmo do café da manhã? Você não está exagerando um pouco? Estou preocupada com essas olheiras escuras. – Lottie passou a mão em minha cabeça. – Se eu não te conhecesse bem, diria que não está dormindo o suficiente. Mas isso não é possível, você foi se deitar todos os dias antes das dez.

– É verdade. – Nos últimos dois dias, mal pude esperar que escurecesse para ir para a cama. Eu havia decidido investigar a fundo o fenômeno por meio de experiências precisas com a minha própria pessoa. Pois, como dizia mesmo Sherlock Holmes? “É um erro capital formular *teorias* antes de conhecermos todos os indícios. Começamos a manipular inconscientemente os fatos para que se adaptem às teorias, em vez de adaptar as teorias aos fatos.”

Então, iniciei uma série de testes: sonhos com e sem o agasalho de Grayson. Coloquei o relógio para despertar a cada hora cheia e registrei tudo com rigor. Agora estava relendo mais uma vez minhas anotações para avaliar cientificamente.

HORÁRIO: 3h

AGASALHO DE GRAYSON: não

LEMBRANÇA DO SONHO: sim

LEMBRANÇA DA PORTA VERDE NO SONHO: sim

DESCRIÇÃO DETALHADA DO SONHO:

Meu professor de kung fu, mestre Wu, e eu estamos, juntamente com outros turistas, na gôndola do teleférico da comuna suíça de Adliswil, e mestre Wu quer que eu dê o golpe quebra-pescoço numa turista americana gorda que veste camisa lilás. Quando pergunto se ele havia ficado completamente louco, ele responde: “Confúcio diz: os sábios esquecem as humilhações, como um ingrato, as caridades”. A porta verde faz parte da gôndola, ou seja, está pendurada no ar. Eu a atravesso assim mesmo e me encontro num corredor. Tudo parece tranquilo e sem perigos. Nem sinal de criaturas assombradas se arrastando pelos cantos. Procuro a porta de Grayson e digo o nome de Freddy três vezes de trás para frente.

Mas a porta está trancada. Balanço a porta com força. Freddy, o feroz, diz que eu não possuo boas maneiras. Digo: “Os sábios esquecem as humilhações, como um ingrato, as caridades”. Então, balanço duas outras portas, só de brincadeira. Todas estão trancadas. Um despertador toca bem alto. Meu despertador. Maldito!

Reprimo um bocejo. Aquilo parecia mais as anotações de uma louca do que algo que pudesse ser avaliado cientificamente.

– Aposto que é falta de ferro, mas pode também ser outra coisa. – Lottie estava falando com mamãe, que passeava seminua pelo quarto. A segunda reunião de família estava marcada para hoje, dessa vez sem codornas, mas em compensação, com Lottie, Butter, redistribuição dos cômodos e escolha das novas cores para as paredes (e certamente mais ataques de nervos de Florence). Faltava uma meia hora para sairmos, mas mamãe já estava muito nervosa. Buttercup troteava atrás dela, carregando sua coleira no focinho.

– A gente devia marcar uma consulta no médico para Liv – propôs Lottie.

– Ahn? – Mamãe só pescou a última frase, como sempre. Pelo jeito, estava procurando alguma coisa. – Você não está passando bem, fofura? Logo hoje que você queria ir àquela festa?

– Não, está tudo ótimo. Lottie só está preocupada por causa das olheiras.

– Ah, você pode usar o meu corretivo, aí ninguém perceberá. Alguém viu a coleira da cachorra?

– Au! Au! – Buttercup latiu, mas mamãe não lhe deu a menor atenção. Em vez disso, dirigiu-se à Lottie. – Não se preocupe! Na idade de Liv, eu tinha olheiras maiores.

– É porque você fumava maconha, mãe.

– Que absurdo! Só vim a fumar maconha na universidade. – Mamãe deu uma girada nervosa em torno de si mesma. – Mia, guarde isso e vá se vestir de uma vez! Não quero que a gente chegue atrasada, o irmão mais novo de Ernest estará presente e os pintores também, e onde é que foi parar a maldita...

Lottie pegou a coleira do focinho de Buttercup e a entregou a mamãe.

– Com quinze anos eu tinha olheiras por outras razões – mamãe retomou o raciocínio e olhou admirada para a coleira. – Não, não é nada disso que vocês estão pensando. É que eu escrevia poesias à noite. De coração partido.

– Coitadinha. Como é que ele se chamava? – perguntou Mia. Ela estava sentada de camisola sobre o sofá, olhando fixo para o iPad de Lottie.

– Quem?

– Ora bolas, o garoto para quem você escrevia poemas de amor aos quinze anos.

– Ah, eram tantos. – Mamãe fez um gesto de descaso e Butter aproveitou a oportunidade para pegar de volta sua coleira. – Nessa idade a gente se apaixona a cada três semanas.

– Você, talvez – disse Mia. – Eu e Liv não somos tão predispostas a isso. Não é mesmo, Liv? Nós não somos dessas bobocas com cérebros de algodão-doce cor-de-rosa que se deixam levar pelos hormônios.

Eu não tinha mais tanta certeza. Infelizmente, andava pensando com uma frequência absurda no Henry e em sua maneira de me olhar, de sorrir... Mas, OK, ainda estava longe de ser uma boboca com cérebro de algodão-doce cor-de-rosa guiada pelos hormônios. E também não havia razão para isso. Ontem, quando passou por mim na escola, Henry disse só: “Oi, menina do queijo”, e nada, realmente mais nada em sua expressão facial deu a entender

que havíamos ficado de mãozinhas dadas no sonho. Meu bom senso me dizia a mesma coisa, mas aí vinha aquela sensação estranha no meu peito, que eu simplesmente não conseguia ignorar. Aliás, foi também por isso que iniciei essa série noturna de testes: de um jeito ou de outro, esses sonhos me levavam à loucura.

HORÁRIO: 4h

AGASALHO DE GRAYSON: sim

LEMBRANÇA DO SONHO: não. Meu Deus, estou tão cansada.

Experiência estúpida.

LEMBRANÇA DA PORTA VERDE NO SONHO: não

DESCRIÇÃO DETALHADA DO SONHO:

HORÁRIO: 5h

AGASALHO DE GRAYSON: sim

LEMBRANÇA DO SONHO: sim

LEMBRANÇA DA PORTA VERDE NO SONHO: sim

DESCRIÇÃO DETALHADA DO SONHO:

Estou deitada numa rede, debaixo de uma cerejeira num jardim esplendoroso, cercado de muros de tijolinhos altos. Vejo a porta verde no muro e sei que devia atravessá-la para continuar minha experiência empírica. Mas minhas pálpebras estão tão pesadas, a rede é tão aconchegante e o zunido das abelhas me dá tanto sono... maravilhoso... TRIIIM!!! O maldito despertador toca.

HORÁRIO: 6h

AGASALHO DE GRAYSON: sim

LEMBRANÇA DO SONHO: sim

LEMBRANÇA DA PORTA VERDE NO SONHO: sim

DESCRIÇÃO DETALHADA DO SONHO:

Apesar de estar morta de cansaço, calculo que adormeci somente um minuto antes de o despertador tocar, daí o sonho curto.

Alcanço o corredor pela porta verde e corro até a porta de Grayson, bate-papo rápido com Freddy, passo pela porta de Grayson e dou numa sala de aula. Aula de inglês de Grayson, tão chata como na vida real, tudo bem realista. Acordo antes que algo realmente interessante aconteça.

E o que significa tudo isso? Fora o fato de ter perdido duas noites registrando exatamente quando passei por qual porta no sonho. É de arrancar os cabelos.

– Brrr... au! – Buttercup estava em minha frente, carregando a coleira no focinho, a cabeça inclinada. Sábio cão, ar fresco era exatamente o que eu precisava. Fechei o caderno e levantei.

– Eu posso dar uma saída rápida com Butter – ofereci. – Aí você pode se vestir com calma.

– Mas não vá se perder de novo – disse Lottie, preocupada, e mamãe acrescentou:

– Ai de você se não estiver aqui na hora.

A advertência para que eu não me perdesse infelizmente não era tão despropositada como parecia; aqui em Londres, meu sistema de navegação, normalmente tão confiável, já havia me deixado várias vezes na mão. Não só porque as ruas nesse bairro, com suas casinhas de tijolinhos, pareciam todas iguais (principalmente na chuva), mas também porque eu tendia a andar na direção errada ao descer do ônibus e apontar, convicta, para o Sul quando estava na verdade querendo apontar para o Norte. Era evidente que meu

cérebro estava tendo dificuldades com a mudança do hemisfério sul para o hemisfério norte.

Mas em companhia de Buttercup, com certeza eu encontraria o caminho de volta. Seus genes tinham algo de labrador, que é um excelente farejador.

Ela saiu pululando de alegria em direção ao Kenwood Park (assim eu esperava). Era uma manhã clara de setembro, um vento fresco soprou os cabelos do meu rosto e emaranhou o pelo de Butter. Entramos numa rua chamada Well Walk (“bom caminho”). Ela fazia realmente jus ao nome. No meio dela havia um canteiro largo com árvores altas, banquinhos e até duas pitorescas cabines de telefone vermelhas que pareciam ter sido colocadas ali só para os turistas. Todas as casas à esquerda e à direita tinham portas belíssimas que bem poderiam fazer parte de meu corredor misterioso.

Aos poucos, o caos em minha cabeça começou a se dissipar. A análise das anotações das últimas duas noites permitiam, apesar de tudo, chegar a algumas conclusões. Primeiro: a porta verde aparece, cedo ou tarde, em todos os sonhos. Às vezes demorava um pouco até eu percebê-la, mas sempre que isso acontecia, sabia que estava sonhando e podia determinar quais os passos a serem dados dali por diante para, por exemplo, através dela, entrar no corredor. Segundo: quando eu vestia o agasalho de Grayson, podia passar pela porta dele; se não o vestia, a porta ficava fechada. Terceiro: todas as portas naquele corredor pareciam estar fechadas. Quarto: eu conseguia sonhar detalhadamente com pessoas que não conhecia na vida real. A garota que estava sentada na arquibancada ao lado de Florence durante o jogo de basquete no pesadelo de Grayson era, sem dúvida, a mesma que reconheci na manhã seguinte numa foto no Tittle-Tattle Blog e que vi em pessoa meia hora mais tarde no pátio da escola. Com Grayson. Era Emily Clark, a redatora-chefe da revista da escola, a *reflexx*. Ou seja, ao mesmo tempo, namorada e chefe de Grayson, pelo que dizia Secrecy. Depois dessa descoberta, Mia tinha

colocado Emily no topo da lista de nomes suspeitos de estarem por trás de Secrecy. Fazia sentido, pois, em primeiro lugar, Emily, enquanto redatora-chefe da revista da escola, possuía informações e tinha acesso a diversas fontes; segundo, ela escrevia bem; e terceiro, era muito íntima de Florence e Grayson e, com isso, seria uma das primeiras a saber das novidades na casa da família Spencer.

E também conheci Anabel Scott, a namorada de Arthur (ou ex-namorada, pois, segundo Secrecy, ninguém mais sabia com certeza) durante a noite de sexta para sábado, no sonho, ou entre três e quatro horas, no meu relatório, e esse foi o encontro mais interessante de todos. Só ele já fazia valer todo o esforço.

E mais uma vez, sonhei que estava andando de teleférico com um sr. Wu que não parava de filosofar, e foi por isso que escapei para o corredor pela porta verde. Depois de uma obrigatória parada no Freddy, o feroz, tentei forçar a porta de Grayson – estava sem o agasalho –, vaguei pelo corredor observando as portas e calculando a quem elas pertenceriam.

O Antiquário ao Luar de Matheus (fechado) era evidentemente a entrada para os sonhos de mamãe, e eu calculava que a porta azul coberta de hera com as corujinhas gravadas sobre a cornija fosse de Mia, até porque um vaso com miosótis estava na frente da entrada e essas eram as suas flores preferidas. Passei também pela porta de Henry e, quando pressionei a maçaneta, – afinal isso aqui é uma série de testes! –, alguém falou comigo pelas costas:

– Ele nunca esquece de trancar – Era uma voz feminina e suave.

Eu me virei num salto, a mão sobre o coração disparado.

– Desculpe, não queria assustar você – disse a garota pequena e delicada. Cabelos louros ondulados emolduravam seu rosto liso, caindo quase até a cintura fina.

– Você parece a Vênus de Botticelli – deixei escapar.

– Sim, mas só quando estou nua dentro de uma concha. – Ela sorriu e estendeu a mão para mim. – Oi. Sou Anabel Scott. Você é amiga de Henry?

– Ahn... mais ou menos. – Tive de me controlar para não ficar olhando para ela o tempo todo. Anabel Scott era um dos temas de fofocas preferidos de Secrecy, e eu já estava, confesso, muito curiosa para conhecê-la. Era perfeita da cabeça aos pés, não me admirava que Arthur tivesse se apaixonado por ela. Ao menos do ponto de vista estético, formavam um par perfeito.

Retribuí o sorriso, aceitei a mão ainda estendida e a apertei, no entanto, ela me pareceu muito estranha. Mas, ei!, esse era um sonho cordial. Por um instante, pensei no que podia falar: “Prazer em conhecer você, ainda que num sonho. Você não está estudando na Suíça? Você está agora deitada na cama, dormindo? São verdadeiros os boatos que dizem que você e Arthur se separaram?”

Em vez de tudo isso, eu disse:

– Liv Silber. Eu sou ahn... nova... ahn... aqui. – Nesse corredor.

Os olhos verdes de Anabel se dilataram.

– Então é você a garota da qual Arthur falou... que irá nos ajudar...

– Ajudar com o quê?

Ela olhou em volta com cuidado e eu me perguntei o que ela estava esperando. Que Freddy, o feroz, se aproximasse em sigilo para beslicar nossos bumbuns?

– Na verdade, não posso falar disso com você – sussurrou ela, mordendo o impecável lábio inferior. – Mas, no fim das contas, é minha culpa que os meninos estejam nessa situação.

Certas frases têm um efeito irresistível sobre mim, seja na vida real ou num sonho. “Na verdade, não posso falar disso com você” era definitivamente

uma dessas, atrás somente de “Mantenha distância de nós”.

– Você tem razão – sussurrei de volta. – Deve ser mais seguro não falar do assunto.

Anabel hesitou, uma única ruga apareceu sobre sua testa perfeita.

– Acho então que vou indo – disse distraída. – Foi um prazer conhecer você.

Mal virei as costas para sair e ela começou a tagarelar. Meu Deus, como foi fácil.

– Eu convenci os meninos a fazerem aquilo no ano passado, no dia de Halloween, está entendendo? – Desembuchou. – Era para ser só uma brincadeira. Eu não podia imaginar que... – Olhou em volta mais uma vez, amedrontada. – Não se pode enganá-lo. Ele sabe olhar no fundo das almas e não tem misericórdia se não seguimos suas regras.

Quem? O quê? Você está falando do quê? Estava com essas e outras perguntas na ponta da língua. Comecei com a primeira.

– Quem? – Para manter o efeito, me curvei e sussurrei do mesmo jeito enigmático que ela: – Quem não é misericordioso?

Ela sacudiu a cabeça e ignorou minha pergunta.

– Eu amo Arthur, pode acreditar. Sempre pensei que essa história de grande amor fosse um conto de fadas, até que conheci Arthur. Foi como um tsunami nos arrastando. De repente, eu sabia que éramos feitos um para o outro, que ele era o homem pelo qual esperei durante toda minha vida. – Anabel hesitou e mordeu o lábio.

Meu Deus! Mais dramática impossível. Fora o fato de eu sempre ficar desconfiada quando alguém falava tão abertamente com um estranho sobre sua ah-tão-incrível-relação-amorosa, me lembrei de ter lido algo muito diferente no Tittle-Tattle Blog. Pois sim, esperando pelo grande amor. E

aquele ex-namorado, Tom Não Sei de Quê? Ele não havia morrido?

Ela suspirou:

– Em todo caso, eu devia ter pensado que não se mente para ele.

– Você quer dizer, para o Arthur?

Anabel olhou para mim, surpresa.

– Não! Estou falando *dele*. – Só então percebi que as pupilas dela estavam enormes. As suas palavras vagaram pelo corredor e foram lançadas de volta como o eco de um murmúrio. – Ele, a quem evocamos por meio do jogo.

Olhei fixamente para ela.

– Evocaram? Quem? – E por quê?

Anabel ficou calada por alguns segundos, então, sussurrou:

– Ele tem muitos nomes. É o Senhor dos Ventos. Guardião das Sombras. Demônio da Noite.

O corredor escureceu visivelmente. Uma brisa fria roçou meu braço e senti os pelos de minha nuca se arrepiarem. Não tanto pelas coisas que Anabel estava falando, mas porque era evidente que sentia medo. Dava para ver isso em seus olhos.

– Ele reina sobre os sonhos. Os habitantes de Acádia o chamavam de Lilu. Na língua suméria se chamava Lulila e na mitologia persa seu nome é...

– Lulila, o Senhor dos Ventos? – Os pelos de minha nuca voltaram à posição original e uma gargalhada irrompeu de mim sem que eu pudesse conter.

Anabel olhou para mim com olhos arregalados.

– Você não devia... não se brinca com o Demônio da Noite.

– Sinto muito... – disse, tentando recuperar o fôlego. – Mas então ele

devia se dar um nome mais apavorante. – Não, não tinha jeito. Explodi de rir novamente. – Desculpe, mas, Lulila! Parece uma canção de ninar dos Teletubbies.

O medo na feição de Anabel deu lugar à surpresa e a algo que eu não conseguia desvendar o que era, porque lágrimas de riso estavam prejudicando minha visão. *Lulila, o Senhor dos Ventos*: me transformei num saco de risadas, era como se nunca tivesse ouvido nada mais engraçado.

Anabel parecia ter paralisado de horror.

Eu também sabia que minha reação era muito fora de propósito. Até porque, a luz no corredor tinha escurecido, aumentando o clima de suspense, e a temperatura tinha caído sensivelmente. Mas antes mesmo que eu pudesse me controlar e pedir desculpas a Anabel, o despertador tocou.

E acordei rindo.

Inclusive agora passeando com Buttercup, ao me lembrar, gargalhei de novo, tão alto que Buttercup virou a cabeça e me olhou desconfiada.

– Está tudo bem, Butter. Termine seu xixi, aí a gente volta e eu escovo o seu pelo um pouco. – Olhei para o relógio. – Afinal, hoje você vai conhecer seu novo lar. E sua nova família *patchwork* e o gato da família *patchwork*. Então, terá que estar bonitinha e, no fim das contas, todo mundo vai gostar de você.

Buttercup parou, inclinou a cabeça e fez uma cara tão fofa que mesmo o gato mais conservador do mundo a acolheria em seu coração *patchwork*, sim, mesmo o gato do papa, caso ele possua um.

Então, latiu inesperadamente para um ciclista que quase bateu num poste de susto.

Tive que rir de novo. Essa cachorra era uma endiabrada.

Falando em diabinhos, foi só com certo esforço que consegui rastrear

Lulila na internet (havia, no entanto, um monte de lojas de moda infantil com esse nome), mas finalmente consegui encontrá-lo numa lista de divindades e demônios sumerianos. *Lulila – demônio sumeriano*. E isso foi tudo, infelizmente. Mas eu podia acrescentar mais um ponto a meu relatório de avaliação de sonhos. Quinto: aparentemente, eu conseguia sonhar com coisas das quais não tinha o menor conhecimento.



Quando chegamos à casa de Ernest, o clima estava pesado por várias razões. Primeiro, nós realmente chegamos 20 minutos atrasadas (não foi por culpa minha, mas porque nós, guiadas por senhorita tenho-certeza-quase-absoluta-Mia, pegamos o ônibus errado), e segundo, porque Mia e eu estávamos temendo o pior em relação ao encontro de Florence com Lottie.

– Se ela fizer algum comentário... – murmurou Mia para si mesma em tom de ameaça.

Nós não dissemos nada para Lottie de como Florence resistiu em abdicar de seus cômodos, nem mesmo mamãe deixou escapar alguma coisa. Nós todas sabíamos que Lottie não concordaria em ver ou, o que era mais provável, insistiria em ficar com a despensa.

– Ou mesmo se ela fizer cara feia... – continuou Mia.

Eu, por outro lado, olhei fixamente para Freddy, o feroz, à porta dos Spencer e mal pude conter um “Ydderf, Ydderf, Ydderf”, em vez de tocar a campainha.

Era estranho como aquela estátua corpulenta tinha se tornado familiar para mim nas últimas duas noites. Estava esperando que piscasse um olho para mim.

Tínhamos corrido desde a parada do ônibus até ali, deixando para trás

mamãe e Lottie, que acabavam de aparecer na entrada, esbaforridas. Infelizmente, junto com um homem grande de calça de veludo e agasalho de gola alta, que vinha apressado da outra direção e parecia estar atrasado também. Ele tropeçou na coleira da Butter, que não achou nada engraçado, e começou a latir, pular e morder a calça de veludo, e a situação se transformou num pequeno tumulto. Eu e Mia tentamos pegá-la, mas não foi fácil, ela se contorcia como uma enguia. A coleira comprida se enroscou nos pés de Lottie e nas pernas do homem, derrubando ambos, enquanto mamãe, parada ao lado sem capacidade de agir, gritou umas dez vezes seguidas: “Cachorra malvada!”

Por fim, consegui puxar Buttercup pela coleira, e Lottie e o homem levantaram-se. Nisso, bateram com as cabeças uma na outra e quando Lottie soltou um “ai”, Buttercup quase reiniciou a confusão. Furiosa, começou a latir.

– Cachorra malvada – disse mamãe com a voz fraca.

O homem esfregou a testa.

– Tudo bem? – perguntou ele a Lottie, e era preciso reconhecer que foi um ato de superioridade de sua parte. Qualquer um em seu lugar teria ameaçado com um advogado.

– Desculpe – disse Lottie sem fôlego e afastou com a mão um cachinho castanho do rosto. – Normalmente, sou um cachorrinho muito amável.

Mia tapou a boca com a mão para não cair na gargalhada.

– É... ela... quero dizer – Lottie gaguejou e enrubesceu. Pelo jeito, a presença do homem a deixara completamente perturbada. – Ela é uma boa cachorra. Eu... é... ela só não gosta de carteiros.

– Oh, mas eu não sou carteiro – assegurou o homem. – Sou a ovelha negra da família Spencer. Meu nome é Charles e sou o irmão de Ernest. E

vocês devem ser o prolongamento da família. É um prazer conhecê-las.

Depois que tivemos tempo de olhar melhor para ele, aquela introdução não podia realmente nos surpreender, pois, de perto, Charles revelou uma semelhança absurda com Ernest: a mesma constituição larga, os mesmos olhos azuis, a mesma tendência à calvície, as mesmas orelhas gigantes de elefante. Até a voz era parecida.

Ele apertou nossas mãos uma após a outra e nos apresentamos, assegurando que para nós também era um grande prazer. Quando chegou a vez de Lottie, ela ficou ainda mais vermelha e declarou que se chamava Tollie Hastlwuber e que era a “instrutora” das meninas.

– É mais ou menos isso – murmurou mamãe.

Eu e Mia nos entreolhamos, alarmadas. O que estava acontecendo com Lottie? Mal pudemos acreditar no que estávamos ouvindo quando nossa “instrutora” ainda se pôs a revelar segredos de família guardados até então.

– A propósito, eu também já fui a ovelha negra da família – esclareceu, diligente. – Mas aí minha prima, Francisca, se apaixonou pela empregada e se tornou ela a ovelha negra. Até que meu primo, Basti, tomou seu lugar, por transformar seu hotel em um clube de *swing*...

– Vamos deixar os detalhes para depois – mamãe a interrompeu logo e apertou a campainha, enérgica. – Afinal, temos um monte de móveis para mudar de lugar... Ah, oi, Ernest, querido! Desculpe o atraso. Mas não foi por minha causa.

– Nós pegamos o ônibus errado – disse Lottie, sorrindo deslumbrada, mas o sorriso não era para Ernest. Aos poucos comecei a entender o que estava acontecendo.

– Acho que temos aqui um possível candidato para a ação casamento-de-Lottie – sussurrei para Mia ao entrarmos na casa. – Parece que ela gosta do

tipo ovelha-negra-careca.

– É evidente – Mia sussurrou de volta. – Vou já, já tirar a teima.

E foi realmente o que fez. Mostrando seu sorriso mais dócil, fez uma pergunta indiscreta após a outra, ora diretamente a Charles, ora a seus parentes. No final do dia, tínhamos conseguido um monte de coisas: primeiro, estabelecemos uma união familiar entre Spot e Butter. Coisa surpreendentemente simples após a primeira aparição desastrosa de Butter: de início, encararam-se durante um bom tempo, Spot, majestoso, de seu lugar de praxe no sofá, Butter, mais para assustada, farejando a área ao redor e colada à perna de Lottie, mas então, decidiram ignorar-se reciprocamente pelo resto do dia, embora Spot dominasse aquilo bem melhor que Butter a qual, de tempos em tempos, lançava olhares desconfiados para o sofá e, no mais, permaneceu em nosso encalço a cada passo que dávamos pela casa. E olha que foram realmente muitos, pois tivemos que carregar umas 40 toneladas de móveis e caixas da direita para a esquerda, de cima para baixo, e, no final, para todos os cantos.

Entre uma coisa e outra, conhecemos mais de 50 tons de branco e escolhemos aqueles com os nomes mais bonitos (“renda antiga” para Lottie, “neve” para Mia e “areia” para mim), e, para nossa surpresa, Florence revelou-se uma consultora de estilo de mão cheia e Grayson, daltônico. (“Vocês estão gozando da minha cara? Branco é tudo igual!”)

E reunimos um dossiê abrangente sobre Charles, o irmão de Ernest: tinha trinta e nove anos de idade, não tinha filhos e estava divorciado havia dois anos. O divórcio de Eleonor, o dragão ganancioso, lhe custou uma casa de veraneio no sul da França, um carro da marca Jaguar e muitos nervos. As rugas entre suas sobrancelhas também deviam ser computadas a Eleonor, ao menos era isso o que Florence afirmava. Jogava tênis, fazia doações em dinheiro para o World Wildlife Fund, gostava de concertos de música clássica

ao ar livre, assim como da música de uma banda chamada Lambchop. Por falar em Lambchop, lamentavelmente, não era chamado de ovelha negra da família pelo fato de, por exemplo, fazer grafite nas paredes de túneis à noite ou fumar maconha caseira, ou o que quer que seja que ovelhas negras normalmente fazem, mas por, ao contrário de seus três irmãos maiores, não ter estudado direito nem entrado para a política. Em vez disso, possuía um consultório dentário em Islington, no norte de Londres. Eu e Mia estávamos um pouco decepcionadas. Um veterinário seria ótimo, mas um dentista? Não. Eram pontos a menos no placar da simpatia. Além disso, dentistas simplesmente não cheiram bem...

Mas não foi só Charles que teve de se submeter a um inquérito por causa de nossa curiosidade, Lottie também precisou engolir um monte de perguntas esquisitas, pois, pelo jeito, Florence tinha um problema com a nacionalidade de Lottie e queria se assegurar se havia nazistas entre seus ascendentes. E, sendo esse o caso, se ela se sentia culpada e como lidava com isso.

Mia queria dar um tapa em Florence por causa da pergunta, mas Lottie disse que, pelo que ela sabia, todos os nazistas da família tinham morrido na Segunda Guerra, e, com isso, Florence deu-se por satisfeita. Parecia também ter se conformado com a união das famílias e as respectivas mudanças no arranjo dos cômodos. Em todo caso, não reclamou mais disso nem teve mais nenhum ataque histérico. Fiquei um pouco decepcionada. Florence tinha me agradado mais quando perdeu o controle.

Naturalmente, mamãe também não poupou comentários lamentáveis. Que prático que tenha esperado até o almoço para começar com aquilo, garantindo assim que todos pudessem ouvir!

– É tão gentil de sua parte levar Liv a essa festa hoje à noite. – Ela sorriu para Grayson. Só faltava dar um beliscão na bochecha dele. – Eu digo sempre, na idade de vocês, a gente só fica em casa num sábado à noite com

40 graus de febre... Estou muito feliz que a fase boa moça de Liv tenha terminado.

– Ahn... – Evidentemente, Grayson estava sem palavras. Ele lançou um olhar para mim e eu não consegui reprimir um risinho malicioso.

– Mãe, acho que você não está a par das novidades. Não deixe o Grayson sem graça. É que ele preferiria que eu não fosse a essa festa hoje.

Ernest pousou sua colher de sopa sobre a mesa.

– Como?

Grayson enfiou um pedaço de pão na boca e murmurou algo ininteligível. Fiquei com um pouco de pena, mas foi ele que quis assim.

– Que absurdo, fofura – disse mamãe. – Pois se é graças a Grayson que você foi convidada para essa festa. Não é verdade, Grayson?

Grayson engoliu em seco.

– É... sim, mas... eu.... ahn. – Ele deu mais uma olhada rápida para mim e continuou, sem gaguejar. – Essas festas são meio barra pesada, bebe-se muito álcool, e como Liv tem só quinze anos, pensei que seria melhor se ela ficasse em casa...

Ah, essa foi demais.

– Em três semanas faço 16 – disse, indignada.

– É mesmo? Mas não parece.

– Grayson! – Ernest o repreendeu com o olhar. Fiz o mesmo. O que ele queria dizer com “não parece”?

– Entendo as argumentações de Grayson – disse mamãe. – Ele é um rapaz responsável e está só querendo proteger Liv. – Ela se virou para seu futuro enteado. – Mas nesse caso, não é necessário, Grayson, fofo. Você pode se divertir na festa à vontade, Liv sabe tomar conta de si realmente muito bem. – Abaixou-se até Ernest e sussurrou tão alto que todo mundo na mesa

pôde ouvi-la sem problemas: – Bem até demais, é o que às vezes penso. Na idade dela, eu já tinha experimentado de tudo: a primeira embriaguez, o primeiro cigarro de maconha, o primeiro sexo. Nesse ponto, Liv ficou um pouco para trás. Aos poucos, estou ficando realmente preocupada, temo que tenha puxado ao pai. Ele nunca fez nenhuma maluquice na vida. Quer dizer... bem... fez sim, casou-se comigo. Pelo menos isso. – Ela riu.

Ernest caiu no riso também, mas parecia um pouco confuso, assim como seu irmão Charles, que, no entanto, parecia aliviado de que o assunto dessa vez não fosse ele.

– Ouviu? – disse eu a Grayson. – Para minha mãe, seus amigos não podem ser perigosos o suficiente. Ainda que rezem missas negras à noite no cemitério.

Talvez eu estivesse imaginando coisas, mas acho que Grayson ficou um pouco pálido. Ele apertou os lábios, empurrou a cadeira para trás e se levantou.

– Vou continuar com os móveis.

– Se Grayson não estiver disposto a tomar conta de Liv, eu posso fazê-lo – ofereceu Florence, quando Grayson saiu da sala de jantar com um último olhar sinistro em minha direção. – Também vou à festa de Arthur, logo após o encontro de nosso Comitê de Organização do Baile.

Não tive nem oportunidade de me irritar, pois ao som da palavra “baile”, mamãe voltou a atenção à conversa imediatamente.

Florence ficou feliz com o interesse e começou a retratar o Baile de Outono e seus trajes cerimoniais com as mais vivas cores, alegando ser o dia mais romântico do ano. Um ápice na vida de qualquer formando da Frogmal Academy, mas – e neste ponto da conversa, um sorriso nitidamente perverso perpassou o rosto de Florence – infelizmente, apenas para alunos do último

ano.

Mamãe estava com cara de quem iria cair em prantos de decepção.

– Alunos mais novos só podem ir ao baile em par com um aluno mais velho. – A voz melosa de compaixão. – E, lamentavelmente, Grayson já vai levar Emily.

Mamãe suspirou.

– Mas, com um pouco de sorte, eu poderia ajudar a encontrar um par para Liv... – acrescentou Florence.

Era exatamente o que Perséfone havia previsto. E mamãe, claro, estava caindo direto na armadilha de Florence.

– É verdade? – perguntou entusiasmada, e eu pude ver que em sua imaginação ela já estava escolhendo o vestido do baile. – Liv, fofura, seria fantástico, não?!

– Ahn, é difícil... Mas o irmão de Emily ainda está livre... – Florence enrugou a testa como se a ideia realmente lhe tivesse custado certo esforço. – Quem sabe não consigo convencê-lo a levar Liv ao baile?

Sam, claro! Ou Sam, o espinhento, como Perséfone o chamava.

– Mas, obviamente, não posso prometer nada.

Oh, a coisa estava ficando cada vez melhor. Agora ainda seria preciso implorar de joelhos ao espinhento do Sam para que fosse comigo ao baile. Talvez até suborná-lo.

– Esse evento parece horrível – disse eu com ênfase. – Só para deixar bem claro: eu preferiria me submeter a um tratamento de canal sem anestesia do que ir a esse baile.

– Liv! – disse mamãe, e Florence levantou as sobrancelhas, ofendida, murmurando algo estranho sobre uma raposa e uvas verdes...

– Eu já fiz um tratamento de canal sem anestesia – disse Lottie. – E,

acredite, não é isso o que você quer.

– Um tratamento de canal sem anestesia? – repetiu Charles, incrédulo, e Lottie fez que sim com a cabeça. – Meu tio Kurt é dentista. Um péssimo dentista, avarento e sádico. – Olhou de viés para Florence e se apressou em acrescentar: – Mas, ainda assim, não é nazista.

– Então a senhora não deve gostar muito de dentistas. – O tom de Charles era nitidamente de lástima. – Quer dizer, tendo experiências tão ruins.

Lottie enrubesceu de leve. Já ia criar mais uma baita de uma frase com letras reviradas, utilizando as palavras “conteifeiros”, “tendistas” e “samoquistas” quando Buttercup a cutucou com o focinho, evitando que o pior acontecesse. Durante o jantar, Butter tinha se escondido embaixo da mesa e encarava o gato sonolento com olhares amedrontados, mas agora estava claro que queria tirar Lottie daquela confusão, lembrando do passeio da tarde que já era para ter sido feito há muito tempo. Lottie aproveitou a ocasião, fechou a boca e pegou a coleira. Tinha certeza de que precisava urgentemente de um pouco de ar fresco. Um pouco de água fria sobre o rosto também não lhe faria nada mal.

Florence a acompanhou com o olhar, pensativa.

– Ela tem um sotaque esquisito, mesmo para uma alemã, eu acho – disse ela, tão baixo que Lottie (assim espero) não pôde ouvir. – E, aliás, de que raça é o cachorro de vocês?

Abri a boca para defender o sotaque de Lottie (ela não tinha sotaque nenhum quando não estava ocupada em revirar as letras) e para listar todas as raças que (supostamente) se encontravam na linhagem de Buttercup (e a lista era longa), quando fui interrompida por Mia.

– Buttercup é de Entlebuch – explicou, sem pestanejar. – Uma raça

muito rara e valiosa de cães pastores suíços.

Buttercup, que tinha troteado atrás de Lottie, virou-se mais uma vez ao som destas palavras, com a expressão mais rara, valiosa e fofa possível. Lottie, que estava esperando por ela à porta, estava com a mesma expressão.

– Excelentes cães! – disse Charles, entusiasmado.

Mia se curvou sobre o prato e murmurou, por sorte não tão alto como mamãe:

– Mas, ainda assim, preferimos os veterinários.



O casarão do pai de Arthur correspondia exatamente à maneira como eu havia imaginado de início a casa de Ernest: o portão de enrolar vigiado por câmeras à beira da rua, o jardim que mais parecia um parque, o portal de colunas que bem poderia fazer parte do cenário de *E o vento levou*, e – sério! – um chafariz no hall de entrada. Difícil era imaginar que dava para morar ali.

– Parece uma clínica privada para filhinhos de milionários dependentes de droga – sussurrei para Grayson.

– E é mais ou menos isso mesmo – disse Grayson. – Só que aqui a gente recebe fartamente drogas e álcool.

– Minha mãe ficaria empolgada – disse.

– É, com certeza. – Grayson esfregou a testa. – Ela é um pouco diferente das outras mães, não é, não?

– Ah, você também já percebeu? A propósito, que bom que você voltou a falar comigo. – No caminho até ali, ele tinha só olhado fixamente para a frente, mal-humorado. Quando entrei no carro, esforçou-se para dizer um “oi”, no mais, não disse nem uma palavra.

Ele deu de ombros.

– De um jeito ou de outro, não posso mesmo mudar as coisas. Você está

aqui, apesar de minhas advertências.

– Sim – respondi, satisfeita. Pouco antes, no carro, eu estava tão cansada que fiquei com medo de cair no sono ao lado daquele Grayson mudo. Esses testes empíricos noturnos e a mudança dos móveis tinham me esgotado. Mas agora estava bem desperta e disposta a esclarecer alguns segredos.

Um rapaz extremamente estressado abriu a porta e nos guiou através de um corredor lateral, dizendo: “A festa da garotada é no galpão da piscina”. Segundo Grayson, tratava-se do secretário particular do pai de Arthur, que também estava dando uma pequena festa hoje. (O pai, não o secretário.) Se bem que “pequena” na linguagem dos Hamilton devia ser entendida sob outros parâmetros.

A “pequena” piscina, por exemplo, tinha pelo menos 15 metros de largura e o galpão que a circundava era maior que todos os lugares nos quais já morei. As muitas vidraças produziam um efeito um pouco intimidante. De forma alguma deviam começar a jogar pedras ali dentro. Na parte da frente havia um bar tão bem equipado que até poderia ser um *pub*. A piscina estava lindamente iluminada, mas, embora a água parecesse deliciosa, ninguém estava nadando. Bem, pode ser que isso ainda fosse acontecer. O local estava bastante cheio e várias pessoas dançavam tão perto da piscina que provavelmente cairiam nela mais cedo ou mais tarde e seriam *obrigadas* a nadar.

Em todo caso, a atmosfera era a melhor possível. Ao ver algumas garotas de vestido justo e sapatos de salto alto, pensei se eu não devia me sentir malvestida e ir logo desenvolvendo um complexo de inferioridade, mas então descobri, graças a Deus, algumas outras de jeans e camiseta, e respirei aliviada. Para meu padrão, eu já estava bastante arrumada: a camiseta azul tinha um decote ousado e a nova calça jeans que comprei com papai em Zurique num de seus dias esbanjadores caía muito bem. Além disso, estava

de brilho nos lábios, rímel, o corretivo de mamãe e uma pequena presilha de cabelo com uma borboleta prateada que Mia tinha me dado de presente porque a achava muito cafona para ela mesma.

– Ali estão Arthur e Jasper – mostrei. Precisei praticamente gritar. A mistura de música e burburinho num espaço com tanto vidro era, acusticamente, uma catástrofe. – Por que Jasper está com o polegar levantado e rindo assim desse jeito estranho?

– Porque ele acha que fiz um milagre trazendo você contra a vontade de sua mãe – retrucou Grayson, enquanto Arthur e Jasper abriram caminho entre os dançantes e vinham a nosso encontro. – Você pode simplesmente dizer não. – Ele me pegou pelo braço e olhou fixamente em meus olhos. – Você está ouvindo, Liv? Diga simplesmente não.

– A quê? – perguntei, mas aí Arthur e Jasper já haviam nos alcançado.

– A pequena Liz! De cabelo solto e sem óculos. Uau! – Jasper me olhava, radiante. – Excelente trabalho, Grayson! – disse, levantando a mão, provavelmente para que Grayson batesse nela. Mas Grayson só deu um sorriso um pouco amuado. E continuava com a mão segurando firme meu antebraço.

– Que bom que acabou dando certo, Liv – disse Arthur. Sem o uniforme escolar ele era ainda mais bonito, se é que isso era possível. Uma estátua clássica de Michelangelo, só que não nua, mas de jeans e camiseta polo preta bem justa.

– Mas eu bem que tinha di... – comecei a falar, mas Grayson me interrompeu.

– Não foi fácil convencer a mãe dela – disse, apertando ainda mais meu braço. – Tive de prometer que a deixaria em casa às onze.

– Ah... – Tentei não lançar um olhar consternado para Grayson.

– Bem, é melhor que nada – disse Arthur, sóbrio. – Vocês estão com fome? Meu pai está dando uma festa hoje à noite também, acho que para festejar um negócio. Separei umas coisas do bufê para a gente. Sushi, pastéis e torta de framboesa.

– Por um fio a gente não surrupiou também uma garçonete ruiva muito gostosa – Jasper entrou na conversa. – Mas, infelizmente, o pai de Arthur quis ficar com ela para si... Ei, olhem ali, o Henry!

Respirei fundo, precisava me armar. Só de ouvir o nome de Henry, meu coração já começava a querer parar. E não adiantava nada ele estar com aquela cara de quem tinha secado os cabelos num furacão tropical de categoria 12. O fato de a gente ter ficado de mãos dadas no sonho me deixava embaraçada, embora seu comportamento não desse motivo nem para suspeitar de que ele pudesse ter sonhado a mesma coisa. Na escola nós tínhamos nos evitado claramente, ou melhor, ele me evitou, eu só fingi.

– Poxa, cara, você queria estar aqui há duas horas – disse Jasper.

– Eu sei. – Henry olhou para a mão de Grayson, que continuava segurando meu braço. Grayson estremeceu e me largou, como se só agora percebesse que estava o tempo todo prendendo minha circulação.

– Desculpe – disse Henry. Ele estava com olheiras profundas. – Eu não estava podendo sair de casa, a crise habitual dos fins de semana de uma família pequena. – Ele e Grayson fizeram novamente aquele estranho ritual de boas-vindas de jardim de infância, um misto de cruzar os dedos, palmas e socos, e, por um instante, a expressão de Grayson pareceu menos tensa.

– Está tudo bem agora? – perguntou Arthur, compadecido de Henry.

Henry fez que sim com a cabeça, mas parecia querer se poupar de uma resposta mais aprofundada.

– Oi, menina do queijo – disse ele no lugar da resposta e sorriu para

mim. – Então você veio?

– É, a severa da minha mãe deixou, excepcionalmente, que eu saísse à noite – expliquei, olhando de viés para Grayson.

– Mas só até às onze – acrescentou ele, implacável.

– Ai, que merda! – Jasper apontou para uma garota ruiva com um vestido azul tomara que caia, tão curto que bem podia passar por um maiô. – Quem foi que convidou a Madison?

Então era aquela a ex-namorada de Jasper. Estava atracada com um garoto à beira da piscina que brilhava em tons de azul-turquesa. Madison tinha acabado de dar uma gargalhada.

– Madison veio com o Nathan – disse Arthur. – Agora você vai ter que ser muito forte, Jasper. Eu vou lá cumprimentá-los rapidamente, OK? Mas já volto.

– Pfff! – fez Jasper enquanto observava Arthur se juntar aos dois. – Não estou nem aí. Só o que me irrita é que ela faz como se fosse *ela* que tivesse me descartado. No entanto, foi o contrário, claro.

– Claro! – murmurou Grayson.

– Poxa... *Nathan*! Madison pirou? Por que é que ela está querendo provocar ciúme em mim com esse anão de jardim? Eu sou Jasper Grant! Será que ela não sabe que eu o vi no chuveiro? E dizem que o tamanho do nariz é proporcional... Olhem só esse baita narigão e comparem com o seu minúsculo...

– Está tudo bem, Jasper, nós estamos do seu lado – interrompeu Henry.

Jasper mudou inesperadamente o tom de voz de ofendido para dócil-melífluo.

– Madison é realmente de dar pena. Não é mesmo, Lizzy? Sem tirar o olho da ex-namorada, colocou o braço em volta do meu ombro. – Primeiro

corre meses a fio atrás de mim e me escreve cartas de amor exageradas, mas mal terminamos e já se lança ao pescoço do próximo. Por puro desespero. – A cada palavra ele se aproximava mais de mim e agora seus lábios quase tocavam minha orelha. – Aliás, você tem um cheiro bem gostoso.

– Deixe ela em paz, Jasper! – disse Grayson, mas Jasper o ignorou.

– Que perfume é esse? – sussurrou ele em meu ouvido. – Está me deixando completamente louco.

– É, está na cara. Principalmente porque eu não passei perfume nenhum. – Me libertei de suas garras, mas muito mais suavemente do que o teria feito de costume porque Madison continuava olhando em nossa direção.

– Quer beber alguma coisa? – Jasper me perguntou. E ficou radiante quando aceitei. – Vou criar um novo *drink* em sua homenagem. E vou chamá-lo de *Sweet Liz*, inspirado na loura mais fofa deste salão.

Henry estrebuchou, divertindo-se.

– O nome dela é Liv. L-I-V. E ela tem só 15 anos, Jas – disse Grayson, irritado. – Ou seja, você não vai nem afogá-la em álcool nem fazê-la de fantoche para pôr ciúmes em Madison. E, aliás...

– Ah, vá ficar com a sua Emily, seu estraga prazeres! – Jasper o interrompeu, apontando para duas garotas que acabavam de entrar no galpão da piscina pela porta corrediça. Eram Florence e uma menina magra de cabelo castanho comprido, Emily Clark, a redatora-chefe da revista da escola.

Curiosa, fiquei na ponta dos pés para ver melhor. Florence estava extraordinariamente linda. Os cachos brilhantes caindo sobre uma leve jaqueta, combinando com a saia curta e as botas. Emily era ao menos uma cabeça mais alta e, com o corte de cabelo sóbrio, o blazer preto e a calça preta, parecia a irmã mais velha de Florence. Ou uma estudante que levava seus estudos muito a sério. Ou alguém querendo vender uma apólice de

seguros. A suspeita que Mia e eu tínhamos de que Emily poderia ser a Secrecy do Tittle-Tattle Blog se baseava no fato de que, nos últimos três anos, nunca constou nada cruel contra Emily no blogue. Com exceção de uma passagem sobre o visual desfavorável de seus capacetes de equitação, assim como umas poucas alfinetadas sobre suas boas notas. Mas, nesse contexto, o termo “CDF” podia muito bem passar como uma sofisticada camuflagem para um louvor ou elogio próprio, e a foto que mostrava Emily no traje de equitação não era nem um pouco desfavorável. Provavelmente ela era inclusive a única pessoa no mundo que não ficava absolutamente ridícula com um capacete de equitação.

– A feminista da Emily por acaso foi ao cabeleireiro? – perguntou Jasper.
– E seria aquilo um *batom*? – Assobiou baixinho entre os dentes. – Ela deve estar mesmo muito apaixonada por você, Grayson.

Como que para provar, Emily sorriu para nós e acenou para que fôssemos até lá, enquanto Florence virou suas atenções para um garoto moreno de ombros caídos, cuja pele impura podia ser vista daqui, apesar da penumbra. Ai, meu Deus! Aquele com certeza era Sam, o espinhento. Ele checava o espaço com o olhar. Provavelmente, Florence tinha acabado de lhe oferecer 100 libras para que ele fosse ao baile comigo, e ele agora estava calculando se a quantia era justa. Eu tinha certeza de que mamãe também estava disposta a pagar até mais para ver sua filha num vestido de baile vitoriano.

Eu me escondi atrás de Grayson.

– Pelo jeito reverencioso como sorri e acena, parece até que Emily está na varanda do Palácio de Buckingham – disse Henry. – Acho que deseja que seu príncipe vá até ela.

Grayson suspirou profundamente e Jasper lhe deu um empurrãozinho.

– Pode ir. A gente toma conta da Liz.

– Liv!

– Foi o que eu disse.

– Está bem. Já volto – disse Grayson e, sem se dirigir a ninguém especificamente, virou-se e caminhou na direção de Emily. Jasper, Henry e eu observamos os dois cumprimentando-se.

– Categoria beijinho-no-rostos-sem-compromisso – constatou Henry.

– É exatamente um beijo desses que dou na minha tia Gertrude quando a cumprimento – disse. (E prendo sempre o fôlego porque tia Gertrude costuma exalar um cheiro desagradável, uma mistura de cachorro molhado e laquê.)

Mas Emily parecia não se contentar com um beijinho tipo tia Gertrude. Lançou um olhar rápido em nossa direção, pousou ambos os braços em volta do pescoço de Grayson e o puxou para si para lhe tascar um beijo de língua digno de Hollywood.

– Aííí – fez Jasper.

Henry disse:

– Lá se foi o batom.

– Ela provavelmente só não quer que pensem que cheira a cachorro molhado – falei.

– Cá entre nós, acho que ela sempre cheira um pouco a estábulo de cavalo – sussurrou Arthur, posicionando-se sorrateiramente atrás de nós. – A feno, couro e bosta de cavalo. Mas só não digam isso a Grayson. Até porque, parece que ela está desenvolvendo uma paixão maior por ele do que por seu cavalo.

– E olha que o cavalo se chama Conquest of Paradise – acrescentou Henry. E mesmo sem olhar para ele, sabia que cara estava fazendo. Eu me

esforcei para não rir.

– Talvez eles devessem procurar um quarto – murmurou Jasper. Henry e Arthur entreolharam-se rapidamente.

– Ahn, Liv, você não quer dar uma olhada no cinema e na cinemateca? – perguntou Arthur de repente.

Imediatamente, me senti desperta e altamente concentrada.

Será que a coisa estava começando? Será que iria saber agora por que Grayson se esforçou tanto para me manter longe dessa festa? Jasper, Arthur e Henry pareciam estar tão curiosos quanto eu. Olhavam para mim como se esperassem por algo, eu diria mesmo, como se estivessem à espreita.

Diga simplesmente não – eu não havia esquecido das palavras de Grayson.

– Sim – disse eu, resoluta. – Eu adoraria.



Foi só no corredor que levava de volta à casa principal que notei como a música da festa estava alta. Meus ouvidos tinham ao deixarmos para trás o retumbar do baixo, até que, finalmente, só nossos passos ecoaram estranhamente amplificados no chão de granito.

Olhei em volta.

– Cadê o Jasper?

– Está preparando uns *drinks* para a gente e já vem. Por aqui. – Tínhamos chegado ao fim do corredor e entramos no hall com o chafariz que borbulhava tranquilo. Não havia ninguém à vista, mas ouviam-se vozes abafadas e um piano.

– O cinema e a cinemateca ficam no subsolo – esclareceu Arthur, abrindo a porta.

Uma escada a nossa frente levava ao porão. Meus pés estacaram sem que eu tivesse a intenção.

– Talvez não seja uma ideia muito inteligente descer a um porão escuro com dois sujeitos estranhos, não é mesmo, Liv? – Henry se colocou a meu lado e olhou para mim com ar de ironia, as sobrancelhas erguidas, como de costume.

Era estranho, mas eu tinha acabado de pensar exatamente a mesma coisa (e, pelo jeito, meus pés também). Mamãe não havia dito somente algumas horas atrás que temia que eu nunca fizesse nada irresponsável, exatamente como meu pai? Pois bem!

Mas como dizia sr. Wu: “Quem pesa cada passo, passa a vida inteira sobre uma perna só”.

Continuei andando.

– Do que é que eu precisaria ter medo? – perguntei, sorrindo meu sorriso inocente mais dócil. (Aliás, eu também sabia fazer aquilo com as sobancelhas, até muito bem, mas quis guardar para mais tarde. A gente tem de lidar com cautela com esses truques miméticos, senão eles perdem o efeito num instante.)

– O porão não é escuro e nós não somos estranhos. – Arthur soou um pouco ofendido e, de fato, o termo “porão” me pareceu bem inadequado quando chegamos lá. Graças a uma série de luminárias de teto e de parede, o espaço estava claro como se fosse de dia e o chão do corredor, que, com suas diversas portas, me lembrou o corredor dos meus sonhos, era revestido com tapetes de luxo.

– Bem, as paredes aqui são realmente muito grossas. Ninguém ouviria você gritar. – Aparentemente, Henry não conseguia parar com aquilo.

Dei de ombros, exagerando na descontração, e citei – dessa vez bem alto – um provérbio do sr. Wu tirado de seu arsenal:

– Se o dragão quiser subir aos ares, terá que voar contra o vento. – *Além disso, eu sei kungfu*, pensei.

Henry riu e Arthur abriu uma porta pesada ao fim do corredor.

– Vamos entrando! – disse ele, fazendo um gesto convidativo para que eu passasse primeiro.

Encantada, olhei para as arquibancadas com poltronas de cinema de veludo vermelho, no mínimo dez por fila, emolduradas à esquerda e à direita por escadas revestidas com um tapete felpudo preto. Que loucura! Essa gente tinha mesmo um cinema de verdade no porão! Arthur girou o interruptor ao lado da porta e a sala foi iluminada bem suavemente por inúmeros projetores minúsculos que brilhavam como estrelas no teto forrado com um tecido preto.

Um grito agudo ecoou no espaço. Instintivamente, olhei para as caixas de som, pois o grito bem poderia vir de *Todo mundo em pânico*, mas, em vez disso, duas cabeças emergiram da última fila. Uma masculina, distinta, grisalha; uma feminina, com um penteado caro daqueles de um dos salões da Bond Street, mas que agora, infelizmente, estava desgrenhado.

– Ah, sra. Kelly e sr. Braxton, por favor, não se incomodem – disse Arthur educadamente, e continuou girando o interruptor até que o céu de estrelas se transformasse em um monte de supernovas e o cinema fosse inundado por uma luz clara e ofuscante.

– Meus amigos e eu já vamos sair. Daqui a meia hora. Aproximadamente.

– Que merda! – murmurou o homem, e, nervoso, começou a ajeitar suas roupas. Precisou de uns poucos segundos e destrambelhou-se escada abaixo, a camisa nem estava fechada direito ainda. Eu não consegui sair do caminho rápido o suficiente e ele esbarrou no meu ombro com o impacto de um trem entrando na estação. Se Henry não tivesse me amparado, eu teria caído.

– Desastrado! – falei. Eu entendia o motivo de sua pressa, mas não precisava me usar como saco de pancadas.

– Quem, eu? – Henry riu baixinho e tirou o cabelo de minha testa antes de me soltar. Eu me esforcei para continuar respirando normalmente. Ele não devia perceber, de jeito nenhum, o quanto sua presença me tirava do sério.

A pobre mulher precisou de um pouco mais de tempo até terminar de se vestir. Quando finalmente desceu a escada com o rosto vermelho igual a um tomate, não tirou os olhos do chão.

– Que prazer revê-la, sra. Kelly – disse Arthur com uma pequena reverência quando ela passou por nós. Apesar dos saltos altos, alcançou uma velocidade digna de uma competição olímpica. – Ah, mande um abraço de minha parte para o seu marido, por favor, caso ele também esteja na festa.

Sra. Kelly seguiu saltitando pelo corredor como se não tivesse ouvido nada.

– Você foi cruel – disse Henry.

– O sr. Braxton bem que poderia ter esperado por ela – comentei, compadecida.

– Pois é. – Arthur fechou a porta que dava para o corredor e abaixou novamente a iluminação. – Os *gentlemen* estão em extinção, como diz minha avó. Mas onde é que nós estávamos mesmo? Ah, é! – Ele sorriu para mim. – E? O que achou do nosso cinema?

Retomei o assunto com alívio.

– Muito legal – falei, cautelosa. Passei a mão sobre o tecido macio do braço de uma poltrona. E por que mesmo estávamos ali?

– Eu poderia pegar um filme de horror dos anos 50 na sala ao lado – sugeriu Arthur. Ele continuava de pé ao lado da porta, as mãos nos bolsos da calça. – Não que eles sejam assustadores, mas, se for verdade o que meu pai diz, do ponto de vista cinematográfico, são valiosos. O que você prefere, Liv? Zumbis, fantasmas, vampiros...?

– Ou talvez demônios? – acrescentou Henry.

Teria sido essa a deixa? Será que daríamos início à sessão de revelação dos segredos? Sorri novamente o meu sorriso de carneirinho inocente.

- Não podemos ver nenhum filme agora, têm 50 convidados lá em cima.
- Imagino que já sejam para lá de 70 – disse Arthur, dando de ombros.
- Mas eles se viram bem sem mim. Isso aqui é mais importante.

Alguma coisa trombou contra a porta.

– Ah, nossos *drinks*. – Arthur abriu a porta e Jasper entrou estabonado, carregando taças, várias garrafas, um baldinho com pedras de gelo e duas laranjas, que trazia presas entre a orelha e o ombro, a cabeça inclinada. O rosto estava pela metade coberto por um ramo de hortelã que carregava atravessado na boca e que caiu quando ele começou a falar. Henry ainda conseguiu pegá-lo antes que atingisse o chão.

– Não achei nenhuma bandeja, aí pensei: vou mixar tudo aqui em baixo – explicou Jasper, enquanto tentava colocar o resto com cuidado sobre um assento. – E aí? Vocês já perguntaram a ela?

– Não – retrucou Arthur. – Na verdade, a gente queria abrir o jogo bem devagar e com tato.

– Perguntar o quê? – falei, catando as laranjas que tinham rolado pelo tapete preto.

– Ora! Se você quer tomar o lugar de Anabel em nosso jogo – retorquiu Jasper. – O que obviamente só é possível se você ainda for virgem. É por essa razão que a gente devia esclarecer isso logo em primeiro lugar: você ainda é virgem?

Ah, por favor! O que é que ele tinha a ver com isso? Pirou?

– Ah, cale a boca, Jas! – disse Henry, e meu sorriso de carneirinho inocente se desfez.

– Mas, por quê? – Jasper franziu a testa sem entender. – De que é que adianta a gente passar horas tentando explicar para ela do que se trata e depois constatar que ela não serve? Outro dia eu li que as meninas vivenciam

sua primeira vez com 15 anos. Ela tem 15 anos e é bem gostosa, pelo menos quando está sem os óculos esquisitos, ou seja, a pergunta é legítima. Você é virgem ainda, Liv, ou não?

Fiquei olhando estatelada para ele.

– Vocês jogam um jogo que só se pode jogar com uma virgem?

– Bom trabalho, Jasper, agora ela pensa que somos loucos.

– Foi sem querer. – Jasper franziu a testa, arrependido. – Eu só não queria perder tempo... Como é que vocês teriam começado?

Henry encostou as costas contra a parede e cruzou os braços.

– Provavelmente, a gente teria primeiro chamado a atenção para as vantagens do jogo antes de passar para a parte maluca.

– Devagar e com tato. – Arthur parecia estar achando bem menos graça naquilo do que Henry.

– Mas de que jogo se trata exatamente? – perguntei rápido.

Arthur abriu a boca para responder, mas Jasper tomou a frente.

– Um jogo sem dados. E também não se trata de vencer. É mais uma espécie de jogo cênico... apesar de a gente não interpretar personagens. Na verdade, não é realmente um *jogo*. Se você estiver confusa agora, então está sentindo o mesmo que eu. Também acho isso tudo confuso. *Muito* confuso. Tão confuso que vou primeiro fazer algo para a gente beber. – Ele tinha enfileirado as taças uma ao lado da outra no encosto do assento e abriu a tampa da garrafa de gim.

Arthur estava com cara de quem queria, de preferência, agarrar Jasper e tampar sua boca, mas, depois de trocar um olhar com Henry, deu-se por satisfeito apenas lançando farpas de raiva na direção de Jasper. Este, por sua vez, estava longe de captar os esforços de seus amigos.

– Eu reconheço que até hoje não entendi direito esse jogo – continuou

ele. – Principalmente essa coisa com os sonhos, é complicada demais para mim. Mas com um pouco de treino começou a funcionar comigo também, e, uau, a coisa com os desejos me deixou chapado, e, bem, é muito legal, de todo jeito, foi legal até... oh, porcaria, esqueci o medidor.

Não! Não era possível! Ainda me vinha com esse medidor estúpido.

– Até o quê? – perguntei, mais impaciente do que pretendia.

– Até a gente infringir as regras do jogo. Bem, na verdade foi só Anabel, mas para *ele* isso parece não fazer diferença. – Jasper decidiu não se aborrecer mais por causa do medidor. Distribuiu generosamente o gim sobre as pedras de gelo. – O negócio é que ao menos um dos jogadores tem que ter sangue virgem porque o último laço só pode ser aberto por alguém com sangue virgem, e no ano passado no dia do Halloween, quando a gente começou o jogo, eu pensei que praticamente todos nós tínhamos sangue virgem, com exceção de mim e Anabel... Ahn, desculpe, Arthur...

– Tudo bem. – Arthur tinha se jogado sobre um dos assentos, afundando a cabeça nas mãos. Pelo jeito, tinha desistido de fazer com que Jasper se calasse.

Esfreguei discretamente meus braços, que tinham se arrepiado quando compreendi, de repente, que aquilo que Jasper estava dizendo se encaixava com o que Anabel havia me contado durante a noite passada no sonho. De um jogo que eles tinham começado durante a festa de Halloween e do qual tinham perdido o controle... por culpa dela.

Dei uma olhada rápida para Henry, que continuava em seu posto na parede. Assim como Arthur, ele não tentou mais parar Jasper. Talvez porque eu não tivesse saído correndo e gritando até agora, ou somente porque Jasper não tivesse freio mesmo.

Ele havia deixado o gim de lado e encheu as taças de Martini. Já dava

para ficar levemente embriagado.

– Em todo caso, descobrimos que Grayson, para nossa surpresa, já tinha tido algo com Maisie. O bobo do Henry ficava de segredinhos e nunca nos contava nada, e Arthur tinha perdido a virgindade com 15 anos com aquela estagiária francesa terrivelmente fofa, mas infelizmente, esqueceu de contar para seu melhor amigo... – Jasper lançou um olhar de repreensão para Arthur. – E quem diria?, Anabel era de fato a única que não havia feito sexo ao começarmos o jogo. O que, no fim das contas, teria sido suficiente. Mas então, Anabel, não sei com quem nem como, ahn.... infringiu as regras do jogo, uma história complicada e dramática essa, e tudo destrambelhou, e agora a gente precisa de uma nova Anabel que tenha a virgindade garantida e que permaneça assim até o fim do jogo. Então, o que você me diz, Liv? Você é virgem ainda, sim ou não? – E como as últimas frases tivessem saído num jorro só e sem pausa, ele agora arquejava sem fôlego.

Arthur soltou um suspiro abafado.

– Pois é, Liv, agora você está por dentro da situação – disse Henry, sarcástico. – E aí? Assustada de vez?

Infelizmente, não. Pelo contrário. Estava louca para fazer algumas perguntas, mas não queria confessar o quanto já sabia. Até porque, a maior parte de minhas informações vinha de sonhos duvidosos.

– Acho que agora gostaria de saber mais sobre as vantagens do jogo – disse.

– Oh, são muitas! Vamos ver... – A testa de Jasper se encheu de rugas como se estivesse profundamente compenetrado. – Se você entrasse no jogo, teria, por exemplo, logo quatro potenciais acompanhantes para o Baile de Outono e qualquer menina nessa escola invejaria você ardentemente.

Henry deu uma risada curta.

– Você quer fisgá-la com o Baile de Outono?

– Por que não? Outras meninas seriam capazes de matar por isso... eu devia ter falado isso primeiro, não é?

– Ah, Jasper, você não tem jeito. – Arthur estendeu a mão. – Pode me passar uma taça?

– Ainda não acabei – disse Jasper, dando um tapinha nos dedos de Arthur. – Ainda falta Campari e uma fatia de laranja. E uma folha de hortelã. A gente só vai se embriagar com estilo, não lembra?

Nesse instante, a porta foi aberta com força. A luz forte do corredor invadiu o espaço.

– Oi, Grayson. – Arthur fisgou a garrafa de gim do assento de Jasper.

– Oi, Grayson?!! – repetiu Grayson, irado. – Vocês piraram? Eu me descuido por um minuto e vocês somem com a Liv...

– Foi, sem dúvida nenhuma, mais que um minuto – murmurou Henry.

– Os *drinks* estão quase prontos – disse Jasper.

– Vocês são realmente o cúmulo do absurdo!

Arthur soltou um suspiro profundo.

– Entre e feche a porta, Grayson.

Mas Grayson sacudiu a cabeça.

– Já é tarde e tenho que levar Liv para ca... Ai, que merda, Arthur, por acaso você está bebendo gim direto da garrafa?

– Agora, acalme-se, Grayson, não aconteceu nada com Liv – disse Henry.

– Exato. – Arthur estendeu as pernas sobre o encosto da cadeira vizinha e ofereceu a garrafa a Grayson. – Tome um gole e não fique olhando assim como se a gente tivesse acabado de assaltar um banco. A gente só tentou

confiar nosso segredo à Liv.

– Ah, é? Espero que não tenham esquecido de nada, a história com o cachorro de Anabel, por exemplo, e os pesadelos e aquilo que aconteceu com... ah, que maldição! – Grayson estava com cara de quem ia explodir de raiva a qualquer instante. – Vamos, Liv, vamos embora – disse ele entre os dentes.

Não saí do lugar. Ele parecia um pouco desesperado, mas eu não podia sair dali, não agora que estava prestes a entrar no núcleo do mistério.

– Ainda são quinze para as dez, cara, relaxe – disse Arthur, olhando para o relógio de pulso. – Por favor – acrescentou ele, quase implorando.

Grayson fechou a porta.

– Eu disse para vocês mais de cem vezes que nós temos que encontrar outra solução, mas vocês ignoraram, claro. Por que é que não me ouvem só uma vez... ah, merda! O que quer que eles tenham contado para você, Liv, esqueça!

– Antes, gostaria de entender do que se trata – falei.

– É esse o problema – disse Arthur. – É realmente difícil de entender quando não se vive isso na própria carne.

– Mas eu expliquei tão bem – disse Jasper, ofendido. – Principalmente, levando-se em consideração que eu mesmo não entendo.

Grayson queria revidar algo, mas eu fui mais rápida.

– Então vocês estão jogando um jogo desde o último Halloween, que, na verdade, não é realmente um jogo, e no qual pelo menos um dos jogadores tem que ser virgem – disse eu às pressas. – Certo?

– Certo! – Jasper deu uma olhada triunfante a sua volta. – Estão vendo? Ela entendeu, sim.

Os outros não reagiram. Grayson esfregou a testa com as costas da mão,

Arthur tomou mais um gole da garrafa de gim, Henry arrancava folhinhas de hortelã uma a uma do ramo, esfarelando-as entre os dedos.

– E por quê? – perguntei.

Henry ergueu a cabeça.

– Por que a gente joga esse jogo ou por que as regras determinam que ao menos um jogador tem de ser virgem?

– Ambos – respondi.

O silêncio se expandiu. Até mesmo Jasper não me deu uma resposta, em vez disso, tirou um canivete do bolso de sua calça e, com ele, tentou cortar uma das laranjas em fatias, o que não funcionou muito bem.

– Bem, digamos que seja assim. – Foi a voz de Arthur, metálica e oca, que quebrou o silêncio da sala. – Era dia de Halloween e houve um apagão em todo o norte de Londres, por isso a festa acabou mais cedo. Nós estávamos a mil, apaixonados e dispostos a fazer algo maluco.

– Você estava apaixonado – corrigiu Henry. – Nós estávamos apenas bêbados...

– É verdade. – Grayson, resignado, encostou as costas contra a porta.

– Em todo caso, o clima era dos melhores – continuou Arthur. – Era madrugada, nós estávamos sozinhos na casa de Anabel e o vinho francês do pai dela era especial...

– Você não deve esquecer de contar que, do lado de fora estava fazendo um tempo terrível, digno de Halloween, com neblina e tudo o mais. – Jasper tinha assumido a palavra sem parar de massacrar a laranja. – Anabel tinha acendido um monte de velas e quando veio com aquele livro sinistro, sugerindo que a gente tentasse algo bem diferente, parecia... assim... uma boa ideia. Uma evocação de demônio no dia de Halloween, poxa, era perfeito, ou não era? Vocês também se divertiram no começo, e parecia algo tão

inofensivo quanto... ler o futuro no chumbo derretido na festa de Ano-Novo. Ninguém calcula que o chumbo tome corpo de repente e apareça nos sonhos. Ou assassine cachorros...

Enfim.

– Então é esse o jogo de vocês? Uma evocação de demônios? E que história é essa com o cachorro?

Jasper acenou com a cabeça.

– Eu sei que soa totalmente idiota.

– E é totalmente idiota – disse Grayson.

– Era para ser uma brincadeira. Nenhum de nós acreditava que aquilo fosse realmente funcionar. – Jasper suspirou. – Nós só repetimos a fórmula de Anabel, pingamos um pouco de sangue no vinho tinto, pintamos um pentagrama engraçado no chão e pensamos num desejo...

– Pela milésima vez, Jas, o nome certo é “pentagrama” – disse Henry.

– Que seja! – Jasper revirou os olhos. – Ninguém suspeitava de que a coisa fosse ficar tão... tão *real*.

Parecia que eles estavam precisando mais de um exorcista do que de uma virgem.

– Essa evocação de demônios funcionou de verdade então? – Eu me esforcei tanto para banir o tom de ceticismo e escárnio de minha voz que acabei soando como a terapeuta de um filme ruim de televisão, aplicada em se mostrar compreensiva. Daquelas que a gente já ouve no tom de voz o quanto ela acha seus pacientes loucos. – E como, exatamente, devo imaginar essa situação?

Ninguém respondeu. Henry, aparentemente distraído, esfarelava as folhinhas verdes de hortelã. Arthur, de testa enrugada, observava as pedras de gelo nos copos de Jasper derreterem. Grayson mordiscava seu lábio inferior e

Jasper recomeçou a moer a laranja.

Aos poucos, estava ficando saturada de ter que arrancar deles todos os segredos pedacinho por pedacinho, até porque, cada resposta trazia sempre dez novas perguntas.

– Então vocês, só de brincadeira, evocaram um demônio no último Halloween – resumi novamente. – Seguindo as instruções que vocês acharam num livro antigo e que dizem que um dos jogadores tem de ser virgem. E porque a virgem não é mais virgem, precisam de uma substituta. E, por alguma razão misteriosa, vocês me escolheram para isso.

Eu sabia a razão. Porque eu tinha caído diretamente sobre seus pés naquele sonho, segunda à noite.

– Contanto que você ainda seja virgem – confirmou Jasper.

– Sim, isso eu já entendi. O que não entendi é, independentemente de como o jogo funciona, por que vocês não param com tudo isso?

– Oh, acredite, não é tão fácil assim – Jasper se abaixou e continuou com a voz abafada. – A gente tentou, mas não se pode fazer um pacto com um demônio e então pular fora, entendeu?

– Ah, sim, claro que não – eu disse com minha voz de terapeuta, olhando para Henry para checar sua reação. Por um instante, me senti transportada de volta para o cemitério Highgate. Henry sabia que eles não tinham sonhado comigo, mas *junto comigo*, disso eu tinha quase certeza. Mas, pelo jeito, não tinha falado dessa sua suspeita com os outros. Com exceção de Grayson, talvez, que, afinal, tinha pedido o agasalho de volta.

Tentei formular a próxima pergunta de maneira que eles fossem obrigados a me passar mais informações.

– Mas o que foi exatamente que ele fez com vocês, esse demônio? No qual vocês aparentemente creem, ou não?

E, mais uma vez, só colhi silêncio. Foi um erro tolo, eu devia ter aberto mão da segunda pergunta. Suspirei. Assim, não ia chegar a lugar nenhum.

– OK – falei, para encurtar a coisa toda.

– OK? – Não foi só Jasper que ficou me olhando com cara de quem não entendeu.

Respirei fundo e olhei para eles.

– Eu aceito. Vou substituir Anabel nesse jogo. Mas só se vocês responderem a todas as minhas perguntas que, acreditem, são muitas.

Mal terminei de falar, e o clima na sala mudou completamente, com todos falando ao mesmo tempo.

– Isso significa que você ainda é virgem? – exclamou Jasper. – Eu sabia! Uns óculos horríveis daqueles têm de servir para alguma coisa!

Arthur pousou a garrafa de gim, levantou-se e disse, solenemente:

– Liv Silber, você vai salvar nossas vidas! E prometo que respondo a qualquer pergunta o melhor que puder. – Ele riu. – Ai, que vontade de abraçar você agora, mas se eu fizer isso, Grayson certamente me dará uma bofetada.

Grayson estava realmente com cara de quem gostaria de espancar Arthur.

– Você não sabe o que está fazendo! – disse ele, além de algo que se perdeu no burburinho de seus amigos.

Só Henry ficou calado. Apenas me olhou e balançou a cabeça quase imperceptivelmente. Então, sorriu.



– Vou acompanhar você até lá em cima – disse Grayson, após ter conseguido, como num passe de mágica, estacionar a Mercedes de Ernest numa vaga minúscula. – Para você não se meter em encrencas por ter chegado assim tão tarde.

– Você está louco? – Bati a porta do carro com muito mais força do que o necessário. – São onze e dez e a gente só está aqui porque você inventou essa história da mãe rígida e eu não quis fazer você passar por mentiroso diante de seus amigos. – E, no entanto, teria gostado tanto de ficar mais um pouco. No tempo restante, eu não consegui fazer nem uma ínfima parte das perguntas que me atordoavam a cabeça. E durante a curta viagem até aqui, Grayson não contribuiu em nada, mas em absolutamente nada para o esclarecimento da situação, em vez disso, só me repreendeu, usando muito frequentemente as palavras “maldito” e “burrice”.

No entanto, consegui, apesar de tudo, um monte de respostas, sobre as quais eu precisava primeiro refletir com profundidade. Para ser sincera, mal podia esperar para pegar meu caderno de anotações e escrever sobre tudo isso. Desta vez talvez com o auxílio de gráficos ilustrativos.

Grayson também saiu do carro.

– Nós estamos em Londres. Você sabe qual é o índice de criminalidade

aqui?

– Ah, sim, claro, principalmente aqui nesse bairro decrepito deve ser bem alta. – Apontei para a rua que dormitava tranquila, iluminada por postes nostálgicos, uma rua como num panfleto de propaganda de moradias urbanas idílicas. – Gangues de rua envolvidas em tiroteios, criminosos sexuais à espreita nos jardins e, ali na frente, Jack, o estripador, acaba de virar a esquina. Ai, que merda.

Não era bem Jack, o estripador, que tinha acabado de virar a esquina, mas mamãe, que vinha de sua voltinha noturna com Butter, o que era quase tão terrível quanto.

– Se eu fosse você, entrava rapidinho nesse carro e ia embora, Grayson!
– sussurrei.

– Não venha com essa. Só estou querendo levar você até a maldita porta porque isso faz parte das malditas boas maneiras! – Grayson perdeu sua última chance de fugir, olhando para mim com raiva e lançando faíscas daqueles olhos cor de bombom de caramelo.

Mas mamãe já havia nos descoberto.

– Oooiiiiii – exclamou e tirou a coleira de Butter para que ela pudesse correr e pular em cima da gente.

Durante dois segundos, pude saborear o sobressalto no rosto de Grayson.

– Bem, foi você que quis assim – cantarolei. – Agora pode explicar para ela por que nós já voltamos às onze e pouco.

– Por que sua filha sempre diz sim quando devia dizer não? – Grayson se abaixou para acariciar Butter e imitou minha voz: “O quê? Vocês estão fazendo algo proibido e perigoso que eu não entendo e que me advertiram expressamente para não fazer? Claro que sim, minha gente, estou nessa!”

– Você é um... – Enquanto eu procurava a palavra exata, mamãe nos alcançou.

– Oi, meus queridos! Já estão de volta? A festa não foi legal?

– Foi, sim. – Tentei dar um sorriso malicioso. – Mas Grayson queria se livrar de mim de qualquer maneira.

– Na verdade, eu só queria evitar que levassem você para o hospital por intoxicação alcoólica logo em sua primeira festa londrina – retrucou Grayson.
– Apenas um dos *drinks* de Jasper teria sido suficiente.

Eu já não sorria, muito menos maliciosamente.

– O quê? Eu não tomei nem um gole!

– Isso porque eu trouxe você para casa a tempo. Se eles tivessem oferecido, você não conseguiria dizer não! Já que essa é uma palavra tão difícil para você.

– Ah, meus fofos! – Mamãe parecia sinceramente tocada. – Vocês já estão se comportando como irmãos de verdade. Tenho de ligar imediatamente para Ernest e contar isso para ele.

Revirei os olhos. Era típico. Ela só via o que queria ver. Sacudindo a cabeça, subi a escada da porta de entrada. Butter veio atrás de mim.

– Até logo – disse eu, tão majestosamente quanto possível.

Mas Grayson ainda não tinha terminado.

– Eu gostaria de entrar com você – eu o ouvi dizer. – Posso?

– Claro que pode, meu querido – exclamou mamãe, antes mesmo que eu pudesse me virar num salto e matar Grayson com os olhos. Ela tirou a chave de casa do bolso e abriu a porta. – Lottie fez muffins de mirtilo. Fazer bolo acalma os nervos, por isso ela precisou fazer logo três formas. Acho que ter conhecido Charles deixou-a um tanto desorientada.

Eu também estava um tanto desorientada.

– Que cara é essa? – Grayson passou por mim no batente da porta e subiu a escada na minha frente. Butter o seguiu, abanando as orelhas. Só consegui alcançá-los pouco antes da porta do apartamento.

– Qual é? – resmunguei para Grayson. Meus cabelos tinham caído sobre meu rosto e, quando fui tirá-los da testa, notei que a presilha em forma de borboleta havia sumido. Devo ter deixado cair em algum lugar.

– Qual é o quê? – Grayson acocorou-se para fazer cafuné na barriga de Butter. A traidora tinha se esparramado de costas diante dele. – Eu tenho direito de comer uns muffins de mirtilo com minha nova família.

– Claro que você tem o direito – disse mamãe, que também conseguira chegar ao terceiro andar, aliás, sem desfazer o penteado e quase sem perder o fôlego. – Seria um grande prazer para nós.

Não era bem a verdade, só para mamãe é que era um prazer. Lottie e Mia pareciam mais embaraçadas do que contentes ao ver Grayson. É que elas estavam de roupão de banho e com uma máscara facial verde acinzentada com a qual pareciam uns zumbis.

– Belo apartamento – disse Grayson, educado. Lottie e Mia fugiram para o banheiro.

Eu gargalhei.

– Você é um puxa-saco!

Mamãe olhou para mim com uma expressão severa.

– Não sei por que vocês estavam brigando, mas acho que está mais do que na hora de fazerem as pazes. – Ela inclinou a cabeça. – Muffins?

– Com prazer – disse Grayson. – Será que eu e Liv podemos comer no quarto dela? Para a gente fazer as pazes tranquilamente?

O quê?

– Claro. – Mamãe pousou a mão sobre o peito, emocionada. – Sabe de

uma coisa? Liv sempre desejou um irmão mais velho... ah, isso tudo é tão... preciso mesmo ligar para Ernest. – Com um último suspiro dramático, retirou-se para seu quarto. Fiquei olhando incrédula para ela.

Grayson saiu caminhando pelo corredor.

– Qual é o seu quarto? – perguntou. – Esse aqui?

– É, mas... você poderia por favor me dizer o que está pretendendo? A Emily não ficou esperando por você na festa?

– Ficou, sim, acho. – Ele tirou o celular da calça com uma mão, com a outra pressionou a maçaneta. – Pega aqueles muffins para a gente?

Eu estava tão surpresa que quase nem me dei conta. Mas então, me lembrei de súbito dos meus relatórios dos sonhos. Estavam sob uma cômoda e eu não queria, sob hipótese alguma, que Grayson os visse. Então, o empurrei e peguei meu caderno de anotações, assim como toda a papelada que estava solta pelo chão, antes que ele pudesse dar uma olhada naquilo. Mas não era o que ele pretendia. Ao contrário, ele se dirigiu diretamente a minha cama, ou melhor, ao pé da cama. Lá estava seu agasalho, devidamente dobrado para que Lottie nem pensasse em lavá-lo enquanto eu não tivesse terminado meus testes empíricos. Pegou o agasalho com um sorriso satisfeito.

De repente, compreendi tudo.

– Ah, foi por isso! – disse eu. – Você quer seu agasalho ridículo de volta.

Porcaria, maldito! Eu o subestimei mesmo. Não acreditava que seria capaz de tanta astúcia.

Grayson checkou seu celular.

– Exato – disse ele, descontraído, olhando para o *display*. – Eu estava com a vaga sensação de que você não o devolveria voluntariamente. Oh, parece que a coisa está pegando fogo na festa. Jasper está tentando afogar o pobre Nathan na piscina. Bem, então vou nessa. Não quero perder isso de

jeito nenhum. Bons sonhos, Liv.

O sorriso autossuficiente em seu rosto era quase insuportável. Assim como a sensação de ter sido passada para trás.

– Não tão rápido! – Eu me lancei de costas contra a porta, bloqueando a passagem. – A gente nem fez as pazes ainda!

Pelo jeito, com essa, ele não contava. Fez uma cara de surpreso e assim ficou bem mais parecido com o Grayson de sempre.

Dei um sorrisinho melífluo para ele.

– Quer que eu chame mamãe para ela nos ajudar? Ela é muito boa nisso.

– Muito engraçado. Agora eu tenho mesmo que voltar – disse Grayson e, para minha satisfação, não parecia mais nada descontraído.

Eu não arredei pé.

– Bem, você devia ter pensado nisso antes. Quer dizer, antes de recorrer ao índice de criminalidade em Londres. A Emily por acaso sabe que você se encontra com seus amigos à noite em cemitérios para evocar demônios?

– A gente não se encontra em... não. Ela não sabe. – Inquieto, começou a andar para cima e para baixo no quarto. Aparentemente, tinha compreendido que só passaria por mim à força. – E também não precisa saber disso nunca. Emily é a pessoa mais sensata que eu conheço. Ela não entenderia como é que eu fui me meter nisso. Iria simplesmente pensar que sou louco. Ela não acredita nem em horóscopo.

– Eu também não, para ser sincera. Assim como não creio em demônios.

– É, e você por acaso acha que eu acreditava? – perguntou ele, indignado. – Na verdade, ainda não acredito. Só que... aconteceram umas coisas realmente ruins e estranhas e eu não tenho uma explicação lógica para tudo isso.

Apesar de ainda estar com raiva, eu entendia exatamente o que ele

queria dizer.

– Se eliminarmos todas as soluções lógicas de um problema, o ilógico, apesar de impossível, é inegavelmente correto.

– Sherlock Holmes, certo?

Acenei que sim, surpresa.

Por um instante, reinou absoluto silêncio entre nós. Grayson sentou-se à beira da cama e olhou para mim como se esperasse por alguma coisa.

Hesitei um instante.

– Você pode me contar o que houve? – perguntei. – Quer dizer, assim, de modo que eu tenha uma chance de compreender tudo isso?

– Não sei... – Inseguro, Grayson tirou o cabelo da testa. – Ainda estou com raiva porque você não me deu ouvidos.

– Mas você não acha que seria melhor me contar do que me cobrir de repreensões? Afinal, eu prometi ajudar vocês.

– Ainda dá para pular fora. – A sombra de uma esperança apareceu em sua feição.

Eu só sacudi a cabeça e me joguei na cama a seu lado.

– Pode começar pelos sonhos – disse eu.

Ele não começou pelos sonhos, mas bem antes. Em todo caso, pelo menos começou. Falou de Jasper, Arthur, Henry e de si, da amizade deles desde a escola primária, dos altos e baixos e das travessuras que fizeram e vivenciaram juntos no decorrer dos anos. E, finalmente, daquela estranha noite de Halloween no ano anterior. Do jeito que ele contava, não parecia menos ridículo do que Jasper há pouco e eu me esforcei para fazer uma cara neutra, com medo de que ele se levantasse novamente e fosse embora. Mas tenho que confessar que foi um grande desafio (estou falando da cara neutra), principalmente quando Grayson, muito a contragosto, enfim passou para os

detalhes.

Anabel havia mostrado para eles um livro empoeirado e com as páginas lacradas que, aparentemente, já estava em posse de sua família há várias gerações. Ela afirmava que, seguindo os rituais do livro, um demônio primitivo do mundo subterrâneo seria evocado, um demônio que poderia conceder um poder sobrenatural e realizar os maiores desejos.

“Sei. E imortalidade também estava em oferta, não é?”, consegui reprimir essa frase com um certo esforço. Era incrível. A pessoa não podia estar tão bêbada. Mas, pelo jeito, podia, sim. Pois, segundo Grayson, ao realizarem o horripilante ritual de iniciação, deram tudo de si. Depois de abrir o primeiro lacre, desenharam símbolos mágicos no chão, escreveram palavras misteriosas sobre a pele uns dos outros e repetiram as fórmulas e juramentos que Anabel lia em voz alta, a metade deles em latim. Com palavras cerimoniais, juraram seguir as regras do livro até o final e libertar o demônio do mundo subterrâneo, se ele, em troca, realizasse seus mais secretos desejos, aqueles que eles haviam escrito em um pedaço de papel e lançado solenemente no fogo. Selaram tudo com o próprio sangue, que deixaram pingar em uma taça de vinho tinto, e beberam, cada um na sua vez. Para resumir: se comportaram como crianças de jardim de infância. Bem, no jardim de infância dos vampiros.

Não me admirava que Grayson soltasse um ruído envergonhado nessa parte da narração, uma mistura de suspiro e uivo.

– E ele apareceu para vocês, esse demônio? – Era melhor deixar para lá a cara neutra. – Ou vocês só acordaram com uma baita ressaca no dia seguinte?

O olhar de Grayson faiscava.

– Eu sei que tudo isso parece ridículo. E teria esquecido tudo imediatamente, e os outros também. Mas já na noite seguinte, começou a coisa com os sonhos... – Ele estremeceu. – No sonho, o demônio me

lembrou da promessa que havíamos feito em troca da realização dos desejos.

– É lógico. O seu subconsciente tinha que processar essa loucura de alguma forma – falei.

– Pode ser. – Grayson esfregou a testa. E fez a mesma expressão que mamãe quando procurava desesperadamente por alguma coisa que tinha perdido. – Mas como você explica o fato de nós todos termos sonhado exatamente a mesma coisa? Todos, sem exceção. O demônio exigiu de cada um de nós a mesma coisa: nós devíamos romper o segundo lacre e continuar com o ritual...

Alguma coisa tilintou no bolso da calça de Grayson, era provavelmente o toque de seu celular anunciando uma nova mensagem. Ele nem ao menos tirou o aparelho do bolso, mas a pequena distração me fez bem, pois, por um instante, tinha realmente sentido um aperto estranho no peito.

– Então vocês todos sonharam com um demônio? – Agora, queria saber de tudo tim-tim por tim-tim. – Como ele era?

Grayson fez um movimento vago com a mão.

– Acho que só no sonho de Jasper ele tinha uma forma concreta, até hoje ele jura que o demônio tinha a aparência de Saruman, o branco, só que com chifres e um manto negro; no sonho dos outros ele era apenas uma sombra, uma voz sibilante, uma presença incorpórea, o que não era tão assustador quanto parece, antes... não sei... *tentador*. – Ele suspirou. – Seria uma estranha coincidência? Nós não sabíamos com certeza. E rompemos o segundo lacre do livro de Anabel.

Eu teria feito a mesma coisa, acho.

– Dessa vez eu estava sóbrio e por isso o ritual me pareceu ainda um pouco mais ridículo que o primeiro, mas nós prosseguimos.

– E então? – Não pude deixar de notar que, agora, estava ouvindo a

história de Grayson completamente compenetrada. Talvez até compenetrada demais.

– Primeiro, não aconteceu muita coisa. Só nossos sonhos é que começaram a ficar cada vez mais vívidos e intensos. Nós sonhávamos com o demônio e uns com os outros, com portas e corredores e, no dia seguinte, lembrávamos exatamente de nossas conversas nos sonhos. – Ele mordeu o lábio inferior. – Como se houvéssomos realmente nos encontrado. Era... aterrorizante. Bem, em todo caso, para mim e para Anabel; Henry achou aquilo interessante, Arthur, alucinante e Jasper, ah, acho que Jasper achou simplesmente divertido.

Senti que estávamos chegando ao xis da questão e novamente me veio aquele aperto no peito.

– Então vocês podiam sonhar juntos – repeti. – E como não tinham nenhuma explicação lógica para isso, começaram a acreditar na existência desse demônio.

Grayson conseguiu balançar a cabeça e fazer que sim ao mesmo tempo.

– Digamos que nós começamos a considerar cada vez mais a hipótese de que ele existisse fora de nossa imaginação. E é por isso que continuamos no jogo e rompemos os lacres seguintes, um após o outro. Alguns dos rituais do livro, realizamos no sonho, a cada lua nova, e o fascinante era que podíamos ir a qualquer lugar. A lugares que normalmente não se vai à noite.

Como o cemitério Highgate, quase me escapou. Mas ainda não tinha certeza se Grayson realmente sabia que eu estivera no sonho do cemitério ou se só considerava possível porque eu estava com seu agasalho.

– Arthur, Henry e Anabel estavam muito fascinados com os sonhos e com as possibilidades que despontavam, eles ficaram praticamente viciados em experimentar tudo e invadir o sonho de outras pessoas.

É compreensível.

– E você e Jasper?

Ele deu de ombros.

– Jasper achou tudo isso muito confuso e exaustivo, eu acho, e eu achei aquilo com o tempo, assim... errado. Fora o fato de não me interessar muito pelo que outras pessoas sonham.

– Não mesmo? Não importa a pessoa? – Aquilo me escapuliu antes que eu pudesse segurar.

– A exceção confirma a regra. – Um sorriso fugidio passou pelo rosto de Grayson. – Mas, de um jeito ou de outro, é injusto espionar as pessoas em seus sonhos – disse ele, e não pude deixar de me sentir um pouco envergonhada. A voz dele ficou séria de novo. – Mas o demônio já tinha realizado uma parte do pacto, pois poder invadir os sonhos das pessoas, conhecer os seus medos e desejos mais secretos, não significa nada menos que...

– ... um poder incomensurável – sussurrei, tentando ignorar o arrepio que subia por meus braços. Para me distrair, fui até a janela e observei a silhueta da árvore no pátio. Precisava me concentrar. – OK, ainda não encontramos nenhuma explicação lógica para esses sonhos – disse eu com a voz firme. – Mas provas concretas da real existência de qualquer que seja o demônio também não temos, se formos bem objetivos. Ele só apareceu, se é que apareceu, nos sonhos de vocês.

– Correto – reconheceu Grayson. – Eu também me amparei nesse raciocínio. Até que... – ele fez uma pequena pausa. – Até que nossos desejos começaram a se realizar. Primeiro o de Jasper, depois o meu, então o de Arthur...

Eu me virei e olhei para ele com uma expressão incrédula.

– Os desejos secretos de vocês?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Sim, aquilo que tínhamos escrito nos pedaços de papel no dia de Halloween começou a se realizar.

– Vocês contaram uns para os outros esses desejos? Pensei que eram secretos, não eram?

– É verdade. Mas quando as pessoas se conhecem tão bem e há tanto tempo como nós, a gente sabe o que o outro deseja secretamente e do que ele mais sente falta... – Por um breve momento, ele pareceu incapaz de continuar falando, então retomou o controle de si. – Bem, você agora também já conhece o Jasper um pouco, não é o tipo que consegue guardar um segredo por muito tempo. Ele aguentou exatamente um dia até revelar para nós o seu desejo. E, de fato, a Frognal Flames ganhou o campeonato de basquete, e isso, apesar de estarmos com o placar bem baixo no dia de Halloween, tão baixo que nossa vitória pareceu um milagre.

Senti uma gargalhada libertadora tomando conta de meu peito e simplesmente não pude contê-la. Confesso que nos últimos minutos me deixei levar um pouco pela história, em especial pela coisa com os sonhos, mas agora estava absolutamente lúcida de novo. Era demais. O campeonato de basquete? Sério?

– Mais demoníaco impossível! – disse eu, rindo ainda. – Não seria possível que vocês tivessem apenas jogado bem?

Grayson não riu.

– Não foi só esse desejo que foi realizado – disse ele baixinho, depois de eu conseguir finalmente conter o riso.

O tom de sua voz me fez ficar séria de supetão.

– O que você havia desejado? – perguntei, sentando novamente a seu

lado.

Grayson alisou o agasalho com as mãos.

– Não tem importância. O que importa é que foi realizado.

Bateram na porta. Mamãe enfiou a cabeça no quarto e quando nos viu um ao lado do outro sentados sobre a cama, ficou radiante.

– Ah, que lindo que vocês fizeram as pazes! – disse ela. – Mas Grayson, você não queria voltar para a festa? Sua namorada deve estar esperando por você!

– Oh, é verdade – disse Grayson, levantando-se. – Já era para eu estar lá há muito tempo.

Pensei em arrancar o agasalho novamente de suas mãos e me trancar no banheiro, ou gritar algo como: “Ei, espere aí, nós ainda não terminamos!”, mas fazer isso sob o olhar atento de mamãe ficava difícil. Então, não me restou nada além de acompanhar Grayson até o corredor. A perda do agasalho me chateava, mas em poucos dias iríamos morar sob o mesmo teto e, além disso, hoje eu estava cansada demais para prosseguir com os meus testes empíricos. Iria escovar os dentes rápido e então dormir. A noite toda. Todo o resto podia esperar até amanhã.

Mamãe deu dois beijinhos de despedida no rosto de Grayson e lhe deu uma caixinha de papelão cheia de muffins de mirtilo.

– Para a festa, a coisa esquentava mesmo só depois de meia-noite.

– Vou acompanhar você até a porta lá embaixo. – Passei pelo vão ao lado de mamãe. – Precisa ser trancada sempre depois das dez, principalmente neste bairro de Londres, fervilhando de criminosos...

Grayson sorriu, mas não protestou. Juntos, descemos as escadas. Dei umas olhadas furtivas para ele. Era pena ele ter de ir logo agora que tinha começado a abrir o jogo.

– O seu desejo tinha alguma coisa a ver com Emily? – a pergunta irrompeu de mim.

– Não, por quê?

Pensei melhor e tentei de outra forma.

– Qual era a probabilidade de que seu desejo se realizasse?

– Menos que trinta por cento – retrucou ele de imediato.

Trinta por cento. As chances de termos neve no Natal aqui nessa latitude é ainda menor. Mas nem por isso alguém suspeitaria da existência de um demônio se nevasse no dia 24 de dezembro. Pensei se devia confrontar Grayson com esse meu paralelo ilustrativo, mas aí já tínhamos chegado à porta de saída. Ao bater em meus braços, o ar gelado da noite me fez sentir calafrios.

Grayson tirou as chaves do carro do bolso.

– Eu não imaginava que ia fazer tão bem falar sobre tudo isso com você.

– Ele se curvou e me deu um beijinho no rosto. – Obrigado por não rir de mim o tempo todo.

Eu pigarreei, embaraçada.

– Este é um caso complicado, meu caro Watson – disse eu, com minha melhor voz de Sherlock Holmes. – Um caso com um forte componente misterioso. Mas tenho certeza de que, no final, haverá uma explicação lógica para tudo.

– Eu preferiria ter deixado você fora dessa. – Grayson sorriu levemente.

– Mas agora estamos os dois nessa enrascada.

Bem, eu até que nem achava isso realmente ruim, para ser sincera.

– A gente se vê. – Grayson virou-se para ir embora e eu fiquei observando-o, pensativa. Ele não era tão mau assim. Não mesmo.

Na metade do caminho, até a Mercedes de Ernest, ele parou e virou-se

novamente.

– A doença de Huntington – disse ele de repente.

– O quê?

– O meu desejo. – Seus dedos brincavam, nervosos, com as chaves do carro.

Minha respiração estacou.

– Minha mãe morreu do Mal de Huntington. E, antes dela, meu avô e um tio. – Sua voz havia mudado, estava completamente plana, e ele não me olhava, em vez disso, mantinha a cabeça baixa. – Havia uma probabilidade de setenta por cento de que uma mutação do Mal de Huntington se manifestasse em Florence ou em mim.

Eu só conseguia olhar assustada para ele.

– Papai se negou durante anos a nos permitir fazer o teste genético – continuou ele. – Mas Florence e eu não podíamos mais viver com essa incerteza e, por fim, nos inscrevemos para o teste. – Fez uma pequena pausa. – Era *esse* o meu desejo. Que nem Florence nem eu morrêssemos dessa doença.

– Então vocês são saudáveis, você e Florence? – Quando acenou que sim, voltei a respirar. Queria ter dito algo gentil e consolador, mas estava me sentindo terrivelmente impotente. Eu sabia que a mãe deles havia morrido quando ele e Florence ainda eram pequenos, mas a razão me era desconhecida. – E agora você se pergunta se o exame teria o mesmo resultado se você não tivesse feito um pacto com o demônio?

– Sim – disse ele simplesmente. – Em horas difíceis, penso que nossa saúde poderia ser obra do demônio... coisa doida, não é? – Por fim, levantou a cabeça e me olhou nos olhos. – Aí, me pergunto, o que ele vai tomar de mim se eu infringir as regras.

Tittle-Tattle

★ B L O G ★



Aqui no Tittle-Tattle Blog, o blog das fofocas da Frognal Academy, você saberá das intrigas mais recentes, dos melhores boatos e dos atuais escândalos da nossa escola.

SOBRE MIM:

Meu nome é Secrecy – estou no meio de vocês e conheço todos os segredos.

ATUALIZAÇÕES

ATIVIDADE

9 de setembro, 3h da madrugada

Mais uma vez, a festa de abertura da temporada de Arthur Hamilton fez jus à fama das festas efervescentes na casa da família Hamilton. Na foto, vocês veem Nathan Woods, da Frognal Flames, se refrescando na piscina após saborear cinco coquetéis. Infelizmente ele esqueceu de tirar os sapatos antes, as roupas e o celular do bolso. Bem, isso acontece... Corre uma versão da história que diz que Nathan não pulou, mas foi empurrado, a bem dizer, pelo ex de Madison,

Jasper, que estaria com um ciúme terrível e se arrependia profundamente da separação. Mas, gente, essa versão da história é da própria Madison e ela também afirma que seus cabelos seriam ruivos naturais. Como se ninguém mais se lembrasse de que ela era loura-cor-de-pelo-de-vira-lata até quatro anos atrás.

Será que Nathan irá com Madison ao Baile de Outono apesar de tudo? Manterei vocês informados. De todo jeito, ela já recebeu uma nomeação como rainha do baile aqui no blog. Provinda do e-mail de sua irmãzinha menor. Ops.

Uma das poucas estudantes do ensino médio presentes na festa foi, aliás, Liv Silber, em companhia de seu futuro irmão enteado. Tenho certeza de que a encontraremos também no Baile de Outono - a questão é: com quem?

Mas uma coisa é certa: será aqui que vocês saberão de primeira mão. E, se eu não estiver no rastro errado, em pouco tempo.

A gente se vê!

Secrecy

P.S. Para ir entrando no clima do baile, aí vai um link da valsa de Johann Strauss, “Homenagem à rainha Vitória”.

Vocês se lembram de como, no ano passado, a Hazel-o-aipo-mudou-a-minha-vida-Pritchard tropeçou dançando e arrastou consigo metade da fila? Mas estou esperançosa de que ela encontrará, apesar de tudo, um rapaz valente para acompanhá-la ao baile. Sério, meninos, podem tomar coragem: são treze quilos e meio a menos para carregar.



Tittletattleblog.wordpress.com





– O que nós devemos fazer com você, sua anfíbia nojenta? – Lindsay bateu as longas unhas artificiais umas contra as outras. – Você bem que merece uma lição, não acha?

Como a pergunta era pura formalidade, fiquei calada. Eu sabia o que estava por vir, podia ver a expectativa feliz nos olhos azul-bebê de Lindsay. E nada que eu dissesse iria impedi-la, não adiantava pedir nem implorar.

– Faz tempo que não fazemos o número da mão esmagada na porta – disse Samanta, que tinha torcido meu braço atrás das costas e me mantinha imobilizada. Samanta era alta e bem gorda. Era considerada a mais perigosa da gangue, pois ela era quem batia. Aubrey a assistia nas surras segurando a vítima e Lindsay só olhava, mas era quase sempre ela quem decidia como seria a tortura, por isso eu tinha mais medo dela do que das outras. A menos pior era provavelmente Abigail que sempre ficava de sentinela. Como agora.

– Ah, sim, o esmagamento dos dedos na porta! – Aubrey bateu palmas, entusiasmada. Samanta torceu meu braço mais um pouco para cima e foi só com muito esforço que consegui reprimir um grito de dor. Nunca na vida tinha me sentido tão impotente.

– Está bem – disse Lindsay. – Mas antes a gente devia batizá-la. O que vocês acham?

– Sim, claro! – festejou Aubrey. – Primeiro a gente mergulha a cabeça dela no vaso sanitário, depois esmagamos os dedos... Você é destra ou canhota?

Samanta gargalhou.

– Tanto faz, dói do mesmo jeito dos dois lados. – Ela me empurrou para frente com o auxílio de Aubrey, que segurou meu rabo de cavalo na mão e me puxou para dentro da cabine. De passagem, pude dar uma olhada no espelho, vi meus olhos estatelados de medo num rosto branco feito cal, vi a maquiagem forte demais no rosto de Aubrey e o sorriso satisfeito de Lindsay. E uma porta verde na parede de azulejos atrás de nós. Samanta me deu um chute na canela que me fez cair no chão, bem em frente do vaso sanitário. Aubrey puxou meus cabelos para trás e riu.

– Ela está com sorte, a faxineira passou há pouco.

– A questão é: o que é pior para a saúde, sujeira ou desinfetante? Umas últimas palavras antes de beber isso aí? – perguntou Lindsay.

Samanta me deu um chute nas costas para me animar a falar. Mas eu fiquei calada. Um comentário sarcástico seria puro desperdício, Lindsay e sua gangue não entenderiam nenhum sarcasmo. Não sabiam nem como se escrevia essa palavra. E, para ser sincera, não me veio nada sarcástico à cabeça. Eu só queria berrar por minha mãe. E chorar. Mas não iria dar esse gostinho a elas. Tentei me erguer uma última vez, com toda a força, e Samanta me chutou de novo, dessa vez tão firme que gritei contra minha própria vontade.

Eu não tinha a menor chance.

Ela colocou sua mão gorda sobre minha nuca e enfiou, sem piedade, minha cabeça no vaso sanitário; com a outra mão, continuava torcendo meu braço.

De repente, Lindsay parou de rir, em vez disso, a ouvi resfolegar, assustada. Alguém disse com uma voz fria e raivosa:

– Largue ela, sua vaca obesa! – e, por mais estranho que pareça, Samanta realmente me largou e recuou, tropeçando. O sangue jorrou dolorosamente de volta no meu braço quando tentei me pôr de pé.

Um garoto alto com os cabelos emaranhados veio me ajudar. Henry. Ele tinha empurrado Lindsay e arrancado Samanta da cabine, puxando-a brutalmente pelo braço. Aubrey tinha fugido para perto das pias e fitava Henry, tão confusa quanto eu.

Algo ali estava errado.

– De onde apareceu esse cara de repente? – perguntou Aubrey, e Lindsay disse:

– Isso aqui é o banheiro feminino, seu idiota. – Mas elas todas estavam confusas, quase amedrontadas. Até Samanta, que normalmente não se deixava xingar por ninguém impunemente. Ao lado de Henry, nem parecia mais tão alta e forte. Esfregou o braço no lugar onde ele a tinha segurado e murmurou algo atrevido para si mesma.

– Vocês são o fim da picada! – Os olhos acinzentados de Henry faiscavam de raiva. – Quatro contra uma. E ela ainda é bem menor do que vocês. Desapareçam antes que eu enfie suas cabeças feias na privada!

Não precisou falar duas vezes, elas deram as costas e saíram correndo. Ainda as ouvimos brigar com Abigail diante da porta. Ela teria que ter tomado conta para que ninguém entrasse, e Abigail, pelo jeito, não entendeu bulhufas, pois perguntou umas sete vezes: “Oi? Que cara?” Então, as vozes se afastaram e tudo ficou em silêncio.

Eu me encostei à parede da cabine com a respiração ainda disparada. Henry tirou os cabelos de minha testa com a mão, o que não contribuiu em

nada para me acalmar.

Ele me lançou um olhar preocupado.

– Ei, está tudo bem, Liv?

– Nessa parte, elas sempre enfiam minha cabeça na privada – tentei explicar. – E você não faz parte disso.

– Sim, eu sei. Mas eu não podia ficar olhando enquanto elas... – Ele passou suavemente as pontas dos dedos sobre meu rosto. – Meu Deus, que monstros horripilantes eram esses?

– Monstros do fundamental – disse eu.

– Fundamental? Essas aí? Mas elas são enormes!

– São supernutridas, pois, provavelmente, já confiscavam as merendas de todas as crianças desde os primeiros anos de escola. Além do mais, repetiram o ano várias vezes, creio. – Aos poucos, comecei a entender como é que podia ele estar ali. – Isso aqui é um sonho, não é? Pois isso aqui é Berkeley, e eu não conhecia você ainda em Berkeley. – O alívio foi tal que fiquei com as pernas completamente bambas. Só um sonho. Graças a Deus. – Claro, a porta verde! Eu a vi rapidamente pelo espelho e me surpreendi...

– Mas por que diabos você sonha um negócio desses, Liv? – Henry continuava me acariciando.

– Porque foi exatamente assim que aconteceu. Há três anos em Berkeley. Só que lá ninguém me salvou. – Em vez disso, passei quinze minutos vomitando a alma para fora do corpo. O que pelo menos me poupou do esmagamento dos dedos na porta. Elas só completaram a ação algumas semanas mais tarde com uma menina chamada Erin. Até hoje fico enjoada ao pensar na mão de Erin.

– É assim que você era... tão jovem. – Henry sorriu. – Que fofo, esse aparelho!

Passei a língua sobre os dentes. Oh, é verdade, ainda me lembrava bem daquele metal todo em minha boca. Mesmo assim, não queria aparentar ter treze anos na frente de Henry de jeito nenhum.

Ele assobiou baixinho entredentes quando meu corpo retornou à forma atual. Henry pareceu abrir mão de seu instinto protetor, a preocupação sumiu de seu rosto, ele parou de me acariciar. Com um largo sorriso, encostou-se à parede da cabine em frente e cruzou os braços.

– Você cresceu bastante nos últimos três anos.

– É, o nariz também, infelizmente. – Olhei para o espelho atrás dele, passei a mão sobre o nariz e dei uma analisada se minha mudança de estilo foi bem-sucedida. Para facilitar, estava com a mesma roupa da última vez: jeans, tênis e a camiseta ninja. Pensei se não devia dar um pouco mais de volume a meu cabelo, mas achei que ia parecer tapeação.

– Eu gosto do seu nariz – disse Henry.

– Bem, talvez seja porque o seu também é comprido. – Levantei o rosto para ele e sorri. Apesar de eu ter crescido, continuava ainda muito menor que ele. Foi bonito como ele me defendeu há pouco. No sonho ele era sempre tão gentil comigo, muito mais gentil do que na realidade. Por outro lado... – Mas o que é que você está fazendo aqui? Esse é o meu pesadelo particular e o banheiro feminino! Você não tem nada o que fazer aqui!

Ele ignorou minhas perguntas e se observou também no espelho.

– Meu nariz não é nada comprido demais. É do tamanho exato. Afinal, um nariz tem que combinar com o resto do rosto. – Sua imagem no espelho acenou para mim. – Não seria melhor a gente ir para outro lugar? Aqui não é muito romântico.

– É verdade. E está ligado a lembranças tão feias. – Suspirei. – Para ser sincera, eu nem sabia que ainda sonhava com essa história. E que ainda me

lembrava tão bem dos rostos e das vozes.

Henry ficou sério na mesma hora.

– Elas foram pelo menos expulsas da escola?

Sacudi a cabeça. Eu nunca contei isso para um professor. E para mamãe também não, ela teria ficado terrivelmente nervosa. Só Lottie notou que algo estava errado comigo e me arrancou a história à força. Ficou pálida feito um cadáver. Aí, me arrastou para o sr. Wu para eu aprender a me defender. Na manhã seguinte, foi comigo até a escola e eu fui obrigada a mostrar Aubrey, Samanta, Lindsay e Abigail para ela. Não sei o que ela fez depois, mas elas nunca mais me assediaram. E eu fiquei tão boa em kung fu após algumas semanas de aula com sr. Wu que quase desejei que me incomodassem.

– A gente pode correr atrás delas e lhes dar uma boa surra – propôs Henry. – Agora que você sabe que está só sonhando.

Fiz um sinal de recusa.

– Ah, não. Aposto que se as encontrasse hoje só teria pena delas... Anda, diga lá, o que você está fazendo aqui, Henry?

– Só queria visitar você. Eu não podia imaginar que iria parar num banheiro feminino no pior momento de sua vida. – Ele estendeu a mão para mim. – Vamos a algum lugar mais legal.

– Esse não foi o pior momento de minha vida. – Peguei sua mão como se isso fosse a coisa mais normal e óbvia do mundo, deixei que ele me puxasse daquela cabine em direção à porta verde, que mais parecia um corpo estranho entre os azulejos pichados. Para ser sincera, eu não estava achando nada óbvio ficar de mãos dadas com o Henry. Meu coração pelo jeito também não, pois começou a disparar de novo.

Henry colocou a mão livre sobre a lagartixa e fez menção de abrir a porta.

– Oh, não – falei, pois tinha acabado de ter uma ideia. Puxei Henry de volta. – Por aí não.

– Mas...

Não deixei que terminasse de falar.

– Já que você está aqui, a gente pode ficar mais um pouco. Berkeley tem uns cantos bonitos também. Venha cá, por aqui. – Abri a porta do banheiro e me alegrei ao constatar que não deparamos com o corredor largo e ermo da escola, mas com a luz do sol e uma brisa fresca. Sim, senhor! Esse tipo de sonho era divertido. E eu estava me saindo realmente bem, tudo estava do jeito como eu me lembrava. Estávamos num lugar alto, em cima do Berkeley Hills. Daqui, dava para ver uma boa parte da cidade e a baía. O sol de fim de tarde mergulhava tudo numa suave luz dourada.

Puxei Henry para a gente se sentar num banco embaixo de uma árvore enorme, meu lugar preferido na época. Passei horas sentada, tocando violão e olhando para o mar. Não consegui conter um sorriso triunfante. Esse era um cantinho romântico e tanto!

– Na época, nós morávamos nesta rua aqui, um pouco mais acima.

– Nada mau – disse Henry, impressionado, e eu não entendi se estava falando de minha habilidade em trocar de cenário, diretamente de um banheiro feminino para um lugar com uma vista de tirar o fôlego, ou do fato de nós termos morado ali. A casa não era assim tão ruim, tinha até uma piscina. Mas nós tivemos que dividi-la com uma professora de filosofia emburrada e sua mãe com mania de limpeza e, por isso, nunca nos sentimos em casa, mas como hóspedes numa pensão.

– Esse é o Indian Rock Park – expliquei, na esperança de que ele não notasse a placa a uns poucos metros de distância que acabava de refrescar minha memória quanto ao nome do parque. – Uma vez, Butter capturou um

esquilo aqui...

– Quem é Butter? – Henry se sentou sobre o banco e eu me sentei ao lado para não ter que largar sua mão.

– Nossa cachorra. Princesa Buttercup. Foi um presente do meu pai quando ele e mamãe se separaram. Para servir de consolo, acho.

– Ah, sei como é. Nós sempre damos os nomes das amantes de papai para os animais de estimação. – Ele sorriu meio sem graça. – Na maioria das vezes, pegamos o nome artístico, normalmente soa melhor. Os coelhinhos se chamam Candy Love, Tyra Sprinkle, Daisy Doll e Bambi Lamour, e temos ainda mais dois pôneis chamados Moira Mystery e Nikki Baby.

Olhei para ele de soslaio, incrédula. Que coisa horrível. Nunca mais iria reclamar da minha família.

– Nossa! São muitos... animais de estimação. – Apertei a mão dele com cuidado e seu sorriso se abriu ainda mais. Meu Deus, que lindos olhos! E, sobre o nariz, ele tinha razão, era do tamanho exato. E seus cabelos...

Ele pigarreou.

– Na verdade foi só uma piada – disse ele. – Mas você pode continuar me olhando assim com pena.

Com pena? Sei, OK. Embaraçada, olhei para o lado. Porcaria. No sonho era tão mais difícil calcular quanto tempo havia passado enquanto a gente se olhava nos olhos. No fundo dos olhos, nesse caso.

Meu olhar recaiu sobre uma coisa que estava ao lado do banco, apoiada no tronco da árvore.

– Meu violão – constatei, emocionada. Agora meu subconsciente estava exagerando definitivamente com o romantismo.

– Ah, que lindo! – disse Henry, irônico. – Quer tocar algo para mim?

– Nem morta – retruquei, e senti que enrubesci. Na verdade, meus

pensamentos galoparam descontrolados a minha frente e eu já estava me ouvindo cantarolar algo de Taylor Smith para o Henry, enquanto o sol se punha lentamente manchando o céu sobre o mar de vermelho e um grupo de baleias nadava lá embaixo na baía... Ai, meu Deus! E teria realmente passado pela minha cabeça agora há pouco que, nessa luz, o cabelo de Henry parecia de ouro puro? Isso tudo era.... de partir o coração. Eu não devia estar batendo bem! Daqui a pouco eu me tornaria uma daquelas bobocas guiadas por hormônios que Mia tanto desprezava.

Subitamente, larguei a mão dele.

Henry me olhou sem entender e mal consegui enfrentar seu olhar. O que ele iria pensar de mim? Primeiro, precisou me salvar das garras de uma gangue de meninas violentas, depois eu o arrasto para um pôr de sol numa colina, o violão a postos...

Tentei um tom objetivo.

– Você ainda não respondeu à minha pergunta: o que está fazendo no meu sonho?

Henry recostou-se, cruzando os braços.

– E como é que você passou pela minha porta? Pensei que isso só fosse possível se... – Calei-me novamente.

– Se o quê? Se a pessoa está com o agasalho de Grayson? – Com um risinho ferino, Henry tirou um objeto brilhante do bolso e o segurou no ar. Era a minha presilha em forma de borboleta.

Engoli em seco. Ah! Então era assim.

– A gente precisa de qualquer coisa que pertença ao outro – continuou Henry, revirando a presilha entre os dedos longos. – Depois, é preciso encontrar a porta certa, naturalmente, e vencer os obstáculos. – Ele olhou em volta, desconfiado. – De onde vem essa névoa repentina?

– Bem, aqui também não faz sol o tempo todo – disse eu, áspera. – Para ser mais exata, esse canto aqui é famoso por suas mudanças de clima. – Era mentira. Eu só quis atenuar um pouco o calor rosa-romântico do pôr do sol. E névoa foi a primeira coisa que me veio à cabeça. Infelizmente, o clima ainda estava romântico com as rajadas de névoa soprando do mar e subindo a colina. Mas ao menos não havia mais aquela bela luz difusa que não me deixava pensar direito.

– De quais obstáculos você está falando? – Olhei em volta à procura da minha porta. Onde era mesmo que estava? Ah, logo ali atrás, fincada num dos rochedos gigantes que dão nome ao parque.

Henry deu de ombros.

– Bem, a maioria das pessoas protege sua porta inconscientemente. Com mais ou menos firmeza. Como o Grayson com Freddy, o feroz. Mas a sua porta tem a passagem livre. Não há obstáculos.

– Entendo – disse eu, devagar, tentando fazer uma cara de quem realmente entendia. – A passagem é livre, contanto que se tenha roubado minha presilha de cabelo, por exemplo?

– Isso. É assim que funciona. Pelo jeito, você é uma pessoa que confia muito nas outras. – Tentei não me deixar distrair pelo seu sorriso.

– Mas você, não. O seu subconsciente instalou logo três cadeados na porta.

Henry balançou a cabeça.

– Não, Liv. Não foi o meu subconsciente. Fui eu. – Ele esfregou os braços arrepiados de frio. – Será que você não pode fazer o sol raiar de novo? Era realmente muito mais bonito. Quer dizer, já que temos a oportunidade de estar na Califórnia?

Pensativa, eu mordiscava meu lábio inferior.

– Então eu também poderia proteger minha porta contra visitas indesejadas?

– Sim, deveria. – O tom de voz de Henry tinha mudado. Agora, não soava mais brincalhão, mas totalmente sério. – Pode ser que outras pessoas também se interessem pelos seus sonhos. Não há lugar melhor para conhecer alguém, desvendar seus mistérios e descobrir suas fraquezas do que em seus sonhos.

– Entendo... – *mas não inteiramente*. Olhei outra vez para a porta. Era inquietante pensar que qualquer um que possuísse um objeto pessoal meu poderia entrar nos meus sonhos. Era muito pior do que imaginar que alguém leria meu diário de sonhos. De repente, senti uma necessidade urgente de pregar tábuas em minha porta e colocar cadeados e encontrar um enorme cão de guarda.

– Por que Grayson não protegeu melhor sua porta? – perguntei. – Poxa, qualquer idiota sabe falar Freddy de trás para a frente.

– Grayson é a pessoa mais sincera e aberta que eu conheço – retrucou Henry. – Não acho que ele tenha muito a esconder em seus sonhos. No mais, é bem humilde e não pensa que alguém se interessaria por eles. – Henry deu de ombros. – E também não quer se envolver nisso de verdade, para ele, tudo isso é simplesmente assombroso.

– Para você, não?

Henry curvou-se com um suspiro e pegou o violão.

– Claro que é, muito assombroso. Mas é isso que torna a coisa tão interessante.

Concordei com a cabeça.

– É isso mesmo. As coisas mais interessantes são sempre as mais perigosas – disse eu baixinho. – E apesar disso, a gente tem de ir a fundo

nelas.

– Ou exatamente por causa disso. – Henry desviou o olhar e começou a afinar o violão.

– Por favor, diga que você não sabe tocar violão! – deixei escapar.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Por quê?

– Porque... – Porque é bom demais, porca miséria! Já era mais do que suficiente que ele tivesse olhos bonitos e soubesse recitar poemas vitorianos e que eu ficasse com o peito quente sempre que ele sorria. Mas quem sabe ele tocasse mal, então eu teria ao menos uma coisa para achar chata nele. Olhei para ele, desafiante: – Você sabe tocar ou está só fazendo onda?

Ele dedilhou as cordas e sorriu um sorriso sublime.

– Isso aqui é um sonho, Liv, e, se eu quisesse, poderia tocar violão como Carlos Santana. Ou como Paul Galbraith, dependendo do que você preferir.

– Oh. – Quem era Paul Galbraith? Precisava pesquisar no Google amanhã.

Henry começou a tocar, bem baixinho. Bach. E tocava bem. Olhei estarecida para seus dedos. Uma técnica daquela a gente não podia simplesmente sonhar. Ou será que podia? No sonho a gente pode até voar sem saber como se faz para isso.

Ainda assim... uau!

– Agora você está encantada, não é verdade? – perguntou Henry, sarcástico, e procurei me conter. Ele continuava com aquele sorrisinho superior.

– Pode sonhar à vontade – disse eu e pus tanto desprezo na voz quanto pude. – Esse prelúdio é tão ridiculamente fácil, eu já tocava isso com oito anos de idade.

– Ah, sim, claro. – Ele colocou o violão de lado e se levantou. – Vou indo. Antes que o despertador toque e ponha fim a este belo sonho. – Seu sorriso tinha um ar de prepotência agora. – Obrigado pelas impressões que obtive da sua psique.

– Não há de quê. – Recalquei o impulso de ranger os dentes. – Pode ficar com a presilha. Mas daria no mesmo devolvê-la, pois por essa porta você não passa mais, com certeza.

– Assim espero – revidou ele, subitamente sério. Tirou a presilha do bolso, colocou sobre a palma da mão e olhou fixamente para ela. A borboleta prateada estremeceu, começou a bater as asas e levantou voo. Boquiaberta, eu a segui com o olhar.

– Não esqueça que os obstáculos têm de ser eficazes – disse Henry. – E precisam bloquear a passagem não só de pessoas.

– De que mais? – Contra a vontade, me forcei a desviar os olhos da borboleta esvoaçante. – Do Senhor das Sombras e das Trevas? O sinistro Senhor dos Ventos? Ele não teria que primeiro roubar um objeto pessoal meu? Ou será que não precisa desses truques baratos?

Henry suspirou.

– Talvez você devesse levar tudo isso um pouco mais a sério.

– Sinto muito, eu não consigo. Sem provas concretas, não acredito na existência de demônios que passeiam por sonhos e realizam desejos. – Olhei seus olhos. – Você acredita, por acaso?

Ele me encarou sem pestanejar.

– Talvez tudo o que aconteceu seja realmente um acaso. Mas talvez não. Como é que você explica isso aqui? – Ele abriu os braços, mostrando o espaço em volta. – Como é que explica nossos sonhos?

Eu ainda não havia alcançado até ali com meu raciocínio. Caí no sono

antes porque tinha ficado tão cansada depois da despedida de Grayson. – Eu... ahn... psicologia? – disse eu, um pouco teimosa.

– Psicologia? – Estrebuchou ele, fazendo troça.

– Uma área da psicologia ainda não investigada. Acho que, com um pouco de treino, todo mundo pode sonhar assim, mesmo sem pacto com o dia... ahn... com o demônio. Eu também achei o caminho até minha porta verde sem ajuda demoníaca.

– Você tem certeza?

Bem...

– Tenho – disse eu, com a voz firme. – E isso porque não existem demônios. OK, vocês ganharam o campeonato de basquete e Grayson e Florence não herdaram a mutação genética, mas, por favor, que relação essas coisas têm entre si? É simples. Enquanto eu não vir esse demônio em pessoa na minha frente, não creio em sua existência. Uma aparição no sonho não conta, isso seria pura psicologia.

– E se o seu maior desejo se realizasse? – Henry olhava para o chão a sua frente, chutando pedrinhas para lá e para cá com a ponta do sapato.

– Depende do desejo – disse eu. – Só se eu tivesse desejado algo absolutamente impossível como... como falar com animais, viajar no tempo ou casar a Lottie com o príncipe Harry, só então minha convicção seria abalada. Apesar de que, isso da Lottie com príncipe Harry não seria tão impossível assim, a ponto de a gente acreditar em demônios. Aliás, o que você desejou?

Henry não respondeu. Seu olhar correu lentamente das pedrinhas aos meus pés, subindo por minhas pernas e a camiseta com a estampa ninja até o meu rosto. Senti que enrubesci. De novo. Ao alcançar meus olhos, ele disse:

– Como disse, tenho que ir. Mas foi muito legal sonharmos juntos mais

uma vez, Liv.

Ora bolas, era bem Henry. Ele sempre precisava ir embora quando a coisa estava ficando íntima.

– O desejo se realizou? – perguntei a suas costas.

Silêncio.

Ele já havia alcançado o rochedo com a porta verde quando se virou para mim, a mão já pousada sobre a lagartixa de latão.

– Eu sabia que você iria aceitar fazer parte do jogo. Você estava curiosa demais para dizer não. Não sei por que, mas ficaria decepcionado se não fosse assim.

– Eu não estava só curiosa, eu... eu... – balbuciando, procurava a palavra certa.

– Não vá me dizer que a história do Baile de Outono convenceu você?

– Não.

– O que foi então? – ele quis saber.

– Pensei que vocês precisavam da minha ajuda – disse eu, com a voz firme. – Contra esse demônio perigoso do qual vocês têm tanto medo.

– Achei que você não acreditava em demônios.

– Exato! É por isso que sou a pessoa certa. Francamente, Henry, você crê nesse demônio? Eu quero dizer, de verdade?

– De verdade? – Ele tinha aberto a porta e eu pude ver a luz difusa do corredor. Largou então a lagartixa e, poucos passos depois, estava novamente a meu lado. Antes mesmo que eu pudesse reagir, ele se curvou sobre mim e me beijou na boca. Não foi um beijo especialmente longo. Na verdade, não foi nada além de um toque suave de seus lábios, mas, mesmo assim, fechei os olhos. Foi como um reflexo que eu não podia conter.

Quando reabri os olhos, na fração de um bater de asas de borboletas, Henry já estava no batente da porta. Bem longe de mim.

– Nessa história é difícil saber a diferença entre o que é verdade e o que não é – disse ele. – E, sim, acho que as coisas aqui não são normais. O que não significa que sejam necessariamente ruins. – E, com isso, partiu, deixando a porta bater suavemente atrás de si.



– O bufê oferecerá uma seleção de especialidades de todas as antigas colônias e fará chover confete de folhas outonais sobre a pista de dança. – Perséfone tomou um gole de sua água mineral para umedecer a garganta. E bem que precisava mesmo, pois havia quinze minutos ininterruptos que ela enaltecia as surpresas que o Baile de Outono reservava a seus convidados, mantidas em sigilo absoluto. No entanto, até agora não havia nada realmente surpreendente em seu relato. Apesar disso, as duas meninas sentadas a nossa mesa estavam com o olhar pregado nos lábios de Perséfone. Eu havia esquecido seus nomes, é bem possível que nem os tivessem mencionado, por isso, para simplificar as coisas, as chamava em pensamento de Polegar e Indicador.

– É incrível que você já esteja indo ao baile pela segunda vez – disse Polegar. – Você tem tanta sorte!

– Não tem nada a ver com sorte. – Perséfone me lançou um risinho conspirativo. – Não é verdade, Liv? – Seu olhar se dirigiu para um ponto duas mesas depois da nossa, onde Florence e Emily haviam se sentado. Juntamente com um garoto de pele muito ruim. Eu o identifiquei como o irmão de Emily por causa da semelhança entre os dois. Ele era, segundo Perséfone, minha passagem para o paraíso. E por isso mesmo, eu vinha tentando o tempo todo

me esconder atrás das costas largas de Polegar para que elas não me descobrissem e Florence tivesse a ideia de nos apresentar. Eu alimentava a forte esperança de que terminassem de comer antes de nós, pois teríamos obrigatoriamente que passar pela mesa delas para entregar a bandeja.

– Não se deve esperar pelo príncipe encantado sob o seu cavalo branco, mas aproveitar os contatos – continuou Perséfone. – E não se deve, em hipótese alguma, ter ambições altas demais em se tratando do acompanhante para o baile. Eu, por exemplo, fui, no ano passado, acompanhada de Ben Ryan...

– Ele não é gay?

– Exato. Mas isso não importa quando se é do ensino médio e se quer ir ao baile. Meu acompanhante este ano também não é minha opção número um, sabe, Gabriel rói as unhas e tem aquelas mãos enormes tipo tampa de privada, mas, em todo caso, é melhor que nenhum. É preciso ver a coisa de forma pragmática, não romântica. Estão entendendo? O que não significa que a gente não possa ter aspirações mais altas, sonhar é permitido.

Polegar e Indicador balançaram as cabeças, obedientes.

– Mas não é todo mundo que tem uma irmã no Comitê de Organização do Baile – disse Indicador.

– E também ninguém nos convida. – Polegar mexeu com a colher no seu tiramisu, entristecida.

– É, provavelmente, não – concordou Perséfone. – Mas vou relatar tudo para vocês. E mostrarei fotos. Aliás, esse ano, a sessão de fotos dos pares será realizada num cenário tradicional vitoriano e será impressa posteriormente em sépia. Nós vamos parecer personagens autênticos de um romance do Oscar Wilde, tipo Jane Eyre ou coisa do gênero.

– Oh, é incrivelmente romântico! – suspirou Polegar. – Quer dizer, visto

de uma perspectiva bem pragmática, claro.

– Jane Eyre não é de Oscar Wilde. Mas de *O fantasma de Canterville* – murmurei. – Também é *muito* romântico.

Perséfone quis responder algo, tomou fôlego e apontou a colher para mim, mas aí, estacou com o movimento no ar e esbugalhou os olhos, um sinal seguro de que Jasper estava à vista. Eu teria feito uma piada, mas era a última que podia fazer graça daquilo. Pois, se Jasper aparecia, Henry não estava longe, e só de pensar em vê-lo, meu coração disparava.

Eu me virei naquela direção. E: a-há! Jasper, Arthur, Henry e Grayson tinham acabado de entrar na cafeteria e, como sempre, atraíam todos os olhares para si. Devia ser horrível ser observado daquela maneira. Mas também, por que precisavam sempre aparecer juntos e andar com aquele passo sincronizado? Ou, como agora, ficar parados no lugar mais ensolarado do local e olhar em torno como que à procura de algo, os cabelos brilhando em todos os tons de louro? Para que até mesmo o mais estúpido idiota notasse como são bonitos?

Seus olhares passaram direto por mim do mesmo jeito que por todos os outros ali, eu não estava nem mesmo segura de que haviam me visto naquele mar de cabeças e uniformes escolares. Como se nada nos unisse. Como se aquela conversa no cinema nunca houvesse acontecido. Como se eu tivesse apenas sonhado aquilo tudo.

Mamãe, Mia, Lottie, Ernest e eu tínhamos passado o domingo inteiro visitando a cidade, como se fôssemos os turistas mais ordinários. Big Ben, Tower, St. Paul's, Hyde Park, Palácio de Buckingham, Millenium Bridge e a maldita roda-gigante. Ernest nos arrastou para todos os cantos e tirou mais ou menos dois milhões de fotos. Grayson e Florence não vieram conosco, o que era compreensível, pois moraram a vida toda nessa cidade. Mas Florence juntou-se a nós à noite para a apresentação de *Hamlet* no Globe Theatre,

que deveria encerrar a jornada turística, e ela, sentada a meu lado, estragou toda a apresentação, falando o texto junto baixinho sempre que a história ficava emocionante. Como ficamos sabendo depois, ela havia feito o papel de Ofélia na última apresentação da escola. Obviamente, a mais linda Ofélia de todos os tempos. Porém, eu não conseguia mais odiá-la desde que soube que sua mãe tinha morrido de Huntington. E como deve ter sido horrível não saber se ela e Grayson portavam o gene! Quando Hamlet disse: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia”, tive de abanar a cabeça, concordando vigorosamente. Quanta verdade, quanta verdade!

No fim, o dia havia sido agradável, ainda que eu tivesse preferido visitar o Highgate ou passear por Notting Hill, mas isso poderia ser feito numa próxima vez – sem Ernest. As horas voaram e mal tive tempo de pensar em demônios, desejos, sonhos e beijos, muito menos de estruturar tudo em gráficos ilustrativos. Morta de cansaço, caí na cama depois do *Hamlet* (“O resto é silêncio”) e dormi muito bem, não sem sonhos, mas profunda e pesadamente, e com a certeza de que ninguém mais passaria pela porta verde se eu não quisesse. Nem mesmo Henry, cujo cabelo brilhava no sol lá adiante, cor de mel silvestre.

Oh, não, foi isso mesmo que acabei de pensar? Cor de mel silvestre? Pirei? Envergonhada, mordi meu lábio inferior e agradei, uma vez mais, por ninguém poder ler meus pensamentos.

Pelo menos eu estava respirando de maneira mais ou menos normal, o que não se podia dizer de Perséfone. Somente quando meus evocadores de demônios se sentaram à mesa de Florence e Emily é que o estarecimento de Perséfone passou. Ela respirou fundo.

– Como disse, sonhar é permitido – repetiu ela, como se nada tivesse acontecido. – Mas é preciso ser realista.

Polegar suspirou ansiosa.

– Esse Arthur Hamilton é tão incrivelmente lindo! Eu fico arrepiada toda vez que o vejo. Mas Henry Harper também é uma graça. E sexy.

– Ele seria uma graça ainda maior se fizesse alguma coisa com aqueles cabelos – disse Perséfone. – Como Jasper, que está sempre com o penteado perfeito. Acho até que, dos quatro, Jasper é o mais masculino. Adulto, de certa forma.

– É, e é assim que se comporta também – murmurei.

– Eu acho Grayson o mais bonito – disse Polegar. – Quer dizer, logo depois de Arthur. Ele tem um olhar sempre tão amável. E olhos castanhos tão lindos.

– É verdade. Caramelo escuro – disse eu e estremei na mesma hora. Ai, meu Deus, tinha que sair dali, essa tagarelice era contagiosa. Empurrei minha cadeira para trás bruscamente e me levantei. – Esqueci que preciso dizer algo urgente para minha irmã. Hum... vocês fariam o favor de levar minha bandeja de volta? Obrigada. – Sem esperar por uma resposta, saí em disparada, dando uma volta enorme para desviar da mesa onde estavam Henry e os outros.

Mia ficou surpresa quando apareci na cafeteria do ensino fundamental e desabei em sua mesa. Não foi sem um tom de orgulho na voz que ela me apresentou a sua colega de mesa, Daisy Dawn.

Daisy Dawn ficou satisfeítíssima em me conhecer. Já que eu era a irmã de Mia tão frequentemente citada no Tittle-Tattle Blog.

– Estávamos falando exatamente do Baile de Outono – comunicou ela com olhos brilhantes. – Lacey disse que ouviu de Hanna que Anabel Scott viria exclusivamente da Suíça para o baile. Para que Arthur não precisasse ir com outra garota. Estou tão curiosa para ver que vestido ela irá escolher esse ano, o último foi vermelho-escuro, de veludo, lindíssimo.

Suspirei. Não era possível! A epidemia já havia se alastrado.

– OK, tenho de ir. Foi um prazer conhecer você, Daisy.

Ainda na cafeteria, com o olhar espantado de Mia pregado em minhas costas, acelerei o passo e, no corredor, comecei a correr. Alcancei meu armário um tanto sem fôlego e digitei o código de quatro números que abria o cadeado. A corrida me fez bem, o algodão doce no qual meu cérebro havia se transformado se dissolveu.

– Quatro, três, dois, um? Não é uma combinação muito segura, eu diria.

– Virei-me num salto. Henry! Ele não estava agora mesmo na cafeteria?

– Vá em frente e me assalte! – disse eu rapidamente, antes que pudesse enrubescer ou pensar algo estapafúrdio sobre olhos acinzentados ou cabelos cor de mel silvestre. – Teríamos aqui um valioso livro de matemática sobre funções e equações, um par de tênis tamanho trinta e oito e um celular que é uma peça de museu e que há anos eu desejo que alguém roube.

Henry riu e eu senti algo se contrair em meu estômago. Ele ficava com umas covinhas tão fofas nos cantos da boca quando ria e também tinha dentes tão bonitos. Era um enigma como pude pensar que seu nariz era comprido demais. E esses olhos incrivelmente fascinantes...

– Você está bem? – perguntou ele, ocasionalmente.

– Tudo certo – disse eu, me dando uma bofetada em pensamento.

– E o que nunca se sabe com certeza?

Ah!

– Isso você adoraria saber, não é? – Henry deve ter tentado entrar em meu sonho na noite anterior pela porta verde, o que explicava as suas olheiras escuras. Sorri, maliciosa. *O que nunca se sabe com certeza?* Essa pergunta era parte da barreira com a qual eu havia bloqueado minha porta. Aliás, com muito mais fantasia do que Henry com seus cadeados enfadonhos

e um grau de dificuldade bem maior do que a de Grayson. Só quem sabia a resposta certa podia passar.

Henry sorriu.

– É, adoraria saber. Mas estou feliz de você ter seguido meu conselho. Uma barreira muito efetiva. Pelo menos para mim.

– Não só para você – disse eu, autoconfiante.

– Vem de uma poesia? Talvez de Shakespeare?

– Não – disse eu. – Muito mais difícil. Shakespeare pode ser encontrado no Google por qualquer demônio.

– Sei. – Henry enrugou a testa. – Eu amo charadas.

Igual a mim.

Ficamos calados por um instante.

– A propósito – disse Henry por fim –, me pediram para avisar que a gente vai se encontrar no sábado na casa de Jasper para finalizar sua admissão no círculo. Os pais dele vão viajar no fim de semana.

No sábado, já?

– Eu pensei que isso só era possível na lua nova. – Engoli as outras perguntas que transbordavam de meus lábios. (Dói? Tem importância que eu não aguento ver sangue? *Estou ficando louca?*)

– Não, sábado é um bom dia. A não ser que você mude de ideia.

Balancei a cabeça devagar.

– Navios não foram feitos para ficar ancorados no porto – citei sr. Wu.

– Ótimo – disse Henry. – Então nos vemos no sábado.

– Sim, *isso* se sabe com certeza – retuquei, só para zoar com ele.

– Ah, que cruel! Você não pode me dar nem uma pista?

Nesse exato momento, o sinal tocou. A pausa para o almoço tinha

acabado. Estudantes se apinharam no corredor, o vozerio aumentou, portas de armários foram abertas e fechadas com força.

– Uma pista? Está bem. – Tinha de reconhecer que aquilo era divertido.
– Me deixe pensar... a resposta tem que ser em alemão. Isso ajuda?

– Não muito. – Henry mordiscava o lábio inferior enquanto pensava. – Em alemão, então. Aquele *dirndl* também é por causa disso... Oh, oi, Florence. Emily. Sam.

Oh, não, tinha que ir embora. Ainda que Sam, de perto, não fosse tão espinhento como eu pensava.

Florence, num passe de mágica, pregou um sorriso no rosto e eu me surpreendi com o profissionalismo com o qual fazia aquilo.

– Oi, Liv, que bom encontrar você aqui. Estes são Sam e Emily.

– Sou a irmã de Sam – acrescentou Emily. – E namorada de Grayson. É um prazer conhecer você. Acabamos não nos apresentando na festa no sábado.

Exato. Primeiro você ficou de amasso com o Grayson como se não existisse mais nada no mundo e depois eu prometi a seu namorado e aos amigos dele que iria ajudá-los a libertar um demônio do mundo subterrâneo.

Sam não disse nada. Só ficou olhando de um jeito desconfortável. Henry, ao contrário, dava a impressão de estar se divertindo horrores.

– Sam tem 16 anos. E é incrivelmente inteligente – disse Florence.

– É, seu QI é 15 pontos acima do meu. E olha que já me qualificaram como superdotada – disse Emily.

Ai, que merda.

– Ele pulou dois anos e está se formando no verão. – Nem mesmo uma mãe soaria mais orgulhosa que Florence. – E depois... onde é mesmo que você vai estudar, Sam?

– Harvard – disse ele, com uma expressão ainda mais desconfortável.

– Ah, que coincidência! – tagarelou Florence. – Liv é americana por parte de mãe e, que eu saiba, a família dela vem da região em torno de Boston, não é verdade?

– Ahn, é. Meus avós e minha tia Gertrude moram lá. – Bati a porta do armário. – Infelizmente, estou com pressa, tenho de subir ao terceiro andar.

– Ah, que coincidência, nós também estamos indo para lá – disse Emily.

Ai, que porcaria. Fiquei pregada no chão. Dei uma olhada para Henry, que tinha se encostado no armário e continuava ouvindo, muito interessado. Será que eu tentava a desculpa clássica de ir ao banheiro? Eles certamente não me acompanhariam até lá. Pelo menos não todos.

Florence pegou meu braço.

– No caminho lá para cima, Sam pode então perguntar uma coisa para você. Vamos, Sam, pergunte.

Oh, não, foi tudo rápido demais. Talvez eu devesse simplesmente soltar meu braço e sair correndo. O espinhento do Sam podia ser inteligente, mas não parecia muito esportivo. Não me alcançaria nunca na vida.

Por outro lado, ele me dava um pouco de pena, devia ser horrível ficar sob o comando da irmã e da amiga da irmã e ser obrigado a ir a um baile idiota com uma menina estranha. As garotas de seu nível de ensino eram todas mais velhas que ele e provavelmente não morriam de vontade de ser sua parceira de dança. E ainda por cima, aquele problema de pele... Pobre Sam!

Ensaiei um sorrisinho em sua direção. Talvez só quisesse me perguntar algo inofensivo do tipo o que achei do almoço ou se gostava de campeonato de soletração, ou qual era minha matéria preferi....

– Você gostaria de ir ao baile comigo? – perguntou Sam.

Não! Não, não, não, não, não.

Fechei os olhos por um curto momento, mas não adiantou. O pobre rapaz continuava a minha frente e parecia que ia afundar no chão. O que faria então quando eu dissesse não? Choraria? Sairia correndo? Será que se enforcaria? Pelos diabos, o que é que se diz numa situação dessas?

– É realmente muito... gentil da sua parte... – balbuciei, procurando desesperadamente por outras palavras, enquanto Florence e Emily me olhavam cheias de expectativa. O que Henry estava fazendo, eu não sei, imaginava que estivesse rindo maliciosamente.

Eu *odiava* Florence. Era tudo culpa dela. Afinal, eu tinha me expressado com clareza suficiente a respeito do baile. Melhor um tratamento de canal sem anestesia, foi o que eu disse, ou não foi?

– Eu sei – disse Sam.

Eu sei? O quê?

– O que é que você sabe?

– Que sou gentil – disse Sam. – Você é do ensino médio... eu poderia perguntar a qualquer garota do ensino médio, mas Florence achou que com você seria uma boa ideia, uma espécie de coisa de família. E então, você vai comigo ao baile?

Abri a boca (ou melhor, na verdade nem precisei abrir, pois já estava aberta), mas antes mesmo que pudesse dizer alguma coisa, Henry tomou a palavra.

– Embora seja uma proposta incrivelmente romântica e irresistível, Liv infelizmente não poderá aceitar – disse ele.

Isso foi, no entanto, muito mais elegante do que o “não!” grosseiro que estava na ponta da minha língua.

– Henry! – Florence me soltou e, afrontada, o fulminou com o olhar. –

Não se intrometa. Claro que Liv irá ao baile com Sam. Nós já...

– ... planejaram tudo, sim, disso estou seguro. – Henry se colocou a meu lado. – Mas Liv não poderá ir ao baile com Sam porque já vai comigo. – Ele piscou um olho para mim. – Não é verdade, Liv?

Mais uma vez, todos os olhos estavam pousados sobre mim.

– É – disse eu. – É verdade.

– Não acredito – disse Florence. – Vocês nem se conhecem.

– Bem, Sam também não a conhecia até agora há pouco – disse Henry.

– Você odeia esses eventos, Henry. Ano passado você também não compareceu.

– Bem, então está mais do que na hora – disse Henry. – Afinal, este é meu último ano na Frogmal Academy. Minha última chance de vestir um daqueles fraques maravilhosos e dançar valsa...

– Mas... – Florence se virou para mim. – Por que você não disse nada ontem à noite, Liv?

Tentei resistir a seu olhar penetrante.

– Eu também não podia saber que você tecia esse tipo de planos... sinto muito.

– Hum. – Se Florence parecia desconfiada, Emily estava com cara de quem ia enforcar alguém. Com as próprias mãos. Sam, ao contrário, fazia ar de resignado e indiferente. Ainda pensei se não devia lhe indicar duas outras garotas muito simpáticas, que certamente não o recusariam, mas com os nomes Polegar e Indicador, ele não iria encontrá-las.

– Nós já vamos – disse Emily, puxando Sam pela manga da camisa. – Eu bem que disse que era uma ideia boba.

Florence foi atrás dos dois depois de nos lançar um olhar desconfiado.

– Não disse, não! – ainda a ouvimos dizer.

Respirei fundo.

– Essa foi por pouco – disse eu, olhando nos olhos acinzentados e risonhos de Henry. – Obrigada!

– Não há de quê, menina do queijo. Agora você me conta o que nunca se sabe com certeza?

– Não! Mas, por você ter sido tão gentil, vou dar mais uma pista – acrescentei, baixando a voz num tom secreto de sussurro. – Trata-se de alguém chamado Hans.

Então, precisei correr para chegar a tempo à aula de geografia.



No sábado seguinte, mudamos da casa dos Finchley para a dos Spencer. Nada demais, para ser sincera. De início, Ernest tinha planejado três dias para a mudança. Comprou uma nova parafusadeira sem fio e uma furadeira, chamou a sra. Dimbleby para se ocupar da comida e seu irmão Charles para ajudar “no pesado”. Alugou um caminhão e organizou tudo como um chefe de brigada militar até os últimos detalhes. Só quando mamãe mostrou para ele os nossos pertences armazenados é que entendeu que, para as poucas caixas, duas viagens com a caminhonete de Charles seriam suficientes. E que nós não possuíamos nem quadros nem móveis cuja montagem exigisse uma parafusadeira ou uma furadeira, e que também não havia nada que justificasse tal planejamento. Eu me pergunto o que ele estava esperando: nós sempre tínhamos morado em lugares mobiliados e aprendemos a não nos apegar a objetos que fossem maiores que um livro. (Com exceção do meu violão e de um ursinho de pelúcia chamado sr. Twinckle.)

Além disso, éramos absolutamente experientes em mudanças e habituadas a desfazer caixas. Antes do almoço, todas as nossas posses já haviam encontrado seus devidos lugares, tudo estava limpo e mamãe disse o que sempre dizia quando os livros se encontravam arrumados nas estantes:

– Sua casa é onde estão seus livros.

Ernest parecia bastante confuso. De acordo com seu plano militar, o verdadeiro trabalho começaria de fato depois que nos fortalecêssemos com o *Shepherd's Pie* da sra. Dimbleby. Em vez disso, encerramos o expediente. Só Grayson que não precisava ir à escola, já que a Frognal Flames disputaria o jogo de abertura da temporada. Mamãe sugeriu que aproveitássemos a tarde livre para ir ao estádio torcer por Grayson. Ela havia sido líder de torcida quando jovem e teria adorado se eu e Mia seguísssemos seu rastro. Ao ouvir que na Frognal Academy não havia líder de torcida, ficou indignada, murmurou algo como “esses ingleses sem graça” e pôs o plano de lado. Em vez disso, se juntou à sra. Dimbleby na cozinha para extorquir dela a receita do *Shepherd's Pie*. Não que mamãe soubesse realmente cozinhar, mas gostava de dar essa impressão. E o empadão era realmente delicioso, tão delicioso que Mia deu por finda sua fase vegetariana de um momento para o outro.

Sra. Dimbleby tinha uns sessenta anos, cabelos tingidos de rosa-claro (um acidente, assegurou ela) e era um pouco corpulenta. Ganhava meu coração de imediato com seu sorriso delicado e porque alimentava Buttercup na cozinha com pedacinhos de carne.

Eu estava também muito satisfeita com meu novo quarto. Apesar de ser o menor dos cinco quartos no primeiro andar, era, com seus dezesseis metros quadrados, bem maior do que alguns quartos que eu e Mia tivemos de dividir nos últimos anos. Eu me senti bem ali. Gostei do chão de madeira, dos armários embutidos e das paredes claras, mas o melhor era o parapeito da janela, de onde se podia ver o jardim. O único inconveniente era que o quarto ficava bem ao lado da suíte magistral de mamãe e Ernest. Só podia esperar que as paredes fossem grossas o bastante para me fazer esquecer esse detalhe à noite. Aliás, estava torcendo para que Ernest não tivesse o hábito de andar pela casa de cuecas, eu não sabia se meus nervos eram fortes o

suficiente para isso. A suíte tinha um banheiro, obviamente. Florence, Grayson, Mia e eu tínhamos que dividir o banheiro que ficava logo ao lado da escada. Apesar de ser equipado com duas pias, assim como chuveiro e banheira, Florence insistiu para que esboçássemos um plano de uso – para evitar apertos pela manhã –, como ela bem havia expressado. Como havia banheiros suficientes na casa e Lottie tinha um só para ela no porão, não me preocupei com apertos pela manhã. Já tinha de fato preocupações em bom número. Quer dizer, isso sem contar o fato de que eu iria evocar um demônio aquela noite pela primeira vez na minha vida.

Tinha contado para mamãe que Grayson organizou uma noitada de jogos com alguns amigos e me convidou. O que não estava tão longe da verdade, e enquanto ela não me perguntasse que tipo de jogo (“Ah, um assim com demônios e sangue e coisas do gênero”), nem estaria mentindo. Claro que mamãe não hesitou nem um segundo em permitir que eu fosse. Ela não cansava de repetir como achava maravilhoso que minha fase de boa moça houvesse terminado.

A semana passou incrivelmente rápido. Já na terça-feira, o Tittle-Tattle Blog espalhou a notícia de que eu iria ao baile com Henry. “O que ela tem que outras não têm? Será que Henry Harper está realmente caído pelo charme dela ou teria sido forçado por Grayson?” Nem citava que Sam tinha me convidado antes. Mais uma razão para suspeitar que Emily estava por trás de Secrecy. Pois é óbvio que não escreveria nada que comprometesse o irmão.

Uma coisa era a curiosidade pública ter sido acirrada. Mas outra coisa, que quase pesava mais, era que Florence tinha contado tudo para mamãe. E ela, como era de se esperar, quase explodiu de alegria e pediu que lhe dessem logo dois endereços de lojas que, segundo diziam, vendiam os vestidos de baile mais arrebatadores. Agora eu estava com um problema dobrado: na quinta-feira à tarde, mamãe conseguiu me arrastar para uma dessas lojas e, de

fato, os vestidos eram incríveis. Principalmente quando se olhava para a etiqueta com o preço. Mas mamãe derramou lágrimas de comoção ao me ver em um monstro de tule azul-claro e eu não tive coragem de contar a ela que a história do baile não passava de um blefe de Henry para me salvar do Sam, o espinhento. Bem, e agora eu não sabia como explicar para Henry que minha mãe tinha comprado um vestido de baile de trezentas libras. Eu mesma não sabia como tudo aquilo pôde ter acontecido.

Outro mistério era saber como eu iria manter algum segredo enquanto vivesse debaixo do mesmo teto que Grayson e a delatora da Florence, e as informações fluíssem desenfreadamente em todas as direções.

No entanto, coisas boas também aconteceram nessa semana. Eu tinha me inscrito no *West Hampstead White Crane Kung Fu Club* numa turma avançada. O primeiro treino ontem foi muito legal, o professor, sr. Arden, não era tão bom como sr. Wu, mas em compensação, despendia mais elogios e não enchia o saco com provérbios chineses. E focava mais na defesa pessoal do que sr. Wu com sua insistência na unidade de corpo e espírito, e isso era exatamente o que eu precisava.

Apesar de toda a distração, comecei a ter mais medo a cada dia que passava, principalmente porque não sabia direito o que estava a minha espera aquela noite. Quando lembrava do sonho do cemitério, meu maior medo era não conseguir ficar séria se tivesse que repetir aquelas palavras estapafúrdias ou desenhar pentagramas no solo. Eu já não tinha certeza se havia sido uma boa ideia entrar no jogo. Não que eu agora temesse um demônio que não existia, mas porque pessoas que realizam esse tipo de ritual não são de bom trato.

No sono, mantive conscientemente distância da porta verde. Apesar de eu, desde a apresentação de *Hamlet*, sonhar toda noite sonhos tolos com um teatro no qual Florence fazia o papel de Ofélia. E continuava dormindo bem,

na certeza de que ninguém passaria pela minha barreira do sonho e me faria uma visita surpresa.

Quando Grayson voltou para casa super bem-humorado no começo da noite depois do jogo, Florence já havia saído para uma reunião do Comitê de Organização do Baile, e mamãe e Ernest estavam passeando no parque com Butter. Lottie, Mia e eu aproveitamos a ausência de Butter para nos familiarizar com Spot, o gato ruivo. Seguindo o exemplo de sra. Dimbleby, nós o subornamos com pedacinhos de carne e ficamos muito satisfeitas por ele se deixar acariciar e por ronronar tão alto que o sofá inteiro parecia vibrar.

Mia lançou um olhar radiante para Grayson.

– Spot gosta da gente – disse ela, orgulhosa.

– Ele gosta de todo mundo, até da minha avó – disse Grayson ao passar por nós.

Eu o segui até a cozinha.

– E aí, vocês ganharam? – perguntei.

– Claro! – Grayson abriu uma garrafa e a esvaziou de um gole. – 140 a 62. Nós *acabamos* com eles.

– Ah, é verdade, quase esqueci que vocês ganham todos os jogos porque fizeram um pacto com o demônio, é bem prático – disse eu, enquanto observava Grayson beber toda a água. O que ele era, um camelo? – Hum, quanto a hoje à noite...

Grayson pousou a garrafa sobre a mesa.

– Você mudou de ideia? – disse ele, aliviado.

– Não, não mudei. Só queria saber o que devo vestir.

– O quê? – Ele revirou os olhos. – Fique com a roupa que está agora. Está ótima.

– Você não está falando sério, está? – Olhei para minhas roupas de fazer

mudança completamente sujas. Além disso, a camiseta com os escritos FREAK OUT AND CALL MOM* tinha pelo menos um número a menos.

– A sua roupa não tem a menor importância – disse Grayson. – Desde quando você é uma *garota desse tipo*? As roupas agora são seu menor problema.

Nisso ele tinha razão. Ainda assim, passei bastante tempo me arrumando para a noite. Já que tinha um encontro marcado com um demônio, podia muito bem querer estar bonita. Sem contar as outras pessoas presentes para as quais eu caprichava no visual com prazer. No entanto, o truque era fazer com que ninguém percebesse que eu tinha me esforçado tanto. Em todo caso, colocaria as lentes de contato em vez dos óculos. Mas tirei o brilho dos lábios. Evidente demais. O Henry que não se achasse tão importante.

Quanto mais a noite se aproximava, mais eu ficava nervosa sem saber ao certo por quê. Por causa de Henry? Ou antes, pelo fato de que todas as minhas perguntas teriam respostas? Quando Grayson colocou a Mercedes de Ernest na vaga diante da bela casa dos pais de Jasper, na Pilgrim's Lane às oito e meia, senti, para meu próprio assombro, que uma parte de mim começava a se alegrar na expectativa da noite.

A parte louca de mim, provavelmente.

* Trad. livre: "Surte e chame a mãe". [N. da E.]



O livro não tinha um aspecto tão antigo como eu havia imaginado e também não era tão grosso. Não era muito mais do que um velho caderno de rascunho com pontas surradas e páginas amareladas. Quem quer que tenha anotado nele as instruções para a libertação do demônio do mundo subterrâneo, não o fez na Idade Média com uma pena de ganso afiada, mas muito mais recentemente. Talvez até com uma caneta – mas isso eu não podia dizer com certeza devido à luz das velas. No entanto, o lacre que fixava as últimas páginas do livro parecia muito antigo e valioso. E era vermelho-sangue, como pedia a tradição, assim como todos os outros lacres já rompidos que ainda grudavam nas páginas.

– É uma cópia proveniente dos anos 70 – disse Arthur, como se tivesse lido meus pensamentos.

– Hum – retruquei. – E simplesmente se encontrava assim, na estante da casa de Anabel?

– Claro que não – disse Arthur. – Ela o encontrou numa escrivaninha antiga, um móvel de herança.

– Naturalmente – disse eu. Numa escrivaninha antiga, claro. Quem sabe, numa gaveta secreta junto com um anel mágico e uma carta do Papai Noel.

– E aí, você pensou em um desejo, Liv?

O maior desejo, sim. Confesso que esse era um detalhe complicado daquele papo de evocação de demônio. Nos últimos dias, tinha tentado ignorar a história do desejo de Grayson com a doença de Huntington. Mas toda vez que via Grayson, eu lembrava do que ele havia me dito e toda vez ficava arrepiada. Ainda que houvesse uma explicação lógica e indubitável – a saber, o cálculo da probabilidade –, eu não conseguia...

– Liv?

Acenei rapidamente com a cabeça.

– Sim, pensei no meu desejo.

Henry tinha, como de costume, se encostado a uma estante de livros com os braços cruzados. A mãe de Jasper parecia ter devoção por romances de amor com capas em tons pastéis, e me perturbou bastante ver, logo ao lado da cabeça de Henry, títulos como *Beija-me, rebelde!* e *Deixa-me morrer em teus braços fortes*. Era melhor não olhar mais naquela direção.

A sala de estar dos Grant era (com exceção dos livros) até mobiliada com muito bom gosto, pelo menos, quando se imagina os móveis e tapetes no lugar certo – haviam sido empurrados contra a parede para que alguém, Arthur talvez, desenhasse o pentagrama com giz no piso de madeira escura. Os símbolos meio angulosos e misteriosos que circundavam o pentagrama eram absolutamente desconhecidos para mim.

A sala era iluminada pela luz das velas que se encontravam sobre duas cômodas nas laterais e sobre o parapeito da janela, algumas perto demais das cortinas para meu gosto. Jasper e Grayson estavam ocupados acendendo outras velas, que distribuíram sobre as mesas. Mas a atmosfera não ficou assombrosa por conta disso. Provavelmente isso se devia às muitas fotografias emolduradas que mostravam Jasper quando bebê e seu irmão ainda criança, ambos radiantes. Nossa, como eles eram fofos...

– Pense bem como vai formular seu desejo – disse Arthur, com o olhar pregado no livro. – Pois ele será realizado *exatamente assim...* E quanto mais complicado for, mais demora, seria bom você saber disso também.

– Quanto tempo demorou até o seu desejo ser realizado? – Embora tenha perguntado só por perguntar, tive a impressão de que todos na sala prenderam o fôlego e fitaram Arthur.

Mas ele parecia nem se dar conta.

– Nós guardamos sigilo sobre nossos desejos – disse ele sem levantar os olhos do livro. Ah, ele já estava no “modo proclamação”! Alguém precisava dizer para ele que, ainda que ficasse lindo à luz de velas, essa maneira de falar não era nada sexy. – Isso é um acordo somente entre você e o Príncipe das Sombras.

– Entendo. – Meu olhar deslizou para Henry, mas tive que desviar imediatamente, pois ele havia inclinado de leve a cabeça, de modo que logo acima de sua orelha lia-se, em letras rosas: *Desejo selvagem*. Ai, meu Deus, eu odiava o gosto literário da sra. Grant. Ela não podia colecionar livros de suspense?

– As fórmulas que você irá repetir em seguida estão, em sua maioria, em latim – continuou Arthur. – Então seria melhor se nós explicássemos rapidamente o significado delas para que você não precise perguntar durante a cerimônia. – Passou a mão de leve sobre a capa do livro. – Não é muito. Basicamente, você jura fidelidade ao Senhor das Sombras até o rompimento do último lacre, jura pelo seu sangue.

– Basicamente – repeti.

– Pelo seu sangue virgem – especificou Arthur. – Você assegura ser e permanecer virgem até que o último lacre seja rompido.

– E quando exatamente isso acontecerá? Quero dizer, isso com o lacre?

– O Senhor da Noite nos dirá quando chegar a hora.

Ergui minhas sobrancelhas.

– Dava para ser um pouco mais exato? Eu não gostaria de terminar como minha tia Gertrude.

Podia jurar que ouvi Henry rir, mas quando olhei, ele estava observando, compenetrado, as próprias mãos.

– Quer dizer... não é que eu tenha pressa – disse eu, rapidamente. – Só quero estar segura.

– Nós acreditamos que o último laço será rompido no dia do Halloween – respondeu Grayson no lugar de Arthur. – No dia em que tudo começou... – Ah, ótimo, agora ele também começou a falar daquele jeito sério. – Ouça bem, Liv. – Ele me pegou pelo braço. – Se você fizer o juramento, estará prometendo seguir as regras e jogar até o fim.

“Sim, claro”, eu já ia dizendo, mas a seriedade de Grayson e seu olhar me paralisaram.

– Quero que você entenda isso de verdade. – Ele olhou para Arthur. – Arthur esqueceu de um pequeno detalhe, mas em troca da realização do seu desejo e do poder que lhe será atribuído, você tem que oferecer uma caução ao demô..., quer dizer, ao Senhor das Sombras. Você promete a ele a coisa que você mais ama e que é mais valiosa para você, aquilo que você guarda no fundo de seu coração. – Ele olhou para mim como se esperasse que eu deixasse tudo para lá e saísse correndo.

– Eu não esqueci disso – defendeu-se Arthur, e pela primeira vez desde que o conheci, ele me pareceu um pouco nervoso. – Ia começar a falar disso agora.

De repente, fui tomada de compaixão. Era por isso que ainda estavam todos aqui. Porque tinham um medo real e genuíno de que o demônio

pudesse fazer valer a caução se parassem com os rituais.

– A coisa que você mais ama e que é mais valiosa para você – repetiu Grayson. – Se você quiser mudar de ideia...

Sacudi a cabeça. Sabia que Grayson queria me assustar e tinha a melhor das intenções, mas se eu pulasse fora agora, isso não serviria a ninguém. Sem contar que jamais descobriria o que está por trás de tudo isso.

E, no que dizia respeito à caução, não era tão inusitado ou pérfido assim. Como poderia o demônio manter as pessoas no jogo senão desse jeito? Pelo menos ele ainda realizava os maiores desejos e atribuía às pessoas um poder incomensurável. Além disso, bem, era um *demônio*, afinal, e não um anjo. O que é que eles estavam esperando? Queria ter dito isso alto, mas seria ir um pouco longe demais. Não ia começar agora a defender um demônio que nem existia.

Em vez disso, perguntei:

– Mais alguma coisa que eu precise saber? – *Demônios não existem*, essa era a ideia na qual eu devia me agarrar: e porque demônios não existiam, eles também não podiam tirar nada de ninguém, não importava o que se prometia a eles. E ponto final!!

Grayson sacudiu a cabeça, resignado. E largou meu braço.

– Então vamos começar. Está tudo pronto – disse Arthur, melífluo, e apontou para uma mesa no centro do pentagrama. Dispostos sobre ela estavam um cálice, uma folha de papel, uma caneta e um punhal.

Um punhal grande demais para o meu gosto.

Grayson, que tinha notado o meu olhar, disse:

– O punhal de caça do pai de Arthur, forjado à mão.

– 350 camadas de aço damasco – acrescentou Jasper, que até então, para minha surpresa, mantivera-se calado. Não havia nem mesmo preparado

drinks. – Afiado como um bisturi.

Engoli em seco.

– Quanto mais afiada a faca, menor a dor – disse Henry.

Aquilo provavelmente era para me animar.

– Já disse que não posso ver sangue? – perguntei.

– Eu também não. – Jasper apagou o fósforo com o qual havia acendido a última vela. – Eu sempre fecho os olhos. É o que você devia fazer também.

– Posicionem-se no círculo, irmãos e irmã – exigiu Arthur.

Dei uma mordida no meu lábio inferior. A última vez que me coloquei num círculo foi no jardim de infância. *Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar...* Mas então, meu olhar caiu sobre o punhal e a gargalhada, que estava prestes a escapulir, se desfez.

– Cinco romperam o lacre, cinco prestaram o juramento e cinco irão abrir o portal como está nos escritos – disse Arthur. – Nós nos reunimos hoje para completar novamente o círculo e renovar nosso juramento.

Aí, aconteceu algo estranho. Se alguém tivesse descrito aquilo para mim, eu rolaria no chão de tanto rir. Mas não foi o que aconteceu. Não sei se foram as muitas velas ou a seriedade, ou talvez tenha sido só a advertência anterior de Grayson, mas fiquei com um nó na garganta ao repetir o que Arthur lia em voz alta. Eu nem tentava traduzir o que estava falando, sabia só que *sanguis* significava sangue, e essa era de longe a palavra que surgia com mais frequência, em todas as declinações. De vez em quando os outros também tinham que repetir algo, mas só murmuravam algo atonal para si mesmos, bem diferente de Arthur, que entoava as suas passagens com palavras claras, tão convicto como se estivesse no palco.

Finalmente, tive que me dirigir à mesa e escrever meu desejo numa folha de papel. Mesmo tendo demorado bastante – queria estar absolutamente

segura –, os outros esperaram pacientemente até eu acabar. *Desejo que demônios não existam e, com isso, não possam fazer mal a ninguém.* OK, talvez não fosse brilhante, mas, nessas condições, bastante inteligente, apesar de tudo. Inteligente pelo fato de ser um paradoxo, para o caso improvável de que o demônio realmente existisse. E paradoxos eram sempre a melhor maneira de enfrentar poderes malignos sobrenaturais, sabia disso por conta da literatura especializada.

Arthur segurou a folha dobrada sobre a chama de uma vela e leu em voz baixa uma frase do livro em latim, enquanto o papel queimava e as cinzas flutuavam em direção ao chão.

E de repente tudo já tinha acabado. Muito mais rápido do que pensei, passamos para a parte desagradável da noite.

– Juramos fidelidade àquele que possui mil nomes e tem a noite como lar – disse Arthur, me passando o punhal solenemente. – E selamos o juramento com nosso sangue.

Insegura, ergui o punhal. Por que é que aquele versinho tinha que me vir à cabeça bem agora: *Não aguenta sua mãe, não? Então, tenha um punhal à mão...*

– Onde, exatamente? – perguntei.

– De preferência na palma da mão – disse Henry. – Cicatriza mais rápido do que a ponta dos dedos. Mas não com muita força, esse troço é realmente muito afiado. Se quiser, eu ajudo.

– Não, tudo bem. Resolvo isso sozinha. – Respirei fundo e apertei a ponta do punhal contra o meu polegar. O sangue jorrou imediatamente. Ai! – E agora?

– Aqui dentro! – Grayson estendeu um cálice que já estava cheio de um líquido vermelho na minha direção.

iiii! Com um buraco no estômago, acompanhei com o olhar o filete de sangue que jorrou do corte na minha mão, pingando no cálice, um, dois...

– Chega! – disse Grayson, e Henry me estendeu um lenço de papel, que pressionei sobre a ferida. Ardia um pouco, mas não era tão ruim assim. Não foi sem orgulho que passei o punhal para Grayson.

Assim que todos, um depois do outro, haviam pingado o sangue no cálice – Jasper, de fato, com os olhos fechados –, veio a pior parte: Arthur mexeu o líquido no cálice para que tudo se misturasse bem, então cada um teve que tomar um gole e dizer “*Sed omnes una manet nox*”, o que quer que isso signifique. (Todos têm uma mão noturna? À noite todas as mãos são uma só? Meu latim era realmente muito ruim.)

Eu me esforcei ao máximo para engolir aquilo sem sentir o gosto, mas não foi nada fácil. Por pouco não me sacudi toda. Se aquilo era vinho tinto, então perdeu a graça para mim para o resto da vida, mesmo sem gosto de sangue. Mas pelo menos não quis vomitar.

Os outros foram muito mais tranquilos que eu, dava para ver bem que tinham prática. Jasper tomou até dois goles, provavelmente na esperança do efeito desinfetante.

– Agora o círculo está completo, ó Senhor das Sombras e das Trevas – disse Arthur com uma expressão satisfeita. – Aguardamos suas instruções para romper o último lacre e cumprir nossas promessas.

– Mas tome o tempo que precisar. – Tinha que ser Jasper, claro, a estragar a solenidade das palavras finais. Ele começou a apagar as velas. – O que há? É verdade. *Ele* pode muito bem esperar até a gente ganhar a próxima partida.



– Você é bonita? – perguntou Hamlet, e Florence, uma figura frágil numa veste modesta, os cachos castanhos presos por fitas no alto da cabeça, retrucou, perturbada: – O que quer dizer vossa senhoria?

– Fantástico, não é mesmo? Ela é a Ofélia perfeita – sussurrou Lottie a meu lado, sem tirar os olhos do palco. Mas tão perfeita assim, Florence não era. Para o aborrecimento de Hamlet, falava o texto junto com ele:

– Se você é honesta e bonita, sua honestidade não deveria admitir qualquer intimidade com a beleza.

– Hum, exato, é isso, Ofélia – disse Hamlet. – Era o que eu queria dizer! Florence sorriu delicadamente.

– Senhor, com quem a beleza poderia ter melhor comércio do que com a virtude?

Hamlet franziu a testa.

– Sim, sem dúvida...

E não conseguiu continuar, pois Florence o interrompeu novamente.

– O poder da beleza transforma a honestidade em meretriz...

– Você está tirando as palavras da minha boca! – disse Hamlet. – Amei-a antes. Mas agora você não passa de uma sirigaita que me rouba o texto!

– Uma montagem bem... moderna – sussurrou Lottie, entusiasmada. – Até o cenário é de vanguarda, essa mistura de punk, folclore e minimalismo... incrivelmente extravagante.

– Você não está falando sério! – sussurrei de volta. O cenário era horripilante. Nada combinava com nada e muito menos com Hamlet, agora com ódio mortal de Florence, que pousou a mão sobre o peito e exclamou:

– Ser ou não ser, eis a questão!

– Agora, chega! Não é o pobre Polônio que eu devia matar com a espada, mas sim você! – urrou Hamlet, pegando Florence pela garganta e pressionando-a contra uma porta verde-cintilante na parede do cenário. – Ah, que nada! Para que preciso de uma espada, vou enforcá-la com minhas próprias mãos.

– Agora está ganhando ares de *Otelo* – disse Lottie, impressionada. – Ei, para onde você está indo, Liv? E desde quando você sabe voar?

– Só sei voar no sonho – garanti, mirando com precisão minha porta verde pelos ares, sem bater asas, pois não as tinha.

Quando pousei sobre o palco, Lottie aplaudiu alto e Florence, cuja garganta continuava nas mãos do irado Hamlet, grasnou:

– Eu não sou a mais miserável das mulheres, seu canalha. Que pobre de mim, que nada! Pobre de você! – E, com isso, enterrou o joelho no estômago de Hamlet.

Na verdade, teria podido jurar que sonharia à noite com lâminas de aço damasco ensanguentadas ou, alternativamente, com seres chifrudos saindo de estranhos desenhos de giz para tirar de mim o que mais amo. Mas, não, em vez disso, me encontrava num círculo vicioso de sonhos com Hamlet que já me torturavam a semana inteira. Preferia nem saber o que isso revelava sobre meu estado de espírito.

Só o que queria era sair dali. Empurrei Florence e Hamlet para alcançar a maçaneta em forma de lagartixa e sair para o corredor. Quando a porta bateu às minhas costas, fez-se um silêncio agradável.

Cautelosamente, olhei ao redor. Não parecia haver ninguém aqui além de mim, ao menos até onde meus olhos alcançavam. A porta preta de Henry se encontrava novamente em frente à minha, logo ao lado da de Grayson. Freddy, o feroz, abaixou o bico majestosamente quando acenei para ele. Poderia visitar Grayson no sonho a qualquer momento, pois possuía novamente um objeto íntimo seu. À tarde, tinha pescado uma de suas camisetas da cesta de roupa suja no banheiro, uma das camisas azul-marinho do uniforme da escola das quais ele certamente devia ter uma dúzia, de modo que não sentiria falta de uma. Mas eu não acreditava que os sonhos de Grayson me ajudariam muito hoje.

Indecisa, dei uns passos para cima e para baixo, sem saber bem pelo que estava esperando. Ou por quem. Não tinha a menor ideia de há quanto tempo já estava dormindo. Grayson e eu tínhamos voltado para casa pouco depois da meia-noite e fomos direto para a cama. “Voltar para casa” – uma sensação estranha que ainda não havia se consumado. Ainda me sentia como se estivesse só visitando os Spencer.

No corredor do sonho, nenhum movimento. Ao lado da porta azul-celeste com a coruja esculpida que eu acreditava ser a entrada para os sonhos de Mia, descobri uma espécie de porta de loja em madeira de pinho com ornamentos natalinos. Um colar de ramos de pinheiro presos por um laço de veludo vermelho emoldurava a porta. Antes mesmo de decifrar a plaquinha, já sabia de quem era a porta. Confeitaria de Amor da Lottie – Para Entregas, Favor Usar a Porta de Serviço. Suspirei, comovida. Lottie era uma fofa! Já queria me sentar em seu batente, bem embaixo de um ramo de visco. Muito prático, aliás, caso Henry aproveitasse o ensejo para me beijar de novo (são

maravilhosos esses costumes anglo-saxões!), quando ouvi passos.

Porém, não eram os de Henry, como eu esperava secretamente, mas de Anabel.

– Estava procurando você – disse ela com sua voz dócil.

Eu também a teria procurado se soubesse onde, pois desde nosso último encontro, estava louca para saber mais sobre ela.

Como da última vez, ela estava simplesmente esplêndida. Trajava um agasalho com um decote da mesma cor verde-turquesa de seus olhos, jeans e sapatilhas.

– Sinto muito não ter tratado o caso com a seriedade necessária durante nosso último encontro – falei. Não tinha sido bem assim, mas era com certeza uma ideia sensata ficar em bons termos com ela. Só esperava que ela não pronunciasse a palavra “Lulila” mais uma vez, senão eu não podia garantir que me controlaria.

– Tudo bem. – Anabel esboçou um sorriso, mas parecia tensa. – Ouça bem, talvez não tenhamos muito tempo. Sei que você firmou o juramento ontem à noite. – Ela olhou rapidamente ao redor. – Acho realmente... muito corajoso da sua parte.

– Bem... – Eu também, de certa forma.

– Corajoso e altruísta! Graças a você, agora tudo ainda pode ter um bom desfecho! Contanto que não cometa os mesmos erros que eu. Venha cá, vou mostrar algo para você.

Dei uma olhada na porta de Henry, do outro lado do corredor.

– Para onde a gente vai? – perguntei, desconfiada.

– Não é longe. – Anabel já tinha dado uns passos à frente. Eu a segui por um momento e dobramos no corredor seguinte até uma porta dupla que mais parecia o portal de uma igreja com seu arco gótico e os ornamentos banhados

a ouro. Considerando-se somente a aparência exterior da porta, ela não combinava nada com Anabel, de quem eu esperava algo mais sutil. Porém, ela abriu uma das portas com toda naturalidade, virando-se para mim.

– Onde é que você está?

– É esta a entrada para os seus sonhos? Mas, eu pensei... não possuo nenhum objeto seu.

– E também não precisa se eu a convido pessoalmente a passar pela minha porta – disse Anabel.

– Ah. Que nem os vampiros?

Anabel franziu a testa sem entender. Aparentemente, ela não conhecia os costumes dos vampiros. Bem, sua especialidade eram os demônios.

– Venha cá. Isso aqui é do seu interesse. Para ajudar a compreender uns poucos contextos.

Sendo assim... Não havia nada que eu mais quisesse no momento do que compreender contextos. Atravessei o limiar e adentrei um jardim ensolarado: árvores, arbustos e alegretes coloridos circundavam um vasto gramado verde-esmeralda, sem ervas daninhas e perfeitamente amparado, o típico jardim inglês. Mais para trás, descobri uma casa.

Um cachorrinho branco irrompeu de um arbusto e veio em nossa direção. Carregava uma bola e a cuspiu aos pés de Anabel antes de pular em cima dela com o rabo abanando.

– Tudo bem, Lancelot, seu malandro! – Anabel esfregou o pelo do cachorro e riu. Naquele momento percebi que, até então, só a vira tensa, estressada e amedrontada. Ficava tão bem rindo! Pegou a bola do cachorro e a lançou sobre um canteiro de flores. O animalzinho quase tropeçou, tamanha era a ambição de pegar seu brinquedo, um novelinho rolando sobre a grama verde.

Olhei para o jardim em volta.

– Então, o que você queria me mostrar?

O brilho nos olhos de Anabel apagou-se.

– Ele. – Apontou para Lancelot que havia pegado a bola e veio correndo com toda velocidade até nós. – Ele era meu melhor amigo. Mas agora, veja com seus próprios olhos!

Nesse instante, Lancelot soltou um urro e desmoronou no meio da corrida. Ficou caído, tremendo sobre a grama.

– Meu Deus! O que ele tem? – Queria ir até lá, mas Anabel me segurou pelo braço.

– Está morrendo.

– O quê? – perguntei, aterrorizada.

– A culpa é minha. *Ele* me tomou o cachorro, entende? Porque infringi as regras. Estou lhe mostrando isso para você não cometer o mesmo erro.

Com “ele”, queria dizer o demônio. Nesse momento eu não teria rido, nem mesmo se tivesse dito aquele nome engraçado.

– Mas... como ele... por quê...? – balbuciei enquanto o cachorrinho se contorcia no chão. Lancelot estremeceu mais algumas vezes, depois esticou as pernas e não se mexeu mais.

– Na vida real, demorou muito mais tempo – disse Anabel, com a voz oca. – Ele estava tremendo deitado diante da porta quando acordei, tinha dores horríveis e ficou o tempo todo nos meus braços, olhando para mim como se quisesse... – A sua voz falhou. – O veterinário disse que ele teve uma hemorragia interna.

– Mas isso é... eu sinto muito – sussurrei. – Mas não entendo... Você acha que o demônio matou seu cachorro?

– Lancelot era a minha caução. – Anabel limpou uma lágrima do rosto. –

A caução que ofereci em troca do meu maior desejo. Quando infringi as regras, ele o tomou de mim.

Não conseguia tirar os olhos do pequeno corpo apático na grama. O cachorro era sua coisa mais valiosa, o que ela mais amava? Bem, eu amava Buttercup profundamente, mas amava Mia, mamãe e Lottie ainda mais (ainda que não necessariamente nessa ordem). E papai também, pensando bem. Anabel talvez não tivesse uma boa relação com sua família, mas e Arthur? Ela não tinha dito no nosso primeiro encontro que ele era o seu grande, imenso amor?

Tentei me concentrar.

– O que aconteceu exatamente? – perguntei, jurando em segredo para mim mesma que ia gritar alto e muito se ela recomeçasse com as insinuações e meias frases de sempre sem concluí-las.

Mas Anabel me surpreendeu.

– Eu fiz sexo – disse ela, me olhando direto nos olhos. – Tinha jurado conservar minha virgindade até o fim do jogo, mas... não pensei que isso fosse tão importante. E também estava convicta de que ninguém jamais saberia. Mas não se pode guardar segredos diante *dele*. Ele ficou tão irado, me expulsou...

– ... e matou o cachorro – completei a frase. E tudo isso só porque ela não era mais virgem? Estava me parecendo uma reação realmente muito severa. Desde quando demônios eram católicos? Além disso, era injusto, afinal há sempre duas pessoas envolvidas num caso desses. – Por que o demô... hum... *ele* não ficou com raiva de Arthur?

– Arthur – suspirou Anabel, e lágrimas brotaram novamente de seus olhos. – O pior foi isso... foi eu ter magoado Arthur. Não esquecerei nunca a maneira como ele me olhou.

– Como assim, Arthur...? – Olhei para ela, confusa. Então, entendi de repente. – Não foi com Arthur! – disse eu. – Você dormiu com outra pessoa! – Finalmente os seus segredinhos todos fizeram sentido, e era tão simples: Anabel fez sexo escondido, o demônio percebeu e a dedurou. A questão era: com quem ela tinha dormido? E por que, se Arthur era... como foi mesmo que ela falou? ... “o tsunami” da sua vida?

Então havia um fundo de verdade nos boatos do Tittle-Tattle Blog, que falavam de certas “vibrações de energia” entre ela e seu falecido ex-namorado.

Anabel me lançou um olhar penetrante.

– Como disse antes, queria que você ficasse a par. Estava lhe devendo isso. Afinal, fui eu que meti os garotos, primeiro, e agora você, nessa.

OK! Aquilo eu já tinha entendido. “É tudo culpa minha” era, em todo caso, uma das frases preferidas de Anabel.

Mas, aparentemente, lhe fazia bem falar sobre o assunto. Parecia estranhamente recomposta. Com um gesto de mão, fez o cachorro morto desaparecer e tirou do nada uma toalha de piquenique, que estendeu sobre a grama. Uma cesta de piquenique e umas almofadas completaram o conjunto.

– O quê...? – murmurei.

– Acredite, se eu pudesse voltar atrás de algum modo, voltaria – disse Anabel, enquanto arranjava um pequeno vaso de flores sobre a toalha. – Eu me arrependo disso todos os dias. Arthur e eu somos como esses casais da literatura, irreversivelmente feitos um para o outro, para além da morte. Romeu e Julieta, Tristão e Isolda...

Ela certamente daria também uma boa Ofélia, tinha a dose certa de tragédia na voz. Como estava distraída, aquele me pareceu o momento exato para fazer uma pegadinha. Perguntei a primeira coisa que me veio à mente.

– Esse livro que você achou no porão da sua casa, de onde ele vem

mesmo?

Anabel ergueu a cabeça.

– Oh, o livro! Arthur notou imediatamente que a gente tinha encontrado um tesouro. Que o livro iria mudar nossas vidas.

OK. Precisava voltar a esse ponto mais tarde de qualquer maneira. Mas antes, havia um detalhe que eu queria esclarecer.

– O seu ex-namorado, esse Tom... – comecei.

– Oh, *Tom*? – Anabel parecia surpresa. Então, acenou que sim. – Estou entendendo, você leu sobre ele provavelmente no Tittle-Tattle Blog e agora está pensando que... – Fez uma pequena pausa. – Ah, claro, todo mundo pensa isso. Arthur também.

Como assim? Isso significava que ela não havia dormido com Tom? Então, com quem? E, além disso...

– Arthur sempre teve ciúmes terríveis de Tom, ele o odiava – disse Anabel. – Porque ele foi o primeiro rapaz que me beijou.

– E Tom agora está *morto*? – Quando perguntei, senti um arrepio subindo pelos meus braços.

– Sim – confirmou Anabel baixinho. – Morreu em junho num acidente de carro. Não foi culpa dele, um caminhoneiro bêbado bateu no carro.

Um arrepio se alastrou por todo meu corpo.

Tirando todos os outros acontecimentos, aquilo me parecia uma coincidência estranha demais.

Anabel ajustou as almofadas para o piquenique.

– Como disse, me arrependo profundamente do que fiz – disse ela. – E venho tentando de todas as maneiras que entre mim e Arthur tudo volte a ser como antes. Apesar de ele afirmar que me perdoou, quando olho nos seus olhos, vejo às vezes... – Ela envolveu o próprio corpo com os braços. – Vejo

neles ainda a dor que lhe causei. E a frieza que me penetra o coração como uma faca. – Pelo jeito, ela também gostava de expressões melodramáticas como Arthur. Ainda assim, tive pena. Ela dava a impressão de estar mesmo profundamente infeliz. – Então, fico com medo de que ele nunca mais me olhe como antes – sussurrou. – Eu... oh, lá vem ele!

Eu me virei. Era realmente Arthur, ele passou pelo portal e vinha caminhando pela grama, uma garrafa de vinho na mão. O sol fazia seu cabelo brilhar feito ouro. E, não sei bem por que, senti vontade de sair correndo.

– Por favor não conte a ele do que estávamos falando! – Com um sorrisinho nervoso, Anabel tirou um cacho do rosto.

– Esse aí é o Arthur verdadeiro ou você está só sonhando com ele?

Ela riu.

– O verdadeiro Arthur está deitado na cama dele em Hampstead, assim espero.

– E sozinho! – assegurou Arthur.

Anabel deu três passos em sua direção e se pendurou no pescoço dele.

– Veja só quem está aqui – disse ela, apontando na minha direção. – Eu queria agradecer a ela.

– Oi, Liv. – Será que eu estava imaginando coisas ou havia mesmo uma faísca de triunfo em seus olhos? – Como é que a gente se sente como heroína da história? – Arthur havia pousado a garrafa e abraçou Anabel com os dois braços. Carinhosamente, tirou o cabelo volumoso de sua nuca e começou a cobri-la de beijos. – Senti tanto sua falta, minha querida.

Envergonhada, olhei para o outro lado.

– Desculpe, Liv – disse Anabel. – É só que... estou morando há três semanas na Suíça, a milhares de quilômetros daqui. A gente só pode se encontrar nos sonhos.

– É, mas é muito melhor do que pelo Skype. – Rindo, Arthur puxou Anabel com mais força para perto de si. – Você quer fazer piquenique com a gente?

– Hum, não, não quero mesmo incomodar. – Ainda que tivesse muitas perguntas para fazer, estava com material suficiente para refletir.

Arthur puxou Anabel para cima da toalha de piquenique.

– Muito sensato de sua parte – disse ele, e Anabel mandou ainda um “até logo”. E nenhum dos dois me viu abrir a porta, atravessar o portal de Anabel e partir pelo corredor.



Já de bem longe, vi Henry em frente à porta verde e o ouvi discutindo com Lottie, que estava de pé no batente da porta e aparentemente não queria deixá-lo entrar. Ela tinha fincado as mãos nos quadris e portava o seu *dirndl* de festa com o avental preto de cetim.

– Da existência dos deuses? – perguntou Henry.

Lottie balançou a cabeça.

– Muito bonito, mas, não. Nada tão soturno. Tente mais uma vez. Então: o que nunca se sabe com certeza?

Henry suspirou.

– É alguma coisa do Goethe?

– Não. – Lottie inclinou a cabeça, dedilhando, cheia de charme, o laço de cetim monstruoso em sua cintura. – Nem Goethe nem Schiller.

– Você deve fazer somente a pergunta, Lottie, e não dar dicas – eu a corriji, e Henry se virou para mim e disse:

– Enfim, você chegou!

– Ah, gosto tanto de conversar com ele. É um rapaz tão educado... – Lottie olhou para mim, radiante. – E vem aqui todas as noites. A traiçoeira dessa maçaneta-lagartixa mordeu os seus dedos, tive que fazer um curativo, aí

ficamos amigos.

– É, esse é realmente um detalhe pérfido de sua barreira – disse Henry. – Desde quando lagartixas têm dentes?

– Desde que têm de impedir que estranhos invadam meus sonhos – respondi. – É uma lagartixa-vampiro. Uma lagartixa-vampiro matadora. E, pelo jeito, vigia melhor do que a minha *au pair*.

– Você sabia que Henry gosta de cozinhar? – Lottie condecorou Henry com um sorriso cheio de orgulho materno. – Ele estava interessadíssimo no meu *Vanillekipferl*, em troca, revelou a receita de seu bolo de nozes. E ainda perguntou se eu danço valsa e se poderia ensinar para ele. Não é fofo?

Por um segundo, fiquei sem saber o que dizer. Agora havia chegado o momento de erguer minha sobrancelha e encarar Henry com ar de sarcasmo.

Ele coçou o nariz, envergonhado.

– A gente faz de tudo para matar uma charada – murmurou.

– Não desista, rapaz. Você precisa pensar de forma mais robusta, ou melhor, mais folclórica – disse Lottie, encorajando-o. – Então, tente mais uma vez: o que nunca se sabe com certeza?

Estrebuchei, indignada.

– Você não é a verdadeira Lottie, é uma Lottie dos sonhos que contratei para ser minha vigia. Se não cumprir com as suas obrigações direito, vou pôr você na rua e contratar o sr. Wu. Ele não só domina a técnica da garra do tigre como também não se deixa enrolar dessa maneira. Bolo de nozes!

Lottie ficou magoada.

– Pensei que tinha educado você para ser mais gentil e respeitadora – disse ela. – Quer entrar ou não? Estamos na corrente de ar.

– Não, vou ficar aqui mais um pouquinho. Feche a porta – ordenei, severa. – E não deixe ninguém entrar, está ouvindo?

– Da gratidão dos alemães? – perguntou Henry rapidamente, antes que Lottie entrasse e fechasse a porta.

Lottie sacudiu a cabeça, condoída.

– Eu disse que era mais folclórico.

– Lottie!

– Está bem! Até logo, Henry. – Bem devagar e com muitos suspiros de protesto, ela fechou a porta.

– Da gratidão dos alemães? – repeti quando finalmente ficamos sozinhos.

Henry fez um gesto resignado.

– Achei isso num manifesto qualquer de Churchill na internet. Falavam da ingratidão dos alemães, que era algo de que não se podia duvidar.

– Aí você pensou que, inversamente, a gratidão dos alemães não seria certa? – Ri. – Não é todo mundo que chega a tal conclusão. Mas o que tem isso a ver com Hans?

– Ah, maldição, essa charada é difícil mesmo. Escrevi “Hans e nunca se sabe com certeza” umas cem vezes na busca, mas... Oh! – Alguma coisa parece ter vindo a sua mente, pois seus olhos começaram a brilhar.

– O quê?

– Não foi em alemão! – Ele bateu com a mão na testa. – Que coisa eu não ter pensado nisso!

– E? O que você quer fazer agora? Acordar e ligar o computador? Ou tirar o seu celular dos sonhos do bolso e pesquisar aqui mesmo? – Eu ri e Henry aderiu ao riso.

– Você está muito bem-humorada para alguém que acaba de se afiliar ao Clube das Almas Perdidas – disse ele então.

– E você está muito pessimista de já considerar sua alma como perdida – revidei. – Embora... – me lembrei do que tinha acabado de ouvir de Anabel e meu riso se desfez. – Você por acaso conhecia o ex-namorado de Anabel, o tal de Tom?

– Tom Holland? Claro, ele era de uma série acima da minha. Por quê?

– Bem, porquê... – Porque Arthur o odiava e ele agora está morto. Não, jamais poderia dizer isso. Insegura, mordiscava meu lábio inferior.

– Não seria melhor ir a outro lugar mais confortável? – perguntou Henry. – Por exemplo, atravessando essa porta verde?

– Valeu o esforço – falei.

– Então vamos pelo menos dar um pequeno passeio. – Henry sorriu e estendeu a mão para mim. Hesitei um segundo, então coloquei minha mão sobre a sua. Era uma sensação boa demais.

Caminhamos devagar. Quando chegamos ao corredor em que eu havia entrado com Anabel, perguntei:

– O que você acha que vai acontecer quando o último lacre for rompido?

Henry deu de ombros.

– Hoje mesmo você ouviu: o Senhor das Sombras quebrará suas amarras, se erguerá do sangue derramado e provará sua gratidão diante daqueles que lhe foram fiéis.

Como? Quando é que eu teria ouvido aquilo?

– Acho que isso me passou despercebido – disse eu.

– Ah, é verdade, você não sabe latim. Em todo caso, *cruor* significa sangue, mas, diferentemente de *sanguis*, significa o sangue derramado por violência...

– Você não acha que é uma metáfora? Como aquilo de quebrar as

amarras, quer dizer... o que foi isso? – Ouvi um ruído como o ranger baixinho de uma dobradiça de porta.

– Não tenho a menor ideia – disse Henry. Largou minha mão e olhou em volta. – Mas talvez fosse melhor irmos para outro lugar onde pudéssemos conversar sem ser incomodados. Para sua casa, por exemplo.

Eu me virei. Portas até onde a vista alcançava. Porém, não vi movimento em canto algum. Por que então me sentia como se estivesse sendo observada?

– Vamos! – Henry me pegou pelo braço, um pouco grosseiro demais para o meu gosto, e me puxou de volta para as nossas portas. Normalmente eu teria protestado, mas agora o segui com prazer.

– Mas não tem ninguém aqui, ou tem?

– Nunca se sabe – revidou ele, e pela primeira vez desde que o conheço sua voz tinha um quê de amargura. – Com uma boa capacidade de concentração e um imaginário forte o suficiente, é possível tomar qualquer forma no sonho.

– Eu sei. – Afinal, já tinha sido uma coruja. Meu imaginário era extraordinário, só a concentração é que deixava a desejar. Mesmo assim, o corredor estava vazio. A questão era: por que Henry estava andando cada vez mais rápido? E por que sussurrava? Isso não contribuía em nada para me acalmar.

E olhou mais uma vez ao redor.

– Se o cara é bom o suficiente, pode se transformar numa outra pessoa ou num tigre, num mosquito, num lustre, numa árvore, numa brisa... Eu, por exemplo, poderia só estar com a aparência de Henry, mas ser outra pessoa bem diferente.

Ai, meu Deus! Essa foi a coisa mais errada que ele poderia ter dito para me acalmar. Enquanto andávamos, examinei-o e meu olhar tateou o contorno

de seu rosto, os olhos acinzentados com os cílios grossos, o nariz reto, os lábios delicadamente ondulados, as covinhas nos cantos da boca.

Não. Esse era Henry. Com certeza.

– Psiu. – Ele parou.

Eu também tinha ouvido. Uma espécie de farfalhar. Como quando uma cortina é puxada para o lado. Agarrei o braço de Henry. E lá estava o ruído de novo. Sim, soava como tecido. Ou como se alguém respirasse com os dentes cerrados. Difícil dizer de onde vinha. Mas, não importava, estava próximo demais.

Henry continuou me puxando para a frente, o que veio muito a calhar, pois meus joelhos ameaçavam ceder. Era típico: sempre que alguém me perseguia no sonho, meus joelhos tendiam a se transformar em pudim. E o chão era, de repente, de areia ou de neve profunda, e eu só conseguia me locomover em câmera lenta. Odiava esse tipo de sonho.

E de novo o farfalhar estranho. Como era mesmo a coisa com a brisa? Seria realmente possível ser perseguido por uma brisa? Por uma brisa farfalhante que tinha... dentes?

– Você também não acha que ficou mais escuro, Henry?

Henry não respondeu. Tínhamos alcançado as nossas portas, mas ele não parou, antes me puxou por mais alguns metros até uma porta rosa com flores e mais flores coloridas. Até a maçaneta tinha a forma de uma flor.

– E está mais frio também. – Eu notei que estava soando cada vez mais histérica. – Ou será que é só impressão minha? Por favor, diga que é só impressão minha.

– Muito melhor, você está só sonhando. – Henry passou os dedos em uma flor amarela. Parecia que estava fazendo cosquinhas na flor, em todo caso, deu para ouvir uma risadinha. A trava da porta cedeu e Henry apertou a

maçaneta.

Hesitei por um instante.

– Venha, você vai gostar. – Num rompante, Henry me puxou sobre o batente e a porta bateu fazendo um barulhão, isolando-nos do corredor e do que possivelmente existia ali.

Suspirei aliviada. No entanto, só durou um segundo.

Algo úmido se espatifou bem no meu rosto e dei um grito de susto.

Foi aí que vi as bolhas de sabão. Centenas! Flutuavam sobre uma paisagem montanhosa coberta de grama que deflagrava o céu mais azul que eu já havia visto. Aliás, as cores eram tão intensas que parecia que alguém tinha girado o botão de cores da televisão até o máximo. Por toda parte abriam-se as flores, as folhas das árvores não eram só verdes, mas algumas também amarelas e rosas, avistava-se ao longe as torres de um castelo. Torres douradas.

A somente alguns metros de distância, um carrossel girava ao som da melodia da música de Walt Disney, “It’s a Small World”. Sobre um dos cavalinhos coloridos estava sentada uma menininha loira que, completamente alheia ao que se passava em seu redor, ria e se deixava girar. Apesar do meu grito, parecia não ter notado nossa presença.

– Onde estamos? Em Oz? – perguntei, limpando a umidade da bolha de sabão de minha bochecha. – Mas por que é que o carneiro Shaun está pastando ali na frente? Oh, veja só! Uma árvore de balões!

– Não disse que você ia gostar? – Henry riu. – Bem-vinda ao mundo rosa dos sonhos de Amy. Não é maravilhoso? – Ele me tirou do carrossel e me levou para a sombra de uma macieira suntuosa, que floria e dava maçãs ao mesmo tempo. E algumas laranjas, como pude perceber.

– Quem é Amy?

– Minha irmã menor. – Orgulhoso, apontou para o carrossel. – Ela tem quatro anos e os sonhos mais instigantes do mundo, como você pode ver. Às vezes venho aqui quando tudo fica difícil demais ou simplesmente quando tenho a sensação de que o mundo é ruim. Aqui, em todo caso, o mundo é bom. Não acontece absolutamente nada. Uma maçã?

Sacudi a cabeça.

– Não tem gosto no sonho.

– Depende só do seu imaginário. – Henry sorriu. – Mas também não sou bom em sentir gosto e cheiro – confessou ele. De repente, abaixou-se e cheirou meu cabelo. – Que pena!

Senti o rubor subir por meu rosto e suspirei.

– O que foi aquilo lá fora?

– Boa coisa é que não foi, suponho. – Deu de ombros e deitou sobre um morrinho de grama embaixo da árvore.

– E como é que pode eu entrar por essa porta? Não conheço a sua irmã e também não possuo nenhum objeto pessoal dela.

– Que bom que você está comigo. – Uma bola enorme de sabão pousou sobre o cabelo de Henry, sem explodir. – Senão você talvez ainda estivesse rondando lá fora, forçando as maçanetas, desesperada e amedrontada.

– Pode fazer troça. Mas foi *realmente* assustador. – Sentei ao lado de Henry e abracei meus joelhos. – Você acha que estão esperando por nós lá fora? E, se assim for, como voltaremos para casa?

– Quem disse que temos que passar pela porta para sair? Podemos ficar aqui até acordarmos.

A bolha de sabão continuava ali.

*There is one moon and one Golden sun**, Amy cantava sobre o carrossel. *And a smile means friendship to everyone***.

– Ela é realmente muito doce – disse Henry com os olhos pregados no meu rosto. – Às vezes não entendo tamanha doçura.

Meu coração começou a bater mais rápido. E meio descompassado.

– Desde que vi você pela primeira vez no aeroporto com o seu queijo, achei você uma graça.

Ah, que ótimo, agora eu também não conseguia respirar direito. E quando ele se curvou em minha direção, perdi o ar por completo. O pensamento que tinha acabado de vir à minha cabeça se desfez em pedaços. Era algo com o aeroporto... Zurique... São Galo não ficava bem perto de Zurique? E... meu Deus, Henry tinha olhos tão lindos. Se quisesse me beijar agora... não seria melhor eu antes... Estendi rapidamente minha mão e espetei a bolha de sabão no seu cabelo com o indicador.

Os olhos dele se dilataram, admirados.

– Desculpe, mas estava engraçado, parecia uma tigela de sobremesa invertida sobre sua cabeça – murmurei, suspirando decepcionada quando ele se sentou novamente, as costas retas. Como se jamais tivesse pensado em me beijar.

E talvez não tivesse mesmo.

Mas o que foi que eu tinha acabado de pensar? Era algo importante.

Atrás de nós, ouvi o ruído de patas de cavalo e, logo em seguida, dois pôneis passaram galopando, um marrom e branco e o outro todo branco. Ao ver suas crinas balançando, Amy riu um riso esfuziante e tão caloroso como só crianças pequenas sabem rir.

Minha respiração se acalmou um pouco, mas, na minha cabeça, os pensamentos rodopiavam em farrapos disparatados. Aquilo tudo era demais para mim. Todos aqueles segredos que pareciam crescer a cada dia que passava. Os sonhos desprovidos de toda e qualquer lógica. Henry, que

transformava meu cérebro em algodão doce sempre que se aproximava de mim. Anabel e sua confissão inusitada. Arthur, que parecia um anjo, mas não sei por que, me dava medo. E esse... essa coisa lá no corredor.

Esfreguei os olhos. De repente me senti terrivelmente cansada apesar de estar dormindo.

– Tudo bem? – perguntou Henry.

Respirei fundo. Então, fisguei ao acaso um dos fiapos de pensamento que rodopiavam na minha cabeça e o trouxe à luz.

– Tom Holland – disse eu. – É verdade que Arthur o odiava?

Henry ergueu uma sobrancelha.

– É isso que eu chamo de uma mudança eficaz de assunto – disse ele. – Odiava? Não sei, acho que não chegava a tanto. Mas não gostava dele, isso é verdade. Para ser sincero, Tom não era exatamente um cara que despertasse grandes simpatias, mas um canalha arrogante. Arthur tinha ciúmes porque ele tinha namorado Anabel antes dele. Tom tirava proveito disso e provocava Arthur sempre que podia. Uma vez, houve uma briga tão violenta entre os dois que Grayson acabou com um olho roxo quando fomos apartar. Quando se trata de Anabel, Arthur é bastante imprevisível. Ele a idolatra de verdade.

– Hum – fiz. – Até hoje? Anabel me contou que... Ahn... ela infringiu a regra. Você acha que ele a perdoou? Quero dizer, pelo fato de ela o ter traído?

Henry olhou para mim com a testa franzida.

– Liv, Arthur é um dos meus melhores amigos. Eu com certeza não falarei dele, muito menos de coisas tão íntimas. E onde foi que você encontrou Anabel?

Não, não, não, não – nada de perguntas como respostas! Eu perguntei primeiro. E estava feliz de conseguir pensar claramente para variar um pouco.

– Mas... você não acha estranho que Tom Holland esteja morto? – insisti.

Henry olhou para os lados.

– Parece que o motorista do caminhão estava bêbado. É terrível, mas essas coisas acontecem.

– Eu sei. Mas não seria possível que, com esse acidente, o maior desejo de Arthur tenha se realizado?

Pelo jeito como hesitou, notei que esse raciocínio lhe era até bem familiar. Aí, ele balançou a cabeça devagar.

– Arthur não gostava de Tom, é verdade, mas desejar a sua morte, isso não. Não é do estilo de Arthur.

Neste instante, ouvimos um baque muito alto e uma voz estridente de mulher se sobrepôs à música do carrossel.

– Quem de vocês, malditos pirralhos de merda, deixou esses malditos Legos esparramados no meio do caminho?

Olhei em volta, procurando a pessoa que teria dito aquilo, ou melhor, berrado, mas não se via ninguém.

– Vocês querem que eu quebre o meu pescoço? O pai de vocês é que iria gostar! – A voz era alta. Parecia vir de todos os cantos ao mesmo tempo. – Aí ele se livraria de mim de uma vez e poderia ser feliz com aquela sirigaita.

O carrossel tinha parado de girar e Amy não parecia mais absorta, mas um pouco apreensiva.

– O que é...? – Comecei a frase, mas quando me virei para Henry, percebi que ele havia desaparecido. Levantei num salto. Para que raio de lugar ele teria ido? Nem sinal dele, até onde a vista alcançava.

– Henry? *Henry*? – chamei, e o pânico crescia dentro de mim. – Por favor, volte! Isso não tem graça nenhuma!

Mas Henry desapareceu e permaneceu desaparecido.

– Saia daqui! Maldição! Deixe que eu morra aqui deitada! – gritou a voz

de mulher, e Amy estremeceu em cima do carrossel. – De todo jeito, ninguém sentirá minha falta, ninguém!

Então, como se alguém houvesse puxado o fio da tomada, ficou tudo escuro ao meu redor. O chão cedeu aos meus pés e caí numa profundidade.

Tittle-Tattle

★ B L O G ★



Aqui no Tittle-Tattle Blog, o blog das fofocas da Frognal Academy, você saberá das intrigas mais recentes, dos melhores boatos e dos atuais escândalos da nossa escola.

SOBRE MIM:

Meu nome é Secrecy – estou no meio de vocês e conheço todos os segredos.

ATUALIZAÇÕES

ATIVIDADE

18 de setembro

Florence Spencer irá ao Baile de Outono em companhia de Callum Caspers. E se vocês agora se perguntam “Callum o quê?”, então estão na mesma que eu. Precisei averiguar se Callum era mesmo um estudante da nossa escola. E é. Há seis anos. Ops.

Desenterrei uma foto do álbum anual da escola onde se vê os membros do grupo de estudos de matemática do ano passado – Callum é o segundo à esquerda.

Ou seja, caros rapazes apáticos com hobbies chatos e penteados com franjas estranhas: não se amargurem mais, ainda há esperança. Um belo dia pode ser que a menina mais bonita e popular da escola os chame para ir ao baile com ela. Aí, passem a mão tranquilamente na franja ridícula, tirem-na da testa, e digam sim! Foi exatamente isso que Callum fez (vamos chamá-lo de C. C., não é melhor?). Até hoje a franja não escorregou de volta. Aliás, ao lado de Florence, Callum não parece mais tão apático nem chato.

Ainda assim, não entendo. Florence poderia ter escolhido realmente QUALQUER um. Bem, com exceção de... E talvez seja esse o ponto crucial: teria Florence entregado seu coração a Arthur? Teria ela considerado a possibilidade de substituir Anabel na posição de Rainha do Baile ao lado de Arthur? Será que simplesmente pegou o primeiro que apareceu numa reação precipitada ao descobrir que Anabel viria da Suíça especialmente para o baile?

Bem, sendo assim, então nosso C. C. teve apenas sorte.

No mais, continuo com minha tese sobre relações a distância, tanto de um ponto de vista geral como específico: Arthur e Anabel até podem se juntar

novamente para o baile, mas, cedo ou tarde, vão terminar. Guardem bem as minhas palavras. Bem antes do Natal os dois terão mudado seus status de relacionamento no Facebook para “solteiro” – então, tudo estará em aberto novamente. Até lá: aproveite bem C. C. E, Florence: cabeça erguida!

A gente se vê!

Secrecy

P.S. Após uma luta árdua com as autoridades de proteção contra incêndios, o Comitê de Organização do Baile conseguiu autorização para o show de fogos de artifício e o uso de máquinas de fumaça – estou com bons pressentimentos, minha gente! Depois que superarmos a abertura oficial e que a diretora, sra. Cook, juntamente com sra. Beckett se escafederem, levando junto a sua valsa, o rock vai pegar! Será o baile mais alucinante que já tivemos na Frognal.

P.P.S. Abaixo, segue uma lista com os nomes de todos os rapazes do último ano que ainda não escolheram uma parceira. Entre outros da nata, Jasper Grant. Eu diria: com todo gás para cima dele, meninas. (Embora ele seja um desastre dançando. Mas quem liga para isso?)



Tittletattleblog.wordpress.com



* Trad. livre: “Há uma Lua e um Sol dourado”. [N. da E.]

** Trad. livre: “E um sorriso expressa amizade a qualquer um”. [N. da E.]



Com o coração batendo forte e encharcada de suor, despertei num salto. Graças a Deus, tinha acordado. O eco de um grito ainda estava suspenso no ar. O luar clareava meu novo quarto e senti, cheia de gratidão, a maciez do colchão embaixo de mim. Muito melhor do que uma queda num poço sem fundo, rodeada de nada além do vazio negro.

Mas o alívio só durou um piscar de olhos, pois começaram as batidas no corredor, a porta do meu quarto foi escancarada com violência e mamãe desabou sobre minha cama.

– O que houve, meu anjo? Você se machucou?

– O quê? – Pestanejei, atordoada com a luz. Numa fração de apenas uns poucos segundos, entraram no quarto também: Mia, Butter, Grayson, Florence e, bem no final, Ernest.

– Um ladrão!? – exclamou Mia.

– Você viu um fantasma? – perguntou Florence ao mesmo tempo. – O Spot pulou na sua cama?

– Um morcego, não foi? – Ernest amarrou o roupão sobre a barriga. (Ótimo, então ele não andava seminu pela casa à noite.) – Não há motivo para pânico. Nessa época do ano eles se perdem pela casa. Mas ué, a janela

está fechada.

O único que não perguntou nada (excetuando Butter) foi Grayson. Ele só olhou para mim como se soubesse exatamente o que havia acontecido.

Precisei de tempo para me refazer e retomar o controle da respiração. Ser encarada por olhos esbugalhados e soterrada por perguntas não facilitava nada. O que eles todos estavam fazendo ali?

– Você gritou – esclareceu Mia.

Deve ter sido um grito amedrontador para ter sido ouvido até mesmo a dois quartos de distância. Só Lottie, no andar de cima, parece não ter sido acordada.

– Só sonhei umas coisas bobas – murmurei, esquivando-me do olhar de Grayson. Butter lambia minha mão para me consolar.

– O quê? Que estavam tirando a sua pele? – Florence me olhou como se jamais tivesse visto algo tão miserável. Com razão: com o cabelo desganhado e suado e a camiseta de dormir toda esgarçada, eu não devia ser nenhum colírio para os olhos. – Ei, não dizem que o que se sonha na primeira noite numa casa nova se realiza?

Dizem isso? Bem, que perspectivas maravilhosas.

– Seria horrível. – Mia lançou um olhar devastador para Florence. – Principalmente se Liv tiver sonhado com o assassino da foice vindo destroçar você.

– Minha pobre fofura, por favor, trate de sonhar algo bonito daqui para a frente, está bem? – Mamãe bocejou e acariciou minha cabeça.

– Ou pelo menos não faça tanto barulho – acrescentou Florence, grunhindo. – Eu quase sofri uma parada cardíaca.

– São três e meia. Sugiro que voltemos todos para nossas camas e tentemos dormir mais um pouco – disse Ernest. – Mas é melhor você deixar o

abajur aceso, está bem, Liv?

Pode apostar que sim. Puxei a coberta até o queixo porque fiquei com muito frio de repente.

– Desculpem – disse eu, exausta. – Não queria acordar vocês. Boa noite.

Um depois do outro, todos foram saindo do meu quarto. Só Grayson se virou mais uma vez da porta e olhou para mim.

– O que é? – rosnei, pois ele permaneceu calado mesmo depois de dez segundos. Estava só com uma calça de pijama e, embora estivesse atordoada (ou talvez mesmo por causa disso), não pude deixar de registrar o seu peito musculoso.

– Eu sinto muito – disse ele. – Não devia ter metido você nessa. – Antes mesmo que eu pudesse contestar, ele fechou a porta.

Cansada, me deixei cair sobre os travesseiros. Não foi culpa dele, a culpa foi toda minha. Pensei que tinha a situação sob controle. Mas estava enganada.

E também não era mais divertido.

Em câmera rápida, me recordei do medo na voz de Anabel, do cachorro morrendo sobre a grama, do brilho triunfante nos olhos de Arthur e da coisa invisível que nos perseguiu, a mim e a Henry, no corredor. Será que isso continuaria todas as noites?

A história com Tom Holland me fez refletir e acabou por abalar minha convicção na inexistência de demônios. Supondo-se que Henry estivesse enganado e Arthur tenha realmente desejado a morte de Tom no Halloween do ano passado, qual era a probabilidade de que ele, jovem e saudável como era, morresse nos próximos nove meses? Menos que um por cento, imagino, bem menos que um por cento. Isso explicaria o fato de Arthur levar a coisa tão a sério, porque, bem, ele estava praticamente obcecado; estava convicto

de que o acidente com Tom havia sido obra do demônio. E eu podia até entender por quê.

Exausta, virei para o outro lado e fechei os olhos. Teria que ignorar a porta verde nos próximos dias o máximo que pudesse, senão acabaria ficando louca. Melhor sonhar toda noite com Hamlet do que com perseguidores invisíveis ou com uma queda no nada. E com garotos de olhos acinzentados que simplesmente somem quando a coisa fica romântica. Estava mais do que na hora de repassar o comando para o meu bom senso.

No entanto, Henry parecia não ter sumido só no sonho. Na segunda-feira, não apareceu não escola e por mais que eu o procurasse, não encontrei. Primeiro, fiquei só inquieta, mas quando ele também não apareceu na terça-feira, a inquietação evoluiu para uma leve histeria. O que é que eu sabia sobre esses sonhos e suas regras? Talvez aquele farfalhar horripilante tenha pegado o Henry e... Ou então ele estava só doente e eu, prestes a enlouquecer. Porque pensava seriamente que era possível se resfriar com correntes de ar em corredores de sonho. Por falar em bom senso...

Na quarta-feira continuei sem encontrar nem um rastro de Henry, embora tenha ficado um tempão à toa ao lado dos armários. Foi então que percebi o quanto ele me fazia falta. E que não suportaria mais essa incerteza. Teria que superar meu orgulho e perguntar a Grayson.

Se Grayson não pudesse me ajudar, eu iria atravessar a porta verde hoje à noite, apesar de haver decidido que não voltaria lá. Quem sabe eu pelo menos não achava Henry.

Nesse instante, ouvi uma voz.

– O armário hipnotizou você, menina do queijo? Você está olhando há um minuto para o mesmo ponto?

Fiquei tão aliviada de vê-lo que minhas pernas ficaram bambas. E é claro

que não me veio absolutamente nenhuma resposta eloquente na hora.

– Henry! – Eu mal pude conter um suspiro.

Ele riu.

– Também senti sua falta – disse ele. Seus olhos brilhavam, mas o brilho não escondia as olheiras escuras.

– Onde você estava? – Desabafei.

Ele abriu o seu armário e tirou alguns livros.

– Tive de cuidar de uns assuntos em casa. – Um pouco hesitante, acrescentou: – Minha mãe estava passando por uma fase difícil. Mas agora está tudo bem novamente.

Teria sido a voz da mãe dele que ecoou através do sonho colorido e infantil de Amy? “Malditos pirralhos” não é exatamente algo que se deseja ouvir da boca de uma mãe.

– Você sumiu de repente, aí ficou tudo preto – murmurei, reprimindo o impulso de tocá-lo para me assegurar de que era ele mesmo. Por precaução, cruzei os braços sobre o peito.

O sinal para o começo da aula tocou.

– Desculpe, eu acordei... E Amy também. – Com um pouco mais de força que o necessário, ele fechou a porta do seu armário. – Queria ter explicado tudo, mas nas últimas noites você não deu nem sinal de vida no corredor.

– Você podia ter ligado – falei. – Durante o dia, quero dizer.

Ele me olhou, pensativo.

– É, eu bem que poderia – disse ele enfim. – Tenho de ir, tenho prova de biologia. Processos de transporte ativo e passivo pela membrana plasmática. Torça por mim.

Um instante depois, ele já havia sumido no tumulto e logo comecei a sentir sua falta. Se Perséfone não tivesse aparecido para me mostrar seu celular com uma *selfie* num vestido de baile verde-grama, talvez eu tivesse até corrido atrás dele. Pela primeira vez fiquei feliz com a presença de Perséfone.

Porém, durante as noites ninguém podia me impedir de refletir sobre mim e Henry. Demorava uma eternidade para adormecer e quando enfim conseguia, não tinha pesadelos (e só mais duas vezes precisei engolir o *Hamlet* com Florence nos dois papéis principais), mas em compensação, a porta verde aparecia em toda parte. Estive muitas vezes prestes a abri-la, mas acabava recuando.

Não, não iria facilitar as coisas assim para ele! Se Henry quisesse falar comigo, então poderia fazê-lo também durante o dia. Ele sabia muito bem onde me encontrar... Além do mais, a gente nunca sabia com quem ou o quê podia topar nesse corredor.

Mas Henry parecia me evitar. Encontrei Arthur e Jasper algumas vezes, mas como estava sempre em companhia de Perséfone, eles só sorriram e lançaram olhares significativos. O que levava Perséfone toda vez a quase ter um infarto, mas não me animava nem um pouco. Uma coisa eram os sonhos. Mas quando eu lembrava do ritual na sala de estar de Jasper, tinha que rir.

As noites se estendiam, longuíssimas, em compensação, os dias passavam inesperadamente rápido, até porque, morar com os Spencer era algo novo e curioso para todos nós. Mas estava funcionando melhor do que eu esperava. Isso talvez porque mamãe e Ernest estivessem tão felizes juntos. Para ser sincera, nunca vi mamãe mais feliz. Sob essas circunstâncias, ficava cada vez mais difícil para mim e Mia fingir que abominávamos Ernest. Apesar de continuarmos evitando um tratamento pessoal mais íntimo, às vezes, quando não prestávamos atenção, saía um “Ernest” em vez de “sr. Spencer”. E

um sorriso.

Com Grayson também nos acostumamos rápido. Ele bem que tinha um ou dois hábitos desagradáveis, como, por exemplo, o de não colocar o leite de volta na geladeira, ou deixar manchas de pasta de dente na pia, mas, fora isso, era uma pessoa boa de se morar junto. Butter o idolatrava porque ele brincava com ela todos os dias no jardim e continuou entusiasmado com a habilidade da cachorra de pegar o que a gente lançava, mesmo depois de ela rasgar sua cesta de basquete. Durante a semana, ele parecia não passar muito tempo com Emily, mas percebia-se imediatamente quando era ela no telefone, pois aí, a voz dele ficava estranha e ele se trancava o mais rápido possível no quarto. (Pelo que todos eram muito gratos, já nos bastavam os suspiros apaixonados de mamãe e Ernest.)

Todas as manhãs, antes do trabalho, Ernest deixava primeiro Florence, Mia e eu na escola e depois mamãe na estação ferroviária. Grayson ia de bicicleta, o que era ótimo, pois no carro não haveria mais lugar para ele.

Lottie estava gostando de cuidar de três pessoas (e um gato) a mais; ela fazia as compras, incumbia-se do jantar, cuidava para que a casa estivesse sempre toda arrumada e cheirando a bolo e irradiava exclusivamente bom humor, como sempre.

Até mesmo Spot e Buttercup estavam deitados no sofá pacificamente um ao lado do outro após uma semana.

Se não fosse Florence nos tirar do sério uma vez ou outra, seria tudo estranhamente harmonioso. Mas, por sorte, em se tratando disso, a gente podia contar com ela. Com a desculpa de “só querer ajudar”, ela se intrometia em tudo: deveres de casa, educação da cachorra, escolha de roupas, horário de ir para a cama e até nos meus planos para o meu aniversário de 16 anos.

No entanto, não havia absolutamente nada para planejar. Nunca fizemos muito estardalhaço em torno dos aniversários. Havia uns presentes, um bolo,

o telefonema obrigatório de papai e, à noite, costumávamos ir ao cinema: um dia perfeito! Florence, Grayson e Ernest podiam comer um pedaço do bolo, fora isso, eu não via razão para fazer as coisas de outra maneira esse ano.

Só que não contava com Florence.

Sexta-feira à tarde fui correndo da escola para casa para enforcá-la com minhas próprias mãos. Ela estava sentada com mamãe, Mia e Lottie na cozinha, ensinando-as a jogar *bridge*. Essa imagem idílica me deixou ainda mais irritada. Empurrei as cartas para o lado e me posicionei na frente dela com as duas mãos sobre a mesa.

– Como pode Perséfone Potter-Peregrin afirmar que foi convidada para o meu aniversário? – Eu queria ter gritado aquilo, mas não saiu mais nada além de um chiado sufocado da minha boca.

Pela primeira vez desde que a conhecia, Florence pareceu intimidada. Por cerca de um segundo.

– Mas, fofura – disse mamãe. – Eu pedi a Florence para convidar alguns dos seus novos amigos.

– E você passa claramente a maior parte do tempo na escola com Perséfone – disse Florence. – Aí eu pensei...

– Você enlouqueceu? – Agora eu estava quase aos berros. – Perséfone me deixa louca! Ela me persegue por todo canto e fala comigo sem parar! Se ao menos dissesse algo interessante! Mas não, descreve com detalhes todos os vestidos de baile que *não* comprou! Ninguém aguenta isso! Pelo menos no meu aniversário quero ser poupada disso!

– Fofura – disse mamãe outra vez. – A gente só faz 16 anos uma vez na vida, foi o que Florence disse. E ela tem razão. Por isso pensamos em festejar esse dia com algo além de um bolo.

– Que naturalmente também haverá – acrescentou Lottie. – E balões!

– É que vamos organizar um piquenique – disse mamãe, orgulhosa. – Um piquenique tradicional inglês no parque, com a família e todos os seus novos amigos! Planejamos vários jogos e coisas legais. Emily trará um jogo de croquet...

– ... *Emily*? – Arquejei.

– Sim, sendo namorada de Grayson, ela foi convidada, é claro. É praticamente da família.

– E eu vou ter que trazer a Daisy Down – disse Mia, piscando para mim. – Quer dizer, *posso*.

– Vai ser magnífico! – Mamãe olhou para mim, radiante. – Henry também já confirmou que vem, e Charles trará talvez uma churrasqueira...

– *Henry*?

– Sim, fofura, o rapaz com quem você vai ao baile. Estou tão feliz em conhecê-lo. – Mamãe franziu a testa. – Não vá me dizer que ele também leva você à loucura.

– Não! – Sim. Não. Só um pouco. Minha respiração ficou pesada. Quem mais Florence teria convidado? O seu parceiro para o baile desenterrado das profundezas anônimas do grupo de estudos de matemática? Sam, o irmão transtornado de Emily? Polegar e Indicador? Jasper e Arthur? A orquestra Sinfônica de Londres? E, quem sabe, Secrecy, para as fotos?

– Estamos fazendo isso com as melhores intenções – disse mamãe. Ela sentia que minha raiva estava passando e pousou sua mão sobre a minha. – E agora me conte por que você ficou tão nervosa. Será um dia fantástico e você bem merece!

– Mas... mas... vocês não podem simplesmente... isso é... – balbuciei.

– Eu sei. No seu lugar eu também estaria atônita. – Florence sorriu, humilde. – Mas não há do que agradecer, foi realmente um prazer.

– A gente só faz 16 anos uma vez – repetiu mamãe.

E Lottie disse:

– Já estamos todos muito contentes!

Desisti. Elas ganharam. Com um pouco de sorte, choveria no meu aniversário e o piquenique iria por água abaixo. Afinal, estávamos na Inglaterra e era outono.

– Vou preparar minhas coisas para a aula de kung fu – disse eu, resignada.



A despeito de todas as minhas esperanças, o dia do meu aniversário, 30 de setembro, amanheceu com um céu azul radiante, como num conto de fadas. Com o sol, o ar esquentou a partir do meio-dia e a temperatura foi para mais de 25 graus, e nós não fomos os únicos a ter a ideia de fazer um piquenique no parque. Mas como Lottie, Florence, Ernest e mamãe, com a ajuda de Charles, já estavam ocupados em levar metade da casa para o parque desde as primeiras horas da manhã, conseguimos reservar um dos lugares mais bonitos, com uma vista impressionante para a cidade abaixo da colina. Eu só pude ir quando tudo estava pronto e, depois de me livrar do abraço apertado de Perséfone (o seu presente de aniversário foi uma pulseira gravada com as palavras AMIGAS PARA SEMPRE, da qual ela tinha uma igual), tive de reconhecer que o esforço havia valido a pena. O ambiente, com suas muitas toalhas e almofadas, os balões de gás e as guloseimas, dispostas por Lottie com muito capricho sobre a mesa de jardim, era digno de qualquer revista glamourosa de estilo de vida. Tinha até um varal de bandeirinhas da mesma cor com a inscrição FELIZ ANIVERSÁRIO, balançando ao vento entre duas árvores.

Bem, talvez tenham exagerado um pouco aqui e ali.

– Ai, meu Deus – ouvi Emily dizer para Grayson. – Esses são os castiçais de prata de vocês?

Sim, eram, e o enorme buquê de flores estava num vaso de cristal de verdade. Comia-se em pratos da boa porcelana Wedgwood e, numa caixa refrigerada de prata, o champanhe estava à disposição e seria servido em taças de champanhe de verdade.

Grayson esfregou a testa com a mão.

– A gente só faz 16 anos uma vez na vida – explicou. Aparentemente, ele havia interiorizado o mantra de Florence. Emily estrebuchou, desdenhosa.

– Eu não gosto dela – sussurrou Mia, surrupiando um sanduíche de pepino com creme de salmão. – Mas vou passar para ela algumas informações falsas de propósito. Se alguma delas aparecer no Tittle-Tattle Blog nos próximos dias, saberemos quem é Secrecy.

Já ia revidar com algo afirmativo, mas nesse momento, vi Charles subindo a colina com um guarda-sol embaixo dos braços. Atrás dele, avistei o vulto alto de Henry e meu estômago virou uma cambalhota.

Engoli em seco.

– Você acharia muito ruim se eu não fosse mais imune a garotos, Mia? – Seria mesmo inútil continuar negando.

Mia me olhou de viés e suspirou.

– É pelo menos uma sensação boa?

Difícil de dizer. No momento, sim. Só pelo fato de Henry, à luz do sol sobre o gramado ali adiante, estar vindo em minha direção, e ninguém no mundo inteiro sorrir como ele. E também porque...

– Liv, pare com isso! – sussurrou Mia. – Você está olhando que nem uma boboca apaixonada!

Estremeci.

– Tão terrível assim? Ai, que horror! – Aí eu disse uma coisa da qual me arrependeria muito no decorrer do dia: – Se eu olhar mais uma vez desse

jeito hoje, me dê um empurrão ou jogue algo em cima de mim, promete?

– Com prazer – disse Mia, e como ela costumava cumprir o que prometia, três horas mais tarde eu estava cheia de manchas roxas na região em torno das vértebras e tinha sido atingida por diversos projéteis: castanhas, tampinhas e um muffin de mirtilo. Ou “tuffin de firtilo”, como Lottie costumava falar quando Charles estava por perto.

Sempre que eu olhava para Lottie, sabia exatamente o que Mia queria dizer com “boboca apaixonada”.

No mais, eu me peguei começando a gostar da festa e do piquenique. A comida estava fantástica, principalmente os pãezinhos tipo *scone* e os petiscos com molho curry indiano que Lottie havia preparado. Graças a uma hábil redistribuição dos lugares para sentar (afinal de contas, era eu a aniversariante), consegui até posicionar Perséfone como uma barragem entre mamãe e Henry. Assim, ela não poderia fazer perguntas embaraçosas a ele – ou, o que era pior, contar detalhes sanguinolentos do meu nascimento. Apesar de Henry estar mesmo fascinado era por Lottie, provavelmente porque ela se pareceria muito com a Lottie do sonho.

Na brincadeira de adivinhar nomes de famosos, nos divertimos muito com Ernest, que acreditava ser Winston Churchill, embora fosse, na realidade, Britney Spears, e Grayson nos surpreendeu com uma competente interpretação pantomímica de Frodo. Nós rolamos de tanto rir, menos Emily. Como se pôde constatar mais tarde, ela nem conhecia *O Senhor dos Anéis* porque achava histórias de fantasia épica uma perda de tempo. A detetive Mia Silber chegou à conclusão de que Emily era desprovida demais de charme e leveza para interpretar o papel de Secrecy. Mas talvez aquela dureza e a falta de senso de humor fossem um disfarce estratégico.

Quando, no final, todos cantaram “Feliz aniversário” para mim – até mesmo as pessoas que estavam fazendo piquenique ao nosso lado – tive de

reconhecer que a comemoração havia sido um sucesso. Não podia esquecer de agradecer a Florence mais tarde. Apesar de ela ter começado a exagerar, incentivando todo mundo a se levantar e ir jogar croquet.

Abri mão de jogar e, em vez disso, ajudei Charles e Lottie a recolher a louça suja e colocá-la na caixa, enquanto mamãe e Ernest saíram para dar uma volta com Buttercup, e Mia e Daisy alimentavam esquilinhos abusados com pedaços de maçã.

Charles observava pensativo um muffin de mirtilo já comido pela metade.

– Nunca ouvi falar em tirfilo, mas os adoro.

– Tirfilo? – Lottie olhou para ele, perplexa. – Não conheço.

Resolvi deixar os dois a sós e ir guardar as taças vazias.

– Posso ajudar? – perguntou uma voz às minhas costas, e quase derrubei uma taça de champanhe de susto. Em que diabo de lugar Henry aprendeu a se esgueirar dessa maneira?

Ele sorriu para mim.

– O croquet está insuportável. Florence está roubando, Emily reclama da postura de Grayson ao segurar a marreta e Perséfone acaba de me descrever o seu vestido para o baile. Nos mínimos detalhes.

Senti o sangue se espalhando pelas minhas bochechas. Ainda não havia conversado com ele sobre o baile...

– É incrível quanta tralha um vestido desse tem, tafetá, gaze, pérolas, babado, rosas, quatro tons diferentes de azul... – Ele me olhou, interrogativo. – E que diabo é uma silhueta princesa?

– O fato de eu ter um vestido de baile não significa que tenha realmente que ir a esse baile – disse eu depressa, no que ele ergueu uma sobrancelha e eu acrescentei mais rápido ainda. – É só que... porque... Florence contou

para mamãe que você tinha me feito o convite... aí, de repente, estava com esse vestido... e também não tenho a menor ideia do que seja uma silhueta princesa. – Respirei fundo. Não, assim não dava. – Não importa – tentei encerrar de uma forma mais ou menos digna. – Saiba que isso não significa nada. Eu realmente não ligo a mínima para o baile.

– Que pena – disse Henry. – Porque eu já tinha até desencavado a medalha por valentia frente ao inimigo do meu avô. Grayson está morrendo de inveja desse acessório original no meu fraque. Eu e o homem da loja de aluguel de trajes a rigor tentamos convencê-lo a pegar uma cartola para ao menos sobressair um pouco na massa, mas não teve jeito.

Eu não conseguia tirar os olhos dele. E, de imediato, um pedacinho de maçã voou sobre minha cabeça.

– Desculpa aí! – exclamou Mia.

– Vamos dar uma voltinha? – Henry estendeu a mão para mim e eu a peguei antes que Mia pudesse jogar mais alguma coisa. A mão de Henry era estranhamente familiar e, ao mesmo tempo, incomum. No sonho, a proximidade física dele não era tão inquietante.

Andamos em silêncio um ao lado do outro por um instante no qual tentei manter a respiração sob controle. Viramos numa trilha de areia que corria entre duas árvores. O sol batia sobre a folhagem de outono e projetava discos de luz dourados no chão.

– Senti falta disso – disse Henry inesperadamente, pigarreando. – Senti *sua* falta.

Se um dos projéteis de Mia tivesse me acertado agora, eu nem teria notado. Parei no meio da trilha. Henry se virou para mim e tirou um cacho de cabelo do meu rosto.

– Sem você não teve graça sonhar – disse ele. Aí, curvou-se e me beijou

de leve na boca.

Durante alguns segundos, esqueci de respirar, então, senti como meus braços, fora de controle, se ergueram e envolveram o pescoço dele para puxá-lo para mais perto de mim. Agora não nos beijávamos mais suavemente, mas com bastante intensidade. Henry passou uma mão ao redor de minha cintura e a outra em minha nuca, enfiando-a carinhosamente em meus cabelos. Fechei os olhos. Era assim que beijos tinham de ser, disso eu estava segura. Meu corpo inteiro começou a formigar quando ele me largou, afastando-se um pouquinho de mim.

– Como disse, senti sua falta – disse ele baixinho, pegando novamente minha mão para continuar me puxando.

Eu não entendia como ele podia simplesmente continuar andando como se nada tivesse acontecido enquanto eu precisava me esforçar só para me manter de pé. Era como se o beijo tivesse transformado os ossos da minha perna em bala de alcaçuz. Alcaçuz muito mole. Por sorte, Henry só queria ir até o próximo banco a uns poucos metros de distância. E até ali eu conseguiria ir. Aliviada, sentei-me a seu lado.

Ele colocou seu braço sobre o encosto às minhas costas.

– Uma vista quase tão bonita como a de Berkeley, não é mesmo? – disse ele, e apontou com a outra mão para baixo da colina.

– Hum-hum – fiz eu, afirmativamente. – A gente já morou em tantos lugares nesse mundo, esse aqui realmente não é dos piores.

– Melhor que Oberammergau? – perguntou ele.

– O quê? – Me afastei dele, assustada.

Ele riu.

– “Se ele vem por Oberammergau ou por Unterammergau, se é que vem, nunca se sabe com certeza” – disse ele e riu. – Na verdade, a Lottie do sonho

queria que eu cantasse a frase, mas acabou aceitando desse jeito mesmo. Ei, não olhe assim tão espantada, Liv. Você achou mesmo que eu não iria encontrar a solução? Depois de ter me dado tantas dicas? “Hoje o Hans virá à minha casa, a Liz ficará contente...” Você viu esse vídeo hilário no Youtube com aquele cara com a calça de couro e o bandolim? Eu rolei no chão de rir...

– Então você sabia a resposta o tempo todo? – perguntei, indignada.

– O tempo todo, não. Só desde que digitei “Hans e nunca se sabe com certeza” em alemão na busca. – Ele franziu a testa. – Por que é que de repente estou com a sensação de ser aquela centopeia em Hyderabad? Queria que você visse a sua cara de choque.

Não, não era necessário. Eu estava realmente chocada. E decepcionada. E irada.

– O que é que você está pensando? – exclamei. – Fingindo que... e então, assim pelas minhas costas...

Henry se recostou no banco.

– Você está contrariada por quê? Eu só encontrei a solução para a sua charada, pensei que era o que você queria.

– O que eu queria? – Lancei faíscas de raiva para ele com o olhar. – Você pirou? O que é que você me viu fazer no meu sonho? O que você fez comigo?

– Não fiz absolutamente nada – disse ele, magoado. – Nem mesmo entrei pela porta verde.

– E de onde é que você poderia saber da história com a centopeia?

– Lottie me contou. Ela gosta de falar de você. Eu sei que você não come banana por nada neste mundo, com três anos já não acreditava no Papai Noel e que sempre chora na mesma parte de *Procurando Nemo*.

– Lottie?

– A Lottie do sonho. – Suspirou. – Que, aliás, é uma péssima professora de dança. Acho que vamos ter de deixar a valsa para lá se não quisermos parecer ridículos no baile.

– Então você não entrou escondido nos meus sonhos? – Minha raiva evaporou tão rápido quanto havia aparecido.

Ele suspirou mais uma vez e sacudiu a cabeça.

– Não, não entrei. Pergunte à Lottie. Fiquei bem comportado diante da porta, esperando por você. Mas você não apareceu. – O olhar daqueles olhos acinzentados era sincero.

– Desculpe – disse eu, arrependida. – E sinto muito também por deixá-lo esperando. As coisas estavam ficando demais para mim. Esses sonhos só perturbam a gente. A gente começa a duvidar do próprio bom senso. E eu odeio quando cada vez mais perguntas aparecem e nunca se consegue respondê-las.

– Ah, é? E aquilo de “psicologia e ciência”? – perguntou ele, sarcástico. – Você não havia dito que os sonhos se explicavam de forma completamente racional?

Dei de ombros.

– Eu disse que se tratava de áreas ainda inexploradas da psicologia. E, para ser sincera, não são exatamente os sonhos que me dão dor de cabeça, nem mesmo as criaturas farfalhando pelos corredores.

– Então o quê?

– O que aconteceu *de fato*. E o que está para acontecer. – Agora era eu que suspirava. – Pessoas que realmente creem em demônios me preocupam.

– Você está falando do Arthur?

Fiz que sim.

– Você talvez não acredite que ele tenha desejado a morte de Tom

Holland, mas eu estou segura disso. Ele pensa que o demônio tirou Tom do seu caminho. E não é por medo ou insegurança que continua com essa história de evocação de demônio, continua porque quer *mesmo* libertar o demônio do mundo subterrâneo. Ele joga esse jogo com verdadeira paixão, você deve ter notado.

Algo flamejou em seus olhos.

– Confesso que ele mudou desde que começamos a jogar. E a história com Anabel o abalou de verdade. Mas não é um cara mau.

Não, talvez não mau, mas talvez prestes a enlouquecer.

– Anabel insinuou que não foi com Tom Holland que ela traiu Arthur. – Hesitei um momento, mas então acabei falando. Precisava ter certeza. – No Tittle-Tattle Blog estava escrito que você e Anabel se entendiam bem e, se não foi Tom...

Henry ergueu as sobrancelhas.

– Você está insinuando que eu tive algo com Anabel? – Havia um tom de perplexidade na sua voz. – Você acha mesmo que eu sou do tipo que tem um caso com a namorada do amigo?

Será que eu achava? Não, não achava. Por outro lado, Anabel era incrivelmente linda, que rapaz não ficaria tentado?

– Está bem, tudo bem – reconheci. – Acredito em você. Mas você estava no mesmo avião que a gente, aí eu pensei... – OK, talvez eu não devesse pensar tanto.

– Ajudei Anabel na mudança. – Ele sacudiu a cabeça. – Fiquei preocupado com ela. Ela ficou bastante abalada depois da morte de Tom e do que aconteceu com o seu cachorro...

De algum lugar ressoaram gritinhos de criança, dois meninos com uma bola passaram correndo por nós e sumiram atrás de um arvoredor. Eu os segui

com o olhar.

– Arthur é seu amigo – disse eu. – E você acha que o conhece. Mas será que você sabe realmente o que se passa no seu íntimo? Essa naturalidade com a qual ele assumiu o papel de “alto evocador de demônios”. O que será que ele pensa que vai acontecer quando o último laço for rompido? Ele fala disso com vocês?

– Eu... Arthur também só quer que tudo finalmente acabe – disse Henry, mas senti que estava em dúvida.

Pensativo, olhou para a cidade lá embaixo. De repente, me arrependi de ter começado esse assunto. A gente devia ter simplesmente continuado a se beijar. Timidamente, estendi minha mão e comecei a acariciar o seu cabelo. Fazia tempo que queria fazer aquilo. Para um cabelo que apontava para todos os lados, era bem macio.

Ele se virou para mim na mesma hora.

– Você tem olhos tão lindos – disse eu baixinho.

Um sorriso se abriu em seu rosto.

– E em você é mais ou menos tudo lindo – respondeu ele, e teria certamente me beijado se Mia e Daisy Down não tivessem aparecido do nada.

– A gente quer soltar os balões – disse Daisy.

No caminho de volta, Henry e eu ficamos calados, mas, mais ou menos no meio do percurso, ele pegou minha mão e um sentimento completamente irracional de felicidade tomou conta de mim. Esse foi o aniversário mais bonito de todos os tempos, sem dúvida.

E sem esses pensamentos obscuros na minha cabeça, teria sido ainda mais.

O sol já estava bem baixo e cingia tudo com uma luz quente e dourada de outono que me lembrou do sonho com Berkeley. Então a frase de Henry

na outra noite veio a minha cabeça: “Não há lugar melhor para se conhecer alguém, desvendar seus mistérios e descobrir suas fraquezas do que em seus sonhos”.

De repente ficou claro qual seria o próximo passo a dar. Havia uma ótima maneira de descobrir o que se passava no interior de Arthur. Eu só precisava roubar um objeto dele.

E declarar finda minha abstinência onírica.



Ah, não! Era um beco sem saída. Arthur havia posto um código de segurança de quatro cifras em sua porta, exatamente como no armário da escola.

Até aqui tinha corrido tudo sem problemas. É verdade que demorou meia semana até aparecer uma oportunidade de roubar um objeto pessoal de Arthur, mas a partir daí, tudo foi mais fácil do que imaginava. Peguei um lápis dele emprestado na biblioteca e “esqueci” de devolver. Pouco antes, ele havia roído o lápis todo. Mais pessoal impossível.

Foi um momento quase solene quando, depois de tantos dias, atravessei novamente minha porta verde em direção ao corredor, que estava silencioso e tranquilo. Eu estava decidida a não me atordoar com eventuais presenças invisíveis e farfalhantes. E, apesar de não conhecer a porta de Arthur, eu tinha um pressentimento sobre onde encontrá-la. Afinal, a porta de Henry também ficava bem em frente à minha.

As outras portas haviam brincado de batatinha-frita-um-dois-três de novo, mas mesmo assim achei a porta de Anabel bem rápido, num corredor lateral. Em frente a seu suntuoso portal gótico havia uma porta de metal simples e lisa, sem nenhum ornamento, com exceção das letras gravadas no meio da porta: CARPE NOCTEM.

Até as suas portas combinavam de uma forma bizarra. Ambas tinham

um quê de absoluta falta de humor. Era com pavor que me recordava do encontro entre Arthur e Anabel no sonho e me perguntava mais uma vez se havia feito a coisa certa. Não sei, os dois estavam realmente estranhos. Será que eu queria mesmo saber o que um cara como Arthur sonhava?

Bem, talvez não viesse a saber disso nunca porque não conseguia nem mesmo passar dali. Era desesperador. Quatro combinações estúpidas! Mas também, que coisa mais sem fantasia. Estava contando com charadas estapafúrdias, quem sabe até um vigia com uma foice ou algo assim, mas não com um simples cadeado. Queria chutar a parede de tanta frustração. Vai ver que dava para encarar o metal com um maçarico, mas, para ser sincera, eu nem sabia como era um maçarico, então não podia imaginá-lo; fui digitando aleatoriamente combinações de cifras quando alguém disse às minhas costas:

– Tente dezessete, zero, quatro.

– Henry! – Rodopiei. – Está louco de me assustar assim?

– Também fico feliz em ver você. – Ele sorriu para mim. – Dezessete, zero, quatro – repetiu. – O aniversário de Anabel. Apresse-se um pouco. – Ele lançou um olhar significativo para a porta de Anabel atrás de nós e eu compreendi que não era hora para cumprimentos românticos. Virei-me de novo para o cadeado.

– Aliás, que roupa legal – disse Henry. – Uma mistura elegante de Mulher-Gato e guerreiro ninja.

Enrubesci por baixo da minha máscara de gato. Para ser sincera, tinha tentado primeiro me transformar numa brisa. Isso aqui era só a melhor alternativa que encontrei. Para uma brisa eu ainda era definitivamente muito inexperiente. Mas com essa fantasia Arthur ao menos não me reconheceria imediatamente quando eu aparecesse em seu sonho.

O cadeado fez clec! Dezessete, zero, quatro revelou-se de fato o código

correto. Empurrei a porta com cuidado, mas hesitei em atravessar o limiar.

– O que você roubou de Arthur? – perguntei, tirando a minha máscara e deixando-a no chão. De repente tive a impressão de que ela era muito ridícula. Além disso, eu estava acompanhada agora.

– Nada – disse Henry. – Nós bebemos os sangues uns dos outros, já esqueceu? Isso é muito mais pessoal do que um objeto.

– Oh! – então o meu roubo nem teria sido necessário. E já estava pensando no que aconteceria se eu, dormindo, deixasse o lápis cair. Eu o agarrei com força ao adormecer. Estive prestes a prendê-lo com fita adesiva por precaução.

Permaneci hesitante.

– Vamos. – Henry passou por mim, empurrando a porta. – Agora vamos levar isso até o fim. – Ele pegou minha mão e, juntos, atravessamos a porta.

No momento seguinte, estávamos no meio de uma paisagem vasta e deserta, numa fossa larga que parecia o leito de um rio há muito sem água. A terra era avermelhada, empoeirada e seca, havia cascalho e pedregulho por toda a parte, à margem do leito do rio cresciam arbustos ressequidos, árvores e cactos gigantescos. Avistava-se ao longe a silhueta de montanhas.

– Será que o Arthur está sonhando com um faroeste? – perguntei, escalando um rochedo em direção à margem. Eu sussurrava, apesar de não haver ninguém à vista.

– Não tenho a menor ideia – Henry sussurrou de volta, olhando para os lados.

– Aqui certamente há cascavéis. – Pensei se não devia imaginar umas botas robustas. Tinha esquecido de vesti-las com a roupa de Mulher-Gato. Neste momento, ouvimos um estrondo estranho, uns estalos altos que se propagavam pelo ar e se aproximavam de nós. O rochedo abaixo dos meus

pés tremeu.

– Venha – bradou Henry, agarrando minha mão e me puxando para cima das pedras em direção à margem, enquanto os estalos e o estrondo ficavam cada vez mais altos. Merda! Arthur devia estar sonhando com um maldito terremoto ou com um teste atômico subterrâneo ou...

– Maré alta! – gritou Henry. O estrondo estava agora muito próximo e, de repente, avistei uma onda gigante vindo em nossa direção, um muro de água de no mínimo dois metros de altura do qual não havia como escapar. A massa de água arrastava consigo tudo que estava pelo caminho, galhos, pedras e, demorássemos mais meio segundo, também Henry e eu. Iríamos morrer afogados, miseravelmente, e meio segundo bastava para essa conclusão.

Mas ao invés de sermos atingidos pelas violentas massas de água, o rochedo sob nossos pés se ergueu e, num rompante, ganhou vários metros de altura, como um fungo crescendo da pedra. Tive dificuldades em manter o equilíbrio e me agarrei à mão de Henry. A água passou por nós, revolvendo o leito do rio, mas nós não ficamos nem com os pés molhados.

– O quê...? – Meu coração disparou. O rochedo sobre o qual estávamos mudou de forma, crescendo agora para os lados e formando uma ponte até a margem, sobre a qual Henry me puxou enquanto o ciciar da água lá embaixo diminuía. Tudo durou somente alguns segundos. Quando alcançamos a margem, alguém bateu palmas.

Era Arthur.

– Nada mau – disse ele. Estava imóvel ao lado de uma árvore estorricada e mais lindo do que nunca. – Você está ficando cada vez melhor, Henry.

Henry não respondeu. Eu tentava acalmar meu pulso e minha respiração para pensar com clareza.

– Desculpe a saudação rude, Liv. – Arthur torceu a boca num sorriso que, no entanto, não alcançou seus olhos. – Normalmente eu não costumo afogar meus visitantes. Só os “penetras”.

OK, o nosso plano para surpreendê-lo parece que fracassou.

– Eu me pergunto por que o meu melhor amigo tenta entrar escondido no meu sonho. – Arthur deu um passo na nossa direção, olhando fixamente nos olhos de Henry. – Você poderia me explicar isso, Henry?

– Só queria algumas respostas – disse Henry, tranquilo.

Arthur sacudiu a cabeça.

– O que você achava que descobriria aqui que não pudesse ter simplesmente me perguntado? – Soava magoado.

– Ah, não venha com essa, Arthur! Quando foi que você falou abertamente comigo pela última vez? – Henry calou-se por um instante, então continuou baixinho. – Estou preocupado com você.

Arthur bufou de desdém.

– Não seja tão presunçoso, Henry! Logo você? Ora essa! Eu sei bem o que você faz de noite, não ache que não percebo. Agora mesmo você provou como está dominando bem a coisa. Mas você firmou um compromisso, todos nós o fizemos. – Ele fez um gesto, abarcando todo o vale do sonho. – Para ter isso aqui. Poder incomensurável. A realização dos nossos maiores desejos. – Uma sombra deslizou sobre o seu rosto. – Anabel é a única que entende.

Claro, o nosso caszinho exemplar! Sentados na primeira fila na aula de evocação de demônios.

– Porque você e o demônio carregam na consciência a morte do ex-namorado de Anabel. E do cachorro. – disse eu. – É lógico que ela acredita. – Um pouco tarde demais captei o olhar alarmado de Henry. OK, não foi bem a maneira mais sutil de interrogar um suspeito. Sherlock Holmes não ficaria

nada orgulhoso de mim.

Arthur apertou os olhos.

– Livinha – disse ele, prepotente. – Você ainda é muito nova nessa história, não pode entender nem por alto do que se trata.

Cruzei os braços. Ficava birrenta quando me chamavam de “Livinha”.

– Talvez seja exatamente o oposto e, ao contrário de você, ainda possuo meu bom senso e não me deixo intimidar por desenhos de pentagramas e murmúrios de fórmulas sinistras. – Olhei para ele fixamente. – O que acontecerá no último ritual? O que você quer fazer no dia de Halloween? Acender mais algumas velas pretas? Construir um altar e abater um cordeiro? Ou já que você está nessa, quem sabe uma oferenda humana seja mais efetiva? – Eu quase ri, tamanho era o furor com o qual tinha falado, mas um sinal na expressão de Arthur me conteve. Ao ouvir minhas palavras, algo relampejou nos seus olhos, algo obscuro, feroz...

Subitamente, senti náuseas. Não! Será que acertei em cheio? Absurdo, não era possível. Não *podia* ser.

– *Pugio cruentus*, o punhal manchado de sangue – murmurou Henry.

Arthur fez que sim.

– Aí estão as suas respostas, Henry. E, no fundo do seu coração, você já sabia disso o tempo todo. Só se recusava a ver a verdade.

– Vocês não estão falando sério – sussurrei.

Arthur nem percebia mais a minha presença. Parecia que só Henry contava para ele.

– Anabel está pronta – disse ele.

– Ela quer consertar o que quase destruiu. E quer que a coisa tenha um fim. Para todos nós!

Enquanto Arthur falava, a paisagem mudou, primeiro

imperceptivelmente, depois mais rápido, até que nos encontramos num outro cenário. A paisagem ao redor ficou mais verde e mais escura, o leito do rio, as rochas e a terra vermelha perderam a cor e, em seu lugar cresceu um matagal de capim, samambaia e hera sob nossos pés. A cor do céu mudou de um azul radiante para um cinza nublado.

A voz de Arthur tremia um pouco quando ele se dirigiu para um túmulo monumental vigiado por dois anjos.

– No dia de Halloween ela se oferecerá em sacrifício para libertar o Príncipe das Trevas do encanto das sombras. – Ele ergueu o braço. – E será exatamente aqui.

Olhei para os anjos sem realmente vê-los.

– Mas... você ama Anabel – balbuciei. – E ela ama você. Você não pode estar mesmo querendo... não vê o quanto isso é doentio?

Virei para Henry. Por que ele estava assim tão tranquilo? Arthur tinha acabado de explicar que iria dar um jeito para que sua namorada – que era também uma amiga de Henry – se deixasse matar a favor de um demônio inexistente!

Os olhos acinzentados de Henry estavam pregados em Arthur.

– Você acredita que, porque isso acontece no sonho, você irá conseguir, não é verdade? Você acredita que só porque é um sonho, pode de fato levar isso até o fim?

Arthur fez que sim novamente.

Eu quase arquejei de tanto alívio. Um sonho, claro! Anabel teria que morrer somente no sonho. Mas seria menos horrível por isso?

Henry foi até Arthur e parou bem na sua frente. Logo ao lado de Arthur, uma estátua de anjo estava encostada numa lápide, e atrás dele, no matagal, avistei outras lápides irrompendo da hera como dentes quebrados. Estávamos

mais uma vez no cemitério Highgate.

– Vocês acreditam que esse seja o caminho para pôr um fim nessa história sem prejudicar ninguém? – Henry falou bem devagar, quase como se estivesse falando com uma criança.

– Esse é o único caminho – bradou Arthur. E calou-se por um momento. – Posso contar com você, Henry? – perguntou, enfim.

Henry não respondeu de imediato. Ele e Arthur entreolharam-se. Era como se travassem um duelo só com o olhar.

Engoli em seco. Se Arthur e Anabel planejavam consumir o ritual no sonho era porque estavam seguros da possibilidade de acordarem ilesos do pesadelo encenado por eles próprios. Mas, e se estivessem enganados?

Tateei uma lápide ao meu lado. Esses sonhos aqui eram diferentes. Senti perfeitamente bem o toque de Henry na minha pele, cada sopro, a pressão de sua mão, seu beijo e, agora também, sentia a superfície áspera da velha lápide sob minha mão. Como seria a sensação de um punhal sobre a pele, um corte, sangue...

– Vocês não podem fazer isso – falei e notei que estava prestes a perder o controle. – Vocês não têm a menor ideia do que poderia acontecer com Anabel.

– Ela tem razão, Arthur. Isso foi longe demais – disse Henry.

– Você ainda não está entendendo, Henry. Nós não temos escolha! – Arthur parecia estar com raiva e desesperado ao mesmo tempo. – Ele não nos deixa outra escolha e nós prestamos um juramento.

– Sempre há uma escolha – disse Henry, insistente. Colocou a mão sobre o ombro de Arthur. – Nós não precisamos fazer isso. *Você* não precisa fazer isso.

Arthur mordeu os lábios.

– Não me deixe sozinho agora.

– Não vou deixar – respondeu Henry suavemente. – Vamos encontrar outra solução. Até o Halloween ainda há quase um mês.

– Outra solução – repetiu Arthur, e uma centelha de esperança flamejou em seus olhos. Por um instante tive a impressão de que tudo ficaria bem.

Henry tinha a situação sob controle. Ou melhor, tinha Arthur sob controle.

Foi então que ouvi o rugido. Bem atrás de mim.

Girei sobre os calcanhares e olhei nos olhos vazios de uma estátua. Um enorme cão de pedra sobre o pedestal de um monumento sepulcral revestido de musgo, à sombra de um carvalho coberto de hera.

Mais um rugido e uma das patas de pedra estremeceu. E, devagar, bem devagar, a besta ergueu a cabeça.

– Henry? – OK, nada de pânico.

– Pare com isso, Arthur – disse Henry, mas Arthur balançou a cabeça.

– Não estou fazendo nada. – Sua voz expressava pavor, o mesmo pavor que tomou conta de mim. – Não sou eu.

Nesse instante, a besta ergueu-se, alcançando o seu tamanho real. Ao rosnar, exibiu uma fileira de caninos enormes. Em breve iríamos saber como era ser dilacerado a dentadas no sonho. Ai, maldição. Tínhamos que sair dali o mais rápido possível!

A porta de Arthur! Onde estava a porcaria da porta? Meu olhar varreu as cruzes e as lápides velhas. Ali, a porta de metal! Cravada no muro do túmulo monumental, vigiada pelas duas estátuas de anjos.

– Henry, rápido! Ali! – gritei, e Henry agarrou o meu braço.

– Para trás, Liv! – Ele tinha direcionado o olhar para a copa do carvalho.

O cão fez menção de saltar, mas antes de nos alcançar, a árvore desabou em cima dele com um estrondo. Não esperei para ver se Henry realmente acertou a besta, mas o arrastei em direção aos anjos de pedra. Abri a porta de metal com um puxão e saí cambaleando para o corredor.

Mas Henry se virou mais uma vez.

– Acorde, Arthur, caramba! – gritou ele para o amigo que continuava no mesmo lugar, com os olhos esbugalhados pregados na copa gigantesca da árvore. – Acorde!

No momento em que a porta bateu, causando um enorme estardalhaço, senti algo quente e úmido sobre minha bochecha. E a próxima coisa que vi foi o focinho de Buttercup e sua língua áspera, lambendo meu rosto com carinho. Diante da janela o dia já estava amanhecendo.

– Obrigada por me acordar, Butter – murmurei, tentando recuperar o fôlego enquanto me aninhava em seu pelo quente e macio. – Acabo de sonhar com um cachorro realmente malvado.

E com umas coisas muito inquietantes.



– Oi. – O “menina do...” Henry ainda conseguiu falar, mas o “queijo” não saiu.

Ele estava na entrada da casa dos Spencer, de fraque e sapatos de gala, e pela primeira vez desde que o conheci, parecia estar sem palavras. Pelo menos era a impressão que dava. Atrás dele, a iluminação da rua flamejava e lançava uma luz quente sobre a calçada de pedrinhas. E se uma carruagem puxada por cavalos brancos virasse a esquina para me levar para o baile, eu não teria me surpreendido. Ah! Cinderela não chegava nem aos meus pés!

Todos tinham me assegurado de que o vestido me caía extraordinariamente bem e, ao dar uma última olhada no espelho agora há pouco, fiquei com a impressão de que não conseguiria mais tirar o enorme sorriso do meu rosto. Por mais idiota que esse monte de tule parecesse quando estava no cabide, tive de reconhecer que fazia de mim outra pessoa. Uma pessoa mais bonita. E aquele tom de azul combinava de fato perfeitamente com a cor dos meus olhos, como mamãe havia dito. Em duas horas ela tirou aproximadamente 400 fotos minhas (“Que eu tenha presenciado esse dia!”), Lottie chorou (“Minha linda sílfide!”), Florence acenou satisfeita (“Vera Wang é sempre uma boa opção”) e Mia aplaudiu, admirada (“Você será a boboca mais linda do salão de baile!”). Somente a reação de

Ernest abafou um pouco meu entusiasmo porque ele afirmou que eu era a cara da minha mãe. Mas era para ser um elogio.

Lottie tinha enrolado meu cabelo com o modelador e o prendeu num coque no alto da cabeça. Fiquei surpresa com aquilo ter ficado bem em mim. Houve um curto momento de pânico porque eu não encontrava o meu portavelentes e pensei que tivesse de ir ao baile com os óculos *geek*, mas então descobrimos que Florence, ao arrumar a casa, o havia guardado sem querer no armário do banheiro junto com os produtos de limpeza.

Mas uma coisa era saber que estava bonita, outra bem diferente foi ver o brilho nos olhos de Henry. Ele também ficava muitíssimo bem de fraque, mesmo sem ter adaptado seu penteado ao traje formal. Os cabelos estavam, como sempre, desgrenhados, apontando para todos os lados. Ainda assim, passamos ilesos pela sra. Lawrence e Pandora Potter-Peregrin, que vigiavam o tradicional portão de entrada da Frognal Academy.

De acordo com a tradição, elas só deixavam passar quem respeitasse o código de vestuário.

– Vestido longo e fraque – disse sra. Lawrence, impiedosa, a um casal com vestido tubinho e smoking. – Tentem mais tarde depois da abertura oficial ou vão para casa mudar de roupa.

– A porta mais severamente vigiada de Londres – comentou Henry, que havia reencontrado sua descontração habitual no caminho até ali; tive que rir.

Quem podia acreditar, no meu primeiro dia na Frognal, que eu iria a esse baile ridículo, somente cinco semanas após ter parado diante daquele cartaz e Perséfone ter dito “pode tirar da cabeça!”? E, o pior, quem teria acreditado que eu iria me divertir?

O Comitê de Organização do Baile realizou um trabalho realmente impressionante. No entanto, não era difícil produzir um ambiente

perfeitamente vitoriano, pois o salão de baile da Frogmal Academy era original da época de inauguração da escola. As grandes janelas em arco na parede perpendicular davam um ar imperial ao espaço, assim como os murais e o estuque no teto. O piso envernizado estava brilhando e a luz dos enormes lustres jorrava sobre os arranjos de flores e os trajes cintilantes dos convidados reunidos em pequenos grupos. Fiquei um pouco decepcionada com o irrisório quinteto de cordas tocando num canto. Com o talento de Florence, eu contava com, no mínimo, a Filarmônica de Londres. Mas talvez estivessem em turnê pelo mundo.

Florence, no papel de presidente do Comitê de Organização do Baile, cumprimentava pessoalmente cada casal. Quando chegou nossa vez, ela nos guiou, enérgica, até o espaço onde se faziam as fotos, edificado sobre um pedestal. Tentamos olhar o mais natural possível para a câmera e eu consegui não explodir de rir pelo menos uma vez. Jasper, que chegou logo depois de nós, não teve esse tipo de problema. Bem no estilo Ken Barba Mágica, enlaçou logo duas meninas e provavelmente havia ainda deixado uma de reserva no banheiro. De resto, parecia muito agitado, principalmente quando avistou sua ex-namorada, Madison.

– Bem – disse ele, vindo em minha direção à beira do pedestal. – Este será então o dia mais triste da vida dela. Vai olhar o tempo todo para Nathan e pensar que, em vez disso, poderia estar aqui comigo, se não fosse uma estúpida.

– Sim, com certeza – disse eu, deixando Henry sozinho com Jasper para me dedicar à tarefa de descer sã e salva do pedestal juntamente com as minhas saias, o que só era possível quando se mantinha o olhar pregado nos degraus. Já havia quase conseguido quando topei com uma garota ao pé da escada.

– Anabel!

Era ela de fato, delicada e linda num vestido de espartilho preto e creme e com uma saia que também, como na minha, não faltava tule. Exatamente como nos meus sonhos, ela parecia estar nervosa, tensa e um pouco triste. Também, pudera! Arthur colocou, num gesto possessivo, as mãos sobre os seus ombros. Ao menos parecia ter acordado ileso do sonho da última noite.

– Liv Silber – disse Anabel, e seus brilhantes olhos azul-turquesa perpassaram meu corpo. – Lindo vestido. Você e Henry... vocês ficam extraordinários juntos.

– Vocês se conhecem? – perguntou Florence, que estava com sua prancheta ao lado da escada e parecia surpresa.

– Não, não – disse Anabel, e sorriu. – Só do Tittle-Tattle Blog. Secrecy parece ter um interesse especial em nós, não é mesmo, Liv?

Acenei que sim.

– Tudo bem? – perguntei, preocupada.

Anabel abaixou o olhar.

– Ela está ótima – respondeu Arthur em seu lugar, empurrando-a para cima do pedestal.

Henry e eu nos entreolhamos.

– Você falou com ele depois daquilo? Parece angustiado – sussurrei para Henry. – E Anabel está branca feito um cadáver.

Ao som da palavra “cadáver”, Henry estremeceu visivelmente.

– Não tive tempo de falar com Arthur, precisei acertar umas coisas em casa e arranjar esses malditos sapatos de verniz e... – Ele suspirou. – Ouça, o Halloween é só daqui a três semanas e meia, até lá teremos uma ideia. Mas hoje devíamos simplesmente pensar em outra coisa. Hoje é uma noite especial. Hoje não perseguiremos demônios, por Deus... – ele bateu no peito e eu tive que rir, porque só então vi que tinha realmente colocado a medalha.

– Hoje vamos dançar!

– Você roubou isso de um filme! – disse eu, repreendendo-o, ainda que o filme não me viesse à mente.

Ele sacudiu a cabeça, sorrindo.

– Não que eu saiba.

De um jeito ou de outro, ele estava com toda razão. Pois, por Deus, dançou-se! E não era para qualquer um! Durante a primeira hora só tocaram música clássica, não do quarteto de cordas, que tinha se retirado após a sessão de fotos oficiais, mas de um equipamento de som, e era a Orquestra Sinfônica de Londres. A valsa de abertura tradicional, liderada pela diretora, sra. Cook, e um professor de cabelos brancos era algo só para fãs incondicionais e admiradores do Baile da Ópera de Viena.

Henry e eu concordávamos que era muito mais engraçado assistir de fora aos outros casais se posicionando em fila e partindo para a pista de dança ao som da música de Johann Strauss em homenagem à rainha Vitória, incluindo algumas reverências e elevações, que eram o ponto alto. Ao ver o olhar apavorado de Grayson pouco antes de erguer Emily no ar, tivemos ambos que rir, no entanto, ficou claro para nós dois por que Florence, com seu talento para tomar a decisão perfeita em qualquer ocasião, havia fisgado Callum Caspers. Ele era realmente tão apático quanto Secrecy o havia descrito, mas sabia dançar primorosamente, talvez fosse até o melhor de todos. Bem ao contrário de Perséfone. Ela acenou para mim graciosamente ao passar ao nosso lado, mas depois desmanchou toda a formação porque, ao avistar Jasper, se transformou numa estátua de sal, como de costume.

Arthur e Anabel não dançaram. Estavam em cima da arquibancada de mãos dadas e pareciam de certa forma ausentes.

– Não deveríamos...? – perguntei a Henry, mas ele só balançou a

cabeça.

Mais tarde tomamos coragem e fomos também para a pista e eu me arrependi um pouco de não ter dado ouvidos à mamãe há muito tempo e feito um curso de dança. Ao contrário de Henry, que me surpreendeu bastante com sua perícia em dançar a “Valsa de Viena”. Não que isso o ajudasse a dançar comigo. Minhas habilidades em dança se limitavam infelizmente ao que mamãe, Lottie e Youtube me ensinaram, além do mais, eu tinha que murmurar o tempo todo para mim mesma “um, dois, três” para não sair do compasso, o que, por outro lado, não incentivava muito a comunicação. Confesso que nesse aspecto Cinderela teria provavelmente emplacado mais pontos do que eu; ela sabia dançar.

Fiquei muito contente quando Henry propôs que matássemos o tempo até a “música certa” nos servindo no bufê que estava armado na antessala. Lá, encontramos novamente com Jasper, que, não sei como, havia conseguido ficar levemente embriagado apesar de não haver bebida alcoólica na festa.

Eu havia acabado de pegar um folheado quando Henry de repente apareceu ao meu lado, tirou o folheado da minha mão e segurou o meu braço.

– Ei! – reclamei. – Dançar sempre me deixa faminta.

– A mim também – murmurou ele, me puxando para trás de uma das colunas que separavam a antessala do hall de entrada. Ele pousou a mão sobre os meus ombros, me puxou para si e me olhou nos olhos.

– Você por acaso sabe como é terrivelmente linda, Liv Silber? – perguntou ele, e começou a me cobrir de beijinhos, primeiro a boca, depois o pescoço. Meu apetite desapareceu. Quem diria que beijos causavam um efeito admirável desses...

Eu me derreti nos braços dele. Não tenho a menor ideia de como ele

fazia aquilo, mas, quando me beijava, todo o resto deixava de me importar. Minha mão deslizou no seu pescoço. Podia sentir o calor da sua pele.

– Talvez a gente devesse engavetar hoje essa história idiota com o demônio e seu sangue virgem de uma vez por todas – murmurei.

– Você quer dizer, para que você não termine como sua tia Gertrude? – Henry se afastou um pouquinho de mim para então me puxar para ainda mais perto e me beijar de novo, dessa vez com mais força. – Aqui e agora? – indagou ele.

Não cheguei a responder porque exatamente, neste momento, Grayson apareceu dando a volta na coluna.

– Ah, vocês estão aí – disse ele, e nos fitou, franzindo a testa. Dei um passo para trás apressadamente, na esperança de que meus cabelos não estivessem tão eriçados como os de Henry.

– Procurei vocês por toda parte. Henry, Jasper está lá dentro prestes a brigar com Nathan. Ele acaba de chamá-lo de “seu linguicinha”. Você precisa me ajudar a deixá-lo mais sóbrio.

– Esse linguica ridículo. – Contra a sua vontade, Henry me largou. – Tudo bem se eu deixar você um pouco sozinha, Liv?

– De qualquer maneira eu queria ir... ao... banheiro – disse eu, embaraçada.

– Está bem – disse Grayson, e eu não pude deixar de registrar o tom de repreensão na sua voz. – Um pouco de água fria não lhe faria nada mal.

Ei, qual era a dele? Não foi ele mesmo que deu aqueles amassos muito mais violentos recentemente na festa de Arthur? Na ocasião eu não disse nada. Lancei um olhar frio para ele, juntei as pontas da minha saia e saí farfalhando o mais dignamente possível.

No banheiro feminino, no entanto, ao olhar no espelho sobre a pia, tive

que constatar que Grayson tinha razão. Eu estava mesmo parecendo precisar de um bom jato de água fria no rosto. Nem rastro do brilho nos lábios, para compensar, as bochechas estavam artificialmente vermelhas. Queria passar um pouco de pó, mas o pó de arroz não coube na bolsa. Era uma bolsinha de festa realmente minúscula: brilho, lenço de papel, balas de hortelã, duas notas de 10 libras e a chave de casa – foi o que coube. Nem tentei trazer o meu celular monstruoso. Atrás de mim, a porta de uma cabine de banheiro bateu e o rosto de Emily emergiu sobre meu ombro no espelho.

– Oi – disse eu, me esforçando para sorrir. Eu não gostava muito dela e era bem possível que ela fosse Secrecy, o ser mais cruel sobre a face da Terra, mas era ainda assim a namorada do meu futuro irmão enteado, então eu precisava pelo menos me esforçar para ser gentil.

– Ah, aí está você, Liv – disse ela, mas não parecia muito satisfeita. Usava um vestido de baile preto sóbrio, certamente o modelo mais fechado e sombrio da noite, que combinaria perfeitamente com uma viúva vitoriana. – Grayson está procurando você por toda parte. Por algum motivo ele pensa que tem que tomar conta de você. Bem, não se pode levar isso a mal, afinal de contas, você está em companhia de Henry Harper...

– O que você está querendo dizer? – Não, eu não gostava nem um pouco dela.

– Eu sei, vocês meninas gostam desse tipo de homem. – Emily abriu sua bolsinha de festa e tirou um batom. – Garotos como Arthur, Jasper e Henry, autoconfiantes, descontraídos, sossegados, egoístas, superficiais e absolutamente irresponsáveis. Os partidores de coração clássicos, enfim. Eu provavelmente nunca vou entender isso.

– E eu que pensei que você também era uma garota – disse eu. Achei engraçado ela jogar Jasper, Henry e Arthur na mesma panela, pessoas que não podiam ser mais diferentes.

– Sim, mas uma com bom senso – disse Emily. – E bom gosto. Grayson é o único sensato dessa turma. Eu gostaria muito que ele procurasse outros amigos. Tomemos, por exemplo, Jasper, ele contrabandeou hoje litros de álcool para a escola para encher a cara, a sua e a de suas acompanhantes. Arthur e Anabel também estavam nessa. Provavelmente precisam beber para mascarar a sua relação agonizante. Ainda no ano passado Rei e Rainha do Baile, hoje, de certa forma, são dignos de piedade. – Ela torceu o nariz, desdenhosa. – Em todo caso, Anabel passou por mim bêbada e balbuciou algo como que deixava um abraço para você. Nossa, como é que pode alguém estar tão grogue? Afinal, ela pretende passar todo o fim de semana em Londres, então que dê o abraço pessoalmente!

Olhei para Emily, estarecida. Todos os alarmes que começaram a bater baixinho ao som das palavras “relação agonizante” retiniam agora a todo volume.

– Para onde eles foram?

Emily olhou para mim admirada porque, no susto, agarrei seu braço.

– Arthur e Anabel? – Ela deu de ombros. – Foram embora.

– Embora?

– Eles se despediram há pouco, Anabel mal conseguia ficar de pé, Arthur teve até que ampará-la, de tão embriagada que estava. Ela parecia um cordeiro sendo levado para o abatedouro.

– O quê? – As palavras “cordeiro” e “abatedouro” desencadearam em mim uma corrente de pensamentos.

– Anabel e Arthur deixaram o baile – repetiu Emily, paciente, como se eu fosse uma idiota completa. – Sem dúvida para que, bêbados, possam se dedicar às coisas das quais melhor entendem. Eu só espero que sejam sensatos o suficiente para pegar um táxi.

O susto foi como um soco direto no estômago, assim como a ideia de que possivelmente nos enganamos por completo. E também o fato de que não teríamos mais tempo até o Halloween.

Merda. Merda, merda, merda.

E se Arthur tivesse conscientemente nos tapeado ontem à noite? E se não estivesse planejando celebrar o ritual no sonho? E se ele...

– Hoje por acaso é lua nova? – gritei para Emily.

– Hã? – fez ela, consternada.

– Quando exatamente? Quando foi que Arthur e Anabel foram embora?

Emily olhou para mim, estatelada.

– Bem, agora mesmo.

– Oh, não! Não! – Peguei Emily pelos ombros e a sacudi.

– Diga ao Henry que estou tentando detê-los! Diga para ele esquecer o Halloween, diga que a coisa será feita hoje à noite! E que será real! Você consegue guardar tudo isso? É muito importante! Henry deve... – Larguei-a, peguei a minha bolsinha minúscula de cima da pia e corri até a porta. – É para ele bolar alguma coisa!

Para me locomover mais rápido, tirei os sapatos e continuei a corrida descalça. Talvez estivesse enganada, talvez fosse eu a maluca, mas se estivesse certa, se a compreensão que se abateu com toda força sobre mim não fosse obra da minha fantasia fervilhante e hiperestimulada, então aconteceria algo terrível hoje à noite. Que eu precisava evitar. Com a saia levantada, saí derrapando na maior velocidade pelos corredores, sem me importar com o que os outros estavam pensando. “Por favor, por favor, permita que eles ainda estejam aqui”, implorei em pensamento.

Mas Anabel e Arthur já haviam deixado a escola. Quando alcancei a porta de entrada, os vi lá embaixo, na rua. Estavam prestes a entrar num táxi.

– Ei! – gritei. – Anabel! Arthur! Esperem!

Anabel virou a cabeça e olhou na minha direção, mas então Arthur entrou no táxi e fechou a porta.

Maldição!

Corri escada abaixo e atravessei o pátio da escola. O táxi se pôs em movimento devagar. Logo atrás dele havia um segundo carro à espera, que certamente era para o senhor que havia dançado com a diretora agora há pouco, pois ele troteava decidido em direção ao carro. Mas eu não podia ter consideração com ele agora. Empurrei o senhor para o lado e abri a porta do táxi.

– Minha jovem! – disse o barbicha branca, indignado.

– Eu sei que isso não foi muito educado, meu senhor, mas é uma emergência – retruquei sem esperar pela resposta, caindo sobre o banco traseiro, dizendo uma coisa que jamais teria sido capaz de dizer se não estivesse tão fora de mim: – Siga aquele carro, por favor. Rápido!



Eu teria dado tudo para simplesmente acordar.

Mas aquilo não era um sonho no qual eu caminhava no meio da noite pelo cemitério Highgate de vestido de baile e descalça. Era realidade, infelizmente. Com certeza as meias de seda já haviam sido destroçadas, mas, para ser sincera, eu mal sentia os meus pés. Devia ser a adrenalina. Arthur e Anabel tinham uma lanterna com a qual iluminavam as trilhas encobertas pelo mato, tornando mais fácil para mim segui-los. Estavam de mãos dadas e andavam com tanta firmeza como se já houvessem feito esse percurso umas cem vezes.

Será que Henry já estava a caminho? Se é que Emily transmitiu minha mensagem de forma correta...

Desejei ter me enganado e Arthur estar só levando Anabel para casa para que ela pudesse dormir e se refazer de sua embriaguez. Mas o meu táxi seguiu o de Anabel e Arthur diretamente até a entrada do cemitério e, quando vi os dois atravessarem aquele portal parecido com o de uma igreja, não pude mais continuar dizendo para mim mesma que só sofria de uma imaginação fértil demais, e atravessei o portal atrás deles.

E lá estava eu correndo esbaforida no escuro, ainda que sem saber o que fazer. Só sabia que devia evitar que Arthur fizesse algum mal a Anabel. Teria

mesmo Anabel decidido sacrificar-se voluntariamente ou seria uma mentira de Arthur? Eu continuava sem poder imaginar que alguém – Anabel – fosse tão longe a ponto de se deixar matar por esse demônio, mesmo com todos os sentimentos de culpa e tsunamis emocionais do mundo.

Na escuridão, avistei lápides desgastadas pelo tempo e cruzes quebradas, e parecia haver um estranho rumor por toda parte. Ratazanas, corujas, lobisomens.

Eu resfolegava. O vento frio da noite acariciava as árvores e eu me dei conta que aquele ranger baixinho era o ruído dos meus dentes batendo uns contra os outros.

Mas nada de pânico. Henry certamente estaria aqui em breve. Ele poderia falar com Arthur. No sonho da noite passada notei como era grande a sua influência sobre ele. Henry iria dissuadi-lo e, juntos, salvaríamos Anabel e... para onde eles foram? Ali! A luz circular da lanterna estremeceu sobre um túmulo e iluminou uma porta. Os dois anjos que vigiavam a entrada me eram familiares.

Levei um susto e tropecei sobre uma raiz no solo. Se não tivesse me amparado a tempo com as mãos, teria batido com a testa numa estátua sobre um pedestal a minha frente.

Levantei cambaleando e só então reconheci onde estava: esse era o túmulo com o cão de pedra horripilante que nos havia atacado no sonho da noite passada. Ele não parecia menos ameaçador agora, com seus olhos de pedra vazios, mas ao menos suas patas ficaram onde estavam. Ótimo, porque eu tinha problemas suficientes.

Arthur e Anabel pareciam não ter me ouvido. Eles desapareceram para dentro do mausoléu e, quando a porta se fechou atrás deles, fiquei sozinha no escuro.

Silêncio.

E nem sinal de Henry em parte alguma.

Meu Deus! Eu fui tão burra! Devia ter investido contra Arthur no caminho, e ainda pelas costas! Ele não teria tido chance alguma. Agora, no interior dessa tumba, seria muito mais difícil.

Fechei os olhos por um momento. Talvez estivesse exagerando e, em pânico, seguia um caszinho apaixonado que não queria ser incomodado.

Claro. À noite, num cemitério. Numa tumba. Afinal, era tão aconchegante.

Não tinha jeito, eu não podia esperar por mais tempo.

Em último caso, conseguiria enfrentar Arthur sozinha. Ele podia ser grande e musculoso, mas eu sabia kung fu e tinha também o efeito surpresa a meu lado. OK, talvez fosse ingênuo e não muito inteligente enfrentar sozinha alguém que pretendia com toda a seriedade libertar um demônio do mundo subterrâneo. E que não hesitava nem mesmo diante de um sacrifício humano, mas havia outra escolha?

Olhei para a silhueta do cão que dormia a meu lado. E se Henry não viesse? E se Emily não tiver dito nada no fim das contas? Ela era bem capaz disso, pela maneira como falou mal dos amigos de Grayson há pouco. Ou talvez simplesmente não tenha entendido nem uma palavra do que gritei.

Eu precisava tomar uma decisão. Correr de volta para a rua e chamar por socorro não era uma opção real. Até que o socorro viesse – se é que viria – seria tarde demais. Não, eu não podia esperar por mais tempo. Quem sabe o que estava acontecendo naquele mausoléu? Será que Arthur ainda tinha nervos para desenhar pentagramas e declamar fórmulas melífluas em latim? Ou será que irá direto ao assunto para levar a coisa ao fim rapidamente e sem dor?

Devagar, calcei os meus sapatos. Ainda que não fossem os mais confortáveis para correr, poderiam muito bem ser úteis numa luta.

Minha mão tremia no momento em que abri a porta do mausoléu, entrei cautelosamente e olhei ao redor. A tumba abarcava um espaço de uns três ou quatro metros e era mal iluminada pela luz de velas colocadas em nichos nas paredes. Anabel estava acendendo uma tocha, Arthur estava de pé do lado oposto da cova e olhou para mim. Não parecia assustado nem surpreso, como se contasse com a minha aparição. A luz trêmula iluminava o contorno perfeito de seu rosto.

– Liv – disse ele, dando um passo em minha direção. Não esperei que se aproximasse, saltei para perto dele. Suas mãos estavam vazias, desarmadas, então lancei meu pé direito para cima, acertando com precisão o seu queixo, dei um giro de 180 graus no ar e, a caminho de volta para o chão, enfiei meu braço esquerdo no seu estômago. O chute na canela não seria mais necessário. Arthur foi ao chão como uma árvore derrubada. Pelo ruído horrível que se seguiu ao primeiro chute, pressuponho que tenha quebrado a mandíbula.

OK, isso não estava nos planos. Mas surtiu efeito.

O efeito surpresa tinha funcionado de fato, cheguei a pensar, satisfeita, quando algo (o suporte de ferro da tocha, como descobri mais tarde) desceu sobre minha cabeça. E foi só quando ela bateu no chão ao lado de Arthur e tudo ficou preto que eu entendi que tinha cometido um erro. Não segui a regra de luta número um do sr. Wu: sempre eliminar primeiro o adversário mais perigoso.

– Adoro quando um plano funciona – disse Anabel quando voltei a mim. Isso também tinha sido roubado de algum filme e, de novo, não me lembrava de qual. Minha cabeça doía como se uma pequena escavadeira estivesse passeando por dentro dela, meu corpo inteiro estava dolorido, agora

sentia até as solas dos pés machucadas. Estava deitada sobre o chão de pedra duro e alguém – Anabel, suponho – tinha prendido meus calcanhares e pulsos com fita adesiva super forte, mas mesmo sem isso, não sei se poderia mover um só membro. Até piscar os olhos me doía.

– Ah, que bom – disse Anabel, contente. – Já estava com medo que você não presenciasse a sua própria execução. O pobre Arthur parece que vai perder a cena, pelo que eu, no entanto, tenho que agradecer a você. Eu bem que estava muito insegura se ele suportaria tudo isso.

Minha garganta estava completamente seca e, por isso, só consegui rouquejar.

– Você? Por quê...? – E não consegui falar mais nada. Anabel havia cruzado minhas mãos sobre o meu peito e eu mal conseguia respirar.

Ela se curvou sobre mim e conferiu as amarras.

– Por quê... o quê? – Apesar de a tumba estar iluminada só por velas, as suas pupilas pareciam estranhamente pequenas e, por um instante, só por uma fração de segundo, me veio a ideia de que ela mesma pudesse ser o demônio em pessoa. – Por que você tem que morrer hoje à noite? – Ela riu. – No seu lugar, não levaria para o lado pessoal. Por outro lado, foi você mesma que provocou isso com a sua curiosidade. Eu bem que teria outras candidatas virgens a postos. Elas não são tão raras como Jasper pensa. – Ela parecia estar com um humor realmente fantástico. – Mas aí você se meteu no sonho de Grayson. Não acredito em acaso. Acredito que foi *ele* em pessoa que apontou para você o caminho para o sonho de Grayson. E hoje à noite ele retornará à vida através do seu sangue.

Não, ela não era um demônio, era só uma louca varrida que acreditava neles. Mas, visto da minha perspectiva, aquilo era quase tão ruim quanto. Principalmente porque atrás dela, sobre o chão de pedra, estava o livro do qual Arthur havia lido algumas passagens em voz alta durante meu ritual de

admissão no círculo e, logo ao seu lado, estava o punhal cuja lâmina brilhava agourenta à luz das velas. Desesperada, olhei para Arthur que continuava deitado imóvel no mesmo lugar. Pelo menos estava vivo, seu peito subia e descia com a respiração. Como eu pude ser tão estúpida? Enquanto Anabel me atraiu friamente para uma armadilha cruel, apaguei a única pessoa que talvez pudesse me ajudar.

– O portão do cemitério aberto, como alguém pode ser tão idiota – murmurei. – Você planejou o tempo todo que eu seguisse vocês.

Anabel sorriu.

– Bem, não foi muito inteligente. Mas se você estiver se perguntando como é que eu fiz com o portão, vigias noturnos também sonham. E quando se rouba deles um objeto pessoal, é fácil descobrir tudo. Por exemplo, onde fica guardada a chave reserva. No mais, esses sonhos oferecem tantas possibilidades. – Anabel suspirou, deslumbrada, enquanto se abaixava para pegar o livro. – Aliás, esse aqui é o mausoléu dos ancestrais de Arthur. Todos da família Hamilton que morreram antes de 1970 foram enterrados aqui. Eu percebi de imediato que seria o lugar perfeito para celebrar o ritual. – Foi só então que vi que os objetos redondos nos nichos, que eu pensei que fossem pedras, na realidade eram caveiras. – O seu ritual! Você pode se sentir honrada. Pois será o seu sangue que mudará a face desse mundo. Uma nova era se anuncia. O Senhor das Sombras se erguerá e reivindicará o que lhe é de direito nesse mundo.

Pelo menos ela falava. A gente conhece isso das séries de televisão. Enquanto eles falam, não matam. Eu precisava dar um jeito de ela não parar.

– Você manipulou todo mundo – tentei a minha sorte. Senti algo molhado na minha cabeça. Sangue? – A história com o sangue virgem...

Anabel riu.

– Isso foi fácil! Eles não entenderam a diferença entre sangue inocente – *innocens* – e sangue virgem – *virginalis*. Não está escrito em parte alguma que é necessário sangue virgem para romper o primeiro laço. Isso também seria um problema, já que nenhum de nós tinha sangue virgem, eu muito menos. E, acredite, se há alguém que sabia disso, era Arthur. – Ela veio na minha direção.

– Mas... ele tinha ciúmes de Tom...

– Sim, tinha mesmo. E ficou mais que indignado quando Tom nos deixou. Uma das muitas felizes coincidências... Apesar de que, concordamos que coincidências não existem, não é verdade? – Com um sorriso iluminado, sentou-se no chão ao meu lado. – Os meninos começaram a desconfiar uns dos outros. Quando estive comigo na Suíça, Henry perguntou com toda seriedade se Arthur me tratava bem. Vou te dizer uma coisa: há muitas vantagens em ser louca e delicada. Todo mundo se sente compelido a proteger a pessoa.

Dei um puxão nas cordas que me amarravam, mas, ainda que fosse tão louca, Anabel também era zelosa. Falar! Eu precisava urgentemente instigá-la a continuar a falar.

– E como foi mesmo a coisa com o cachorro...?

– Lancelot, o cachorrinho mais fofo da face da Terra? *O que há com ele?* – ela imitou a minha voz. – O veneno de rato foi mesmo uma maldade. O pobre cachorro sofreu demais. Mas eu precisava fazer aquilo para manter os meninos envolvidos. Para que compreendessem que a coisa era realmente séria. Para que se empenhassem de verdade em trazer você, pequena doce virgem, para o nosso círculo. – Os olhos dela brilhavam. – Estou até desolada que a coisa acabe hoje. Eu me diverti muito – disse ela, absorta. – Tão bonitos e inteligentes esses meninos! Fora Jasper, claro, ele é só bonito. – Suspirou. – Eu não poderia encontrar parceiros mais perfeitos!

Maldição! Eu precisava de uma ideia para virar o jogo. Só que infelizmente não me vinha nenhuma. Precisava de mais tempo. E poderes sobrenaturais.

– Mas você não precisa de Henry, Arthur, Grayson e Jasper para consumir o ritual?

– Não, na verdade, só precisava deles para romper o primeiro lacre. – Anabel folheou o livro. – Espere, aqui está o círculo dos cinco, um círculo de sangue, indomável, inocente, honesto, corajoso, livre, concede ao Guardião das Sombras o acesso à primeira dimensão... Todo o resto eu teria também podido fazer sem eles, mas sozinha não teria sido tão divertido. Para o último lacre só é necessário o seu sangue, o sangue virgem. Mas em compensação, fartamente. Ou melhor, é necessário *todo* o sangue. – Ela se curvou de novo e pousou os dedos no meu pescoço.

Minha garganta se contraiu de medo.

– É por aqui que ela fica, a *arteria carotis externa* – murmurou Anabel. – Assim que for cortada, tudo acontecerá bem rápido.

Não podia ser que tudo acabasse assim, podia? Eu gostava da minha vida, 16 anos era um tempo bem curto. Não queria morrer ainda.

Dei uma olhada de relance para baixo. Apesar de eu não poder mover minhas mãos, se conseguisse me virar de lado, poderia alcançar uma das tochas com os pés. E, com um pouquinho de sorte, poderia jogá-la sobre Anabel. Aquele tule certamente queimaria feito espoleta...

– Só mais uma coisa – disse eu às pressas, sem saber bem o que queria perguntar.

– Entendo bem que você não queira morrer sem saber – disse Anabel. Ela havia aberto o livro na parte com o último lacre que, selando duas páginas, brilhava agourento. – Mas, aos poucos, temos que chegar ao fim. –

Com um movimento gracioso, levantou-se. Meu Deus, não! Ela foi pegar o punhal. Isso não podia acontecer.

– Anabel – disse eu, implorando, e ao mesmo tempo, contraindo todos os meus músculos. Agora! Tinha que fazê-lo enquanto ela não estava olhando.

Quando ela se abaixou para pegar o punhal, me lancei num movimento brusco para o lado e dei um chute para baixo com toda força. Mas o chute não foi suficiente para arremessar a tocha para longe, mal consegui tocá-la de leve.

Devagarinho, como em câmera lenta, a tocha caiu. A cerca de um metro de distância da saia de tule de Anabel. Isso foi tudo. Fechei os olhos, decepcionada, e Anabel começou a rir da minha tentativa frustrada.

Foi aí que ouvi alguém chamando o seu nome, ouvi como ela começou a gritar e arregalei os olhos novamente. *Henry!* Enfim! Lá estava ele. Mas será que não podia ter chegado um minuto antes? Antes de Anabel pegar o punhal e começar a berrar feito uma possessa?

Só então é que vi por que ela gritava. Não tinha nada a ver com Henry. A tocha tinha ateado fogo no livro, o seu livro sagrado sobre demônios! Anabel deixou cair o punhal e se lançou ao chão, bem perto de mim, para agarrar o livro. Tentava apagar as chamas com as próprias mãos. E não parava de gritar.

Henry se precipitou sobre ela, tirou o livro das suas mãos, e alguém – Grayson – abraçou Anabel pelas costas, puxando-a para trás.

Ela continuava gritando feito louca. Não tinha praticamente mais nada de humano. Seus olhos estavam tão revirados que só se via deles o branco. Ela resistia com toda a força, mas Grayson a manteve segura num abraço firme.

Henry apagou o fogo com os pés, então se ajoelhou a meu lado e disse:

– Não se pode deixar você sozinha nem um minuto?

Tittle-Tattle

★ B L O G ★



Aqui no Tittle-Tattle Blog, o blog das fofocas da Fognal Academy, você saberá das intrigas mais recentes, dos melhores boatos e dos atuais escândalos da nossa escola.

SOBRE MIM:

Meu nome é Secrecy – estou no meio de vocês e conheço todos os segredos.

ATUALIZAÇÕES

ATIVIDADE

13 de outubro

OK, pessoal, vamos deixar para lá a votação democrática☺ (de todo jeito, vocês manipularam: como pode, entre 924 alunos, somarem-se 2.341 votos para Arthur Hamilton? Imagino que algumas meninas muito apaixonadas das classes inferiores fizeram valer seu direito ao voto uma cem vezes...) – e anuncio aqui a MINHA incontestável rainha do baile. Minha opinião é, de todo jeito, a única que conta ☺.

E digo, se alguém mereceu a coroa, então esse alguém foi Hazel Pritchard. Ela não só estava esplendorosa com seu vestido de espartilho amarelo-claro, como também demonstrou verdadeira classe ao reagir com um mero dar de ombros à mancha (vide foto) que adornou o vestido lá pelas tantas. E ainda afirmou ter se sentado sem querer sobre uma torta de chocolate. É assim, meus queridos, que age uma verdadeira Rainha do Baile. E não é da conta de ninguém que se trate na verdade de um infortúnio devido ao consumo excessivo de laxantes. De alguma forma Hazel precisava se livrar dos divinos cupcakes que enfiou goela abaixo, em surtos de apetite pré-menstruais.

Já relatei ontem que Arthur Hamilton está definitivamente livre, mas hoje finalmente revelarei a razão para vocês: Anabel Scott mudou seu status de relacionamento no Facebook de “numa relação” para “no manicômio”.

Não, sério, não se brinca com essas coisas: a pobre Anabel foi diagnosticada com um “transtorno psicótico polimórfico agudo com sintomas de esquizofrenia”. Íntimos dizem que ela não sairá da reclusão nos próximos anos. E que partiu o coração de Arthur.

Partiu de verdade – durante toda a semana ele não foi à escola e ninguém ouviu nada dele.

Mas, mesmo sem o seu capitão, a Frognal Flames conseguiu ampliar sua liderança no placar – com uma vitória sensacional contra os Hampstead Hornets. Parabéns, rapazes!

E cabeça erguida, Arthur! Vai ficar tudo bem. Outras mães também têm filhas bonitas. E eu também quero, afinal, ter do que falar.

A gente se vê!

Secrecy

P.S. Liv Silber, que teve a sorte de cair da escada durante o baile e contrair um traumatismo craniano, já está bem novamente. Ela esteve hoje no jogo e, gente, eu quase acredito que a coisa entre ela e Henry Harper seja séria. Em todo caso, o garoto marcou dezoito pontos sensacionais na partida de hoje.



Tittletattleblog.wordpress.com





No mundo colorido-espalhafatoso dos sonhos de Amy pouca coisa havia mudado. O céu era azul-violeta, o sol tinha um rosto sorridente e as bolhas de sabão continuavam flutuando no ar, junto com borboletas coloridas. Hoje o carrossel girava ao som de “London bridge is falling down” e Amy estava sentada num balanço que ia para lá e para cá sozinho, preso no galho de uma enorme castanheira.

– Na vida real ela ainda não entendeu esse mecanismo – disse Henry. – A gente tem que empurrar o balanço horas a fio. Mas em compensação, desde ontem ela sabe andar de bicicleta – acrescentou, orgulhoso.

Sorri para ele e virei o rosto para o sol, satisfeita. Agora, o famoso clima miserável havia se instaurado em Londres, tinha-se a impressão de que chovia há semanas sem parar, então fazia bem tomar um pouco de sol, nem que fosse no sonho. Era início de novembro. O Halloween havia passado sem que nada tivesse acontecido. Nenhum demônio deu o ar da graça, não se tirou de ninguém o que lhe era mais valioso e o que mais se amava, tudo estava certo.

Henry me puxou para a sombra de uma árvore de balões de ar para que dois pôneis cor de arco-íris pudessem passar.

– Como está Arthur? – perguntei. Há alguns dias ele voltou para a escola, mas não nos havíamos falado. E como foi por minha causa que ele

teve de andar três semanas com a mandíbula costurada e imobilizada, parti do princípio de que ele não tinha nada gentil para me dizer. Coisas como: “Sinto muito ter entregado você a minha namorada louca”, por exemplo.

Henry olhou para os pôneis e sacudiu os ombros.

– Está se adaptando às circunstâncias, creio. Não temos mais muito o que dizer um ao outro. Apesar de ele jurar que jamais permitiria que Anabel fizesse alguma coisa com você, eu... eu simplesmente não posso perdoá-lo por isso.

Ele não era o único. Grayson também cortou o contato com Arthur. E não queria falar sobre isso. Mas, na primeira noite depois do baile, quando tive medo de fechar os olhos por mais de um minuto porque sempre via Anabel com o punhal diante de mim, ele veio me visitar no meu quarto, puxou uma poltrona para perto da cama e disse daquele seu jeito sério:

– Pode dormir, Liv. Vou velar por você. – Como um irmão mais velho de verdade. Grayson também me ajudou a dar uma explicação plausível para a nossa família (e para Emily), pois tiveram que me pegar no atendimento de emergência do Royal Free Hospital. Por sorte, mamãe acreditou imediatamente que eu tinha tropeçado no meu vestido longo e cai. E Secrecy relatou o incidente no seu blog como se tivesse visto tudo com seus próprios olhos. Levei quatro pontos na cabeça e precisei ficar de cama alguns dias devido a um leve traumatismo craniano.

No balanço a nossa frente, Amy começou a cantar. Nossa presença parecia não incomodá-la, pelo contrário. Volta e meia, olhava para nós e acenava, contente.

– De onde veio o livro, quero dizer, como foi parar em posse da família de Anabel? – perguntei.

– Imagino que venha do espólio da mãe de Anabel. Ela abandonou o

marido quando Anabel era ainda bem pequena porque caiu nas garras de uma seita duvidosa. Demorou meses até o pai e seus advogados conseguirem a guarda de Anabel e a tirarem de lá. A mãe foi parar num hospital psiquiátrico pouco tempo depois. Adivinha qual era o diagnóstico? E foi nessa clínica que ela morreu há alguns anos. Anabel não tinha mais contato com ela, mas algo daquela época ficou marcado nela...

– E como é que você sabe de tudo isso?

Henry não respondeu. Esticou o braço até um galho para colher um balão para mim.

– Obrigada. – Levantei o balão e o soltei no ar. Poucos segundos mais tarde ele era apenas um pontinho verde no céu azul. Henry não havia mudado. Só respondia às perguntas que lhe agradavam. Mas isso não me incomodava muito. Toda pessoa precisa de segredos, e Henry pelo jeito precisava mais do que os outros. Eu estava simplesmente feliz que tudo tivesse acabado e ninguém mais precisasse acreditar em demônios.

– Tenho mais uma coisa para você. – Henry tirou uma caixinha preta do bolso da calça e me entregou. – Espere. – Um laço vermelho apareceu sobre a tampa. – Melhor assim? Ou prefere azul?

– Não, vermelho está ótimo – disse eu, desfazendo o laço. – Dar presentes em sonhos é tão prático. E barato. Você pode me dar um diamante de oito quilates ou o diamante Koh-i-Noor¹ sem gastar nem um tostão ou invadir a tesouraria real. Estou pensando em dar um belo iate de presente para você. Juntamente com uma ilhazinha no Caribe...

Henry sorriu.

– Abra logo.

Com um suspiro, ergui a tampa.

– Oh! – disse eu, e refleti rapidamente se devia ficar decepcionada. Era

uma pequena chave de prata num cordãozinho de couro fino e preto.

– “*Take a key and lock her up, lock her up, lock her up*”^{*} – cantou Amy naquele exato momento.

– É a chave da minha porta – disse Henry. – Para você também poder me visitar.

– Mas isso é... – Eu estava emocionada. – E abre os três cadeados?

– Não – disse Henry, hesitante. – Abre só o do meio. Mas vou deixar os outros dois abertos.

Eu tive que rir.

– E, se por acaso estiverem fechados, vou saber que você está sonhando alguma coisa da qual não quer que eu participe, certo?

– Não é muito romântico, não é mesmo? – Ele deu um sorrisinho sem graça.

– É, sim, de certa forma – disse eu, colocando os dois braços em volta do pescoço de Henry. – Muito obrigada.

Henry fechou os olhos antes ainda que meus lábios tocassem os seus. Beijá-lo não tinha perdido nem um pouco da graça, ao contrário. Acho que nunca me cansaria de seus beijos. Henry colocou as mãos sobre meus quadris e me pressionou contra a árvore de balões, só para, em seguida, dar um passo para trás, ofegante, e balançar a cabeça.

– Não, assim não dá. Isso aqui agora não é mais permitido para menores... – disse ele, olhando para sua irmã menor. – Vamos sair daqui.

Enérgico, me puxou pela porta rosa para o corredor silencioso lá fora. Quando me soltou, seu rosto, normalmente tão pálido, estava fortemente corado pela primeira vez.

– Acho melhor a gente acordar agora – disse ele um pouco mais ofegante. – Eu poderia estar na sua casa em vinte minutos. Na vida real,

quero dizer.

Sorri para ele.

– Mas estamos no meio da noite.

– Eu poderia jogar pedrinhas na sua janela...

– Ou simplesmente vir para o café da manhã em algumas horas.

– Bom também. – Henry acariciou meus cabelos, me olhando de uma forma tão intensa que um leve arrepio subiu pelas minhas costas. – Sabe por que eu comecei a acreditar nesse demônio? – perguntou ele baixinho.

Sacudi a cabeça.

– Porque o meu desejo se realizou no exato momento em que conheci você.

– Você tinha desejado conhecer alguém que carregasse um queijo fedorento na mala?

Ele não riu da minha piada que, confesso, era um pouco fraca, em vez disso, passou o dedo sobre o contorno dos meus lábios.

– Você é como eu – disse ele, sério. – Você gosta de charadas. Gosta de jogar. Adora correr riscos. Quando ameaça ficar perigoso, aí é que a coisa fica excitante para você. – Ele se abaixou um pouco mais para perto de mim e eu senti o seu hálito quente. – Foi isso que desejei. Que encontrasse alguém por quem pudesse me apaixonar. Você é o meu maior desejo, Liv Silber.

– Que emocionante! – disse uma voz cristalina atrás de nós quando nossos lábios estavam a meio centímetro um do outro.

Assustados, nos separamos num rompante e nos viramos. Anabel estava encostada na parede ao lado da porta de Henry. Seus cabelos dourados caíam em ondas brilhantes sobre os ombros, seus grandes olhos azuis brilhavam. Estava linda, mas com a sua aparição, todas as borboletas que dançavam na minha barriga bateram em revoada, dando lugar a um sentimento estranho.

Da última vez que a vi, Anabel queria cortar minha garganta com um punhal. Na vida real. E antes disso, tinha me causado uma ferida na cabeça e um traumatismo craniano. Também na vida real. Eu definitivamente não a tinha perdoado ainda. O pedaço raspado de cabelo me lembrava todo o dia disso.

– Você está incomodando, Anabel. – Henry colocou um braço em volta dos meus ombros.

Isso mesmo. E agora, desapareça.

Anabel torceu a boca com desprezo.

– Vocês estão pensando que ganharam, certo? Estão pensando que só porque queimaram o livro e me separaram de Arthur, a coisa acabou.

Exato.

– Embora o fato de conversarmos aqui neste corredor prove o contrário – Anabel nos lançou um olhar desafiador.

– Não – disse Henry, tranquilo. – Mas sim porque você está num leito de hospital em Surrey neste exato momento, dopada com psicotrópicos, presa à cama para a sua própria segurança. – Ele sorriu com pena. – Acabou, Anabel.

Os lábios de Anabel tremeram e, por um momento, parecia que ia cair em prantos. Mas, então, jogou a cabeça para trás e riu.

– Você está muito enganado, Henry – disse ela. – Na verdade, isso foi só o começo.

1 . Koh-i-Noor é um dos diamantes mais famosos do mundo e pertence à Coroa britânica. [N. do T.]

* Trad. livre: “Pegue a chave e tranque-a, tranque-a, tranque-a.” [N. da E.]

Apêndice

OS PERSONAGENS

Liv Silber, sempre teve sonhos muito reais

Mia Silber, irmã menor de Liv, especialista em investigações de toda sorte

Ann Mathews, mãe de Liv

Lottie Wastlhuber, *au pair* de Liv e Mia

Ernest Spencer, novo amor de Ann

Grayson Spencer, filho de Ernest e irmão gêmeo de Florence

Florence Spencer, filha de Ernest e irmã gêmea de Grayson

Charles Spencer, irmão de Ernest, dentista

Sra. Dimbleby, cozinheira dos Spencer

Henry Harper, adora sonhar

Arthur Hamilton, o garoto mais bonito do hemisfério ocidental

Jasper Grant, o garoto mais burro do hemisfério ocidental

Perséfone Porter-Peregrin, pesadelo de Liv que virou realidade

Anabel Scott, namorada de Arthur. Teve uma infância trágica

Emily Clark, namorada de Grayson, redatora-chefe da revista da escola

Sam Clark, irmão espinhento de Emily

Tom Holland, ex-namorado de Anabel, falecido

Secrecy, bem... o enigma permanecerá

Princesa Buttercup, vira-lata; nome verdadeiro: *Princesa Buttercup*, também conhecida como *Doutor Watson* e, recentemente, representante da raça rara de cães de Entlebuch

Spot, gato dos Spencer, parece uma almofada

Callum Caspers, gênio em matemática e parceiro de baile de Florence

Curta aparição como convidados especiais: vários professores (quem gostaria de guardar os nomes?); Amy Harper, irmã de quatro anos de Henry; Lancelot, o falecido cachorro *west highland-terrier* de Anabel; a pobre Hazel Pritchard, que só aparece no blog; sr. Wu, o ex-professor de kung fu de Liv; as quatro meninas cruéis do fundamental em Berkeley... e várias sombras anônimas.

PEQUENA EXPLANAÇÃO SOBRE O SISTEMA ESCOLAR INGLÊS PARA MELHOR ENTENDIMENTO

A Frognal Academy, onde estudam Liv e Mia, é uma Secondary School para estudantes a partir do sétimo ano. Estudantes ingleses ganham o primeiro certificado, o de conclusão de nível secundário, depois da 11ª série [segundo ano do ensino médio no Brasil]. Depois disso, podem fazer ainda mais dois anos escolares complementares, a chamada *Sixth Form*, que é dividida em *lower 6th* e *upper 6th*. A conclusão, o chamado *A-Level*, é comparável ao ENEM. Para facilitar o entendimento chamamos a *Sixth Form* no livro de “profissionalizante”, os anos 9º ao 11º de “ensino médio” e as séries abaixo de “ensino fundamental”.

Olá, sonhadoras e sonhadores mundo afora,

Se vocês gostaram da história de Liv Silber, então podem esperar, pois... isso

foi só o começo, como Anabel bem observou. (É horripilante ou é horripilante????)

No próximo livro – o segundo livro dos sonhos – há mais um segredo para Liv desvendar. Uma praga foi rogada para alguém... Ainda bem que Liv não acredita nessas coisas sobrenaturais. Quer dizer, nos sonhos ela acredita, mas eles também são bem práticos. Quanta coisa não se descobre à noite...

E vocês querem provavelmente saber também se Lottie e Charles se tornarão um casal ou se Mia conseguirá juntar Lottie com o veterinário bacana da Pilgrim's Lane. E o que dirá a avó de Grayson e Florence sobre as mudanças na família quando voltar de viagem. E se Liv e Henry continuarão assim tão apaixonados ou se Henry guarda um segredo nesse segundo livro...

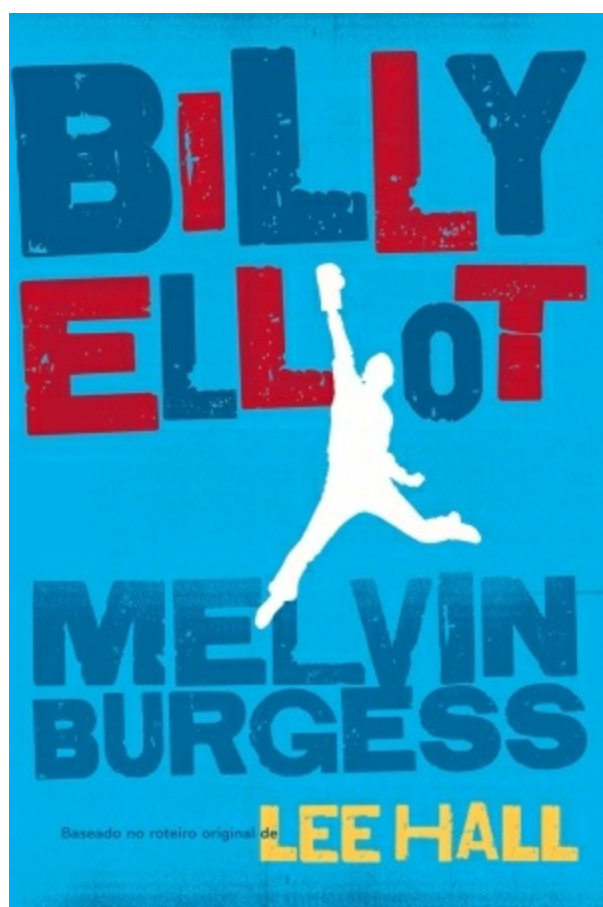
Falando de segredos: alguém aí já tem uma suspeita de quem poderia estar por trás de Secrecy?

A gente se vê!

Sua, Kerstin Gier



P.S. Como é a porta dos sonhos de vocês? A minha atualmente é preta e prateada com corujas vermelhas e uma lagartixa-vampira tenebrosa como maçaneta ☺.



Billy Elliot

Burgess, Melvin

9788578279981

123 páginas

[Compre agora e leia](#)

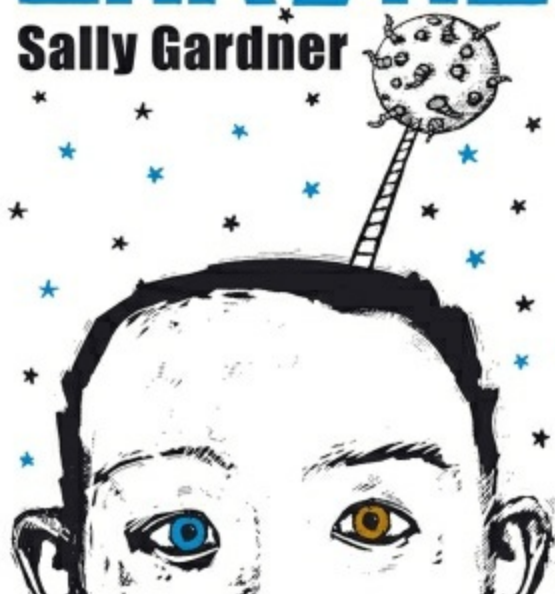
Billy Elliot mora em uma pequena cidade no norte da Inglaterra cujo principal meio de sustento das famílias são as minas de carvão. O pai do garoto quer que ele siga seus passos e aprenda a lutar boxe, mas Billy tem outros planos. Incentivado às escondidas por uma professora do lugar, ele está determinado a caminhar para um futuro diferente por meio da dança.

[Compre agora e leia](#)

"DESOLUMBRANTE, ARREPIANTE, DE TIRAR O FÔLEGO. UM LIVRO PERFEITO." MEG ROSOFF

LUA DE LARVAS

Sally Gardner



Lua de Larvas

Gardner, Sally
9788578278113
18 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história original e contundente sobre amizade e revolta. Standish Treadwell é um jovem disléxico que vê o mundo de maneira diferente da maioria. Graças a essa visão, ele percebe que o mundo lá de fora não tem que ser necessariamente cinzento e opressor. Quando seu melhor amigo, Hector, é de repente levado embora, Standish percebe que cabe a ele, a seu avô e a um pequeno grupo de rebeldes enfrentar e derrotar a opressão permanente das forças da Terra Mãe. Com o pano de fundo de um regime implacável, disposto a tudo para vencer seus rivais na corrida para chegar à Lua. Este impressionante Lua de larvas é o novo livro da premiada autora Sally Gardner. "A publicação mais original dos últimos anos." (The Times)
"Deslumbrante, arrepiante, de tirar o fôlego. Um livro perfeito". (Meg Rosoff)

[Compre agora e leia](#)

Natasha Farrant

Os diários de Bluebell

A VIDA DEPOIS DE IRIS



Diários de Bluebell

Farrant, Natasha

9788578278748

154 páginas

[Compre agora e leia](#)

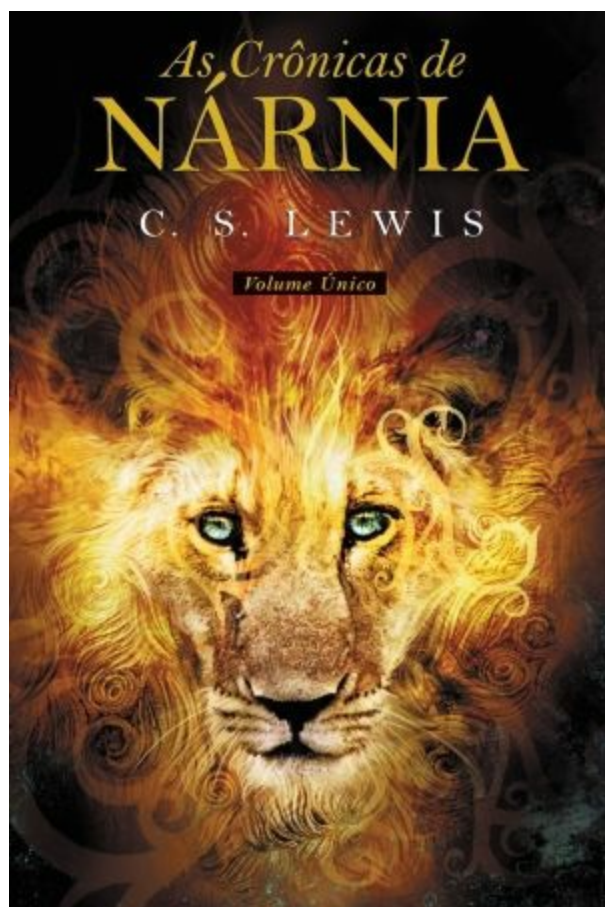
Iris, irmã gêmea de Blue Gadsby, morreu há três anos, e sua família nunca mais foi a mesma. Numa série de transcrições de filmes e textos de diário que fará o leitor rir, chorar e agradecer a dádiva de ter uma família, Bluebell capta de maneira pungente o sofrimento e as tribulações de sua família, que se desintegra, se transtorna completamente e finalmente consegue se recompor.

[Compre agora e leia](#)

As Crônicas de
NÁRNIA

C. S. LEWIS

Volume Único



As Crônicas de Nárnia

Lewis, C. S.

9788578275693

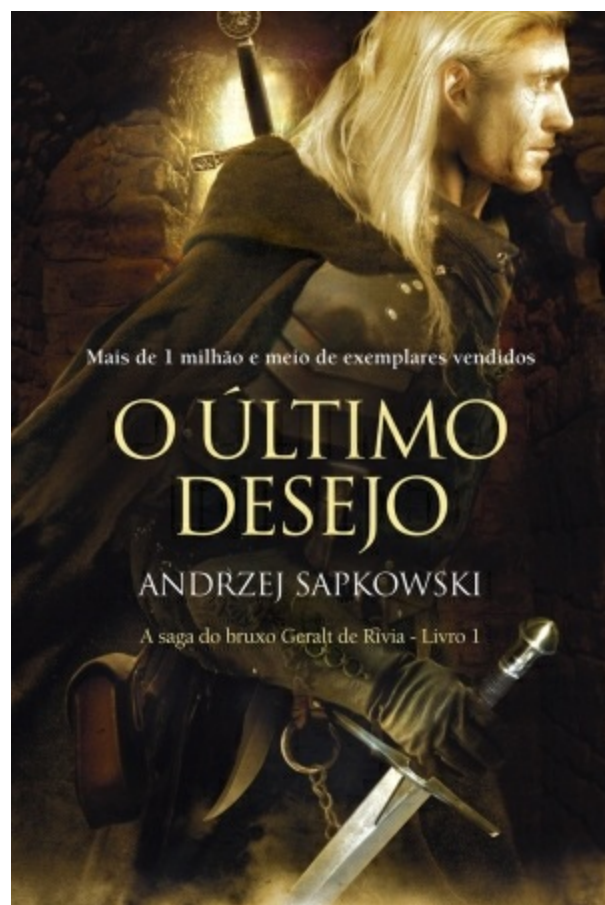
842 páginas

[Compre agora e leia](#)

Viagens ao fim do mundo, criaturas fantásticas e batalhas épicas entre o bem e o mal - o que mais um leitor poderia querer de um livro? 'As crônicas de Nárnia' transcenderam o gênero da fantasia para se tornar parte do cânone da literatura clássica. Por mais de sessenta anos, milhões de leitores de todo o mundo se encantam com a história mágica de C. S. Lewis sobre um mundo onde o inverno é eterno, onde há mais animais falantes do que seres humanos e onde centauros, gigantes e faunos lutam entre si. À primeira vista simples, os eventos descritos na prosa imortal de C. S. Lewis continuam cativando os leitores com aventuras, personagens e fatos que falam a pessoas de todas as idades. Este volume único apresenta todas as sete crônicas - 'O sobrinho do mago', 'O leão, a feiticeira e o guarda-roupa', 'O cavalo e seu menino', 'Príncipe Caspian', 'A viagem do Peregrino da Alvorada', 'A cadeira de prata' e 'A última batalha'. Os livros foram organizados de acordo com a ordem de preferência de Lewis e cada capítulo conta com uma ilustração da artista Pauline Baynes. Esta edição contém também o ensaio 'Três maneiras de escrever para crianças'. A série 'As crônicas de Nárnia' foi traduzida em mais de 40 idiomas e vendeu mais de 120 milhões de exemplares. "Como Tolkien, C.S. Lewis redefiniu a

natureza da fantasia, acrescentando riqueza, beleza e dimensão...Nos nossos tempos, todo reino de fantasia deve ser avaliado em comparação com Nárnia." (Lloyd Alexander)

[Compre agora e leia](#)



Mais de 1 milhão e meio de exemplares vendidos

O ÚLTIMO DESEJO

ANDRZEJ SAPKOWSKI

A saga do bruxo Geralt de Rívia - Livro 1

O Último Desejo

Sapkowski, Andrzej

9788578276379

249 páginas

[Compre agora e leia](#)

O irônico, cínico e descrente Geralt de Rívia perambula de povoado em povoado oferecendo seus serviços. Em seu caminho vai driblar intrigas, escolher o mal menor, negociar preços, alcançar o confim do mundo e realizar seu último desejo: assim começam as aventuras do bruxo Geralt de Rívia. 'O último desejo' é o primeiro livro da saga do bruxo Geralt de Rívia, seguido por 'A espada do destino', também publicado pela Editora WMF Martins Fontes. Fenômeno literário que inspirou a criação do game The Witcher. Mais de 2 milhões de exemplares vendidos. Andrzej Sapkowski é um grande renovador da literatura fantástica de nossos tempos, um gênio da linguagem. Sua prosa enfeitiçou leitores no mundo todo – mais de dois milhões de exemplares foram vendidos na Europa e nos Estados Unidos. Os livros contam a saga do bruxo Geralt de Rívia, um feiticeiro cheio de astúcia. Um matador impiedoso. Um assassino de sangue-frio, treinado desde a infância para caçar e eliminar monstros. Seu único objetivo: destruir as criaturas do mal que assolam o mundo. Um mundo fantástico criado por Sapkowski com claras influências da mitologia eslava. Um mundo em que nem todos os que parecem monstros são maus e nem todos os que parecem anjos são bons... "Um livro de Sapkowski é como uma sofisticada fórmula mágica que

mistura fantasia, rigor intelectual, humor inteligente e princípios de teoria econômica." - Revista Time

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Citação
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Capítulo 31

Apêndice